

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –
Campus de São José do Rio Preto

ÉMERSON HENRIQUE DA SILVA MAGALHÃES

A IMAGEM DE BOLSONARO NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE
COVID-19:
uma questão de *ethos* discursivo

São José do Rio Preto - SP

2024

ÉMERSON HENRIQUE DA SILVA MAGALHÃES

**A IMAGEM DE BOLSONARO NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE
COVID-19:**

uma questão de *ethos* discursivo

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Orientador(a): Profa. Dra. Anna Flora Brunelli

São José do Rio Preto - SP

2024

M188i	Magalhães, Émerson Henrique da Silva A imagem de Bolsonaro no enfrentamento da pandemia de COVID-19 : uma questão de ethos discursivo / Émerson Henrique da Silva Magalhães. -- São José do Rio Preto, 2024 261 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientadora: Anna Flora Brunelli 1. Jair Bolsonaro. 2. pandemia de COVID-19. 3. Análise do Discurso. 4. Linguística. I. Título.
-------	--

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Em relação ao impacto esperado na sociedade brasileira, considera-se que a temática da pesquisa pode ser dialogada com dois Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, a saber: (i) o *Objetivo 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades*, especificamente no que tange indiretamente a meta 3.8: *Atingir a cobertura universal de saúde, incluindo a proteção do risco financeiro, o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade e o acesso a medicamentos e vacinas essenciais seguros, eficazes, de qualidade e a preços acessíveis para todos*, tendo em vista a contribuição do trabalho para compreensão de como discursos nocivos podem prejudicar o *acesso a medicamentos e vacinas seguros, eficazes, de qualidade*, e (ii) o *Objetivo 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis*, especificamente no que tange diretamente a meta 16.6: *Desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis*, tendo em vista a contribuição do trabalho para maior compreensão dos efeitos de sentidos do discurso de um ex-presidente brasileiro julgado em uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre sua atuação durante a nociva durante a pandemia de COVID-19.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

In relation to the expected impact on Brazilian society, it is considered that the research theme can be discussed with two Sustainable Development Goals of the United Nations 2030 Agenda, namely: (i) *Goal 3 - Ensure a healthy and promote well-being for all, at all ages*, specifically with regard to indirectly target 3.8: *Achieve universal health coverage, including financial risk protection, access to quality essential health services and access to safe, effective, quality and affordable essential medicines and vaccines for all*, with a view to the contribution of the work to understanding how harmful speeches can harm access to safe, effective, quality medicines and vaccines, and (ii) *Goal 16 - Promote peaceful and inclusive societies for sustainable development, provide access to justice for all and build effective, accountable and inclusive institutions at all levels*, specifically in relation directly to goal 16.6: *Develop effective, accountable and inclusive institutions transparent at all levels*, given the contribution of the work to greater understanding of the meaning effects of the speech of a former Brazilian president judged by a Parliamentary Commission of Inquiry into his performance during the harmful COVID-19 pandemic.

ÉMERSON HENRIQUE DA SILVA MAGALHÃES

**A IMAGEM DE BOLSONARO NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE
COVID-19:**

Uma questão de *ethos* discursivo

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Data da defesa: 31/10/2024

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Anna Flora Brunelli
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - *Campus* de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi
UFMT - Instituto de Linguagens - *Campus* de Cuiabá

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - *Campus* de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Edvânia Gomes da Silva
UESB - *Campus* de Vitória da Conquista

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - *Campus* de São José do Rio Preto

Dedico este trabalho ao povo brasileiro.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.686491/2022-00. Agradeço, em primeiro lugar, a aqueles que tornaram possível este financiamento, o povo brasileiro, que contribui com seus impostos, fonte primária de financiamento, mesmo que muitos, infelizmente, possam não ter a compreensão disso; e, em segundo lugar, à CAPES, que efetivamente materializa e contribui para avanço da pesquisa no Brasil.

Agradeço às Políticas de Permanência Estudantil, sem elas, nada dessas palavras viriam a estar aqui. Eu não teria chegado aqui. Não teria começado a graduação. Não teria começado uma pós-graduação.

Agradeço à minha família, à minha mãe, Hélida Cristian Silva, quem fez o possível neste mundo para educar seus filhos, mesmo com as condições mais difíceis que se colocaram contra. Agradeço aos meus avós, Vera Lúcia dos Santos Silva e Aparecido da Silva, e à minha tia, Érica Lisandra dos Santos Silva. São essas as pessoas que sempre acreditaram no meu potencial e que me amam mais que quaisquer outros.

Agradeço aos meus queridos amigos e queridas amigas, que sempre me motivaram a alimentar a inquietação que um pesquisador deve ter. Na pessoa de Francisco Octávio Ferreira e Cardoso e de Elis Maria Lopes, sintam-se meus queridos amigos e amigas abraçados e aqui homenageados. Eu não conseguiria sem vocês.

Agradeço a pessoas que indiretamente tornaram possível a conclusão deste trabalho. Agradeço a Pedro Alberto Zuque e a Laine Jacinto Queiroz Zuque, por todo o carinho e amor dedicado à minha pessoa. Agradeço a Washington Paracatu, a Eliana Paracatu e a Fábio Augusto Nogueira pelas palavras de conforto nessa fase final da escrita desta dissertação.

Agradeço a Francisco Octávio Ferreira e Cardoso e a Pablo Jardel de Oliveira do Rosário, que contribuíram com colaborações e críticas que acredito tornaram este trabalho menos ruim. Sobretudo, Francisco, quem nunca desiste de mim, você é quem mais me desafia a ser alguém melhor e, por mais que eu continue falhando, todos os meus acertos também são obras suas, meu grande amigo.

Agradeço, sobretudo, à Prof. Dra. Anna Flora Brunelli, minha querida orientadora. Palavras não seriam suficientes para descrever a minha mais sincera e profunda admiração. Agradeço a você por toda a paciência em meus inúmeros momentos de prolixidade, por sempre, em todos os momentos, ter trazido paz aos meus pensamentos confusos, por todo o carinho ao

meu desespero, por toda a humildade aos meus elogios a você, por todo o compromisso em ser minha orientadora.

Agradeço à Profa. Dra. Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi e à Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos, que, no Exame de Qualificação de Mestrado e na Banca de Defesa, com palavras firmes e precisas possibilitaram que este trabalho fosse menos ingênuo, trazendo luz a pontos até então ignorados por mim.

Agradeço à Profa. Dra. Edvânia Gomes da Silva e ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que aceitaram participar como suplentes tanto do Exame de Qualificação quanto da Defesa de Mestrado

Por fim, agradeço à Profa. Dra. Lília Santos Abreu-Tardelli e à Profa. Dra. Érika de Moraes, as quais, por meio de saudáveis provocações, cada vez mais me instigaram a defender meu objeto de pesquisa.

Humanos predadores, se protejam de vocês mesmos. Nem nossos extraordinários avanços científicos e tecnológicos conseguem nos salvar da nossa imensa estupidez. Por isso, se sobrevivermos, não voltaremos ao mesmo. E, se voltarmos, a pandemia vai retornar, a mesma ou outras, até que ocorra um reset daquilo que éramos
(Manuel Castells, 2020, s/p).

RESUMO

Com base na Análise do Discurso de linha francesa (AD), nosso objetivo é analisar o *ethos* do discurso do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), durante a pandemia de COVID-19, procurando identificar como esse *ethos* contribuiu para disseminar certos estereótipos sobre o modo de ser e de agir de Jair Messias Bolsonaro (doravante, Bolsonaro) em relação ao enfrentamento da pandemia de COVID-19. Desse modo, objetiva-se contribuir com os estudos discursivos que versam sobre o período de pandemia de COVID-19 e, de modo mais específico, com aqueles que investigam a adesão ao discurso de Bolsonaro. Para isso, empregam-se especialmente os postulados desenvolvidos por Maingueneau sobre *ethos* discursivo (Maingueneau, 2008b; 2020b) e sobre cenas de enunciação (Maingueneau, 2020a; 2020b), por Paveau sobre a análise do discurso digital (Paveau 2022) e por Amossy (2021) sobre legitimação no discurso político e, na qualidade de teoria da Linguística, mais especificamente uma vertente do Funcionalismo Holandês, os postulados desenvolvidos pela Gramática Discursivo-Funcional sobre evidencialidade (Hengeveld e Hattnher, 2015; Hengeveld e Fisher, 2018) e sobre modalidades (Hengeveld, 2004). O *corpus* é composto por falas públicas: (i) 10 pronunciamentos oficiais, transmitidos em cadeia nacional de rádio e televisão entre março de 2020 e dezembro de 2021 e (ii) 3.183 tuítes publicados pelo perfil @jairbolsonaro entre março de 2020 e junho de 2021. Os resultados revelam que o discurso de Bolsonaro é marcado por um discurso “negocionista”: mais que negar a pandemia, por ir contra as recomendações de médicos e cientistas, Bolsonaro preza pela continuidade da economia, do negócio “acima de tudo”, pois, para esse discurso, proteger a economia é proteger vidas.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro; pandemia de COVID-19; Análise do Discurso; Linguística.

ABSTRACT

Based on French Discourse Analysis (DA), our objective is to analyze the ethos of the discourse of former President Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) during the COVID-19 pandemic, seeking to identify how this ethos contributed to disseminating certain stereotypes about the way of being and acting of Jair Messias Bolsonaro (hereinafter, Bolsonaro) in relation to the confrontation of the COVID-19 pandemic. In this way, we aim to contribute to discursive studies that deal with the period of the COVID-19 pandemic and, more specifically, to those that investigate adherence to Bolsonaro's discourse. To this end, the postulates developed by Maingueneau on discursive ethos (Maingueneau, 2008b; 2020b) and on scenes of enunciation (Maingueneau, 2020a; 2020b), by Paveau on the analysis of digital discourse (Paveau 2022) and by Amossy (2021) on legitimation in political discourse are used in particular, and, as a theory of Linguistics, more specifically a strand of Dutch Functionalism, the postulates developed by Discursive-Functional Grammar on evidentiality (Hengeveld and Hattnher, 2015; Hengeveld and Fisher, 2018) and on modalities (Hengeveld, 2004). The corpus is composed of public speeches: (i) 10 official statements, broadcast on national radio and television between March 2020 and December 2021 and (ii) 3,183 tweets published by the profile @jairbolsonaro between March 2020 and June 2021. The results reveal that Bolsonaro's speech is marked by a “negocionista” discourse: more than denying the pandemic, by going against the recommendations of doctors and scientists, Bolsonaro values the continuity of the economy, of business “above all”, because, for this discourse, protecting the economy is protecting lives.

Keywords: Jair Bolsonaro; COVID-19 pandemic; Discourse Analysis; Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tuíte de Renan Calheiros.	24
Figura 2 - Ethos discursivo efetivo.	43
Figura 3 - Cena de enunciação.	44
Figura 4 - Formas de textualidade.	54
Figura 5 - Tipos de modalidades.	61
Figura 6 - Tipos de unidades tópicas.	68
Figura 7 - Tipos de textualidades que compõem o corpus.	70
Figura 8 - Pronunciamentos oficiais de Jair Bolsonaro.	73
Figura 9 - Pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro de 6 de março de 2020.	74
Figura 10 - Dataset de tuítes de @jairbolsonaro extraídos pelo LABCOM.	76
Figura 11 - Coluna com links para acesso na íntegra dos tuítes no Twitter.	78
Figura 12 - Tuítes publicados por perfil @jarbolsonaro (mar/2020 a jun/2021).	79
Figura 13 - Casos novos de COVID-19 por semana epidemiológica de notificação.	94
Figura 14 - Óbitos novos por COVID-19 por semana epidemiológica de notificação.	94
Figura 15 - Tuíte com link para entrevista.	146
Figura 16 - Tuíte com vídeo URL para entrevista.	146
Figura 17 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 10 de maio de 2020.	147
Figura 18 - Tecnodiscurso relatado direto integral.	149
Figura 19 - Tecnodiscurso relatado resumido.	150
Figura 20 - Tecnodiscurso relatado repetidor.	150
Figura 21 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.	152
Figura 22 - Ampliação funcionando como legenda da entrevista.	153
Figura 23 - Ampliação funcionando como legenda da entrevista.	153
Figura 24 - Tuíte de Bolsonaro de 8 de abril de 2021.	155
Figura 25 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 14 de janeiro de 2020.	156
Figura 26 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 14 de maio de 2020.	156
Figura 27 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 2 de julho de 2020.	157
Figura 28 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 16 de junho de 2020.	162
Figura 29 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 9 de janeiro de 2021.	164
Figura 30 - Nuvem de palavras sobre a conta @jairbolsonaro mar/2020 a jun/2021.	165
Figura 31 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Brasil”.	165
Figura 32 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Brasil”.	166
Figura 33 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Milhão”.	167

Figura 34 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Milhão”.	167
Figura 35 - Frequência de itens lexicais do perfil @jairbolsonaro em 2020.	168
Figura 36 - Lexemas “Link” e “Youtube” em tuíte de @jairbolsonaro em 26/08/2020.	169
Figura 37 - Frequência de itens lexicais do perfil @jairbolsonaro em 2021.	170
Figura 38 - Processo de menção à conta de usuário no Twitter.	173
Figura 39 - Tuíte sobre o app Coronavírus – SUS.	174
Figura 40 - Tuíte de Bolsonaro sobre Ministério de Ciência e Tecnologia e a COVID-19.	175
Figura 41 - Menção do perfil @jairbolsonaro ao perfil @minsaude.	176
Figura 42 - Menção de vínculo com instituição envolvida.	177
Figura 43 - Menções a órgãos institucionais do usuário @jairbolsonaro em 2020.	177
Figura 44 - Menções a órgãos institucionais do usuário @jairbolsonaro em 2021.	178
Figura 45 - Menção ao perfil @secomvc.	181
Figura 46 - Menção ao perfil @MinEconomia.	182
Figura 47 - Menção aos perfis @minsaude, @DefesaGovBr, @exercitooficial, @fab_oficial e @marmilbr.	183
Figura 48 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 10 de março de 2020.	186
Figura 49 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.	189
Figura 50 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.	211
Figura 51 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.	211
Figura 52 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 20 de maio de 2020.	213
Figura 53 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 19 de março de 2020.	214
Figura 54 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 5 de setembro de 2020.	214
Figura 55 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 12 de maio de 2021.	215
Figura 56 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 22 de junho de 2020.	216
Figura 57 - Ethé discursivos de Bolsonaro.	218

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronunciamentos oficiais de março de 2020 a dezembro de 2021.	72
Quadro 2 - Informações sobre os tuítes que contém entrevistas.	82
Quadro 3 - Informações sobre os tuítes que contém lives.	82
Quadro 4 - Tipos de (in)determinação da fonte da informação.	114
Quadro 5 - Tuítes em que há entrevistas compartilhadas por Jair Bolsonaro no Twitter (03/2020-06/2021).	148
Quadro 6 - Tuítes com lives compartilhadas por Bolsonaro no Twitter (03/2020-06/2021).	155
Quadro 7 - Atenuação da gravidade da crise do COVID-19.	188
Quadro 8 - Excertos sobre “evitar o pânico”.	191
Quadro 9 - Excertos sobre “vidas e empregos”.	198
Quadro 10 - Excertos sobre “Cloroquina/Hidroxicloroquina”.	201
Quadro 11 - Excertos sobre “vacinas” I.	205
Quadro 12 - Excertos sobre “vacinas” II.	207
Quadro 13 - Excertos sobre números relacionados à pandemia.	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrência de itens lexicais evidenciais no corpus.....	107
Tabela 2 - Ocorrência de itens lexicais modais no corpus.	119
Tabela 3 - Frequência dos alvos de avaliação dos modalizadores no corpus.	120
Tabela 4 - Eixos deônticos.	125
Tabela 5 - Eixos epistêmicos.	134
Tabela 6 - Eixos volitivos.	137
Tabela 7 - Eixos facultativos.	140
Tabela 8 - Lexemas mais frequentes nos posts de @jairbolsonaro (mar/2020 a jun/2021)..	171
Tabela 9 - Top 10 perfis mencionados por @jairbolsonaro (mar-dez/2020).	178
Tabela 10 - Top 10 perfis mencionados por @jairbolsonaro (jan-jun/2021).	179
Tabela 11 - Top 7 perfis mencionados por @jairbolsonaro (jan-jun/2021).....	180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADD	Análise do Discurso Digital
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 19</i>
CPI	Comissão Parlamentar de Investigação
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
TCU	Tribunal de Contas da União

LISTA DE SÍMBOLOS

λ	Lambda
#	Cerquilha
@	Arroba

Sumário

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	OBJETIVOS	26
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	32
2.1	A ANÁLISE DO DISCURSO	32
2.2	OS POSTULADOS DE MAINGUENEAU	35
2.2.1	<i>A noção de ethos</i>	37
2.2.1.1	O ethos retórico: uma digressão a Aristóteles	37
2.2.1.2	A noção de ethos discursivo	40
2.2.1.3	A problemática da incorporação: a adesão aos mundos éticos.....	42
2.2.1.4	Ethos e o discurso político.....	45
2.3	A ANÁLISE DO DISCURSO NO AMBIENTE DIGITAL	47
2.3.1	<i>O universo digital: o discurso digital nativo</i>	50
2.3.1.1	Tecnogênero de discurso	52
2.4	O <i>ETHOS</i> DISCURSIVO EM AMBIENTES DIGITAIS	53
2.5	MARCAS DE SUBJETIVIDADE NA LÍNGUA: OS INDÍCIOS TEXTUAIS DO <i>ETHOS</i> DISCURSIVO	57
2.6	A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	59
2.6.1	<i>A modalidade e a evidencialidade na Gramática Discursivo-Funcional</i>	59
2.6.1.1	A modalidade.....	60
2.6.1.2	A evidencialidade	64
3	APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO	67
3.1	COLETA DE MATERIAIS E RECORTES.....	69
3.1.1	<i>Pronunciamentos</i>	71
3.1.2	<i>Tuítes</i>	74
3.2	METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS	79
4	PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL.....	86
4.1	CAMPO POLÍTICO E A DIREITA BRASILEIRA.....	86
4.1.2	<i>A direita de Bolsonaro</i>	87
4.2	PARÂMETROS SOBRE A COVID-19 NO BRASIL	93
4.2.1	<i>Economia e pandemia</i>	96
4.2.3	<i>Tratamentos farmacológicos para a COVID-19</i>	98

4.3 PARÂMETROS SOBRE INFODEMIA	100
5 DA FONTE DA INFORMAÇÃO ÀS ATITUDES.....	107
5.1 EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE.....	107
5.2 EXPRESSÃO DA MODALIDADE	119
6 A LEGITIMAÇÃO NO DISCURSO DIGITAL SOBRE A PANDEMIA	143
6.1 LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO	143
6.1.1 <i>Tipos e gêneros de discurso mobilizados para legitimação</i>	144
6.1.2 <i>Escolhas lexicais mobilizadas para legitimação</i>	161
6.1.3 <i>Menção a órgãos institucionais mobilizados para legitimação</i>	173
7 VARIAÇÕES SOBRE OS <i>ETHÉ</i> DISCURSIVOS DE BOLSONARO SOBRE A PANDEMIA	185
7.1. SAÚDE E ECONOMIA: O <i>ETHOS</i> DO PRESIDENTE RESPONSÁVEL.....	185
7.2 DA CLOROQUINA À VACINA: O <i>ETHOS</i> DE UM PRESIDENTE PRAGMÁTICO	200
7.3 O <i>ETHOS</i> DO PRESIDENTE EFICIENTE: DA SALIÊNCIA AO APAGAMENTO.....	210
8 CONCLUSÃO.....	223
REFERÊNCIAS	231
ANEXO I.....	240
ANEXO II.....	255

1 INTRODUÇÃO

Os coronavírus fazem parte de um grupo de vírus que acometem mamíferos e aves, causando uma ampla gama de doenças. Os que infectam humanos são patógenos primariamente respiratórios, cuja origem são hospedeiros naturais - os morcegos -, que, posteriormente, transmitem-nos aos humanos por meio de vetores intermediários. Paiva, Berbet e Moreira-Ramos (2020) acreditam que possivelmente tenham sido o civeta de palma mascarado (*paguma larvata*) ou o cão-guaxinim (*nyctereutes procyonoides*) os transmissores intermediários do coronavírus da síndrome respiratória aguda (SARS-CoV); os camelos, no caso do coronavírus da síndrome respiratória do Oriente médio (MERS-CoV); e o pangolim, animais consumidos como iguarias da gastronomia chinesa, no caso do novo coronavírus (SARS-CoV-2), grupo de patógenos responsável pela contaminação em escala mundial que desencadeou a pandemia de COVID-19.

Com a chegada desse vírus ao Brasil no início de 2020, a preocupação, por parte do poder executivo brasileiro, com efeitos nocivos desses agentes etiológicos materializa-se em atos normativos promulgados em fevereiro de 2020 para conter a COVID-19. A princípio, parecia que a gestão de governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (doravante, Bolsonaro) estava preparando-se para prevenir a população do alastre do vírus, ao providenciar medidas necessárias para o controle da doença.

Mesmo tendo sido creditado internacionalmente como uma das possíveis nações mais preparadas para a resposta a uma emergência de saúde pelo *Global Health Security (GHS) Index* (Johns Hopkins University *et al*, 2019), o Brasil atingiu estarrecedores 38 milhões de casos acumulados de COVID-19 e mais de 700 mil vidas perdidas por óbito da COVID-19.

Nesse contexto, é de conhecimento geral o fracasso da gestão de governo brasileiro em frear os impactos do SARS-CoV-2. A esse respeito, reflexões acerca da tragédia causada pela contaminação do vírus podem ser fomentadas a partir de um olhar mais atento à figura central do poder executivo brasileiro durante esse acontecimento. Mais exatamente, entendemos que uma análise do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19 pode colaborar para que possamos compreender melhor o período da pandemia e o modo como as coisas transcorreram no Brasil.

Antes disso, façamos inicialmente uma digressão, retomando fatos que marcaram o período. No fim de janeiro de 2020, já existindo atenção no cenário internacional para possível crise sanitária, Bolsonaro e o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, por meio do Decreto 10.211, instituíram o Grupo Executivo Interministerial de Emergência em Saúde

Pública de Importância Nacional e Internacional (GEI-ESPII), sob coordenação do Ministério da Saúde (doravante, MS), composto inicialmente por outros órgãos federais: Casa Civil da Presidência da República; Ministério da Justiça e Segurança Pública; Ministério da Defesa; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ministério do Desenvolvimento Regional, Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e Agência Nacional de Vigilância Sanitária. De acordo com o Decreto, complete ao GEI-ESPII o que está disposto no Artigo 2º, como apresentado abaixo:

- I - propor, acompanhar e articular medidas de preparação e de enfrentamento às emergências em saúde pública de importância nacional e internacional;
- II - propor e acompanhar a alocação de recursos orçamentário-financeiros para execução das medidas necessárias em casos de emergências em saúde pública;
- III - estabelecer as diretrizes para a definição de critérios locais de acompanhamento da implementação das medidas de emergência em saúde pública de importância nacional e internacional; e
- IV - elaborar relatórios de situações de emergência em saúde pública de importância nacional e internacional e encaminhar aos Ministros de Estado dos órgãos representados (Brasil, 2020).

Menos de uma semana após publicação do Decreto 10.211, no início de fevereiro de 2020, por meio da Portaria 188, o MS declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV), e, como medida à urgência, outorga, sob a incumbência da Secretaria de Vigilância em Saúde do MS, o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública, o qual se une ao GEI-ESPII como procedimento à iminente situação de calamidade que o novo vírus poderia causar. Ainda em fevereiro de 2020, Bolsonaro aprova a Lei 13.979, que tem como função propor normas sobre o enfrentamento da COVID-19, como consta no Artigo 3º: isolamento social,¹ quarentena; determinação de realização compulsória de exames médicos, testes laboratoriais, coleta de amostras clínicas, vacinação e outras medidas profiláticas ou tratamentos médicos específicos; estudo ou investigação epidemiológica; exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver; restrição excepcional e temporária de entrada e saída do país, por exemplo. Em 16 de fevereiro de 2020, é assinado por Bolsonaro e pelo então Ministro-Chefe da Casa Civil, Walter Souza Braga Netto, o Decreto 10.277, que institui o Comitê de Crise para Supervisão e Monitoramento dos Impactos da Covid-19, órgão de articulação da ação governamental de assessoramento de Bolsonaro contra o alastre da COVID-19.

¹ Adotamos neste trabalho o termo *isolamento físico* para se referir às práticas de afastamento populacional em oposição ao termo *isolamento físico*, pois julgamos que o adjunto adnominal *social* é mal-empregado, tendo em vista que as medidas quarentenárias não impedem efetivamente o contato social entre as pessoas, que se manteve por meios de comunicação tecnológica.

Nessa conjuntura, como relembra Brandão, Mendonça e Sousa (2023), Henrique Mandetta, com formação em Medicina, experiência parlamentar e em gestão pública, exercia o cargo de ministro da saúde do governo Bolsonaro. Por seu histórico na Câmara Federal, que se alinhava com Bolsonaro em oposição ao Programa Mais Médicos e a favor de medidas que fragilizaram o sistema, como a Emenda Constitucional nº 95 (PEC do Teto dos Gastos Públicos), Mandetta assume o cargo. Ainda segundo os autores, durante o início da pandemia de COVID-19, Mandetta lança o Programa Previne Brasil, que propunha mudanças significativas no financiamento da Atenção Primária à Saúde (APS) no país.

Inevitavelmente, como ocorreu por todo o mundo, o Brasil confirma o primeiro caso da COVID-19: um homem de 61 anos que havia voltado da região da Lombardia, Itália,² país que estampou manchetes do Brasil, em março,³ como sendo o pico da contaminação da doença e de mortes no planeta.

Com o avanço da pandemia no mundo e no Brasil, o Programa Previne Brasil (PPB) tornou-se uma significativa barreira para a gestão e qualificação do SUS no enfrentamento à crise. Conforme Brandão, Mendonça e Sousa (2023), impondo a possibilidade de perda de recursos financeiros, o programa submeteu gestores e trabalhadores municipais a um modelo de financiamento federal mais complexo: sob a justificativa de proporcionar maior autonomia aos gestores municipais, encerrou o financiamento direto dos Gerentes de APS e das equipes multiprofissionais, essenciais na organização do processo de trabalho nas UBS (Unidades Básicas de Saúde) e na promoção da integralidade do cuidado.

No mês seguinte, abril de 2020, Bolsonaro demite Mandetta. Com dois meses de pandemia no Brasil e uma agenda ainda em desenvolvimento, pontua Brandão, Mendonça e Sousa (2023), Mandetta começa a discordar da abordagem de Bolsonaro em relação à pandemia. Suas divergências, especialmente em relação à ideia de promoção da imunidade de rebanho, ao tratamento precoce e às medidas sanitárias de contenção da transmissão da COVID-19, resultam, afirmam os autores, na exoneração do cargo de ministro em 16 de abril de 2020.

Posteriormente, em decorrência de discursos desinformativos sobre a COVID-19, em abril de 2020, o conselho Federal da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) requer ao Supremo Tribunal (STF) Federal a concessão de medida cautelar que ordena a Bolsonaro o cumprimento de protocolos da Organização Mundial da Saúde, quais sejam (i) adoção de

² Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 16/8/2021.

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/03/27/italia-registra-mais-969-mortes-por-coronavirus-e-bate-recorde-diario.htm>. Acesso em: 16/8/2021.

medidas de isolamento físico, (ii) aceitação às determinações de gestores estaduais e municipais, (iii) implementação de benefícios sociais à população, entre outros (cf. ADPF 672). Apesar disso, os conflitos frequentes resultantes da posição contrária de Bolsonaro às medidas de distanciamento físico levaram ao isolamento do MS. De acordo com Brandão, Mendonça e Sousa (2023), isso causou desarticulação e falta de coordenação na política de saúde: os constantes embates entre os entes federativos resultaram em diversas batalhas judiciais, com o STF reconhecendo a autonomia dos governadores para promoverem o isolamento físico. Por conseguinte, o sucessor de Mandetta escolhido por Bolsonaro foi um médico do setor privado sem experiência em gestão pública, por isso, pouco tempo depois, ele foi destituído do MS, o que novamente causa prejuízos ao que poderia ser uma frente estável no combate à pandemia.

Diante dos atos normativos promulgados, parecia que a gestão de Bolsonaro estava, de fato, buscando providenciar medidas necessárias para o controle da doença. Entretanto, o que se seguiu foram inúmeras práticas condenáveis, pelos próprios decretos e comitês acima mencionados e pela OMS,⁴ como apontam Ventura e Reis (2021, p. 27).

Ainda a esse respeito, destacam-se algumas dessas práticas apontadas, em 2021, pelo projeto de pesquisa “Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil”, publicação de difusão científica da Conectas Direitos Humanos e do Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (Cepedisa) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). O mapeamento mostra as seguintes estratégias por parte da gestão federativa brasileira:

(i) promoção da ‘imunidade de rebanho’ por contágio como meio de resposta à pandemia, (ii) incitação ao contágio por meio de disseminação da falsa crença de que existe um tratamento precoce para a doença e (iii) o constante estímulo ao desrespeito massivo de medidas sanitárias básicas como o distanciamento físico e o uso de máscaras, agravadas pela também recorrente banalização do sofrimento e da morte. (Ventura e Reis, 2021, p. 27).

A coleta de dados do Cepedisa - USP reuniu cerca de 3.500 atos normativos e atos de governo, bem como propagandas do governo federal e de falas públicas de Bolsonaro, de ministros e de demais outros agentes públicos. Segundo Ventura e Reis (2021), “é incontestável a constatação de que o Presidente promoveu diretamente o contágio ao criar e/ou fomentar as condições materiais para que a transmissão ocorresse” (p. 26).

⁴ Diretores da OMS estão preocupados com condução da pandemia por Bolsonaro, Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4913464-diretores-da-oms-estao-preocupados-com-conducao-da-pandemia-por-bolsonaro.html>. Acesso em: 10/9/2021.

Outras críticas podem ser observadas em Brandão, Mendonça e Sousa (2023), segundo os quais, a partir de março de 2020, Bolsonaro promoveu ativamente a Cloroquina como tratamento de baixo custo para a COVID-19, somado à preocupação com a economia. Em razão disso, Bolsonaro anuncia financiamento para aumentar a produção da Cloroquina, mantendo um discurso constante a favor desse fármaco e de outros como Hidroxicloroquina, Ivermectina e Azitromicina, mesmo sem comprovação científica da suposta eficácia desses remédios para o tratamento contra a COVID-19.

As medidas iniciais de enfrentamento à COVID-19 da gestão de Bolsonaro mencionadas aqui servem para compor o panorama em que o discurso do enunciador emerge. Nesses primeiros meses da pandemia, é estabelecido um conflito entre as prescrições de instituições da saúde, as orientações da gestão de governo e o discurso de Bolsonaro, em especial, sobre a suposta efetividade de medicamentos que poderiam ser utilizados como tratamentos contra a COVID-19.

Retomando a afirmação de Rancière (2014) de que, em um sistema democrático, agentes políticos tendem a atender interesses econômicos próprios, parece congruente aos acontecimentos experienciados no Brasil durante a pandemia de COVID-19 o apontamento feito pelo Tribunal de Contas da União (TCU), o qual, após primeira análise do perfil de gastos da gestão federativa (cf. acórdão 2.092, Plenários), constata que, dos R\$ 286,5 bilhões pagos até julho de 2020, apenas R\$ 22,06 bilhões (7,67%) são enquadrados como gastos diretamente relacionados ao enfrentamento da COVID-19. Segundo o TCU, parte do centro de governo do Brasil, por meio de atos de governo (medidas provisórias, leis, decretos), priorizou a proteção econômica como opção política ante o momento de pandemia causada pela COVID-19.

Para além disso, de acordo com Brandão, Mendonça e Sousa (2023), a negação da pandemia pelo governo federal brasileiro teve impactos prejudiciais na conjuntura brasileira, destacando-se a influência da presidência da república e de outros atores políticos no MS. Segundo os autores, a gestão do poder executivo dificultou a gestão do MS, muitas vezes conduzida por agentes sem experiência significativa em políticas públicas ou na área da saúde. A movimentação de quatro diferentes ministros ao longo da pandemia destacou a persistência da gestão de Bolsonaro em encontrar um nome que conciliasse interesses políticos com as necessidades técnicas da instituição que, segundo os autores, mediante uma abordagem anti-ciência e anti-política social da presidência, essa conciliação mostrou-se inviável.

Durante o desenrolar desses fatos, o discurso de Bolsonaro foi condizente com o modo como conduziu a gestão da crise, afinal, como postula Maingueneau, todo modo de dizer está ligado a uma maneira de ser e de se comportar em certos espaços sociais (2020b, p.14).

Dessa forma, segundo Piovezani (2021, p. 155), pronunciamentos, declarações e, mais recentemente, *lives* e *posts* em redes sociais digitais, pertencentes ao discurso político, são conjuntamente “posicionamentos ideológicos, representações dos interlocutores e dos objetos de que tratam e ainda efeitos produzidos em determinadas condições históricas e sociais”. Ainda conforme o autor:

Mais especificamente, as falas políticas têm de empreender com frequência um considerável esforço na construção de suas formas, de seus objetos de discussão e dos próprios mundos em que elas emergem. A política é fundamentalmente estética. Ao contrário da ideia da existência de “discursos nus”, de palavras sem canto, como se houvesse usos da língua sem música, conteúdos sem expressão, tudo o que é dito implica, no que se diz, uma maneira de dizer que lhe é intrínseca. Se isso acontece constantemente e é decisivo para todas e quaisquer relações sociais, com mais forte razão ocorre nos embates políticos: “A política é coisa estética, questão de aparência” (Rancière, 1995: 87) (Piovezani, 2021, p. 155).

Tendo em vista que o discurso político tem um viés, fundamentalmente estético, como defendido por Rancière (1995), podemos dizer que a análise da imagem de um político colabora efetivamente para que possamos compreender os valores que esse promove em suas falas públicas. Especificamente, a noção de *ethos* discursivo, considerada em linhas gerais como a imagem do sujeito enunciador de um determinado discurso, está diretamente relacionada à capacidade de um discurso suscitar a adesão dos coenunciadores aos quais o sujeito enunciador se dirige e aos estereótipos que a enunciação contribui para reforçar e/ou transformar; no caso deste trabalho, sobre o *ethos* do discurso de Bolsonaro em relação à pandemia da COVID-19.

Dessa maneira, nosso objetivo principal é analisar o *ethos* do discurso do ex-presidente Bolsonaro (2019-2022) em relação à pandemia da COVID-19 na cena política brasileira no recorte de março de 2020 a dezembro de 2021, a fim de compreender como o *ethos* do sujeito enunciador contribuiu para a disseminação de certos estereótipos do fiador (aquele responsável por dar um tom, um caráter e um corpo à enunciação) relativos à pandemia de COVID-19.

A partir das observações e das críticas acerca da gestão do governo federal e dos discursos considerados desinformativos e negacionistas por parte de cientistas e a partir do parecer do TCU afirmando privilégio de ação federal dedicada à proteção da economia, podemos elaborar, a respeito do *ethos* de Bolsonaro, as seguintes questões de pesquisa:

1. Qual o *ethos* construído por Bolsonaro de si em seu discurso sobre a pandemia?
2. Assim como os atos de governo, o discurso de Bolsonaro, em falas públicas, também prioriza a proteção econômica durante a pandemia de COVID-19?

3. De que modo o negacionismo e o discurso econômico relacionam-se no discurso de Bolsonaro?

Essas perguntas relacionam-se diretamente com os resultados do parecer do TCU e parte de trabalhos de cientistas já mencionados anteriormente, a partir dos quais formulamos a hipótese de que o *ethos* do discurso de Bolsonaro durante a pandemia tenha sido o *ethos* do “negacionista”, isto é, daquele que nega (“negacionista”) as recomendações dos órgãos de prestígio da ciência e da saúde quando essas não o interessam e que privilegia os interesses econômicos (“negócios”).

O termo “negacionista” tomamos emprestado do controverso relator da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID-19 no Senado Federal, Senador Renan Calheiros (MDB-AL), empregado pelo relator em uma publicação no X, em 23 de junho de 2021, referindo-se às negociações da compra da vacina indiana *Covaxin*, investigadas como caso de corrupção. Segue a publicação abaixo:

Figura 1 - Tuíte de Renan Calheiros.



Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/depois-do-negacionismo-cpi-enfrentara-o-negacionismo-diz-calheiros/>. Acesso em: 08/10/2024.

Conforme observa Lima (2020), estratégias discursivas de desinformação e de negacionismo cada vez mais repercutem no cenário brasileiro, mas o termo cunhado por Calheiros, no *post* acima, congrega a ideia de que o negacionismo da gestão de Bolsonaro está relacionado a estratégias econômicas e corruptas. Em consonância à publicação de Calheiros, segundo o ex-ministro da saúde Mandetta, houve discordância entre a estratégia de

enfrentamento da pandemia por parte do MS e por parte de Bolsonaro. Tal dissenso⁵ é narrado por Mandetta em livro publicado em setembro de 2020: (i) [...] “o projeto dele para combate à pandemia é dizer que o governo tem o remédio e quem tomar o remédio vai ficar bem. Só vai morrer quem ia morrer de qualquer maneira” (Mandetta, 2020, p. 5, (ii) “Nunca na cabeça dele houve a preocupação de propor a cloroquina como um caminho de saúde.” e (iii) “A preocupação dele era sempre ‘vamos dar esse remédio porque com essa caixinha de cloroquina na mão os trabalhadores voltarão à ativa, voltarão a produzir’”. (Mandetta, 2020, p. 144).

Assim, acreditamos que esses recursos discursivos desinformativos e negacionistas podem estar presentes nas falas públicas de Bolsonaro sobre a pandemia, colaborando, de alguma forma, para mascarar o interesse econômico do sujeito enunciador, e, por isso, o empréstimo do termo “negacionista”.

Mais exatamente, defendemos, ao longo dessas páginas, que um traço a que pode ser relacionado o discurso de Bolsonaro é o que chamamos provisoriamente *negacionismo* (com “-go” mesmo). Não se trata de um conceito ou noção, mas de uma característica que parece, segundo nossa hipótese, dar conta de responder à relação híbrida do funcionamento do *ethos* do discurso em questão. O atravessamento do discurso negacionista pelo discurso econômico parece funcionar de modo retroalimentativo, uma espécie de mutualismo à serviço da manutenção de sistemas econômicos que influenciam a ordem social contemporânea, como o capitalismo e o neoliberalismo. Ao buscar refletir sobre essa relação entre o discurso de Bolsonaro e o negacionismo, objetivamos contribuir com os estudos discursivos que versam sobre o período de pandemia de COVID-19 e, de modo mais específico, com aqueles que investigam a adesão ao discurso de Bolsonaro.

Nessa direção, nossa contribuição reside em uma análise discursiva que não busca tratar dos *ethé* atribuídos (exaustivamente) à figura de Bolsonaro já consensuados de um político contra a ciência, a educação, a diversidade, os direitos humanos e a democracia, entre outros: Bolsonaro já protagonizou práticas condenáveis, ao menosprezar, principalmente, minorias sociais como homens homossexuais, mulheres, imigrantes e negros e celebrando discursos a favor do fechamento do Congresso Nacional e do STF, e práticas de tortura e de assassinato, o que lhe rendeu processos no Conselho de Ética na Câmara, bem como pedidos de cassação e condenações por danos morais, além de ter sido réu no STF por apologia ao crime e injúria

⁵ “Mandetta revela ‘gabinete paralelo’ e tentativa de mudar bula da cloroquina”, Senado Notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/mandetta-revela-gabinete-paralelo-e-tentativa-de-mudar-bula-da-cloroquina>. Acesso em: 17/8/2021.

(Carta Capital, 2018, s.p.).⁶ Essas práticas foram utilizadas de material para dados que já em muito contribuem, acreditamos, para a compressão do discurso de Bolsonaro situado no interdiscurso; entretanto, o que observamos é que nem tantos trabalhos dedicam-se a compreender o funcionamento do discurso desse a partir do olhar daqueles que encontram valores “positivos”, que se identificam. Por essa via, buscamos compreender por que sujeitos concordam com o discurso de Bolsonaro, isto é, como esses são capturados e chamados a habitar o mundo ético de Bolsonaro.

Assim, não é foco, dados nossos objetivos, a sobreposição de posicionamentos que criticam o discurso de Bolsonaro (outros trabalhos já fizeram e continuarão fazendo isso), pois nossa contribuição se dá por meio da compreensão do funcionamento de um discurso da forma como o sujeito enunciador acredita produzir sua imagem (a lógica subjacente), o que parece estar relacionado a uma lógica negociadora.

1.1 OBJETIVOS

Esta dissertação de mestrado, baseada no quadro da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, tem por objetivo geral analisar o *ethos* do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19, identificando como esse discurso contribuiu para disseminar certos estereótipos sobre o modo de ser e de agir de Bolsonaro.

No que diz respeito aos objetivos específicos, analisamos os elementos constitutivos do *ethos*: (i) o tom, (ii) o caráter e (iii) a corporalidade, os quais remetem a um mundo ético do fiador do discurso. Junto a isso, analisamos as cenas de enunciação do respectivo discurso de Bolsonaro, identificando (i) a cena englobante, (ii) a cena genérica e (iii) a cenografia a que o *ethos* discursivo do fiador está vinculado e os modos de legitimação de que o fiador se vale.

Ao explicarmos sobre a teorização feita por Maingueneau (2008b; 2020b) sobre a noção de *ethos* discursivo no capítulo 2, discorreremos sobre uma particular propriedade a que se relaciona a noção: ao processo de adesão dos destinatários a um discurso, por meio do *ethos*; concebido pelo autor como um processo de “incorporação”. Em linhas gerais, esse processo de incorporação (o sucesso da adesão) diz respeito à maneira como o destinatário (em posição de intérprete) é levado a se apropriar desse *ethos*; é, em outros termos, “convencido” a se identificar.

⁶ “Bolsonaro em 25 frases polêmicas”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em 4/11/2024.

Com efeito, esse processo é mais complexo porque envolve um mundo ético, que associa um certo número de cenários estereotípicos a certos tipos de comportamentos. Tais comportamentos, por sua vez, dizem respeito a uma maneira específica de se relacionar com o mundo, o que torna possível a constituição de um terceiro corpo: o da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo mundo ético.

Para essa pesquisa, faz parte de nossos objetivos o foco específico na análise das imagens de Bolsonaro, levando em consideração o *ethos* que esse constrói de si pela enunciação e os efeitos de sentidos relativos ao posicionamento discursivo de Bolsonaro construídos pela representação que os destinatários adeptos a esse mundo ético (os apoiadores), a fim de buscar compreender cientificamente o funcionamento discursivo por trás da lógica que rege esses discurso e possibilita o acesso à comunidade imaginária dos adeptos a esse mundo ético. É em razão desse objetivo que não nos dedicamos a adentrar reflexões sobre os efeitos de sentido que podem ser interpretados por discursos que poderiam ser enquadrados no Outro do discurso de Bolsonaro, como exemplo, interpretações assumidas pelo discurso de cientistas, isto é, a atenção que dedicamos a compreender o funcionamento do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19 busca colocar em evidência a lógica subjacente a esse discurso, ressaltando efeitos de sentidos supostamente almejados pelo sujeito enunciador e pontuando os efeitos de sentidos supostamente interpretados por aqueles que se identificaram ou se identificam com esse discurso.

Poderíamos apresentar o discurso de Bolsonaro e situá-lo interdiscursivamente, contrapondo-o aos discursos que o opõem, como o de grupos da esquerda, partes da imprensa (jornais de televisão aberta), canais de divulgadores científicos, entre outros, mas notamos a expressividade de trabalhos que se dedicam a situar como o discurso de Bolsonaro, à luz de discursos da comunidade científica, da comunidade de divulgadores científicos e da comunidade de jornalistas, sobretudo brasileiros, pode ser concebido como propagação de negacionismo e de desinformação sobre a pandemia e sobre tratamentos precoces para o combate ao vírus do COVID-19.

Para a concretização do objetivo, elaboramos um *corpus* cujos materiais são falas públicas de Bolsonaro repercutidas por meio de dois gêneros discursivos, a saber: “pronunciamento presidencial” e “tuíte”. Assim, nosso *corpus* é composto especificamente por 10 pronunciamentos emitidos entre março de 2020 e dezembro de 2021 e por 3.183 tuítes relativos ao período de março de 2020 a junho de 2021.

A respeito dos gêneros dos discursos que compõem o *corpus*, nosso *corpus* apresenta materiais cujos gêneros pertencem a dois modos de textualidades distintas: a *textualidade*

planejada, no caso do pronunciamento, e a *textualidade navegante*, no caso do tuíte (Maingueneau, 2020a). De todo modo, esses dois tipos de textualidades estão disponíveis em ambientes *on-line*, mesmo no caso da textualidade planejada, que não foi pensada *a priori* para ambientes digitais nativos.

A distinção entre dois modos de textualidade justifica-se pelo fato desses dois modos abarcarem tanto discursos de ambientes não digitais (televisão e rádio, no caso dos pronunciamentos) e de um ambiente digital (o X, nos casos dos tuítes). Tendo em vista o contexto pandêmico, a recomendação e, por vezes, a obrigação de isolamento físico entre os cidadãos propiciou mais fortemente a comunicação por meio dos universos digitais e da mídia radiofônica e televisiva. Assim sendo, privilegiamos materiais que abarcassem esses dois domínios.

Para o desenvolvimento de análise e de interpretação desses materiais no âmbito no quadro teórico-metodológico da AD de linha francesa, mobilizamos postulados desenvolvidos por Maingueneau sobre a noção de *ethos* discursivo (2008b; 2020b) e a noção de cenas de enunciação (2020a). Por sua vez, para a análise do *ethos* discursivo do fiador no *Twitter*⁷, mobilizamos os postulados desenvolvidos por Paveau (2022) sobre a análise do discurso digital e, na qualidade de teoria auxiliar, da área do Funcionalismo de linha holandesa, mobilizamos a noção de modalidade e de evidencialidade segundo o quadro teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld, 2004; Hengeveld e Hattnher, 2015; Hengeveld e Fisher, 2018).

No que diz respeito à organização desta dissertação, após a introdução, no capítulo 2, apresentamos o aparato teórico-metodológico: discorremos sobre a Análise do Discurso de linha francesa e, em especial, sobre as reflexões desenvolvidas por Maingueneau sobre a noção de *ethos* discursivo (Maingueneau, 2020b), da gênese do conceito na Retórica clássica à conceptualização empregada pelo autor, e a relação que o *ethos* mantém com a noção de cena de enunciação (Maingueneau, 2020a). Após as considerações sobre essas duas noções, tratamos de apresentar reflexões desenvolvidas por Paveau (2022) sobre a análise do discurso digital, sobre universo digital e sobre tecnogênero do discurso para, no fim dessa seção, refletir sobre a noção de *ethos* discursivo em ambientes digitais, levando em consideração trabalhos de Maingueneau (2020b) acerca dessa noção e os fenômenos discursivos da *web*.

Adiante, para tratamento adequado dos expedientes linguísticos do *corpus*, embasamos nos conceitos de modalidade e de evidencialidade, seguindo a proposta desenvolvida no

⁷ Optamos por nos referenciar à Plataforma X por meio de antigo nome *Twitter*.

âmbito do quadro teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional, especificamente, segundo os trabalhos de Hengeveld (2004), Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fisher (2018) sobre a modalidade deôntica, epistêmica, facultativa e volitiva e sobre a evidencialidade citativa, reportativa, inferencial, dedutiva e de percepção de evento. A opção pelo ponto de vista funcionalista é em razão desses estudos estarem relacionados à descrição de fenômenos linguísticos que consideram os níveis pragmático e semântico de forma integrada a respeito do uso da língua.

No capítulo 3, discriminamos os materiais e a metodologia empregada nesta pesquisa. Brevemente, tecemos considerações sobre as unidades de pesquisa com que trabalham os analistas do discurso para situarmos o estatuto deste estudo. Apresentamos, então, o método de coleta de materiais e o recorte do *corpus*, composto por 10 pronunciamentos e 3.183 tuítes presidenciais pertencentes ao período de março de 2020 a dezembro de 2021, e o percurso de análise, qual seja: referente à análise linguística, o de analisar os empregos de itens lexicais modais e evidenciais e classificar esses empregos segundo os subtipos modais e evidenciais; referente à análise do discurso digital, o de analisar as mobilizações de tipos e de gêneros de discurso, os empregos de itens lexicais e as menções a órgãos institucionais no *Twitter*; e relacionar o resultado dessas análises ao *ethos* discursivo de Bolsonaro durante esse período pandêmico.

No capítulo 4, a fim de contextualizar o discurso de Bolsonaro relacionado à pandemia, apresentamos um panorama histórico sobre o campo político da direita brasileira e, em particular, sobre o espectro político em que se enquadra o discurso de Bolsonaro, a saber, o espectro, do que autores nomeiam, como novo populismo de vertente de extrema-direita. Na segunda parte desse mesmo capítulo, também traçamos um panorama sobre a COVID-19 no Brasil, sobre economia e pandemia e sobre tratamentos farmacológicos cogitados para medicação de infectados com o vírus; e, ainda, discorremos, de modo breve, sobre reflexões concernentes à pós-verdade, à desinformação e ao negacionismo enquanto fenômenos que se relacionam ao enfrentamento da pandemia.

O capítulo 5 é dedicado à análise dos itens modais encontrados no *corpus*. Assim, apresentamos os resultados obtidos pelo levantamento das ocorrências de manifestação de evidencialidade e de modalidade encontradas. Desse modo, apresentamos a análise do emprego dos itens lexicais evidenciais, segundo a proposta de Hengeveld e Hattnher (2015) e de Hengeveld e Fisher (2018) e, em seguida, a análise do emprego dos itens lexicais modais, segundo a proposta de Hengeveld (2004). Simultaneamente à apresentação dessas análises, realizamos a classificação dessas ocorrências, de acordo com o subtipo de evidencialidade

identificada (citativa, reportativa, inferencial, dedutiva e de percepção de evento) e modalidade identificada (deôntica, epistêmica, facultativa e volitiva). A respeito da classificação das modalidades, as ocorrências foram subclassificadas, ainda seguindo a proposta de Hengeveld (2004), de acordo com o tipo de orientação da modalidade, que pode estar orientada para a proposição, para o evento ou para o participante. Por fim, comentamos os resultados apresentando, por meio de excertos do *corpus*, exemplos de cada tipo de evidencial e modal analisados e a relação desses resultados com o *ethos* discursivo de Bolsonaro.

No capítulo 6, apresentamos uma análise dos tuítes publicados por Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19. Para a análise, empregamos as reflexões desenvolvidas por Amossy (2022) sobre as estratégias de legitimação categorizadas pela autora a respeito do discurso de líderes mundiais sobre o enfrentamento do novo coronavírus, simultaneamente relacionando-as às reflexões desenvolvidas por Paveau sobre fenômenos dos ambientes digitais, como deslinearização, tecnodiscurso relatado e tecnopalavra, correlacionando expedientes tecnolinguageiros ao *ethos* discursivo de Bolsonaro. Para isso, realizamos um levantamento nos 3.183 tuítes dos tipos de mobilizações de tipo e de gêneros do discurso, dos lexemas e das menções a perfis mais frequentes, por meio dos *softwares* IRAMUTEQ e Netlytic.

No capítulo 7, apresentamos uma análise sobre o *ethos* do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19. Para tanto, procedemos da seguinte maneira: apresentamos características do *ethos* do discurso de JB que se relacionam, supostamente, à imagem de um presidente protetor da saúde e da economia, à imagem ora de um defensor da Cloroquina ora de um defensor das vacinas e, por fim, a imagem de quem acredita ter sido eficiente, para podermos afirmar, no fim do capítulo, que, de fato, o *ethos* discursivo do enunciador é multifacetado, isto é, trata-se de *ethé* discursivos quando refletimos sobre o discurso de Bolsonaro por uma perspectiva temporal: no início da pandemia, um suposto *ethos* de responsável, que dá lugar, no meio do recorte do *corpus*, a um *ethos* de uma pessoa pragmática e, no fim do recorte, de um *ethos* de um presidente que acredita ter sido eficiente.

Por fim, na conclusão, consideramos que o *ethos* do discurso de Bolsonaro busca equiparar a preocupação com a economia com a preocupação com a saúde das pessoas, apesar de, em certos casos, a primazia da economia mostrar-se mais saliente, o que é corroborado pela alta incidência de temas relacionados a fatores econômicos, pelas cenografias de canal de notícias, de portal de transparência e de prestação de contas. Concluímos também que o sujeito enunciador busca suscitar a adesão principalmente por meio de um tom autoritário frequentemente atenuado. Ainda pontuamos que Bolsonaro busca, em seu discurso, (i) por meio de um simulacro do discurso da ciência, acalmar a população sobre um suposto “pânico” criado

pelo mídia e proteger a economia e saúde (por isso o *ethos* de um político responsável, que não se deixa levar por exageros); (ii) parecer estar alinhado com o discurso de especialistas da saúde quando esse concorda com o posicionamento do sujeito enunciator sobre o uso da Cloroquina e da Hidroxicloroquina, ao passo que Bolsonaro mantém-se precavido quando o assunto é a comprovação das vacinas contra a COVID-19 (por isso *ethos* de um político pragmático), (iii) posicionamentos que são superados a partir do momento em que as condições de produção tornam inviável para o sujeito enunciator o discurso contra as vacinas, que passa a divulgar a eficiência de seu governo em vacinar a população brasileira. Por último, concluímos que, objetivados a compreender a imagem que Bolsonaro projeta de si, o negacionismo e a desinformação atestada por especialistas da ciência pode passar despercebida para o olhar de apoiadores, pois o sujeito enunciator busca suscitar o caráter de um agente público preocupado, responsável, pragmático e eficiente. Nesse sentido, os adeptos ao discurso de Bolsonaro são conduzidos a acreditar que Bolsonaro “fez o que pode com as condições que tinha”.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para cumprir nosso objetivo de analisar o *ethos* do discurso de Bolsonaro (2019-2022) sobre a pandemia de COVID-19, empregamos o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), com ênfase, principalmente, (i) nos postulados desenvolvidos por Dominique Maingueneau sobre a noção de *ethos* discursivo e (ii) nos postulados desenvolvidos por Marie-Anne Paveau sobre a Análise do Discurso Digital (ADD) e por Amossy sobre a legitimação no discurso político. Por outro lado, com o intuito de darmos um tratamento adequado à materialidade linguística, da área da Linguística, valemo-nos do Funcionalismo Holandês, especificamente, da Gramática Discursivo-Funcional, para a análise da evidencialidade e da modalidade, categorias gramaticais que dizem respeito, respectivamente, à obtenção da fonte da informação de que o sujeito enunciador se vale e à atitude, à avaliação e/ou à crença que o sujeito enunciador apresenta de determinada proposição. Conforme esclarecemos adiante, essa análise subsidia a análise discursiva propriamente dita. Buscamos, com isso, identificar quais são as representações construídas por Bolsonaro, bem como representações que os apoiadores são capazes de criar a seu respeito.

2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO

Se para algumas áreas do saber é possível uma atribuição clara a nomes fundadores, como Newton para Mecânica Clássica ou Durkheim para a Sociologia, no caso da (AD), não há uma única figura a quem é atribuído o posto de inaugurador da disciplina.

Em seu livro *The discourse studies Reader*, Angermuller, Wodak e Maingueneau (2014) anuem que a AD é o resultado da convergência entre abordagens teóricas e metodológicas provenientes de distintos lugares, sobretudo, da Europa e dos Estados Unidos, e resultado entre a convergência de diferentes disciplinas das Ciências Sociais e Humanas, como a Linguística, a Sociologia, a Filosofia, a Crítica Literária, a Antropologia, a História (para citar algumas).

Maingueneau (2020a), na obra intitulada “Discurso e análise do discurso”, também reforça o caráter híbrido da constituição da Análise do Discurso. A própria expressão “análise do discurso”, assinala o autor, é advinda de estudos bem distintos. Mais exatamente, a expressão é primeiramente cunhada pelo linguista distribucionalista Zellig S. Harris (1909-1992), em um trabalho de 1952 intitulado “Discourse Analysis”, em que “discurso” dizia respeito a “uma unidade linguística constituída de frases; de um texto” (Maingueneau, p. 15, 2020a).

Situando os trabalhos de Harris em uma perspectiva formalista, Paveau e Sarfati (2006) concebem o projeto desse autor como uma análise do enunciado em sua continuidade além da frase.

Concordam Maingueneau (2020a), Angermuller, Maingueneau e Wodak (2014) e Paveau e Sarfati (2006) sobre a contribuição de Harris para a análise formal de textos (o que foi útil para o desenvolvimento da linguística textual) e para a análise social das produções verbais, entrelaçando fenômenos de ordem textual e de ordem social.

É mais fortemente a partir dos anos 1980, nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, que a análise do discurso “constituiu um espaço de pesquisa verdadeiramente mundial, que integrou correntes teóricas que tinham se desenvolvido independentemente umas das outras em disciplinas e em países distintos” (Maingueneau, p. 16, 2020a). Dada a complexidade do discurso enquanto objeto, diversos outros campos contribuem para os entendimentos distintos, como afirma Maingueneau. Nas palavras do autor:

As acepções de “discurso” ancoradas nas ciências da linguagem interagiram com certo número de ideias provindas de correntes teóricas que atravessam o conjunto das ciências humanas e sociais: a filosofia da linguagem ordinária (L. Wittgenstein) e a teoria dos atos de fala (J. L. Austin, J. R. Searle), a concepção inferencial do sentido (H. P. Grice), o interacionismo simbólico (G. H. Mead), a etnometodologia (H. Garfinkel), a escola de Palo Alto (G. Bateson), o dialogismo de M. Bakhtin, a psicologia de L. Vygotsky, a arqueologia e a teoria do poder de M. Foucault, ele próprio integrado a uma corrente identificada nos Estados Unidos com o nome de “pós-estruturalismo”, em que é associado a pensadores como J. Derrida, G. Deleuze, J. Lacan, E. Laclau, J. Butler... A noção de discurso entra igualmente em ressonância com certas correntes construtivistas, particularmente a sociologia do conhecimento de P. L. Berger e T. Luckmann, autores de *A construção social da realidade* (1966) (Maingueneau, 2020a, p. 24).

No decorrer do século XX, uma chamada “virada linguística” é encabeçada pela filosofia ordinária de Wittgenstein, em que se propõe “que o trabalho conceitual da filosofia supõe uma análise prévia da linguagem”; somam-se a isso os trabalhos de Austin sobre os atos de fala, alimentando a Linguística com correntes pragmáticas que consideravam “a fala como uma atividade e acentuavam o caráter radicalmente contextual da construção do sentido” (Maingueneau, p. 17, 2020a). O autor ainda complementa que compunham os estudos do discurso, nos Estados Unidos, correntes como a etnografia da comunicação de Hymes e Gumperz, não tão distantes da etnometodologia de Garfinkel, reivindicadas como teorias sociológicas da análise conversacional das interações orais. Ainda nesse cenário, adiciona-se Goffman, com seus estudos sobre rituais de interação do cotidiano, em que se investiga a apresentação que os sujeitos enunciadorees fazem de si.

Esses estudos, conforme observam Maingueneau (2020a) e Paveau e Sarfati (2006), durante os anos de 1960, estavam fortemente marcados por um estruturalismo que prezava pela análise do caráter imanente do texto como correspondência estrutural da realidade extralinguística, isto é, da realidade sócio-histórica; postura que encontrou novos desenrolares nos estudos do discurso.

Em 1969, na França, a revista de linguística *Langages* dedica a publicação de número 13 a um embrionário campo de pesquisa: a Análise do Discurso. Dubois é quem organiza o número temático, primando pela relação entre língua e sociedade ao ressignificar métodos da filologia. É nesse mesmo ano que duas outras publicações são bem recebidas pelos acadêmicos na França, centrando a noção de discurso no cerne da reflexão: (i) “Análise automática do discurso”, de Pêcheux, e (ii) “Arqueologia do saber”, de Foucault.

Pêcheux não chega a integrar o número 13 de *Langages*; por sinal, não é linguista, mas sim um filósofo marxista cujos trabalhos têm como orientação a contestação de pressupostos idealistas, até então dominantes nas ciências humanas, a partir da ancoragem no marxismo do filósofo Althusser, na psicanálise de Lacan e na Linguística estrutural. Esse empreendimento exposto em (i), na visão de Maingueneau (2020a, p. 19), pode ser entendido como uma espécie de “psicanálise do discurso”. Nas palavras do autor:

Seu procedimento é o de uma espécie de psicanálise do discurso animado por um projeto marxista, cujo alcance é simultaneamente político e epistemológico: procedendo a uma análise — leia-se “decomposição” — dos textos, procura-se revelar a ideologia que eles estão destinados a dissimular; significativamente, a palavra “analista” designa igualmente os psicanalistas e “análise”, a psicanálise (Maingueneau, 2020a, p. 19).

Era por meio da decomposição dos textos que Pêcheux almejava a revelação da ideologia subjacente aos próprios textos. Por outro lado, para Maingueneau (2020a), a contribuição do filósofo Foucault, em (ii), foi mais reservada. Para Foucault, ao se distanciar claramente da linguística, a noção de discurso é entendida como um “sistema de formação”: importam as regras e as práticas que condicionam a existência de enunciados com sentidos assentados em sua relação com a história. A esse respeito, Maingueneau (2020a) afirma:

A influência de A arqueologia do saber, de M. Foucault, sobre a análise do discurso francesa foi bastante mais indireta que a de J. Dubois ou a de M. Pêcheux, mas foi expressiva. Se estes últimos pretendiam apoiar-se na linguística, o autor de A arqueologia do saber a recusava. O que ele chamava de “discurso” não tinha relação direta com o uso da língua. [...] Uma posição como esta é dificilmente compatível com os postulados de numerosos analistas do discurso, para quem o vocabulário, a organização textual e as estratégias interacionais devem estar no coração da análise (Maingueneau, 2020a, p. 19).

Distinguem-se os procedimentos de Foucault e de Pêcheux não só na proximidade ou distanciamento com as bases da linguística, mas também na relação que esses autores estabeleceram com o inconsciente. Se, para Pêcheux, havia algo de manifesto assentado na materialidade linguageira da produção dos sujeitos, para Foucault, não se tratava de desvelar uma “conversa semissilenciosa” (Maingueneau, 2020a, p. 20), mas, sim, de apreender o dito em sua relação com o acontecimento histórico.

Essas breves palavras estão longe de caracterizar a vastidão dos trabalhos que rondam a cena teórica no final dos anos 1960 na França. Servem apenas para esboçar que, na Paris de 1969, distintas visões da AD estavam por se firmar no quadro intelectual francófono. Mais especificamente, Maingueneau (2020a, p. 20) esclarece que as figuras de Pêcheux e de Foucault são mais fortemente vinculadas ao que, contemporaneamente, concebe-se como Teoria do Discurso e a figura de Dubois vinculada às ciências da linguagem.

Findado esse período de constituição da Análise do Discurso como disciplina, uma abertura da AD para conceitos advindos de correntes Pragmáticas, de Teorias da Enunciação e da Linguística Textual fez-se necessária para lidar com *corpora* diversos. Por essas perspectivas, surgiram, cita Maingueneau (2020a), por exemplo, trabalhos de Charaudeau sobre mídias (1983; 1997), de Moirand sobre o discurso científico (1988) e sobre a imprensa escrita (2007) e os seus próprios sobre o discurso religioso e sobre o discurso literário (1993).

Sobre o autor Dominique Maingueneau, abordamos abaixo mais detalhadamente seus postulados sobre a noção de discurso, sobre a noção de *ethos* discursivo e sobre a noção de cena de enunciação, conceitos que vão integrar nosso dispositivo analítico.

2.2 OS POSTULADOS DE MAINGUENEAU

A abordagem da AD aqui adotada segue a orientação de Dominique Maingueneau. O autor vincula-se a uma vertente que investiga a “maneira pela qual, em uma sociedade determinada, a ordem social se constrói por meio da comunicação”, buscando manter um “equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica ou psicológica” (Maingueneau, 2020a, p. 33).

Para o autor, o discurso é regido por normas, constrói socialmente o sentido, é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção social de sentido, no bojo de um interdiscurso, constitui-se como uma forma de ação

no mundo. Constitutivamente interativo, o discurso é fruto de atividades verbais devidamente contextualizadas e reivindicadas por um sujeito. Nas palavras do autor:

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. O simples fato de organizar um texto em um gênero (a conferência, o jornal televisivo...) implica que o relacionemos com os outros textos do mesmo gênero; a menor intervenção política só pode ser compreendida se se ignorarem os discursos concorrentes, os discursos anteriores e os enunciados que então circulam nas mídias (Maingueneau, 2020a, p. 28).

Por essa via, um discurso é “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (Maingueneau, 2008a, posição 179).⁸ Assim, em uma determinada língua, sociedade, lugar e momentos definidos, só uma parte do dizível é dita efetivamente, constituindo, assim, um sistema de restrições que delimita uma identidade.

Ao formular a tese do primado do interdiscurso, Maingueneau (2008a, posição 276) postula a “precedência do interdiscurso sobre o discurso”, o que, na prática, descarta a possibilidade de se analisar um discurso tomado de modo isolado, e conduz o analista a centrar suas reflexões num espaço de trocas entre discursos “convenientemente escolhidos”. Ainda a esse respeito, o autor observa que um discurso compreende seu Outro a partir de seu próprio fechamento, interpretando os enunciados do Outro por meio das suas próprias categorias, sob a forma de um “simulacro” que dele constrói.

Com o objetivo de “dar conta” dos diversos planos que integram as produções verbais, Maingueneau (2008a, posição 301) compreende um posicionamento como um “sistema de restrições semânticas globais” que atua em todos os planos do discurso (vocabulários, temas, intertextualidade, estatuto do enunciador e do coenunciador, dêixis discursiva, modo de enunciação, modo de coesão etc.).⁹ O caráter global dessa semântica trata de apreender o dinamismo da significância que domina toda a discursividade: “o enunciado, mas também a enunciação e, mesmo, além dela” (Maingueneau, 2008a, posição 307).

⁸ Utilizamos a versão do livro “Gêneses do discurso” (2008^a), de Dominique Maingueneau, no formato *e-book Kindle*, que fornece referência da posição em que se encontra o excerto de texto.

⁹ De acordo com Maingueneau (2008a), a ordem de sucessão dos planos do discurso “não constitui de forma alguma um modelo genético em virtude do qual o enunciador escolheria previamente um tema, depois um gênero literário, depois um vocabulário etc. ... A própria lista desses planos considerados não é objeto de uma elaboração teórica suficiente para pretender definir um modelo de textualidade (posição 1479-1490), isto é, a exemplificação dos planos do discurso é para ilustrar a diversidade de dimensões abarcadas pelo conceito de semântica global.

Conforme o autor observa, trata-se de recusar a ideia de que haveria, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade estaria condensada de forma privilegiada. Dessa maneira, cabe ao analista do discurso, fundamentado por seus objetivos, determinar qual plano do discurso é mais pertinente para seus propósitos.

Sobre essa orientação, Maingueneau, em seus trabalhos, reafirma a aplicabilidade da noção de *ethos* discursivo para a análise de discursos religiosos, de discursos publicitários e de discursos políticos. De modo sintético, *ethos* discursivo diz respeito à imagem, à postura, ao comportamento engendrado por uma instância enunciativa, que, por seu tom, caráter e corporalidade, atesta um posicionamento já suposto pelo mesmo discurso. A razão para a eficácia da utilização do *ethos* discursivo, no caso dos discursos políticos, reside no cerne da atividade social e do papel discursivo que dela provém: o ser político. E “política é coisa estética, questão de aparência”, lembra-nos Rancière (2014). Parece-nos mais que plausível, então, munirmo-nos dessa noção para a análise da imagem de Bolsonaro, apresentada no item adiante.

2.2.1 A noção de *ethos*

O conceito de *ethos*, afirma Maingueneau (2008b, p. 7), esteve associado à arte da oratória durante mais de 2.000 anos. De acordo com o autor (2008b), o ressurgimento dos estudos da noção de *ethos* discursivo não partiu exatamente de dentro do quadro da Retórica, mas vinculou-se a problemáticas relativas aos Estudos do Discurso. Mais exatamente, o interesse pela concepção de *ethos* estabeleceu-se contemporaneamente no âmbito dos estudos pragmáticos e discursivos, após as publicações de Ducrot, *Le dire et le dit* (1984), e de duas obras do próprio autor: *Genèses du discours* (1984) e *Nouvelles tendances en analyse du discours* (1987). Todavia, Maingueneau (2008b) sinaliza que, somente mais recentemente, a noção alcançou “forte visibilidade”, notavelmente graças à obra coletiva organizada por Amossy (2005), intitulada “Imagens de si no discurso: a construção do *ethos*”.

2.2.1.1 O *ethos* retórico: uma digressão a Aristóteles

Conforme Maingueneau (2008b) ressalta, sua noção de *ethos* assenta-se em uma perspectiva diferente da qual partiu o conceito formulado por Aristóteles (384-322 a. C.) no quadro da Retórica clássica. Sobre a gênese dessa disciplina, Amossy (2018) nos explica que é atribuído ao siciliano Córax (v a. C.) a criação da Retórica. Posteriormente, em Platão, já é

possível perceber um debate sobre os estudos da argumentação com fins de persuasão em Górgias (em torno de 388 a. C).

A Retórica advém e adquire sentido no contexto da Grécia antiga, quando as decisões públicas demandavam debate, o que, segundo Amossy (2018, p. 16), era vital para “o bom andamento da justiça” e “o bom funcionamento da democracia, pela prática da palavra pública”. Com esses propósitos, a Retórica centrou-se hegemonicamente no discurso judiciário, deliberativo (ambos, abrangentemente, voltados para o fazer político) e epidítico (discurso de cerimônias). Ao alinhar essas três atividades, Aristóteles formaliza seus entendimentos sobre a arte de persuadir, tal como podemos observar no seguinte excerto:

Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função. Toda outra arte pode instruir e persuadir acerca do assunto que lhe é próprio, por exemplo: a medicina, sobre o que é saudável e doentio; a geometria, acerca das propriedades das grandezas; a aritmética, a respeito dos números; o mesmo aplicando-se às outras artes e ciências. Quanto à retórica, todavia, vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir (Aristóteles, II, 1355b, 25-30, 2019).

O estudo da Retórica, para Aristóteles (2019), consiste em observar estratégias capazes de persuadir um auditório. Na concepção do autor, diferentemente de outras artes do conhecimento cujas estratégias argumentativas são erigidas pelo contexto e pelo lugar de enunciação, a arte da Retórica desfruta da possibilidade de evocar aquilo que é preterido por um auditório específico. Nessa perspectiva, o entendimento de *ethos* apresenta-se no caráter moral que o orador inscreve durante seu discurso, tornando-o merecedor de aceitação sem que isso fosse necessariamente evidente. Em vista disso, para o filósofo grego, a aceitabilidade do *ethos*, na Retórica, dá-se a partir do momento em que o enunciador, enquanto enuncia, concebe a própria identidade orientada a apresentar-se como confiável ao público, por meio de formas de persuasão. Nas palavras do autor:

Há três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito (Aristóteles, II, 1356a, 1-5).

Para o filósofo clássico, primeiro autor em que encontramos uma elaboração conceitual ou, pelo menos, o mais antigo que conseguimos recuperar (Maingueneau, 2008b, p. 12), os estudos do *ethos* na Retórica centram-se, particularmente, por meio do discurso, em ater-se às

características que dizem respeito ao ato de persuadir o auditório, intentando, com isso, não se restringir a um singular enunciante, mas, sim, investigar os elementos que persuadem grupos.

Nesse sentido, Maingueneau (2020b) esclarece que, para a obtenção da persuasão, por meio dos três tipos de persuasão mencionados no excerto acima, é necessário: “a *phrónesis*, ou a prudência”, dependente do caráter pessoal do orador, “a *areté*, ou virtude”, dependente da capacidade de aceder ao auditório uma desejada disposição de espírito, e “a *eunoia*, ou boa vontade”, dependente da capacidade de parecer condizer com o que aparenta demonstrar.

Com efeito, Aristóteles, diz Maingueneau (2020b, p. 10), “joga” com a característica polissêmica do termo *ethos* em grego: (i) há uma associação que essa palavra preserva com a ideia de “si”, continente no pronome reflexivo e (ii) há um vínculo entre a palavra *ἦθος*¹⁰ (“caráter”) e a palavra *ἔθος*¹¹ (“costume”), como explica Maingueneau a seguir:

[...] os filólogos fazem *ἦθος* remontar à raiz indo-europeia *swedth* (“costume”, “acostumar-se”), que se pode correlacionar a *swe* (ao qual está ligado o adjetivo latino *suus*). Por sinal, *swedth* é a raiz tanto de *ἦθος* (“caráter”) quanto de *ἔθος* (“costume”). Em outros termos, tanto entre os gregos como no mundo contemporâneo, o *ἦθος* está fundamentalmente ligado aos processos de constituição de um “si” relativamente estável no interior de uma coletividade. Trata-se de uma noção híbrida (sócio/discursiva), de um comportamento verbal socialmente avaliado, que não podem ser apreendidos fora de uma situação de comunicação historicamente determinada (Maingueneau, 2020b, p. 10).

A relação entre o que designa “caráter” e “costume” funde-se na noção de *ethos*. Dada a propriedade compósita, que se estabelece no âmago da palavra, na Retórica, o *ethos* é construído pelo intérprete por meio de índices de diversas ordens, que vão da escolha do registro linguístico, da seleção lexical, da organização textual, da seleção de argumentos, do tom de voz, do ritmo, da prosódia, até gestos, expressões faciais, posturas, modos de olhar, modos de andar, de sentar, figurinos, vestimentas, entre outros.

Maingueneau (2008b) cita ainda Ducrot (1984), que entende ser o *ethos* uma imagem atribuída ao locutor por meio de certos aspectos do seu discurso, resumidos em cadência, entonação, calorosa ou severa, escolha de palavras, argumentos. Para Ducrot (1984), há uma necessária separação entre duas instâncias enunciativas: a do locutor L e a do locutor λ. Essencialmente, essa distinção se configura como aquilo que diz respeito ao locutor inscrito pela enunciação na enunciação (L) e aquilo que diz respeito ao locutor como ser do mundo (λ). Com efeito, o *ethos* surge na instância da enunciação, inerentemente discursivo, sua aparição é

¹⁰ Lê-se “ítos”.

¹¹ Lê-se “étos”.

fruto do locutor L. Quanto a essa questão, Maingueneau (2008b) retoma Barthes (1970), que afirma que o *ethos* apresenta-se nos “traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório”, em nada importa a sinceridade do orador, uma vez que transcende aos limites apreensíveis a possibilidade de avaliar tal comprometimento com a sinceridade. É passível de observação aquilo que o orador enuncia sobre uma informação e, ao mesmo tempo, diz: “eu sou isto aqui, não aquilo lá” (Maingueneau, 2008b, p. 13).

No quadro da Retórica, os entendimentos sobre o *ethos*, então, condizem com o que é percebido pelo que é mostrado por quem diz: o auditório associa certos atributos extradiscursivos ao orador, mas esses atributos são, na realidade, intradiscursivos, embora aí também intervenham dados exteriores à fala propriamente dita, tais como gestos, posturas, trajes.

No que compete a um outro campo, a Sociologia, Maingueneau (2020b) refere a autores que também apresentam reflexões sobre o conceito de *ethos*, como Max Weber, Nobert Elias e Pierre Bourdieu. Conforme o autor observa, para os sociólogos, a noção é de interesse, visto que está vinculada à dimensão social de processos interativos na construção de representações, de identificações e de adesões nos lugares de socialização.

Já para as Ciências da linguagem, Maingueneau (2020b) destaca trabalhos como de Pascal (1999), que propõe *ethos* segundo uma retórica cognitiva fundamentada por uma pragmática filosófica e de Amossy (2010), que desenvolve um quadro teórico sobre a apresentação de si em continuidade a trabalhos como de Goffman (1981). Ainda, sobressaem-se os trabalhos do próprio autor, que concebe o *ethos* como sendo um produto genuinamente discursivo, inscrito em uma problemática da incorporação, articulando a noção de *ethos* à noção de cena de enunciação.

2.2.1.2 A noção de *ethos* discursivo

Em seus trabalhos, Maingueneau (2020b) considera o *ethos* como a imagem relacionada ao sujeito enunciador do discurso revelada pelo próprio modo como esse sujeito enuncia. Por isso, o *ethos* não corresponde ao que esse sujeito diz a respeito de si, mas às características psicológicas que revela pelo modo de se exprimir. A aparição do *ethos* decorre, nos termos de Maingueneau, de um posicionamento, ou seja, o *ethos* é um dos planos do discurso regido pela semântica global. Assim, a imagem prospectada por um sujeito enunciador é derivada de um conjunto de regras anônimas, assentadas no tempo e no espaço, que, em determinadas condições de produção, definem o exercício da função enunciativa.

De um ponto de vista discursivo e mais amplo, o *ethos* é entendido como uma noção complexa. A noção, segundo Maingueneau (2020b), é:

- (i) discursiva, uma vez que se constrói no discurso e pelo discurso e, por isso, não pode ser concebida como uma imagem exterior à fala;
- (ii) relacionada a um processo inerentemente interativo da interlocução;
- (iii) intrinsecamente sócio-discursiva, isto é, uma noção híbrida, pois diz respeito a uma prática social que não pode ser apreendida fora de uma situação histórica e socialmente definida (Maingueneau, 2020b, p. 13).

Ainda, segundo o autor: “[...] para além da persuasão por meio de argumentos, a noção de *ethos* permite refletir sobre a adesão dos sujeitos ao universo configurado pelo locutor” (Maingueneau, 2020b, p. 14). Dentro da problemática da adesão dos sujeitos aos discursos, Maingueneau entende que, todo texto, seja oral ou escrito, assume uma vocalidade própria: uma instância subjetiva engendra-se por via de um corpo enunciante historicamente assentado, considerado como um fiador, isto é, o responsável pelo que é dito (Maingueneau, 2020b).

Por essa abordagem, o *ethos* discursivo diz respeito a três aspectos em especial: tom, caráter e corporalidade. O tom é entendido como um ideal de entonação que acompanha os lugares de enunciação. Esse tom está ligado a um caráter, conjunto de traços psicológicos associados ao sujeito enunciador, dado o seu modo de dizer, e a uma corporalidade, uma compleição do corpo do sujeito enunciador, que é inseparável de um modo de se movimentar no espaço social, o que pode incluir até um modo de se vestir.

Por seu tom, caráter e corporalidade, o sujeito enunciador atesta o que é dito, assegurando a enunciação respectiva ao posicionamento que o discurso pressupõe. Dessa forma, a força de persuasão projetada por um discurso provém, em boa parte, da propriedade de o discurso conduzir o coenunciador a se identificar com o corpo enunciante, que por sua vez está articulado com o que está sendo dito: as “ideias” suscitam a adesão do leitor, porque a “maneira de dizer” implica uma “maneira de ser” (Maingueneau, 2020b, p. 14).

Para abordar a diversidade de predicados capazes de caracterizar um certo *ethos*, que vão desde os de ordem psicológica ou comportamental (culto, simples), passando por categorias sociais (solteiro, estudante, idoso) até chegar aos posicionamentos discursivos (anarquista, progressista etc.), o autor diferencia três dimensões atribuídas ao *ethos*, que são mais ou menos identificáveis conforme os tipos de discursos, a saber: (i) a dimensão categorial, que abrange tanto os papéis discursivos associados a atividades de fala (animador, narrador, pregador)

quanto os estatutos extradiscursivos (pai de família, funcionário público, médico, camponês); (ii) a dimensão experiencial, que recobre as caracterizações sociopsicológicas propriamente ditas (agressivo, calmo, original, paciente, prudente); e, por fim, (iii) a dimensão ideológica, relativa a posicionamentos de campo discursivos (feminista, de esquerda, conservador etc.)

2.2.1.3 A problemática da incorporação: a adesão aos mundos éticos

Maingueneau (2020b) designa o processo de adesão dos destinatários ao discurso, por meio do *ethos*, como “incorporação”. Maingueneau (2006, p. 272) esclarece que esse processo diz respeito à maneira como o destinatário “em posição de intérprete – ouvinte ou leitor – se apropria desse *ethos*”. Assim sendo, a incorporação se dá a partir das seguintes etapas: (i) inicialmente, a enunciação projeta o corpo do enunciador, ou seja, ela lhe dá corpo; (ii) posteriormente, o destinatário “incorpora” os esquemas que lhe estão sendo apresentados, isto é, assimila uma soma de esquemas correlatos a uma maneira específica de se relacionar com o mundo, habitando seu próprio corpo; (iii) a partir das incorporações apresentadas em (i) e (ii), é possível a constituição de um terceiro corpo: o da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso (Maingueneau, 2020b).

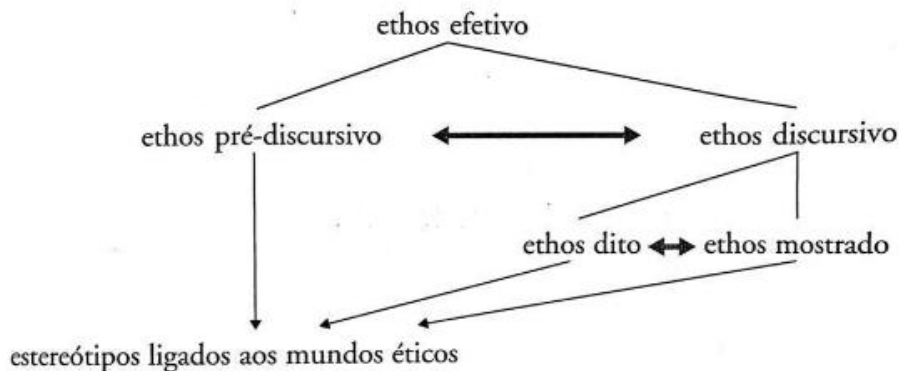
Mas esse processo não se encerra aqui. A incorporação extrapola o nível de uma simples identificação com o fiador do discurso: ela acarreta um mundo ético, isto é, uma constelação de representações que congrega certo número de cenários estereotípicos vinculados a comportamentos, do qual participa o fiador e por meio do qual o fiador garante acesso ao destinatário (Maingueneau, 2020b, p. 14-15).

Ainda do ponto de vista teórico, observamos que Maingueneau (2020b) reconhece a existência de mais de um tipo de *ethos*, diferenciando, por exemplo, o *ethos* discursivo do *ethos* pré-discursivo. Segundo o autor, mesmo antes de o discurso ser proferido pelo sujeito enunciador, o público tende a produzir uma prévia do *ethos* (por isso, pré-discursivo) a depender da figura ou do papel desempenhado em determinado espaço social. Assim, o *ethos* pré-discursivo tende a emergir de figuras públicas e personalidades da mídia, como é o caso do sujeito enunciador Bolsonaro. Maingueneau também menciona o *ethos* dito, que diz respeito a passagens em que o sujeito enunciador fala de si ou toma a sua própria enunciação como tema de seu discurso.

Ainda Maingueneau afirma que o *ethos* de um discurso provém da interação de diversos fatores (i) *ethos* pré-discursivo (relativo a imagens consolidadas sobre determinado fiador), (ii) *ethos* mostrado (manifestado pela enunciação, pelo modo de ser e dizer), *ethos* dito (relativo a

fragmentos discursivos nos quais o fiador fala de si ou de sua própria enunciação), os quais, conjuntamente, compõem o *ethos* discursivo efetivo, resultado da interação dessas instâncias, conforme o esquema a seguir:

Figura 2 - *Ethos* discursivo efetivo.



Fonte: retirado de Maingueneau (2008b, p. 19).

Maingueneau (2020b) ainda esclarece que o *ethos* discursivo emerge na cena de enunciação, mais propriamente, na cenografia. Para o autor, a cena de enunciação é composta por três cenas, inexoravelmente integradas: a englobante, a genérica e a cenografia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, resultante de um recorte de uma esfera da atividade social; distinguível por uma rede de gêneros de discurso, confere ao discurso seu estatuto pragmático (discurso literário, discurso religioso, discurso filosófico, discurso publicitário).

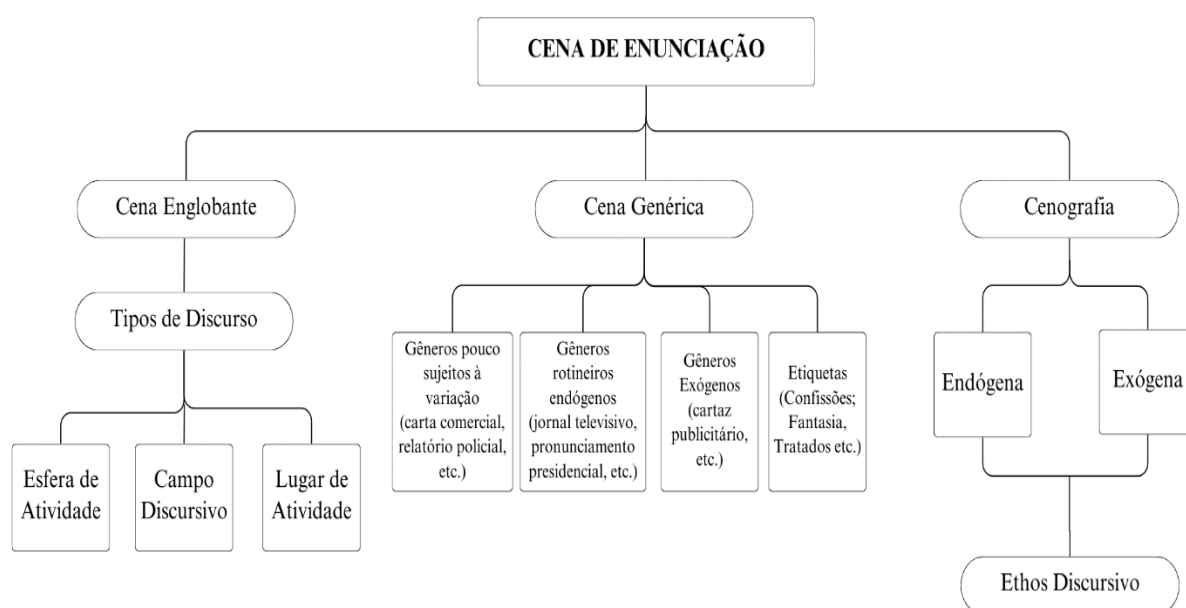
A cena genérica, por sua vez, diz respeito ao contrato associado a um determinado gênero (editorial, sermão, guia turístico, visita médica, receita, etc.); relativa às normas constitutivas de um gênero discursivo, suscita expectativas e está associada a uma ou mais finalidades, a papéis incumbidos de direitos, deveres e competências específicas, a um modo de inscrição da temporalidade, a um suporte - indissociável da materialidade em que existe -, a uma composição e a um uso específico de recursos linguísticos.

Por fim, há a cenografia, que não é necessariamente imposta pelo gênero, tendo em vista que essa cena pode ser construída pelo próprio texto. A cenografia é o lugar em que o fiador do discurso está inserido, assumindo um certo modo de enunciação. Nesse sentido, segundo Maingueneau, o *ethos* é constitutivo da cena de enunciação, emergindo na e pela cenografia, e não uma mera estratégia persuasiva, como exemplo, o autor cita um sermão enunciado por meio de uma cenografia professoral.

Desse modo, pode-se dizer que a cena englobante e a cena genérica não são suficientes para abarcar a singularidade da enunciação. Enunciar é construir, sobre a base do tipo e do gênero do discurso, uma encenação singular na enunciação, ou seja, uma cenografia: circunscrição da cena que objetiva ela própria a legitimação de si (Maingueneau, 2020a, p.118).

Ainda podemos dizer que a cenografia implica, conforme esclarece o autor, um processo de enlaçamento paradoxal, pois, logo de início, o discurso supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, é validada progressivamente por intermédio de sua própria enunciação. Assim, a cenografia é, ao mesmo tempo, a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia, na qual o discurso supostamente nasce, é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, o que varia, certamente, conforme o posicionamento discursivo. Abaixo apresentamos uma ilustração que reúne pontos centrais da noção de cena de enunciação.

Figura 3 - Cena de enunciação.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Maingueneau (2020a).

Em publicações mais recentes, Maingueneau (2020a, 2020b) ainda distingue dois tipos de cenografia: a endógena e a exógena. Enquanto a cenografia exógena se configura pela superposição de uma outra cena à cena genérica efetiva de que o discurso se origina, na endógena, embora não haja essa superposição, há atribuição de valores particulares às variáveis de qualquer situação de enunciação, isto é, quem fala, a quem fala, onde fala, quando fala. Essa distinção entre cenas exógenas e endógenas, como discorreremos no capítulo 7, é importante para

a compreensão do *ethos* de Bolsonaro, isso pois o discurso político do enunciador vale-se, no ambiente de digital de formas que simulam um portal de notícias da presidência da república. Apaga-se o *ethos* de um presidente e assume em primeiro plano o de um governo informativo.

Após termos explicado sobre a noção de cena de enunciação, a seguir, apresentamos, de forma breve, a relação entre o *ethos* e o discurso político.

2.2.1.4 *Ethos e o discurso político*

Especificamente sobre o *ethos* no discurso político, Maingueneau (2020b) observa a existência de certas particularidades, como a presença contundente do *ethos* pré-discursivo do fiador e faz mostrar o corpo enunciante de sua corporalidade; nas palavras do autor:

ethos é, fundamentalmente, uma questão de corpo saturado de avaliações sociais. Para os analistas do discurso que mobilizam a noção de *ethos*, o discurso político, é nesse sentido, um objeto privilegiado, pelo fato de lhes propor enunciados produzidos por locutores que dispõem de um *ethos* pré-discursivo consistente, que ocupam posições bem definidas num campo bem estruturado e cujo *ethos* pode ser relacionado a estratégias a serviço de objetivos identificáveis. **Também porque esses locutores são obrigados a expor seu corpo falante e, além de seu corpo propriamente dito, a fazê-lo significar de acordo com seu posicionamento e com as representações da comunidade na qual eles se inscrevem** (Maingueneau, 2020b, p. 84; **grifos nossos**).

Como afirma Maingueneau (2020b), a figura pública do sujeito que enuncia de uma posição e um campo bem definidos está em constante exposição e cabe a essa “boa” exposição da figura a capacidade de suscitar a adesão aos coenunciadores. Essa exposição do sujeito enunciador, o fazer mostrar seu corpo falante, por sua vez, é plasmado com o que é dito por esse no discurso pelo discurso com o imaginário construído pela representação prévia que o coenunciador formula dessa identidade. Desse modo, como assinala Maingueneau (2020b), a mobilização por parte dos analistas da noção de *ethos* privilegia os discursos políticos, mas não exclusivos a esse campo, como é o caso de Cavalcanti (2008), que investiga o modo de dizer do sujeito jornalista.

A autora analisa o *ethos* do sujeito jornalista da Folha de São Paulo sobre o Fórum Social Mundial (FSM), de 2001 a 2003, evento organizado por movimentos sociais de distintos continentes, com o objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. Cavalcanti (2008) conclui que tal sujeito jornalista considera-se superior a tudo aquilo que considera menor, como o FSM (durante a edição de 2001) e como os organizadores petistas e o governo do PT (durante a edição de 2003). A suposta neutralidade do fazer jornalístico é colocada em prova mais uma vez e revela como o modo de dizer exerce maneiras de influência

sobre a opinião pública. É por meio da investigação de índices lexicais cuja representação é mais positiva (“o maior evento da esquerda mundial”) em oposição a elementos cuja representação é mais negativa (“um movimento difuso”) e de mudança de alvos (ora sobre o evento [FSM], ora sobre parte dos organizadores e sobre o governo da época, a saber, organizadores e governo petistas) que a autora argumenta que mesmo um tipo de discurso que se pretende referencial carrega consigo marcas de subjetividade do enunciador. Consequentemente, o *ethos* do sujeito jornalista da Folha de São Paulo transita entre uma imagem irônica e pejorativa.

Por outra via, especificamente, trabalhando com o discurso político, Miqueletti (2002) aborda o discurso político, precisamente o dos tucanos, nome que caracteriza filiados ao partido do PSDB. A hipótese comprovada pela autora é a de que o discurso tucano de 1994 a 2002 é construído em intersecção com a presença de um *ethos* híbrido que flutua entre o intelectual do “novo” e conservador, como podemos observar a seguir.

Por sua vez, essa identidade do “eu”, engendrada pelo modo de coexistência dos discursos que a constituem, mostra o *ethos* do sujeito histórico, a quem cabe iniciar uma nova ordem de coisas, associado a um *ethos* de conotações autoritárias e conservadoras. O que nossas análises aferiram poderia ser descrito como uma subjetividade híbrida, instável. Fique claro que, ao nomearmos assim a “realidade”, não sucumbimos ao subjetivismo psicologizante. Quando apreendemos o discurso tucano em seu plano semântico, vislumbramos esse aparente conflito de caracteres, conformados por tendências discursivas progressistas e conservadoras (Miqueletti, 2002, p. 140).

A autora observa que o discurso em questão remete a uma subjetividade detentora de “inamovíveis certezas”. O tom é de um fiador assertivo, beligerante e desdenhoso, cujo caráter é de um fiador autoritário e conservador. Para chegar a esses resultados, a autora reúne um conjunto de enunciados que se relacionam à polêmica aberta, em que há ataque ao Outro desse discurso, como nos casos em que ocorre modalização autonímica, isto é, o sujeito enunciator explicita os sentidos de suas palavras para assegurar o entendimento preterido pelo fiador, ao mesmo tempo que rejeita as possíveis interpretações que podem ser assumidas pelo Outro acerca de temas como a “política industrial”:

Em trabalhos como de Miqueletti (2002), está em objeto de análise o discurso de um sujeito enunciator que é uma figura pública. Esse caráter público, com o acesso massivo à internet, modificou as relações do fazer político de figuras públicas ao valerem-se, os políticos, de novos recursos a serviço dessa prática: o ambiente digital.

A respeito das possibilidades proporcionadas pela internet e dos efeitos que essas têm sobre a análise de discurso político, podemos citar Paveau (2022) para destacar duas

propriedades da internet: (i) a da instantaneidade dos enunciados produzidos: hoje uma fala pública de um político publicada na internet é repercutida imediatamente pelo mundo e, com a mesma instantaneidade que é difundida, pode ser “perdida” em meio ao turbilhão do que dito on-line da; e (ii) a da investigabilidade: a internet possibilita que usuários salvem conteúdos, investiguem fontes, entre outros, e, a nós, analistas, possibilita a capacidade de rastrear discursos produzidos ou compartilhados em ambientes digitais. Para a análise do *ethos*, essas propriedades incidem diretamente sobre a representação que os usuários podem construir do sujeito enunciador: o *ethos* pré-discursivo agora é acessível por meio de uma busca em navegadores, um discurso dito pode ser apagado de um perfil (o que não o apaga da rede, os usuários, podem salvar na nuvem antes que seja deletado, por exemplo). Dessa maneira, o *ethos* pode ser reelaborado continuamente. À vista desses novos recursos digitais, um olhar para *ethos* do discurso de Bolsonaro na contemporaneidade em meio à pandemia de COVID-19 pode ser também mais bem compreendido à luz de uma atenção aos ambientes digitais, como apresentamos a seguir.

2.3 A ANÁLISE DO DISCURSO NO AMBIENTE DIGITAL

Neste item, expomos as concepções teóricas de Paveau (2022) sobre a Análise do Discurso Digital (ADD), abordando sua crítica epistemológica ao logocentrismo e ao antropocentrismo e sua concepção de ambiente digital, discurso digital nativo e de tecnogênero de discurso. Além disso, apresentamos também as contribuições de Maingueneau (2020a; 2020b) sobre a análise do discurso digital, abordando a noção de *ethos* discursivo em ambientes digitais e sua concepção de hipergênero digital, de cenografia digital e do componente iconotextual e reticular da cenografia digital.

Intitulado “Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas” (2022), o dicionário da pesquisadora Marie-Anne Paveau aborda relação compósita entre a língua e os funcionamentos discursivos, sustentando a tese de que a materialidade linguageira é apenas passível de análise quando se leva em consideração os ambientes de produção em que tais materialidades são produzidas, em detrimento de concepções que postulam a dicotomização entre o linguístico e o “extralinguístico”.

Por essa abordagem, Paveau (2022) cita Merzeau (2009) para apresentar o entendimento da autora sobre a contribuição geral do digital, qual seja a de que a ascensão do digital engendra uma transformação do ambiente, desde as estruturas até as relações sociais como as conhecemos.

Para Paveau (2022), os esforços dos trabalhos que lidam com a relação entre linguagem e gêneros digitais nativos mostram-se geralmente ineficazes, por falharem, não só pela incapacidade conceitual ou metodológica dos modelos, mas, principalmente, por uma falha epistemológica. Continua Paveau (2022, p. 29): “Eles [os trabalhos em Linguística] permanecem logocêntricos, isto é, focados apenas na matéria languageira, considerada em sua definição saussuriana e dualista (“a língua considerada em si mesma e por si mesma”, segundo a célebre fórmula do fundador da linguística moderna)”.

Para Paveau (2022), a hegemonia logocêntrica que permanece nas Ciências da Linguagem também se manifesta no trato que muitos pesquisadores dão aos *corpora* que se relacionam a ambientes digitais, o que leva a autora, em seu livro, basear-se em Piorozak (2014) a diferenciar trabalhos que usam a internet como *corpus* e internet para *corpus*. Essa distinção, em linhas gerais, diz respeito, no primeiro caso, a trabalhos que priorizam as práticas digitais como constitutivas dos dados, e, no segundo caso, a trabalhos que coletam dados de ambientes digitais, mas que não constitui atenção a como as práticas se dão no ambiente digital.

A permanência da epistemologia logocêntrica em pesquisas sobre linguagem merece uma escusa que, acreditamos, encontra égide em Maingueneau (2008a): todo discurso, para sua própria constituição, renuncia àquilo que o permite se constituir. As abordagens logocêntricas, segundo Paveau (2022), voltadas para a primazia da materialidade languageira, exprimem um grande apreço a uma formalidade que reserva rigor apenas à análise de palavras e orações, e a problemática, para a autora, reside na transposição de teorias e metodologias pré-digitais para ambientes digitais, sem levar consideração que, como afirma Merzeau (2009), o digital transforma a rede de interação entre os atores, e, por isso, é necessário que o modelo também se transforme se a intenção é trabalhar com a internet enquanto *corpus*.

Para Paveau (2022, p. 30), no que diz respeito à ADD, deve-se não só abandonar a concepção logocêntrica, mas também uma representação antropocêntrica que subjuga a máquina. Essa representação antropocêntrica concebe os computadores, celulares, algoritmos etc. como ferramentas “neutras”. Como prova à afirmação da autora, um olhar mais atento a recentes feitos das inteligências artificiais (IAs) revelam que os modos de aprendizagem respondem a uma programação prévia que não pode ser concebida em um vácuo sócio-histórico. A consequência disso pode ser observada em dados de pesquisas que comprovam a associação de termos como “*boss*” a homens brancos e “*secretary*” a mulheres, sobretudo, brancas, e o termo “*poverty*” a pessoas negras (Carrera, 2021) ou de pesquisas que comprovam a associação feita por IAs entre a face de gorilas e de chimpanzés e rostos de pessoas negras (Silva, 2019). Sobre esse último exemplo, o ato de racismo gerado por meio de uma máquina

reflete que os comportamentos de IAs têm pouca base para a análise de rostos de pessoas negras. Nesse sentido, questões de raça e de gênero, por exemplo, passam a ser problemáticas para novos programas computacionais (Silva, 2019).

A *web 3.0* (surgida nos anos 2010) é a *web* dos dados ou *web* semântica, isto é, na coleta e na organização dos dados, organiza a *web* armazenando dados graças a metadados e (iv) a *web 4.0*, *web* inteligente ou *metaweb*, que integraria uma dimensão conectada ao conjunto dos elementos do nosso ambiente de vida. O empreendimento de Paveau (2022, 42-43) se foca, em particular, na análise qualitativa dos discursos nativos da internet da *web 2.0*.¹²

Para Paveau (2022, p. 36), “o discurso digital nativo é o conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita”. Ao conceber, como Merzeau (2009), o digital como um modo de transformação das relações de produção, Paveau (2022) reforça que a falta de compreensão dos processos envolvidos em produções digitais, por parte de linguistas, mantém-nos em estado de inércia diante dos universos digitais e de suas produções nativas. A esse respeito, Merzeau (2009) considera necessária uma atualização sobre a natureza do signo no universo digital: uma assinatura invisível, isto é, uma impressão digital, automatizada por meio de cálculos, de codificações, de conexões, de encriptação (significante) atreladas a um comportamento informativo (significado).

Essa transformação da relação significante e significado, de acordo com Paveau (2022), questiona a própria natureza de como concebemos a linguagem. Para detalhar, a autora resgata as concepções de (i) Herrenschmidt (2007), para quem a produção on-line rompe com o tradicional sistema de comunicação em que um determinado locutor escreve, fala ou desenha determinada produção e se destina a interlocutores restritos ao estruturar, a partir das máquinas e de seus programadores, um novo modo de coerção e produção da comunicação; e de (ii) Cotte (2004), para quem a relação entre a intencionalidade do usuário e as restrições impostas pelas máquinas e pelos programadores possibilita falarmos em coenunciação tecnológica.

A propriedade coenunciativa do universo digital, assim, confere aos discursos digitais nativos da *web* a propriedade de serem relacionais: “a arquitetura da rede faz com que eles sejam todos materialmente interligados” (Paveau, 2022, p. 41). Se, por um lado, afirma a autora,

¹² Como argumenta Paveau (2022), a *web 1.0* é aquela a que podemos remeter os blogues estáticos, cujo predomínio é o verbal e a interação é reclusa ou indisponível. A *web 2.0*, diferentemente, é aquela a que podemos remeter as redes sociais digitais, em que a multimodalidade de registros e semioses são predominantes moventes, articuladas e conectadas. A *web 3.0* e ainda a *web 4.0* é aquela a que podemos remeter os raciocínios de aprendizagem da inteligência artificial, da geração de textos, de imagens, de vídeos, de áudios, entre outros, e suas especificidades preservam divergências maiores entre os autores.

seria tentadora a associação do conceito de dialogismo à noção de relacionalidade, por outro, a propriedade relacional dos discursos digitais nativos dispõe do componente material e automático entre as produções tecnolinguageiras. Nas palavras da autora:

Entre eles [os discursos digitais nativos] e seu enunciador está aquilo que lhe atribui propriedades particulares, como sua investigabilidade (todo enunciado on-line pode ser pesquisado e encontrado por meio de ferramentas como os buscadores) e sua idiodigitabilidade (todo enunciado da web on-line tem uma forma única e subjetiva, determinada pelos parâmetros de navegação, de sociabilidade, de leitura e de escrita do internauta). [...] a relacionalidade é material e automática, e não depende das marcas de intertextualidade ou de analogias providas da competência interpretativa do analista (Paveau, 2022, p. 41).

Desse modo, a autora propõe uma abordagem de como se produzem enunciados na web. Para a perspectiva da interpretação, tal transformação do ambiente de produção possibilita que Merzeau (2009) postule que, no ambiente digital, a identidade é redefinida como uma coleção evolutiva de rastreamentos das solicitações em redes sociais digitais, como Facebook, dos downloads de arquivos de músicas, da geolocalização de aplicativos de transportes como Uber, das compras em sites como Amazon, dos conteúdos criados por youtubers e por tiktokers, entre outros. Para a autora, a capacidade de rastreamento do agir dos usuários em ambientes digitais caminha ao contrário da concepção de que o descentramento do sujeito são fatores invisíveis. Em perfis do Twitter, dados pessoais podem se tornar públicos e, em uma rede de trocas de informações privadas e públicas, os internautas contribuem para forjar a identidade do outro. A relacionalidade e a investigabilidade permitem que partes de um sujeito fragmentado sejam acessíveis ou rastreáveis.

Com vistas a esses tipos de problemáticas, que a concepção epistemológica de Paveau (2022) propõe que o sufixo “-tecno” transforma as relações dos gêneros do discurso e as produções discursivas. É prezando por uma antropologia simétrica, como propõe Latour (1991), que Paveau (2022) encontra reforços para sua base pós-dualista, que prima pela equivalência da materialidade linguageira, do ambiente e das restrições técnicas da máquina. Tendo explicado os pressupostos epistemológicos que embasam a teoria de Paveau (2022), a seguir, aprofundamos noções desenvolvidas pela autora a respeito de ambientes digitais.

2.3.1 O universo digital: o discurso digital nativo

Com base nos entendimentos de Merzeau (2009) e de Paveau (2021), poderíamos dizer que a web possibilita ferramentas digitais que dizem respeito à materialização da relação

estabelecida entre o Mesmo e seu Outro de um discurso, isto é, ações na rede social digital Facebook, como bloquear, não seguir, “dar unfollow” (seguir a conta de um usuário e depois deixar de seguir), entre outras ações, podem, em nossa concepção, ser entendidas como indícios da interação do Mesmo com seu Outro em ambientes digitais.

Esse posicionamento epistemológico rompe com a separação consolidada entre a noção de contexto e de suporte. Para a Paveau (2022), os discursos digitais nativos podem ser compreendidos como frutos do ambiente. A noção de ambiente, em teoria do discurso, é entendida pela autora como o agrupamento dos dados humanos e não humanos. Além disso, envolve aspectos sociais, culturais, históricos e materiais (animais, objetos naturais e artefatos tecnológicos e não tecnológicos), etc. A noção é advinda da cognição social, área que, desde os anos 1990, coloca-se como uma alternativa à cognição internalista clássica. Entre as vertentes da cognição social, há a cognição social distribuída, uma abordagem cognitiva dos discursos que concebe que o sistema cognitivo é distribuído entre agentes e seu ambiente. A seguir, a autora situa a noção do ponto de vista epistemológico:

A noção de ambiente é utilizada em uma abordagem dos discursos que adota uma perspectiva pós-dualista (abordagem externalista que questiona a divisão mente/corpo e postula que a consciência humana se manifesta no exterior da mente, especialmente nos objetos e nas técnicas), uma visão simétrica das materialidades languageiras (a matéria languageira é compósita, constituída de uma mescla entre languageiro e não languageiro) e uma abordagem ecológica da produção dos enunciados (o objeto de análise não é mais apenas o enunciado, mas o conjunto do sistema no qual ele é produzido). Utilizar a noção de ambiente supõe sair de uma concepção egocentrada e logocentrada dos discursos (na qual a produção dos enunciados está a cargo dos locutores e o trabalho dos linguistas está centrado unicamente na matéria languageira de suas produções) para adotar uma abordagem simétrica distribuída (os agentes produtores dos enunciados estão distribuídos no conjunto do ambiente) (Paveau, 2021, p. 49, grifos da autora).

Por essa abordagem, a noção de ambiente é colocada como uma preferência crítica à noção de contexto, à de condições de produção ou à noção de exterioridade, em que haveria uma face interna do discurso complementada por uma face social. Assim, ao tratarmos da rede social digital Twitter em nossas análises, então, utilizamos a noção de ambiente para nos referirmos ao lugar da atividade digital. Ao tratarmos dos tuítes, tomamo-nos como discursos digitais nativos, mais especificamente, tecnogêneros do discurso.

2.3.1.1 *Tecnogênero de discurso*

Por uma perspectiva ecológica, isto é, que preza partir dos ecossistemas nativos, o tecnogênero de discurso, em sua composição, mantém o laço constitutivamente linguageiro e tecnológico. Para Paveau (2022), não se excluem os casos em que o tecnogênero do discurso deriva do arcabouço pré-digital; porém, o fato é que, em ambientes digitais, um ecossistema próprio incorpora e é incorporado pelo gênero pré-digital, resultando em uma portabilidade para a web, como no caso do comentário on-line, ou resultando em um tecnogênero de discurso nativo, portanto, novo, como no caso da tuitatura. Segundo a autora, a prática “tem como base o hackeamento da própria tecnodiscursividade: a tuitatura, ou literatura no Twitter, de fato assume como regra evitar qualquer dimensão relacional por meio de links hipertextuais ou tecnopalavras. Ela retoma nos ecossistemas digitais a linearidade da escrita pré-digital” (Paveau, 2013c).

Tipologicamente, a autora distingue, pelo critério da composicionalidade e da restrição tecnológica, três tipos de produções tecnodiscursivas, a saber, tecnogênero prescrito, tecnogênero negociado e tecnogênero produsado.

Detalharemos apenas o primeiro tipo, dados nossos propósitos, mas, sumariamente, os do tipo negociado são aqueles gêneros do discurso pertencentes às produções pré-digitais que assumem traços tecnolinguageiros e tecnodiscursivos. As produções tecnodiscursivas do tipo negociado não são efetivamente dependentes de recursos digitais e podem circular tanto nos universos on-line quanto nos universos off-line. Como exemplo, podemos citar o caso do top: em ambientes on-line, prolifera a produção de top 10 maiores salários, melhores atrizes, melhores jogos de computador, artistas musicais que mais venderam discos, entre outros. No ecossistema digital, a difusão desses tipos de listas cresce de tal forma que diversos sites se dedicam exclusivamente a alimentar e elencar listas sobre assuntos variados.

Os tecnogêneros produsados, por seu turno, são aqueles tipos de gêneros de discurso digitais nativos cujas possibilidades de produção escapam às prescrições e restrições dos ecossistemas tecnológicos. São frutos da expansão da noção de produso, a saber, quando os próprios usuários recorrem a meios de transformar as regras do ambiente digital para atingirem seus objetivos comunicativos. Produso é advindo do neologismo inglês, proposto por Bruns (2008 apud Paveau, 2022), unindo production+usage. Em suma, diz respeito às ações que rompem com as fronteiras entre produtor e consumidor de enunciados: “em uma comunidade colaborativa [...] o internauta acumula as duas funções e se torna um agente híbrido, um ‘produsuário’” (Paveau, 2022, 297). São exemplos de produsagem a inclusão do símbolo

cerquilha (#) à plataforma de microblogagem Twitter como elemento oficial da rede. Inicialmente, a hashtag foi proposta, em 2007, por um usuário do Twitter. A repercussão do hábito fez com que os desenvolvedores da plataforma incorporassem a prática de forma a tornar a hashtag um dos recursos disponíveis de produção discursiva da rede. Explicado sobre a noção de *produto*, retomamos que as práticas de *tuiteratura* são enquadradas como *tecnogênero* *produsado*.

Já os *tecnogêneros* prescritos são aqueles cujos sistemas de escrita on-line são privilegiados, dependentes inteiramente de recursos digitais; só podem ser produzidos on-line, circulam principalmente em ambientes on-line, mas podem ser exportados para outros gêneros não on-line, como quando tuítes são destacados e tornam-se citações de um enunciador. Para a autora, o tuíte é, por excelência do tipo prescrito: “o internauta tem pouca liberdade de uso, mesmo que o hackeamento e o *produto* sejam sempre possíveis, mas, sobretudo, trata-se de uma forma cuja relacionalidade, específica do ambiente digital nativo, orienta o modo de leitura e de produção de sentido” (Paveau, 2022, p. 337). Sobre os *tecnogêneros* prescritos podemos ainda citar as autobiografias propostas pelas redes sociais digitais Twitter, Facebook e LinkedIn, em que, na sessão sobre, há restrições que prescrevem as informações dos usuários; ou as imagens conversacionais (Gunthert 2014a apud Paveau, 2022, p. 337), como os *snap*s e os *stories*, da rede social digital Snapchat.

Os novos modos de produção discursivas teorizados conceitualmente por Paveau (2022), como apresentamos, não podem, para a concepção da autora, ser concebidos segundo os conceitos pré-digitais. Concordante com a autora, Maingueneau (2022) estabelece categorizações distintas sobre o *ethos* discursivo relativo a discursos pré-digitais e discursos digitais nativos, abordadas a seguir.

2.4 O *ETHOS* DISCURSIVO EM AMBIENTES DIGITAIS

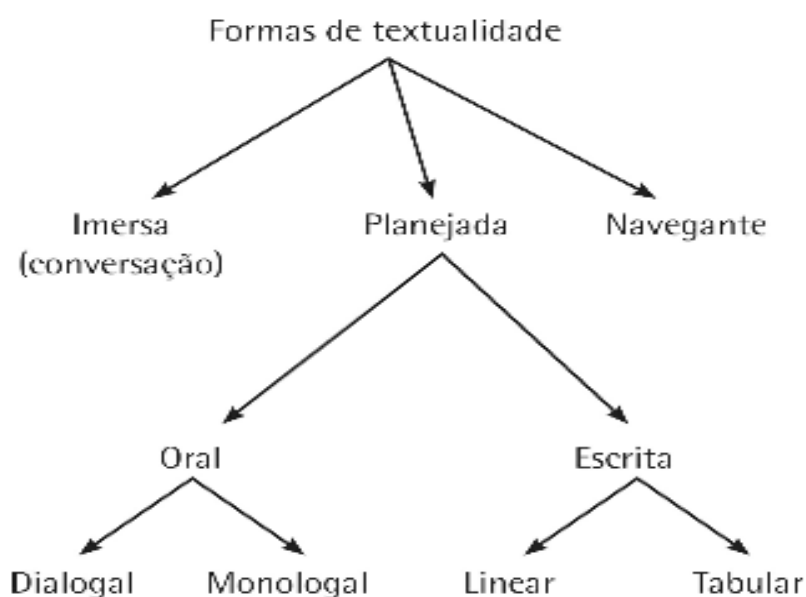
Ao teorizar sobre a natureza do *ethos* discursivo, Maingueneau (2008a) ateuve a noção ao quadro tradicional de diferenciação entre o registro oral e o registro escrito. Para esse regime, a comunicação é constituída em torno da cena de enunciação (cena englobante + cena genérica + cenografia). Após estender seus estudos sobre *ethos* a *corpora* da internet, Maingueneau (2020b) afirma que os discursos produzidos em ambientes digitais não resultam do mesmo regime tradicional de textos, cuja essência não é modalidade verbal, no que diz respeito às novas tecnologias da comunicação. Para Maingueneau (2020a), o quadro cênico (cena englobante + cena genérica) em ambientes digitais, assume uma posição periférica: “são a cenografia e o

hipergênero que passam a primeiro plano, em detrimento da cena genérica. No caso, a análise em termos de *ethos* não pode ser feita como quando se tratava de produções resultantes da genericidade clássica (Maingueneau, 2020b, p. 156).

Assim, para a compreensão das produções discursivas em ambientes digitais, Maingueneau (2020a, p. 164-166) distingue três formas de expressão da textualidade, quais sejam (i) oralidade conversacional, que diz respeito à fala entre sujeitos; essa não é capaz de ser apreendida como texto pelos participantes durante a própria atividade de fala, por isso é chamada também pelo autor de textualidade imersa; (ii) textualidade planejada, que diz respeito aos gêneros instituídos, seja oral ou seja escrito; correspondem a dispositivos sócio-históricos prévios com restrições organizacionais em que a cena de enunciação se faz presente de forma contundente; e (iii) textualidade navegante, que diz respeito às produções da web, nas quais o processo de leitura é realizado pelo internauta, motivado pelas escolhas que esse efetua ao navegar pela internet, construindo, assim, por meio de hipertextos, o texto que lê.

No que diz respeito ao último tipo, o processo da textualidade navegante proposto por Maingueneau (2020a) pode ser relacionado ao processo de escríleitura proposto por Paveau (2022), a respeito da noção de relacionalidade. Trata-se de uma propriedade relativa a qualquer discurso produzido na web: esses discursos estão conectados a outros discursos em uma relação tecnologicamente material. Abaixo, segue o esquema que resume as formas de textualidade propostas por Maingueneau (2020a).

Figura 4 - Formas de textualidade.



Fonte: retirado de Maingueneau (2020a, p. 166).

Na textualidade navegante, o rompimento com o quadro cênico, propõe Maingueneau (2020b), permite que possamos atribuir aos blogues, aos e-commerces e aos sites de notícias o status de hipergênero. Complementa o autor que ambientes não podem ser considerados hipergêneros tais como são considerados os hipergêneros de discursos pré-digitais. Isto é, há uma distinção entre o estatuto de hipergêneros a depender se são discursos pré-digitais (hipergênero lista, por exemplo) ou discursos digitais nativos (hipergênero site, por exemplo). Ambos mantêm similaridade em relação às “categorias disponíveis para os usuários, associadas a algumas propriedades formais mínimas” (Maingueneau, 2020b, p. 156). No caso dos hipergêneros digitais, exemplifica Maingueneau (2020b), os sites mobilizam recursos multimodais e verbais e operações hipertextuais¹³ para elaborar uma cenografia condizente com os objetivos comunicacionais e funcionais preteridos pelo site.

Desse modo, a cenografia em ambientes digitais desdobra-se em duas dimensões, a verbal e a digital. A cenografia digital comporta dois componentes, como observamos a seguir, nas palavras de Maingueneau (2020b):

iconotextual: o próprio site se apresenta como uma imagem que se desdobra, limitada pela tela. Ele também contém imagens, cada qual contribuindo para o *ethos* global. Mas ao lado das imagens prototípicas (foto, vídeo), é preciso levar em conta que aquelas que são oferecidas pelos múltiplos módulos ao olhar do internauta - um gráfico, um texto curto, um título em destaque, caixas de comentários depois de um artigo - têm uma forma, cores, constituem imagem
reticular: interna (o site é uma rede de páginas) e externa (o site estabelece links com o exterior), cujas relações são geradas por diferentes tipos de instrução. Um site, é realmente, um conjunto de ações possíveis que todo internauta pode ou não realizar, e isso na ordem que lhe convier. Trata-se de uma propriedade sem equivalente no oral e no impresso tradicional (Maingueneau, 2020b, p. 156).

O componente iconotextual da cenografia digital recobre a cenografia verbal. De forma compósita, esse componente é um “mosaico de módulos” (Maingueneau, 2020b), é simultaneamente uma imagem na tela, um suporte de operações possíveis e um integrante da arquitetura do site. Já o componente reticular se refere às possibilidades de conexões permitidas pelas estruturas comportadas pelo ambiente digital específico, isto é, uma rede procedural, cujas instruções dão acesso a outros ambientes (Maingueneau, 2020b, p. 161-162).

Nos casos em que os mosaicos de módulos se materializam por meio de textos verbais, explicita o autor, o *ethos* discursivo é consistente, mas, ressalta o autor, em ambientes digitais,

¹³ Nos termos de Paveau (2022, p. 153), podemos citar, por exemplo, a deslinearização: “consiste na intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o leitor-escritor de um fio do discurso fonte a um fio do discurso-alvo, instaurando uma relação entre dois discursos (por exemplo uma *hashtag* ou um *hyperlink* [...]) esses elementos tecnolinguageiros implicam o desdobramento sintagmático do enunciado”.

o *ethos* verbal é submetido ao *ethos* global dos módulos. Ademais, Maingueneau (2020b, p. 158-159) distingue dois tipos de fontes enunciativas, cuja característica é a polarização entre a saliência do *ethos* e o apagamento do *ethos*. O *ethos* saliente é, de acordo com o autor, ligado ao *ethos* pessoal, vinculado, normalmente, a um sujeito do mundo que possui nome próprio, e a uma corporalidade e um caráter, podendo desempenhar o papel de fiador para o enunciado. A esse respeito, o autor afirma:

Alguns tipos de enunciados se concentram na produção de um *ethos*, enquanto para outros o *ethos* não é o centro de atenção do produtor. Desse modo, quando alguém redige um anúncio para um site de relacionamento ou um curriculum vitae, o *ethos* discursivo é a própria meta do enunciado, que se concentra em caracterizar a personalidade do enunciatador. Mais amplamente, essa focalização no *ethos* caracteriza, em graus variáveis, o conjunto das páginas pessoais. Por exemplo, a maioria dos (as) políticos (as) têm um blog pessoal - quase sempre administrado por um profissional de comunicação - que desempenha papel destacado na construção de seu *ethos* (Maingueneau, 2020b, p. 159).

Frequentemente, por exemplo, é saliente também o *ethos* coletivo de partidos, de associações, de sindicatos e de marcas comerciais, mas em razão de nossos objetivos, o *ethos* para esses enunciatadores não são aqui abordados.

Em outro polo, estão os casos em que há o apagamento do *ethos*. Não se trata, afirma Maingueneau (2020b), de não existência do *ethos*,¹⁴ mas a instância enunciativa coloca em privilégio outros propósitos, como seus produtos, os usuários ou as necessidades desses usuários. A respeito desse último propósito, o autor afirma:

Por exemplo, o site www.receita.economia.gov.br, como seu nome indica, está dedicado ao recolhimento dos impostos pagos pelos contribuintes brasileiros; ele se restringe a orientar os percursos dos visitantes implementando listas de ações possíveis contra um fundo de cores relativamente neutras. Esse apagamento do *ethos* diz respeito tanto aos sites institucionais (ministérios, prefeituras, universidades...), quanto aos sites comerciais que tendem, em graus diferentes, à pura funcionalidade. Eles seguramente estão associados a um nome próprio de marca ou de instituição, mas buscam mostrar que respondem o mais eficientemente possível às demandas dos usuários (Maingueneau, 2020b, 159-160).

Nesse sentido, mesmo quando não há índices explícitos de *ethos*, de acordo com o autor, ainda assim uma imagem é manifestada. Além disso, outros expedientes estão a serviço da compreensão do *ethos* discursivo, como discutimos a seguir.

¹⁴ De acordo com Maingueneau (2020b, p. 159), “toda produção semiótica relacionada a uma fonte enunciativa implica um *ethos*”.

2.5 MARCAS DE SUBJETIVIDADE NA LÍNGUA: OS INDÍCIOS TEXTUAIS DO *ETHOS* DISCURSIVO

Ao discorrer sobre a noção de fiador, Maingueneau (2008a) afirma que a constituição do *ethos* do sujeito enunciador de um discurso é construída pelo leitor “com base em indícios textuais de diversas ordens” (p.72). Nesse sentido, pontua Mussalim (2008, p. 71) que o tecido do discurso costurado pelo fiador é apreendido pelo intérprete por meio de índices como o “léxico, estrutura sintática etc”, concebidos, pela autora, como “marcadores dos modos de enunciação”.

Um tipo de marcador do modo de enunciação é a modalidade, já explorado em trabalhos como de Dall’Aglio Hattner (1995), Brunelli (2004), Brunelli e Dall’aglio-Hattner (2009); Brunelli, Verni e Gasparini-Bastos (2019); Verni (2019), Gasparini-Bastos e Brunelli (2019) e Ueda, Gasparini-Bastos e Brunelli (2022).

Para a funcionalista Neves (2006), estudos como o de Givón (1984) esclarecem que as modalidades na língua são marcas da manifestação da subjetividade do enunciador, expressada por meio de itens lexicais ou gramaticais. Para esses autores, as modalidades se definem como “atitudes”, “crenças” e “expectativas” dos participantes da comunicação. Outra categoria semântica relacionada à modalidade é a evidencialidade, antes entendida por Hengeveld (2004) como um subtipo de modalidade. A evidencialidade é a expressão do modo como o sujeito enunciador reporta a fonte da informação, seja por meio de outros discursos ou outros enunciadores, ou o modo como julga estabelecer a legitimidade de uma proposição, seja por meio de inferências, deduções ou percepções.

Esses dois tipos de expressão de subjetividade na língua constituem, em nosso trabalho, marcadores de modos de enunciação, já que dizem respeito às inscrições da subjetividade do enunciador na materialidade da língua, imprescindíveis para a análise do *ethos* discursivo, tendo em vista, conforme a base teórica da AD, que todo dizer está inerentemente ligado ao modo de dizer (Maingueneau, 2020, p. 14).

No trabalho que aqui apresentamos, para a análise de marcadores de modos de enunciação, fazemos uso da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), uma abordagem do Funcionalismo, em sua vertente Holandesa, para analisarmos as ocorrências de evidencialidade e modalidade no discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19, a fim de verificarmos os efeitos de sentido que esses empregos de itens lexicais evidenciais e modais desencadeiam nesse discurso.

A congregação da AD com o Funcionalismo requer algumas ressalvas, como pontuam abaixo Brunelli e Dall’Aglio-Hattnher (2009), com base em Maingueneau (1989):

Para a AD, a ordem própria do discurso não se confunde com a ordem própria da língua, mas **como a discursividade sempre se realiza sobre alguma base material, quando essa base é a língua, uma análise discursiva pressupõe uma análise linguística**. Por outro lado, como a discursividade atravessa a língua sem se limitar a nenhuma de suas dimensões em especial (a semântica, por exemplo), cada discurso tem uma maneira própria de materializar-se, aproveitando de uma forma ou de outra os recursos de expressão linguísticos, o que, por sua vez, faz da análise discursiva uma análise não limitada pelas divisões internas da Linguística, nem depende de uma ou de outra de suas correntes (Brunelli; Dall’Aglio-Hattnher, 2009, p. 180, **grifos nossos**).

O fato de que a ordem da língua e a ordem do discurso não se confundem, com base em Maingueneau (1989), expressam as autoras a necessidade de bases teóricas linguísticas adequadas aos propósitos elaborados pelo analista. Apesar de apoiarmo-nos em classificações da GDF para a análise linguística, continuamos considerando que o sujeito sempre enuncia a partir de um posicionamento, ou seja, segundo regras anônimas que definem as condições de exercício da função enunciativa.

Não se confundem os pressupostos teóricos da AD e da GDF. Para a AD, a ordem do discurso é distinta da ordem da língua: são instâncias do funcionamento da linguagem e o indivíduo por essas é interpelado por meio da ideologia a ser sujeito, portanto, clivado entre o consciente e o inconsciente; age no mundo a partir de seus propósitos comunicativos, regrados por condições históricas e sociais. Para a GDF, a ordem privilegiada é a ordem da língua, que mantém em sua substância um componente gramatical, dotado de um Nível Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Para essa abordagem, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), o sujeito é entendido nos termos de um falante que, mais ou menos consciente, age no mundo a partir de seus propósitos comunicativos.

Para a GDF, o enunciador é entendido nos termos de Falante (*speaker*), cujos objetivos comunicacionais são responsáveis pelos processos de formulação e de codificação da materialidade linguística. De um outro ponto de vista, o qual assumimos na escrita desta dissertação, para a AD o enunciador é entendido nos termos de sujeito, isto é, atravessado pelas condições de produção do agir e do dizer e, portanto, é ator social, produto de condições históricas e sociais. Tendo em vista que a filiação de nosso trabalho é no campo da AD, para análise da ordem do discurso, e que nos utilizamos da GDF para uma compreensão de expedientes da ordem da língua que podem trazer luz à ordem do discurso, ao referirmo-nos a enunciadores fora deste capítulo (2 - Pressupostos Teóricos), utilizamos o termo sujeito

enunciador. Exclusivamente, no capítulo 2, quando apresentamos a base teórica da GDF, utilizamos o termo Falante em respeito aos pressupostos epistemológicos dessa abordagem, como expomos a seguir.

2.6 A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Em uma organização *top-down*, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) é o Componente Gramatical que faz parte de uma teoria mais abrangente da interação verbal. O Componente Gramatical decorre de um processo de (i) formulação das propriedades pragmáticas e semânticas que resultam em um processo de (ii) codificação morfossintática e fonológica, compondo as partes da estrutura subjacente do Componente Gramatical. Dessa maneira, a GDF coloca-se como parte da teoria do funcionamento da interação verbal, ao relacionar o Componente Gramatical aos Componentes Conceitual, de Saída e Contextual.

A organização *top-down* é motivada pela defesa de que um modelo de gramática será tanto mais eficiente quanto elegante quando sua organização se assemelhar ao processamento de linguagem do indivíduo. Estudos psicolinguísticos, como os de Levelt (1989), observam Hengeveld e Mackenzie (2008), mostram que a produção da linguagem é um processo de cima para baixo, que começa com objetivos e termina com a articulação da expressão linguística. Assim, por organização *top-down*, Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram que a análise linguística parte do processamento linguístico, a começar pela intenção do falante, seguido de duas operações principais distinguidas na construção de enunciados: Formulação e Codificação. A Formulação diz respeito às regras que determinam o que constitui uma base pragmática e semântica válida de representações em uma linguagem, para, em seguida, trabalhar com os processos de codificação. A Codificação, por sua vez, diz respeito às regras que convertem essas representações pragmáticas e semânticas em morfossintáticas e fonológicas. Resulta desses processos de Formulação e de Codificação o Componente Gramatical.

Neste trabalho, restringimo-nos ao âmbito da Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional) pois, de acordo com Hengeveld e Hattner (2015), a evidencialidade e a modalidade residem nesses respectivos níveis.

2.6.1 A modalidade e a evidencialidade na Gramática Discursivo-Funcional

Para Keizer (2015), na GDF, no Nível Interpessoal, o comportamento comunicativo é formulado em relação à interação entre falante e ouvinte; de ordem pragmática, o conteúdo

comunicado pelo falante é expresso por meio de evocações. Por sua vez, no Nível Representacional, estão em jogo os aspectos semânticos das unidades linguísticas; de ordem semântica, o falante designa papéis às evocações feitas no Nível Interpessoal.

Para essa teoria, Hengeveld e Hattnher (2015) asseguram que a modalidade atua no Nível Representacional, isto é, relativo à atribuição semântica a predicados. Já a evidencialidade pode atuar no Nível Interpessoal ou no Nível Representacional. Para esta pesquisa, adotamos as postulações das modalidades segundo a descrição estabelecida por Hengeveld (2004) e, no que diz respeito à evidencialidade, antes concebida como um subtipo de modalidade por Hengeveld (2004), adotamos as postulações desse conceito conforme a atualização proposta por Hengeveld e Hattnher (2015) e por Hengeveld e Fisher (2018) como uma categoria distinta, com subtipos de evidências e escopos próprios.

2.6.1.1 A modalidade

A modalidade diz respeito à maneira como o falante exprime uma atitude, crença ou expectativa acerca de um enunciado dito. Esse modo de expressão, propõe Hengeveld (2004), realiza-se em formato de avaliações (um desejo, uma obrigatoriedade, uma habilidade ou uma possibilidade), entendidas como domínios semânticos de avaliação. Essas avaliações constituem uma dimensão dos parâmetros semânticos, quais sejam o domínio semântico de avaliação e o alvo da avaliação, que alicerçam uma classificação dos subtipos modais. Esse último é referente à orientação feita pelo falante. Para Hengeveld (2004), essa distinção incide sobre a orientação que determinado falante faz a respeito do alvo da modalidade: o alvo da avaliação corresponde à parte do enunciado afetada pela atitude modalizada pelo falante

A seguir apresentamos o que propõe Hengeveld (2004) sobre o alvo da avaliação:

- a) Modalidade orientada para o falante: afeta a parte relacional do enunciado expresso por um predicado. Diz respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial daquele evento.
- b) Modalidade orientada para o evento: afeta a descrição de um evento contida no enunciado, isto é, a parte descritiva de um enunciado. Diz respeito à avaliação objetiva do estatuto de realidade do evento.
- c) Modalidade orientada para a proposição: afeta o conteúdo proposicional de um enunciado, isto é, a parte do enunciado que representa a visão e a crença do falante. Diz

respeito à especificação do grau de comprometimento do falante com relação à proposição que ele apresenta (Hengeveld, 2004, p.1192-1193).

Em termos práticos, a tríade orientação para o falante, orientação para o evento e orientação para a proposição especifica os distintos significados que podem ser assumidos por um mesmo domínio modal. A exemplo, “deve-se chegar cedo amanhã” e “você deve chegar cedo amanhã”, em que, no primeiro exemplo, orientado para o evento, há uma difusão do alvo da obrigação, se comparamos com o segundo exemplo, orientado para o participante. Como efeito de sentido, a orientação para o evento atenua a atitude autoritária do falante.

De acordo com o autor, as modalidades podem assumir quatro domínios semânticos: o facultativo, o deôntico, o volitivo e o epistêmico. Em relação ao domínio semântico de avaliação, a classificação dos subtipos de modalidade segundo Hengeveld (2004, p.1193) são 1. modalidade facultativa, relacionada a habilidades e a capacidades intrínsecas ou adquiridas (John é capaz de nadar), 2. modalidade deôntica, relacionada ao que é legal, social e moralmente permissível (John tem de nadar), 3. modalidade volitiva, relacionada ao que é desejável (John preferiria não nadar), 4. modalidade epistêmica, relacionada ao que é sabido em relação ao mundo real (John deve estar nadando)

Esses domínios semânticos se relacionam a atitudes e a avaliações expressadas, supostas, desejadas, afirmadas, negadas e pretendidas pelo falante. Em suma, expressam a subjetividade do falante acerca de eventos e proposições.

A combinação dos alvos de avaliação com os domínios de avaliação resulta em combinações possíveis de tipos de modalidade, como observamos a seguir.

Figura 5 - Tipos de modalidades.

Target Participant Event Proposition			
Domain			
Facultative	+	+	—
Deontic	+	+	—
Volitive	+	+	+
Epistemic	—	+	+

Fonte: retirado de Hengeveld, 2004, p. 1193.

A modalidade orientada para o participante pode ter como domínio semântico de avaliação os subtipos facultativo, deôntico e volitivo, sendo vetada a modalidade epistêmica.

Por sua vez, a modalidade orientada para o evento pode ter como domínio semântico de avaliação todos os quatro subtipos modais, facultativo, deôntico, volitivo e epistêmico. Por seu turno, a modalidade orientada para a proposição pode ter como domínio semântico de avaliação os subtipos volitivo e epistêmico, sendo vetada a modalidade facultativa e a deôntica.

A respeito da modalidade facultativa orientada para o participante, essa diz respeito à capacidade de um participante se envolver em um tipo de evento designado pelo predicado, como podemos observar no exemplo abaixo.

- (1) I am not **able to** work (Hengeveld, 2004, p. 1194).
Eu não sou **capaz de** trabalhar (tradução nossa).

Por conseguinte, as modalidades deônticas orientadas para o participante descrevem o fato de um participante estar sob a obrigação ou ter permissão para se envolver no tipo de evento designado pelo predicado, como podemos observar a seguir.

- (2) I **must** eat (Hengeveld, 2004, p. 1194).
Devo comer (tradução nossa).

Sucessivamente, a modalidade volitiva orientada para o participante descreve o desejo do participante de se envolver no tipo de evento designado pelo predicado, como podemos observar abaixo.

- (3) We **want** to leave (Hengeveld, 2004, p. 1194).
Nós **queremos** sair (tradução nossa).

Por seu turno, as modalidades orientadas para o evento ocupam posição entre modalidades orientadas para o participante e as modalidades orientadas para a proposição. São como modalidades orientadas para o participante na medida em que fazem parte do conteúdo descritivo da sentença. Por outro lado, também são como modalidades orientadas para a proposição, na medida em que a fonte da modalização não é um participante no evento explicitado no enunciado. Especificamente, as modalidades orientadas a eventos descrevem a existência de possibilidades, obrigações gerais, no entanto, sem que o falante assuma a responsabilidade por esses julgamentos (Hengeveld, 2004).

Nesse sentido, a modalidade facultativa orientada a eventos caracteriza os eventos em termos de condições físicas ou circunstanciais facilitadoras de sua ocorrência (Bybee et al, 1994; Olbertz, 1998 apud Hengeveld, 2004, p. 1195), como observamos a seguir.

(4) **I couldn't** finish reading the book because it got too dark (Hengeveld, 2004, p. 1195).

Não consegui terminar de ler o livro porque ficou muito escuro (tradução nossa).

Seguidamente, a modalidade deôntica orientada a eventos caracteriza os eventos em termos do que é obrigatório ou permitido dentro de algum sistema de convenções morais ou legais. Em contraste com o deôntico orientado para o participante, as obrigações expressas por meio da modalidade deôntica orientada a eventos não depende de um participante específico, mas representa regras gerais de conduta. Esse sentido de aplicabilidade geral pode ser identificado tanto em expressões impessoais (“não se deve”) quanto em expressões pessoais (“deveríamos”), como observamos em (5).

(5) **We ought** to have a right to intervene (Hengeveld, 2004, p. 1195).

Deveríamos ter o direito de intervir (tradução nossa).

Por seu turno, a modalidade volitiva orientada a eventos caracteriza os eventos em termos do que é geralmente desejável ou indesejável, como apresentamos em (6).

(6) It would be bad **if I broke it** (Hengeveld, 2004, p. 1195).

Seria ruim **se eu quebrasse isso** (tradução nossa).

Por sua parte, a modalidade epistêmica orientada a eventos, chamada de epistêmica objetiva, caracteriza os eventos em termos da (im)possibilidade ou (in)certeza de sua ocorrência tendo em vista o que é conhecido sobre o mundo. Embora muitas nuances de significado possam ser definidas dentro desse domínio, a codificação gramatical desse tipo de modalidade é geralmente restrita a uma oposição *realis* versus *irrealis* (ou potenciais), como apresentamos no exemplo a seguir:

(7) **It may** rain (Hengeveld, 2004, p. 1195).

Pode chover (tradução nossa).

Por fim, as modalidades orientadas para as proposições especificam a atitude subjetiva do falante em relação à proposição que é apresentada. A esse respeito, o falante pode expressar vários graus de comprometimento com a proposta (Hengeveld, 2004, p. 1196).

Assim, no que diz respeito à modalidade epistêmica, quando orientada para a proposição, é chamada de epistêmica subjetiva e está relacionada a um ponto de vista subjetivo do enunciador sobre o conteúdo proposicional. Por meio desse tipo de modalidade, é possível a verificação do comprometimento ou descomprometimento do enunciador com relação ao conteúdo proposicional, como observamos a seguir:

(8) We'll **probably** die for lack of water (Hengeveld, 2004, p. 1196).

Provavelmente, vamos morrer por falta de água (tradução nossa).

Exposta a apresentação sobre a noção de modalidade e sobre seus alvos de avaliação e domínios semânticos, na sequência, explicitamos o conceito de evidencialidade e seus subtipos evidenciais.

2.6.1.2 A evidencialidade

A evidencialidade diz respeito à maneira como uma determinada proposição é obtida por um falante. Atualizando a própria proposta, Hengeveld (2011) concebe não mais a evidencialidade como um subtipo das modalidades, mas com uma categoria gramatical distinta, com cinco subtipos com respectivos escopos semânticos-pragmáticos, quais sejam: reportatividade, inferência, dedução e percepção de evento. Ainda, um outro subtipo é adicionado a esse grupo, como consta no trabalho de Hengeveld e Fisher: o evidencial citativo.

A evidencialidade citativa diz respeito à citação direta da fala de um outro que não o falante. De acordo com Hengeveld e Fisher (2018), esse subtipo, assim, engloba os casos em que há uma evocação da fala total da fonte, por isso direta. Esse reporte opera na camada do Ato Discursivo, no Nível Interpessoal da GDF. Não há adaptações dos elementos dêiticos do enunciado, assemelhando-se uma reprodução exata da fala da fonte, como podemos observar no exemplo seguinte.

(9) **Segundo** Zé Celso, Silvio dizia: "Deixa de ser artista, deixa de ser sonhador." (FSP – Colunas) (nove, 2021, p. 49).

A respeito do segundo subtipo, de acordo com Hengeveld e Hattnher (2015), a evidencialidade reportativa indica que a fonte da informação obtida pelo falante é proveniente de um outro falante. Esse reporte opera na camada do Conteúdo Comunicado, no Nível Interpessoal: o conteúdo da informação do Ato Discursivo é, então, transmitido pelo falante, ele não é o produtor da informação e parafraseia ou resume a informação, como podemos observar no exemplo seguinte.

(10) Estudos feitos **dizem** que o produto não é cancerígeno (Hattnher, 2018, p. 101).

Por sua vez, operando no Nível Representacional, o subtipo evidencial de inferência indica que a informação é produzida pelo falante com base em uma inferência feita acerca do conhecimento prévio do falante, isto é, “marca um raciocínio assentado puramente no conhecimento do falante ou em evidências de natureza linguística” (Silva, 2021). Na modalidade epistêmica, o conhecimento já está armazenado como certo ou incerto pelas representações do falante. Na inferência, o conhecimento sobre uma informação é resultado de um processo amparado em um cálculo mental.

(11) Em princípio, **parece** que a definição de renda se apresenta bastante clara e precisa (Hattnher, 2018, p. 101).

Por seu turno, a evidencialidade dedutiva, terceiro subtipo, “marca um raciocínio embasado por evidências perceptuais” (Silva, 2021), ou seja, a conclusão a que chega o falante é elaborada com base no envolvimento de pelo menos dois Estados de Coisas relacionados: o percebido e o deduzido.

(12) Estive olhando as fotos da Camila e **percebi** que ela varia os filtros de acordo com a cor da foto (Hattnher, 2018, p. 102).

Por fim, a evidencialidade de percepção de evento indica que a informação é proveniente de uma percepção direta do falante sobre o Estados de Coisas, isto é, ele necessariamente precisa ter presenciado o evento, como observamos a seguir.

(13) Não estava frio, mas um pouco de vento trazia a brisa do mar. **Senti** o cheiro entrar nas minhas narinas (Hattnher, 2018, p. 102).

Adiante, situamos os materiais e metodologia da pesquisa, apresentando a orientação do caráter deste estudo.

3 APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

De um ponto de vista metodológico, Maingueneau (2020a) reapresenta as noções de *unidades tópicas* e *unidades não tópicas*, já consolidadas em “Novas tendências em análise do discurso” (1997). Trata-se de modos de categorizações direcionadas às unidades com que trabalham os analistas do discurso.

Em “Gênese dos Discursos” (2008a), o autor apresenta uma tríade conceitual (universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo) para operacionalizar o que o autor concebe como interdiscurso, isto é, a rede de relações permitidas e possíveis pela heterogeneidade constitutiva da linguagem, inextricavelmente imbricada pela interação entre o Mesmo do discurso e seu Outro.

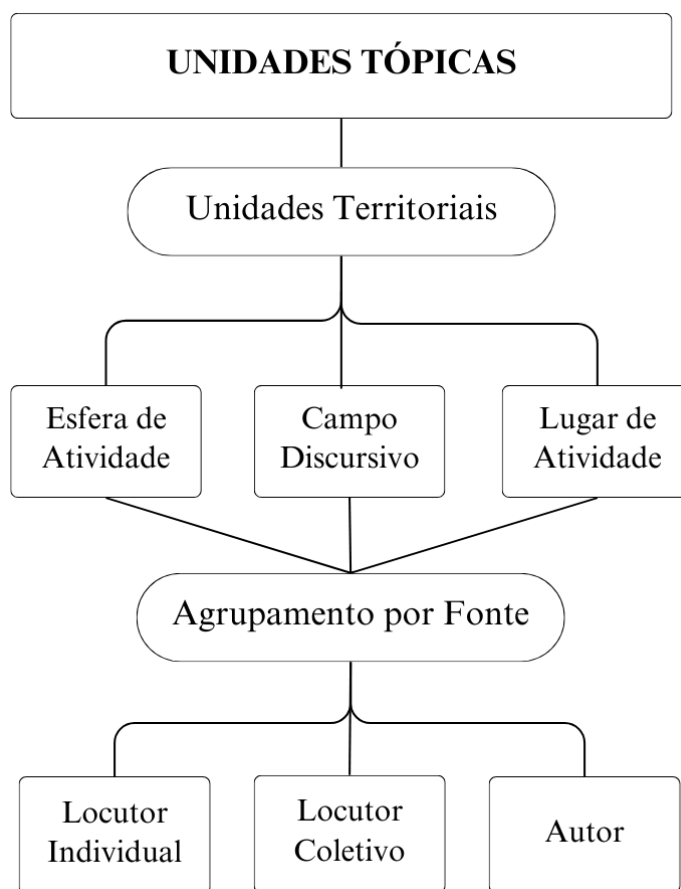
Por universo discursivo, Maingueneau (2008a, posição 570) entende o conjunto finito de posicionamentos que interagem em uma conjuntura dada, o que torna a análise desse conjunto de pouca utilidade para o analista, mas serve à delimitação de um horizonte de “domínios suscetíveis de ser estudados, os ‘campos discursivos’”. Por campo discursivo, o autor entende o conjunto de posicionamentos de mesma função social que interagem em concorrência ou convivência (confronto, aliança, entre outros) em uma região situada no universo discursivo, divergindo no modo como ocupam o espaço discursivo dentro do campo discursivo. No interior dos campos, Maingueneau entende que se podem recortar os espaços discursivos, subconjuntos de discursos a serem postos em relação pelo analista, a fim de compreendê-los adequadamente, uma vez que as suas relações são de natureza constitutiva.

A respeito desses níveis de categorização, o autor focaliza sua reflexão sobre dois tipos de unidades de análise que se apresentam distintas: as do primeiro tipo, *unidades tópicas*, e as unidades do segundo tipo, *unidades não tópicas*. As unidades tópicas, entende o autor, são aquelas “de alguma forma dadas, pré-recortadas pelas práticas sociais”, “se situam no prolongamento das categorizações dos atores sociais”, articuladas “em torno da categoria de gênero de discurso, entendido como instituição de fala”. Como exemplo, Maingueneau (2020a, p. 65) cita o jornal televisivo, a consulta médica; de nossa contribuição, podemos citar os pronunciamentos oficiais de chefes de Estado ou os debates eleitorais. Já as unidades não tópicas, aquelas “construídas pelos pesquisadores” (p. 65), são entendidas nos termos de uma “formação discursiva”, como propõe Maingueneau (2020a). Não se trata de formação discursiva nos termos da noção concebidas distintamente por Pêcheux (1990) ou por Foucault (1969). Para Maingueneau (2020a), formação discursiva é entendida, em termos metodológicos, como a organização e eleição de materiais relativos a um conjunto de textos,

segundo tipos de discursos e de gêneros discursivos que compõem um *corpus* ou *corpora* elaborados pelo analista do discurso, conforme seus objetivos de pesquisa. Explicitada essa diferença entre as unidades, concebemos que, nesta pesquisa, trabalhamos especificamente com unidades tópicas, isto é, com unidades pré-recortadas pelas práticas sociais.

A seguir, apresentamos um esquema sobre as unidades tópicas propostas por Maingueneau (2020a).

Figura 6 - Tipos de unidades tópicas.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Maingueneau (2020a).

De acordo com Maingueneau (2020a), no âmbito das unidades tópicas, distinguem-se, relativos aos tipos de discursos, três conjuntos frequentemente pesquisados por analistas do discurso, como assevera a seguir o autor.

Pode-se fazer um gênero de discurso entrar em três modos de agrupamento, segundo o ponto de vista que se privilegie: a esfera de atividade, o campo discursivo e o lugar de atividade. Os gêneros políticos, por exemplo, podem ser tratados segundo os objetivos da pesquisa:

- (i) como gêneros da esfera de atividade política;

- (ii) como decorrendo de um posicionamento, pelo qual se raciocina em termos de “esquerda”, de “direita”, de “centro”;
- (iii) como gêneros produzidos no interior de diversos lugares de atividade política (a sede de um partido, um congresso, a Câmara dos Deputados...) (Maingueneau, 2020a, p. 67).

No âmbito das unidades tópicas, nosso *corpus* é construído a partir de tipos de discursos decorrentes da esfera de atividade política, especificamente, segundo um agrupamento por fonte: interessa a “relação entre a identidade dessa fonte e as propriedades dos textos que ela [a fonte] produz” (Maingueneau, 2020a, p. 74). Conforme as categorias propostas por Maingueneau (2020a) sobre os tipos de unidades tópicas, ainda precisamos ser uma fonte do tipo *locutor individual*, cujo domínio de atividade a que são condicionados os textos elegidos é proveniente do campo político, especificamente da esfera de atividade do poder executivo brasileiro, na figura de Bolsonaro, à época, Presidente da República.

3.1 COLETA DE MATERIAIS E RECORTES

Para constituição de um *corpus*, de acordo com Maingueneau (2020a, p. 39-40) é necessário que o analista do discurso reúna materiais que esse julga necessário para responder algum questionamento explícito, em função de restrições exigidas pelos métodos aos quais esse recorre, distanciando-se de modelos de leitura empática. Para o autor “[...] Um corpus pode ser constituído por um conjunto mais ou menos vasto de textos ou de trechos de textos, até mesmo por um único texto” (Maingueneau, 2020a, p. 39). Com o crescimento de recursos de registro de textos, de imagens e de sons, as materialidades e as diversidades de *corpora*, dessa forma, conjuntamente tornaram-se plurais, como afirma o autor a seguir, exemplificando essa afirmação ao citar os pronunciamentos políticos.

[...] Hoje, um pronunciamento político pode se manifestar ao mesmo tempo por uma forma impressa, por um enunciado em um site da Web, por uma gravação em áudio veiculada por uma rádio, por um vídeo em um site de compartilhamento, por um DVD... Sem falar das versões em número indeterminado que foram realizadas por câmeras ou gravadores desse ou daquele espectador ou ouvinte (Maingueneau, 2020a, p. 39).

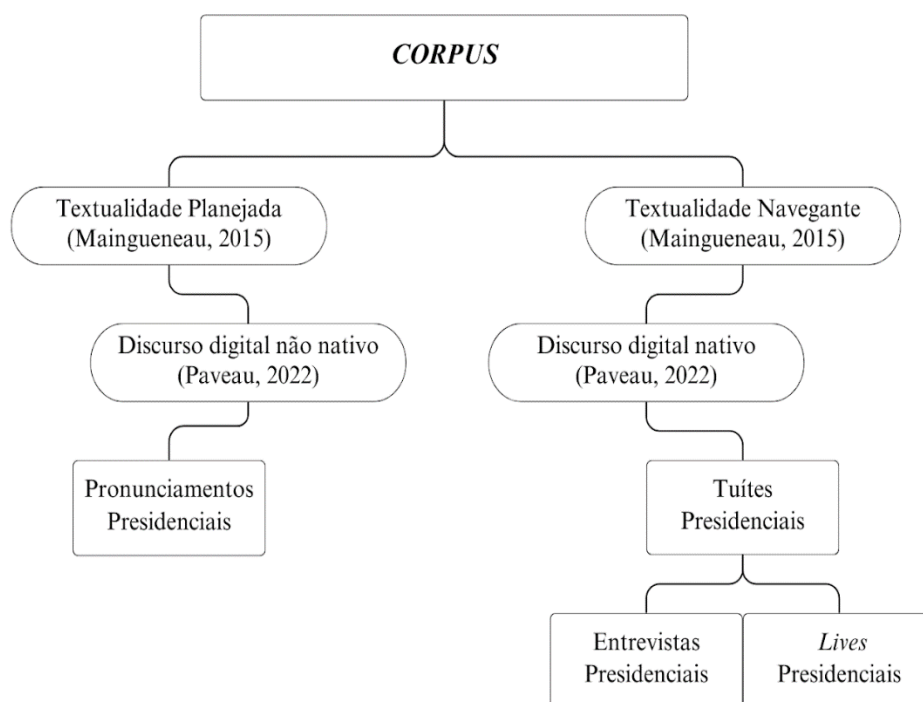
Assim, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, o *corpus* é composto por falas públicas, entendidas como fatos sociais e objetos privilegiados das relações sociais e das lutas de poder, ditas entre pronunciamentos oficiais e *posts* na rede social digital *Twitter*, feitas entre março de 2020 e junho de 2021 por Bolsonaro.

Os materiais que compõem o *corpus* da dissertação, então, correspondem a:

- 10 pronunciamentos oficiais, entre março de 2020 a dezembro de 2021, transmitidos em cadeia nacional de rádio e televisão e disponibilizados no site *Biblioteca da Presidência da República*.
- 3.183 publicações do *Twitter* feitas pelo usuário *@jairbolsonaro* entre março de 2020 e junho de 2021.
- 7 entrevistas e 7 *lives* concedidas compartilhados pelo usuário *@jairbolsonaro* em seus tuítes entre março de 2020 e junho de 2021.

Esses materiais são enquadrados nesta pesquisa como unidades tópicas territoriais relativas à esfera de atividade do poder executivo, cujo agrupamento é dado pela fonte do tipo locutor individual, isto é, referente ao gestor em última instância do poder executivo da república federativa do Brasil: o presidente da república. Ambos, pronunciamentos e tuítes, pertencem ao tipo de discurso político, mais precisamente, do tipo discurso político presidencial, distinto, por exemplo, do discurso político-eleitoral. Essas unidades tópicas são, não obstante, distintas em relação aos tipos de textualidades possibilitadas pelos gêneros do discurso, como exemplificamos no infográfico a seguir.

Figura 7 - Tipos de textualidades que compõem o *corpus*.



Fonte: elaborado pelo autor.

A distinção entre o tipo textualidade planejada (pronunciamento) e o tipo textualidade navegante (tuíte) é em razão da integralidade do *ethos* de Bolsonaro, isto é, com vistas a uma compreensão aprofundada do funcionamento do discurso do sujeito enunciator durante o referido recorte temporal da pandemia de COVID-19.

Os pronunciamentos, diferentemente dos tuítes, foram planejados para sua veiculação primária em cadeia de rádio e de televisão, mas, como afirmado por Maingueneau (2020a) “um pronunciamento político pode se manifestar ao mesmo tempo por uma forma impressa, por um enunciado em um site da *web*, por uma gravação em áudio veiculada por uma rádio, por um vídeo em um site de compartilhamento (p. 39). Assim sendo, mesmo os pronunciamentos, pensados para ambientes *off-line*, são transpostos para os ambientes *on-line*, como é o caso de como coletamos os pronunciamentos. Efetivamente, essa transposição para um ambiente digital, nos termos de Paveau (2022), não altera sua natureza pré-digital: ainda se trata de um discurso digital não nativo presente em um ambiente digital. Diversamente, a natureza dos tuítes é de discurso digital nativo presente em ambiente digital.

A justificativa para eleição de textualidades de distintas naturezas, mas com semelhança em relação a estar presente em ambientes digitais, é em razão do contexto pandêmico. Com a oficialização da pandemia de COVID-19 e as consequentes quarentenas e, posteriormente, isolamentos físicos, *lockdowns* e flexibilizações desses, os ambientes digitais, como é sabido, assumem centralidade nas relações sociais, em seu termo abrangente: tanto das relações sociais impossibilitadas pelo isolamento físico, quanto das relações sociais digitais mais fortemente intensificadas.

Nos itens seguintes, explicitamos a metodologia da coleta e do recorte dos materiais e, então, por fim, explicitamos a metodologia de análise.

3.1.1 Pronunciamentos

Compõem parte do *corpus* 10 pronunciamentos feitos por Bolsonaro entre março de 2020 e dezembro de 2021. Abaixo, discriminamos os códigos dos pronunciamentos, tal como aparecem nas referências dos exemplos, e as datas em que cada um foi veiculado.

Quadro 1 - Pronunciamentos oficiais de março de 2020 a dezembro de 2021.

Código	Data
Pronunciamento (P1)	6 de março de 2020
Pronunciamento (P2)	12 de março de 2020
Pronunciamento (P3)	24 de março de 2020
Pronunciamento (P4)	31 de março de 2020
Pronunciamento (P5)	8 de abril de 2020
Pronunciamento (P6)	16 de abril de 2020
Pronunciamento (P7)	5 de fevereiro de 2021
Pronunciamento (P8)	23 de março de 2021
Pronunciamento (P9)	2 de junho de 2021
Pronunciamento (P10)	31 de dezembro de 2021

Fonte: elaborado pelo autor.

Os materiais que compõem os pronunciamentos foram disponibilizados em formato de texto pelo *site Biblioteca Presidência da República* <<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br>>, do Governo Federal. Apenas um pronunciamento oficial do recorte referido não abordou a questão da pandemia e, portanto, ficou de fora da análise.¹⁵ Abaixo segue uma figura com a lista dos pronunciamentos oficiais feitos por Bolsonaro durante seu mandato de 2018 a 2022, assim como consta no *site Biblioteca Presidência da República*.

¹⁵ Esse pronunciamento volta-se exclusivamente apenas à comemoração do feriado nacional de 7 de setembro.

Ao clicarmos nos pronunciamentos, seu texto pode ser conferido na íntegra, como apresentamos a seguir.

Figura 9 - Pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro de 6 de março de 2020.

Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão, 6 de março de 2020

Postar

Curtir 0

Boa noite.

O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses, surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes.

O Brasil reforçou seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. Desde então, transmitimos informações diárias, transparentes a todos os estados e municípios para que cada um organize, da melhor forma, o atendimento à população.

O Governo Federal vem prestando orientações técnicas a todos os estados, por intermédio do Ministério da Saúde.

Os demais ministérios uniram esforços e, juntos aos demais poderes, seguirão garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade.

Determinel ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios.

Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhemos unidos e superemos juntos essa situação. O momento é de união.

Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção.

Que Deus nos proteja e abençoe o nosso Brasil.

registrado em:

Pronunciamento

2020

Pandemia

Fonte: elaborado pelo autor.

No item a seguir, apresentamos a metodologia para coleta dos tuítes e o recorte temporal utilizado.

3.1.2 Tuítes

A coleta do gênero discursivo tuíte se baseou nas publicações feitas pela conta *@jairbolsonaro* durante o período de cerca de um ano e meio de pandemia de COVID-19,

especificamente de março de 2020 a junho de 2021, publicações feitas na rede social digital *Twitter*, totalizando o montante de 3.183 amostras de tuítes.

As amostras de tuítes são fruto do LABCOM (Laboratório de Convergência de Mídias),¹⁶ vinculado ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. Os tuítes do perfil *@jairbolsonaro* foram coletados do *Twitter* pelo LABCOM por meio da ferramenta *LTWEET* e foram disponibilizados ao público para uso por meio de *datasets* (grandes conjuntos de dados armazenados e ordenados) no formato de planilhas.

Os *datasets* com os tuítes de Bolsonaro informam a data de criação do tuíte, o horário, o *username* (*@jairbolsonaro*), o nome da conta (Jair Bolsonaro), o conteúdo do tuíte (texto escrito, *links*, emojis, imagens contidas no tuíte, *link* para o tuíte original), entre outras informações mais específicas como número de curtidas, retuítes e comentários de outros usuários (dados que variam de acordo com o momento de acesso), como podemos observar na página a seguir.

¹⁶ O LABCOM desenvolve projetos orientados à pesquisa de Ciências Humanas e Sociais, em especial, ao campo da Comunicação, de forma a fornecer, a essas ciências, bases de dados, amostras, além de produzir pesquisas que flutuam entre a Comunicação e a Tecnologias emergentes, como Realidade Aumentada, Realidade Virtual, Internet das Coisas (IoT), Big Data e Inteligência Artificial. Os dados extraídos pelo LABCOM sobre a COVID-19 estão disponíveis em: <https://www.labcomdata.com.br/datasets-beta>. Acesso em 03/04/2024.

Figura 10 - Dataset de tuítes de @jairbolsonaro extraídos pelo LABCOM.

E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q
time	timezone	user_id	username	name	place	body	language	mentions	urls	photos	replies_count	retweets_count
20:55:52	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		https://t.co/yasmlNlKc9	und				1658	5987
17:52:13	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- BRASIL ACIMA DE TUDO! DEUS ACIMA DE TODOS! 🇧🇷	pt			https://p	6246	14695
15:33:22	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Maior passeio motociclístico do Brasil. - Obrigado São Paul	pt				4913	11262
06:55:14	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Entrega de residências em São Mateus/ES. - Logo mais, às	pt				1073	3578
19:37:40	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Aeroporto de Vitória/ES. - Obrigado Espírito Santo. https://	pt				2891	7579
19:01:12	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Eu sei. https://t.co/LaHnTTJpdS	pt			https://p	7372	10055
16:03:36	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		https://t.co/9vB51MDSSq	und				1112	2353
15:33:32	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- São Mateus / ES: https://t.co/xkdeD5RZWz	pt				522	2355
14:26:47	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Chegada em Vitória / ES (11/06/2021) - Em direção à São	pt				2002	5202
12:29:45	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- São 15 destinos no AM. Além dos 4 municípios que já rece	pt	[{"screen_		https://p	150	1150
12:27:53	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Amazonas: reativadas 3 linhas aéreas em Coari, Lábrea e	pt	[{"screen_		https://p	141	1253
12:24:52	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		-O transporte de cargas pelas ferrovias teve crescimento d	pt	[{"screen_		https://p	615	3457
06:49:51	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Mais informações sobre outras muitas ações diárias que e	pt	[{"screen_			259	1249
06:49:08	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Mais sobre o combate ao tráfico de drogas em 2 momento	pt			https://p	1149	3879
19:01:21	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Live de quinta-feira (10/06/2021) - PR Jair Bolsonaro. http	pt		https://		1623	2665
09:48:08	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		@secomvc 🇧🇷	und				179	353
07:18:21	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- A distribuição será realizada a partir desta quarta-feira (9)	pt				299	1211
07:18:06	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- O @minsaude prepara o envio de mais 4,04 milhões de do	pt	[{"screen_		https://p	426	1476
07:17:25	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Mais de 105 milhões de doses distribuídas a todos os esta	pt	[{"screen_			299	1344
07:16:59	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		-Pousaram no final da noite de ontem mais 936 mil doses da	pt	[{"screen_		https://p	1339	3868
21:58:10	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Parada não programada. - Terezópolis de Goiás/GO. - 09/j	pt				974	3462
21:11:47	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- SELVA! 🇧🇷 https://t.co/CT9AGjdj5K	in			https://p	7047	28231
06:39:26	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Mais informações diariamente em nosso Telegram: "Jair M.	pt			https://p	382	1994
06:38:43	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- A Fundação Oswaldo Cruz (@fiocruz) vai receber no pró	pt	[{"screen_			270	1491
06:37:25	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- O @minsaude segue reforçando o SUS no combate ao co	pt	[{"screen_		https://p	77	752
06:35:56	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Mais 527 mil doses da vacina contra o covid da Pfizer che	pt	[{"screen_			1289	4401
21:32:58	-300	1E+08	jairbolsonaro	Jair M. Bolsonaro		- Dennis dos Países, Baikirs e Kaiarós, agora os Fawenênt	pt				819	5205

Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar da utilidade do *dataset* disponibilizado pelo LABCOM, esse modo de extração para sua utilização em pesquisas situadas em uma abordagem da Análise do Discurso Digital de dados é fortemente criticado por Paveau (2022). Situamos a crítica da autora a seguir.

A crítica da autora diz respeito ao fato de que, como é o caso do *dataset* extraído pela ferramenta LTWEET, as ferramentas de extração de dados do *Twitter* costumam destituir o discurso-fonte do ambiente digital a que pertence. Para outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, e, em especial, para a área das Ciências das Linguagens, essencialmente, para a Linguística de *Corpus*, para os Estudos do Léxico, para a Sociolinguística, para citar algumas, tal método de extração é condizente com análises de conteúdo, de lexemas e de variáveis, dados proveitosos para análises quantitativas, qualitativas, estatísticas e interpretativas.

Mesmo reconhecendo a relevância dessas ferramentas para outros campos dos estudos da Linguagem, Paveau (2022), no verbete “Tuíte”, condena as pesquisas situadas no campo da Análise do Discurso que se contentam com dados extraídos e reformatados em planilhas, abstraídos dos respectivos ambientes digitais. Ao se destituir um tuíte da rede social digital em que é produzido e veiculado, perdem-se, por exemplo, as ampliações enunciativas possibilitadas pelos comentários, pelas redes de interação entre usuários-leitores; perdem-se, por sua vez, a depender da ferramenta de extração de dados, os *hiperlinks* e as tecnopalavras, formas de acesso a outros ecossistemas digitais a que esses recursos tecnolinguageiros direcionam.

Não é por essa via carregada de críticas feitas pela autora que esta dissertação toma rumo. Sua crítica, entendemos assim, não reside nos modos de extração, mas sim recai sobre seus usos, a depender do trato dedicado à análise discursiva por parte de analistas do discurso. Tendo isso em mente, nossa opção foi a de usufruir do *dataset* disponibilizado pelo LABCOM apenas no que diz respeito à recolha e organização dos dados, provenientes das publicações de Bolsonaro no *Twitter*. Como já dito, a reformatação dos tuítes em uma planilha preserva, em uma das colunas, o endereço eletrônico para o tuíte original, como podemos observar na página seguinte, destacado por um retângulo vermelho.

Figura 11 - Coluna com links para acesso na íntegra dos tuítes no Twitter.

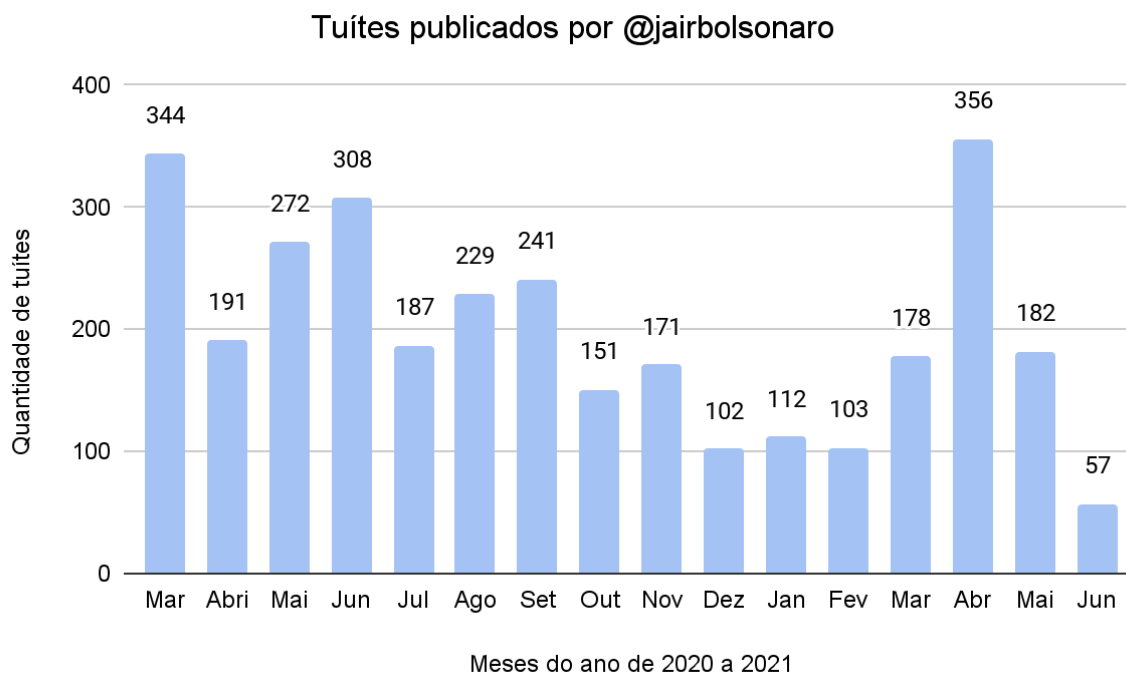
L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
language	mentions	urls	photos	replies_count	retweets_count	likes_count	hashtags	cashtags	link
und				1658	5987	30368			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403863654303473668
pt			[https://p	6246	14695	77921			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403817438437949440
pt				4913	11262	52515			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403782495691214855
pt				1073	3578	19702			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403652101625028608
pt				2891	7579	40166			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403481587023482880
pt			[https://p	7372	10055	61093			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403472410209312769
und				1112	2353	14351			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403427716154769409
pt				522	2355	14006			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403420150569766922
pt				2002	5202	26659			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403403350209609737
pt	[screen_		[https://p	150	1150	6620			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403373899174363145
pt	[screen_		[https://p	141	1253	6902			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403373427105353735
pt	[screen_		[https://p	615	3457	17961			https://twitter.com/airbolsonaro/status/140337266878730787
pt	[screen_			259	1249	8643			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403288357858390018
pt			[https://p	1149	3879	21272			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403288178539237376
pt			[https://	1623	2665	14021			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1403110061128536070
und				179	353	5813			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402970334354157568
pt				299	1211	7917			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402933145960321025
pt	[screen_		[https://p	426	1476	8499			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402933080474652674
pt	[screen_			299	1344	7950			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402932907707187206
pt	[screen_		[https://p	1339	3868	20888			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402932801587056643
pt				974	3462	18699			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402791667397181440
in			[https://p	7047	28231	140314			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402780494891192321
pt			[https://p	382	1994	9963			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402560962255859716
pt	[screen_			270	1491	9225			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402560781108058071
pt	[screen_		[https://p	77	752	3006			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402560453780328449
pt	[screen_			1289	4401	22412			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402560081468796928
nt				819	5205	24298			https://twitter.com/airbolsonaro/status/1402432441567341607

Fonte: elaborado pelo autor.

Com isso, podemos utilizar o *dataset* para constituir parte do *corpus*, localizando os tuítes, já que estão ordenados por data e por hora. A partir dos *links* dos *datasets*, adentramos os tuítes originais, imersos no ambiente digital que os tornam possíveis, o *Twitter*. É, portanto, inserido na rede social digital que a análise discursiva procedeu.

Na página seguinte, apresentamos a quantidade de tuítes que compõem o *corpus*.

Figura 12 - Tuítes publicados por perfil @jarbolsonaro (mar/2020 a jun/2021).



Fonte: elaborado pelo autor.

Respectivamente, 344 tweets em março de 2020, 191 em abril, 272 em maio, 308 em junho, 187 em julho, 229 em agosto, 214 em setembro, 151 em outubro, 171 em novembro, 102 em dezembro, 112 em janeiro, 103 em fevereiro, 178 em março, 356 em abril, 182 em maio e 57 em junho de 2021. Categoricamente, toda publicação, compartilhamento, comentário nas redes sociais digitais são igualmente formas de ação no mundo digital e no mundo não digital. Com isso em mente, o estabelecimento de parâmetros metodológicos é útil para a interpretação desses modos de ação digital. No item a seguir, esses parâmetros são apresentados.

3.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

No que diz respeito à metodologia, o interesse pelo *ethos* se justifica pelo fato dessa noção estar diretamente relacionada à eficácia de um discurso, isto é, à sua capacidade de suscitar a adesão dos sujeitos aos quais se dirige e aos estereótipos que a enunciação contribui para reforçar e/ou transformar, em nosso caso, sobre o combate à pandemia de COVID-19.

Para isso, baseamo-nos no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, segundo no quadro epistemológico de Dominique Maingueneau (2008a; 2008b;

2020a; 2020b) sobre a heterogeneidade constitutiva dos discursos, *ethos* discursivo e cenas de enunciação.

Com base nisso, realizamos um exame do discurso de Bolsonaro, levando em consideração as condições sócio-históricas (cf. capítulo 2), aferindo o *ethos* discursivo efetivo, com base nas dimensões categorial, experiencial e a ideológica, assumidas pelo fiador do corpo enunciante.

Para isso, levamos em consideração as seguintes perguntas:

Qual(is) vocalidade(s) estão associadas ao corpo enunciante por meio do tom?

Quais os feixes psicológicos da personalidade, quais os índices da dimensão moral e ética valorizados e rejeitados atrelado ao caráter?

Como se deu a habitação no espaço social, a movimentação, a performance da corporalidade?

Dessa forma, buscamos evidenciar como o *ethos* de Bolsonaro é construído por meio da materialidade linguística e tecnodiscursiva, objetivando, por meio da incorporação, suscitar adesão em coenunciadores que assimilem esse mundo ético do ex-presidente e, a partir disso, afirmar quais os posicionamentos presentes nas falas públicas de Bolsonaro relacionadas à pandemia de COVID-19.

Desse modo, a análise do *ethos* discursivo centrou-se no exame de índices que se materializam na cena de enunciação, assim como na análise da própria cena de enunciação, recoberta por três outros entendimentos: o de cena englobante, isto é: que tipos de discurso associados a uma prática discursiva foram privilegiados? O de cena genérica: que corporificações em forma de gêneros de discurso foram utilizadas? E, por fim, o entendimento de cenografia: como deu-se a cena construída no discurso pelo próprio discurso, intentando legitimação?

Para a análise do *ethos* discursivo, portanto, baseamo-nos em regularidades dos mecanismos linguístico-discursivos de diversas ordens, tais como a evidencialidade, a modalidade, o tipo de discurso e de gênero do discurso, hipertextualidades (deslinearizações e menções) e léxico, considerando-se a imbricação dos textos às suas condições históricas de produção e circulação e a reversibilidade essencial que há entre a face social e a face textual do discurso.

a. Análise linguística: itens lexicais evidenciais e modais nos pronunciamentos e tuítes.

Levando em consideração a atenção à modalidade e à evidencialidade, realizamos uma busca lexical nos 10 pronunciamentos e nos 3.183 tuítes, privilegiando verbos de significação plena, verbos modais, advérbios e adjetivos em posição predicativa e substantivos exclusivamente. Por conseguinte, realizamos uma análise linguística dos itens lexicais modais e evidenciais encontrados, segundo a proposta de Hengeveld (2004) e Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fisher (2018), que distinguem, pertencentes ao Nível Representacional, os subtipos modais em epistêmicos orientados para o evento (objetivo) ou para a proposição (subjetivo), em deônticos orientados para o evento ou para o participante, em facultativos orientados para o evento ou para o participante, em volitivos orientados para o evento ou para o participante e, pertencente ao Nível Interpessoal, o subtipo evidencial citativo, alojado na camada do Ato Discursivo, o reportativo, na do conteúdo comunicado e, pertencente ao Nível Representacional, os subtipos evidenciais inferencial, alojado na camada do Conteúdo Proposicional, em dedutivo, na do Episódio e percepção de evento na da Propriedade Configuracional.

b. Análise do discurso digital: mobilização de gêneros do discurso

Como propõe Amossy (2022), a mobilização de gêneros do discurso, de menções a órgãos institucionais e de escolhas lexicais são modos de legitimação institucional de que um político pode se valer.

Para a análise da mobilização de gêneros do discurso, baseamo-nos nos conceitos de tecnodiscurso relatado e de deslinearização propostos por Paveau (2022), classificando-os segundo os subtipos tecnodiscurso relatado resumidor, tecnodiscurso relatado direto integral e tecnodiscurso relatado repetidor e segundo os modos de deslinearização, se por via *URL* ou se por via vídeo *URL*. Para isso, pelo método de amostragem, coletamos 7 entrevistas e 7 *lives* compartilhadas nos tuítes de Bolsonaro seguindo o recorte dos tuítes do *corpus*, de março de 2020 a junho de 2021. A quantidade coletada tem como justificativa que há apenas 7 entrevistas compartilhadas em que o sujeito enunciador é entrevistado. Dessa maneira, mantemos o número de entrevistas coletadas e de *lives*. Seguem as datas e os códigos para as entrevistas e *lives*.

Quadro 2 - Informações sobre os tuítes que contém entrevistas.

Código	Data
ENT01	23/06/2020
ENT02	16/04/2020
ENT03	08/04/2020
ENT04	02/04/2020
ENT05	16/03/2020
ENT06	08/02/2021
ENT07	28/01/2021

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 3 - Informações sobre os tuítes que contém *lives*.

Código	Data
LIVE01	12/03/2020
LIVE02	16/04/2020
LIVE03	16/04/2020
LIVE04	14/05/2020
LIVE05	11/06/2020
LIVE06	02/07/2020
LIVE07	20/08/2020

Fonte: elaborado pelo autor.

c. Análise do discurso digital: mobilização de escolhas lexicais

Para análise das escolhas lexicais nos tuítes publicados por Bolsonaro, realizamos uma análise lexical, por meio da busca de lexemas mais frequentes. Para isso, utilizamos o *software IRAMUTEQ Q (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes ET de Questionnaires)*, desenvolvido pelo pesquisador francês Pierre Ratinaud com objetivo de realizar análises textuais estatísticas de grandes *corpora*.

Conforme Camargo e Justo (2013), o *software IRAMUTEQ* é um programa informático operado pela logicidade *open source*, sob a licença *GNU GPL (v2) - General Public Licence*, isto é, gratuito, com código fonte livre e disponível na rede digital publicamente, e ancorado no ambiente estatístico do *software R* e na linguagem de programação *python* (www.python.org), também ferramentas *open source*. Seguem as palavras dos autores.

Este programa informático viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (análise de similitude e nuvem de palavras). Nas análises lexicais clássicas, o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de hapax (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (Camargo e Justo, 2013, p. 515).

Concluem os autores que as análises possibilitadas pelo *software* permitem que o contexto não seja perdido, fazendo interagir níveis quantitativos e qualitativos de ordem textual. Apesar disso, ressaltam a ressalva apontada por Chartier e Meunier (2011 *apud* Camargo e Justo, 2013) e por Lahlou (2012 *apud* Camargo e Justo, 2013) de que o *software* IRAMUTEQ não é um método e os resultados dos relatórios não são propriamente uma análise de dados, são relatórios úteis quando acompanhados de um estudo sobre as significâncias das análises lexicais e das análises multivariadas e quando acompanhados de domínio sobre o estado da arte do tema da pesquisa.

Uma vez apresentado o IRAMUTEQ, explicitamos a metodologia utilizada para a análise de nossos dados utilizando-o. Primeiro realizamos um tratamento dos dados da amostra de tuítes de Bolsonaro coletados pelo LABCOM, adequando os dados às estruturas e parâmetros do *software*, como remoção de caracteres especiais “(“;@{”, por exemplo. Como os tuítes são referentes a um único enunciador e as publicações dos tuítes constituem uma linha do tempo na rede social digital, mantemos a ordem das publicações tais como quando foram publicadas. Importamos 3.186 tuítes para a área de *análise textual* do IRAMUTEQ e obtivemos os seguintes resultados quantitativos.

Ao todo, o *software* reconheceu 86.117 ocorrências de dados, dessas ocorrências, reconheceu 11.932 formas lexicais, das quais 7.258 são formas repetidas (*hapax*). Das 11.932 palavras encontradas, algumas não coincidem exatamente com lexemas presentes em bases de dados de dicionários. Nesses casos, o IRAMUTEQ informa que a ocorrência encontrada é uma forma não usual. Exemplos de formas não usuais relatadas pelo *software* foram palavras recentemente apropriadas no vocabulário, como “COVID-19” ou de segmentos textuais que não são lexemas tradicionais, mas sim instruções próprias de ambientes digitais, como a sigla “https”, que é um protocolo de transferência de hipertexto seguro. Amparados pelos pressupostos teóricos da AD apresentados no capítulo 2, optamos por manter as ocorrências de siglas de ambientes digitais. Nos casos das palavras cujas formas estão disponíveis no banco de

dados do *IRAMUTEQ*, o *software* possibilita a lematização de formas, uma adequação de formas de mesmo radical como sendo apenas um item lexical, por exemplo, “vacinam” e “vacinaram” são computadas como duas ocorrências do verbo “vacinar”. Optamos por realizar esse processo de lematização para unificar as palavras e evitar incidências de formas suplementares. Posteriormente à obtenção do resultado da quantidade de formas encontradas, transformamos primeiro os dados em uma nuvem de palavras.

Por sua vez, para certificação (se apresentam dados semelhantes) e completude (se apresentam dados distintos) das escolhas lexicais, utilizamos o *software Netlytic*, desenvolvido por Anatoliy Gruzd, professor de Gestão de Tecnologia da Informação da Ryerson University (Canadá). Conforme Paulino (2021, p. 9), o *Netlytic* “é um analisador de texto e redes sociais com suporte da comunidade que pode resumir e visualizar automaticamente conversas públicas *on-line* em sites de mídia social”. Para a análise no *Netlytic*, as planilhas com os tuítes de Bolsonaro coletados pelo LABCOM foram utilizadas e, na seção de *datasets*, procedemos à etapa de análise textual, utilizando a ferramenta *keyword & emoji extractor* (extrator de palavras-chave e emojis). Após a extração, realizamos um tratamento dos resultados obtidos: selecionamos a opção de visualização *top 100*, em que aparecem cem palavras e, por seguinte, eliminamos as ocorrências de itens lexicais preposicionais, adjetivais, pronominais, adverbiais, conjuncionais, interjetivos e artigos, restando os itens lexicais substantivos e verbos.

d. Análise do discurso digital: mobilização de menções a órgãos institucionais

Para a análise das menções aos órgãos institucionais, utilizamos novamente o *Netlytic*. As planilhas com os tuítes de Bolsonaro coletados pelo LABCOM foram utilizadas e, na seção de *datasets*, procedemos à etapa de análise textual, utilizando a ferramenta *keyword & emoji extractor* (extrator de palavras-chave e emojis). Após a extração, realizamos um tratamento dos resultados obtidos: selecionamos a opção de visualização *top 30*, em que aparecem trinta menções, identificadas por meio da posição inicial do tecnosigno @ sem segmentação com a palavra seguinte (exemplo: @*minsaude*) e, na sequência, eliminamos as ocorrências de itens lexicais em que não há @ em posição inicial seguido de lexema sem segmentação.

No capítulo a seguir, são apresentadas as principais condições de produção do discurso em foco neste trabalho. Para tanto, serão retomados estudos sobre o discurso político, evidenciando as particularidades do posicionamento político de Bolsonaro. Além disso, apresentamos um panorama pontual tangendo economia, COVID-19 e desinformação e negacionismo.

[...] a reflexão política, ao pretender descrever/reproduzir/imitar a realidade empírica, fertiliza a nossa percepção dessa realidade com proposições ou antecipações que, uma vez incorporadas à vida social, passam a constituir a própria realidade (Ferreira, Guanabara e Jorge, 2024, p. 20)

4 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL

Neste presente capítulo, apresentamos uma contextualização de ordem sócio-histórica a fim de traçar um panorama que permeia o discurso de Bolsonaro sobre a pandemia. Para refletirmos sobre as condições de produção do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia, dialogamos com estudos desenvolvidos no âmbito das Ciências Sociais, das Ciências Políticas, das Ciências Econômicas, das Ciências da Saúde, das Ciências da Comunicação e das Ciências da Linguagem sobre campo político da direita no Brasil, sobre vírus, sobre pandemia, sobre fármacos aventados como possíveis alternativas de tratamento para a COVID-19, sobre desinformação e sobre negacionismo. A empreitada de reunir distintos campos do conhecimento se colocou como um desafio, a nosso ver, inevitável, sob o risco de incorreremos em um olhar analítico pérfido.

4.1. CAMPO POLÍTICO E A DIREITA BRASILEIRA

O campo político, para Charaudeau (2006, p. 267), “é um domínio onde se movem relações de forças simbólicas para a conquista e a gestão do poder”. Nesse entendimento, o discurso político engloba a organização da vida em sociedade ao se ancorar em um pacto entre os vários grupos de uma dada sociedade. Sumariamente, o discurso político é um tipo de discurso cujos atores sociais centrais são políticos, partidos, autoridades públicas que possuem a função social de conquista, gestão e representação, principalmente quando em um sistema democrático. A teorização sobre o fazer político, então, podemos dizer, fortalece-se na premissa de que as interações entre atores e instituições políticas e os cidadãos coexistem em relação de embates polêmicos, mobilizados por diferentes pulsões de épocas, momentos e fatores determinados sócio-historicamente, conforme expõem as palavras de Ferreira, Guanabara e Jorge (2024), a seguir.

Podemos considerar a produção teórica no campo da política como a fabricação, sempre em contexto polêmico, de discursos argumentativos que pretendem evidenciar as condições reais da natureza humana e da vida em sociedade para, com base nelas,

prescrever modos de organização e exercício do poder político. Porém, não podemos esquecer que tais discursos necessariamente partem de pressupostos. Os pressupostos atuam como princípios para a construção e verificação dos discursos, não sendo, eles próprios, verificáveis, posto que não são diretamente inferidos da experiência, mas fundamentados pela argumentação filosófica. Isso faz de toda teoria política uma espécie de ficção, porém não no sentido de fantasia ou devaneio, mas de construção de mundos possíveis pelo pensamento (Ferreira, Guanabara e Jorge, 2024, p. 20).

Considerando essas construções de mundos possíveis pelo pensamento dentro do campo político, nota-se a emergência de duas tendências mais fortes, que, desde a Revolução Francesa têm sido chamadas de direita e de esquerda: os defensores do igualitarismo e da reforma social sentavam-se à esquerda do rei, enquanto os da aristocracia e do conservadorismo, à direita.

Para esta dissertação, em especial, merece atenção o campo político da direita. Sobre esse campo, Bobbio (1995), retomando Cofrancesco (1990), afirma que a direita tem como matriz ideológica a justificativa da desigualdade em razão, por exemplo, da propriedade privada, do apreço pela ordem, da tradição, da segurança nacional e do crescimento econômico. A esquerda, por outro lado, segundo o mesmo autor, tem como centro de sua matriz discursiva a noção de igualdade justificada pela ideia de emancipação em oposição à ideia de tradição valorizada pela direita.

Motta e Possenti (2008), ao analisarem a relação interdiscursiva entre o discurso da esquerda e o da direita do Brasil, ensaiam um esboço de suas respectivas semânticas globais: assim, os semas /igualdade/ e /justiça/ são fundamentais para o campo da esquerda e os semas /diferença/ e /ordem/, por sua vez, caracterizam o campo da direita. Sobre semas secundários, complementam que o papel da sociedade e do Estado são maiores para a esquerda, em detrimento do papel do Mercado, e o papel da natureza, do Mercado e do Estado (quando repressivo para cumprimento da ordem) são maiores para a direita. A seguir, explicitamos especialmente a vertente da direita a que Bolsonaro se vincula.

4.1.2 A direita de Bolsonaro

Atualmente, partidos de extrema-direita estão em ascensão no cenário mundial, como se observa na Turquia, com Recep Erdogan (2014 - presente); nas Filipinas, com Rodrigo Duterte (2016-2022); na Hungria, com Viktor Órban (2010 - presente); na Índia, com Narendra Modi (2014 - presente); nos Estados Unidos, com Donald Trump (2016-2020); na Colômbia, com Iván Duque (2018-2022) e, no Brasil, com Jair Bolsonaro (2018-2022), entre outros. Nesse mesmo contexto, notamos ainda o revigoramento de partidos extremistas: no Reino Unido, com o Partido Nacional Britânico e com o *Britain First*; na França, com o partido Frente Nacional

e, na Grécia, com o partido Aurora dourada; na Holanda, com o Partido da Liberdade/PVV; na Alemanha, com o Partido Nacional Democrata Alemão (NPD) e com o partido A Direita; na Hungria, com o Partido Jobbik; na Itália, com o partido Liga Norte; na Áustria, com o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ); na Bélgica, com o partido Vlams Belang e, no Estado Islâmico, com o ISIS (Silva; Brites; Oliveira; Borri, 2014; Löwy, 2015, 2019; Fernandes; Machado, 2022).

Esse crescente fenômeno da extrema-direita abrange posicionamentos que podem ser enquadrados sob a etiqueta de “tradicionalismo”, de “populismo de direita”, de “(neo)fascismo”, entre outros, como aponta Bugiato e Freitas, 2022. A força gravitacional que mantém esses discursos em órbitas não tão distantes é, para os autores,

[...] o objetivo principal de eliminação do pensamento e da prática política da esquerda, no passado e no presente, inclusive como forma de governar. Atualmente esta esquerda é entendida de modo geral, como todos os que não se enquadram e se posicionam contra os valores e o projeto político dos extremistas (os inimigos a serem exterminados) (Bugiato; Freitas, p. 15, 2022).

O recrudescimento desses posicionamentos encontra terreno fértil no Brasil desde o início de 2010 (Codato; Berlatto e Bolognesi, 2018). Esse ressurgimento da direita radical, no Brasil, consolida-se mais recentemente por meio da figura de Bolsonaro, representante expressivo da “nova direita” e do que está sendo denominado na literatura como “bolsonarismo”, como afirmam Alves Cepêda (2018), Pinheiro-Machado *et al* (2019), Marchi (2020), Burity (2020) e Dieguez (2022).

Acerca da extrema-direita bolsonarista, Regatieri e Da Silva Santos (2020, p. 103-104) concebem os bolsonaristas como “grupos sociais que servem de suporte ao projeto da extrema-direita no poder”. Para essa concepção, estabelecem (i) uma comparação entre a década de 2010 e o movimento fasci-integralista da década de 1930 e o período da ditadura das décadas de 1960 a 1980 e (ii) uma comparação “entre a extrema-direita brasileira e os movimentos autoritários que angariam espaço em outras partes do mundo”, essa última comparação, indissociável do papel das crises econômicas emergidas a partir de 2008, do papel dos meios tecnológicos de comunicação e do neoliberalismo dessa conjuntura.

Esse ressurgimento do que autores nomeiam como nova-direita, em sua versão extremista, diz respeito ao que Santos e Tanscheit (2019) entendem como ruptura à habitual competição político-partidária que foi vigente no país no período de 1994 até 2018, com as disputas entre o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o PT (Partido dos

Trabalhadores). Com a vitória de Bolsonaro, que se tornou líder da “direita radical”, a “direita moderada” perdeu espaço em termos de adesão de eleitores.

Atualmente, Bolsonaro encontra-se inelegível por um período de oito anos por razão de “prática de abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação durante reunião realizada no Palácio da Alvorada com embaixadores estrangeiros no dia 18 de julho de 2022”,¹⁷ reunião na qual o ex-presidente afirmou que a segurança das urnas eletrônicas não era confiável. De todo modo, é expressiva a proporção do bolsonarismo em relação a tanto o número de seguidores assíduos quanto ao número de eleitores que votaram em Bolsonaro “por falta de opção” na eleição presidencial mais acirrada da história do Brasil.¹⁸

O discurso bolsonarista, como defende Rocha (2021), centra-se em uma “retórica do ódio”, marcada no fortalecimento da direita radical que, como afirmam Codato, Berlatto e Bolognesi (2018), já podia ser percebida desde a década de 2010 sob resquícios da antiga direita, sobrevivente nos partidos tradicionais atrelados ao regime ditatorial-militar. Assim, a nova direita encontra novos aliados com a ascensão da direita religiosa (com a bancada evangélica na Câmara dos Deputados), com a direita liberal e com os movimentos sociais encabeçados por porta-vozes políticos de fora do *establishment* político tradicional, a exemplo do Movimento Brasil Livre (MBL). Nesse panorama, de acordo com De Moraes (2019, p. 169), as representações desses grupos os concebem como os “verdadeiros ‘oprimidos’ e ‘perseguidos’”, fundamentando-se em uma cadeia semântica que aproxima – interdiscursivamente – o discurso político, o cristão conservador, o nacionalista militar e o neoliberal”.

De acordo com Rocha (2021), é uma característica do discurso bolsonarista levar ao extremo aquilo que Maingueneau postula em *Gênesis do Discurso* (2008) sobre as relações (de aliança, de confrontos, entre outros), que um discurso primeiro mantém com um discurso segundo dentro de um determinado campo discursivo. Rocha (2021), em *Guerra cultural e retórica do ódio* (2021), analisa o discurso bolsonarista a partir do conceito de “guerra cultural”, isto é, um fenômeno que ultrapassa o descrito na América do Norte no século XX: a “busca pela essência” e seus conflitos contra aquilo que a relativiza, ou seja, “um entendimento

¹⁷ “Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos”. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em: 22/03/2024.

¹⁸ “Disputa entre Lula e Bolsonaro é a eleição para presidente mais acirrada da história”. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/#:~:text=Até%20então%2C%20a%20eleição%20mais,milhões%20\(33%2C5%25\)](https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/#:~:text=Até%20então%2C%20a%20eleição%20mais,milhões%20(33%2C5%25)). Acesso em: 22/03/2024.

fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação sumária do outro, sempre visto como inimigo” (Rocha, 2021, p. 115).

A noção de guerra cultural, segundo Rocha (2021), deve ser ampliada para o campo da modernidade enquanto ideia, de forma que seja possível detectar o que se chama hoje de guerra cultural: a ideia de modernidade introduz a temporalidade dividida em passado, presente e futuro. Em contraste de uma época definida pela circularidade do eterno retorno ou pelo primado incontestado da tradição, com a modernidade, cada instante é diferente do anterior e, para além disso, pretende sua superação. Dessa forma, o autor defende a concepção de guerra cultural com a ideia de modernidade e de hegemonia cultural, de forma que se tem uma disputa de valores e uma afirmação de superioridade dos princípios.

Para, enfim, descrever a mentalidade bolsonarista, o autor analisa o resgate insensato da Doutrina de Segurança Nacional, o alinhamento cego à matriz narrativa conspiratória do *Orvil*, a adesão ao sistema de crenças de Olavo de Carvalho e, por fim, a crítica a uma imaginária “ideologia de gênero” como passaporte para a conquista do eleitorado evangélico conservador.

Na obra, Rocha (2021) defende que a eleição de Bolsonaro, em 2018, não é, um movimento brusco, imediato e desconectado de condicionantes históricos que propiciaram a ascensão da direita desde 1980. Rocha (2021) argumenta que devem ser levados em conta quatro fatores inter-relacionados para essa ascensão, a saber: (i) a ação ativa e positiva do escritor Olavo de Carvalho em 1990, de forma a expandir a bibliografia direitista e seu fortalecimento por meio de polêmicas e ataques; (ii) uma fissura geracional que escapou ao planejamento do Partido dos Trabalhadores (PT);¹⁹ (iii) a agraviação do conflito geracional a partir da difusão das tecnologias digitais, de forma que as gerações mais jovens de direita puderam utilizá-la de forma criativa e irreverente; (iv) a disputa da direita pelas ruas, que começou timidamente, em 2013, e teve seguimento de forma mais ostensiva, em 2015, evento que representa uma nova configuração simbólica e política: para o autor, a ocupação das ruas era historicamente legada aos grupos à margem do poder.

De acordo com Rocha (2021), partindo-se de dois tópicos principais, a saber, o comunismo e a ideologia de gênero, a direita, que já havia iniciado sua disputa pela hegemonia cultural mais amplamente desde 1990, colocava-se como “oprimida” por um *establishment* cultural que, na visão de seus inscritos, era tomado pela esquerda, pelo “marxismo cultural” (tendo as sucessivas vitórias eleitorais de um partido dito de esquerda como efeito de

¹⁹ Por fissura geracional, compreende-se “a emergência de uma expressiva juventude de direita, ágil no uso das redes sociais e hábil na disputa das ruas – território tradicionalmente ocupado pela esquerda” (Rocha, 2021, p. 20).

evidência), de forma a possibilitar a atribuição do traço “revolucionário” a figuras conservadoras como Olavo de Carvalho. Para Rocha (2021, p. 154, *grifos do autor*), a mentalidade da nova direita é a de que a ditadura de 1964 falhou ao “descuidar da área da cultura, possibilitando a influência da esquerda nos mais diversos meios, propiciando o estabelecimento de uma *hegemonia cultural* que resultou no triunfo eleitoral do PT em 2002”.

Assim, para o autor, uma figura de importância fundamental para os acontecimentos subsequentes no mundo político foi o escritor Olavo de Carvalho, que, desde 1990, foi o principal combatente da suposta hegemonia de esquerda em alguns setores de cultura, os quais, segundo esse sistema de crenças, embora tenham sofrido no período ditatorial de 1964, mantiveram-se sob hegemonia de esquerda. Nas palavras de Rocha (2021):

sem a ação **inicialmente positiva** de Olavo de Carvalho, na década de 1990, a ascensão da direita não teria encontrado a linguagem que hoje a irmana, tampouco teria desenvolvido uma visão de mundo própria, que, embora elaborada com base em intrincadas teorias conspiratórias, permite uma coesão social impressionante e, sobretudo, propicia um alto grau de resistência ao mais elementar princípio de realidade (Rocha, 2021, P. 49, **grifos do autor**).

De acordo com o autor, a atuação de Olavo se deu a partir de três pilares: (i) a publicação de sua trilogia de livros *A nova era e a revolução cultural*, publicado em 1994, *O jardim das aflições*, publicado em 1995, e *O imbecil coletivo*, em 1996); (ii) a ampliação da bibliografia conservadora e liberal dominante e (iii) uma campanha contra os principais nomes da esquerda, que geralmente ocupavam cátedras nas universidades públicas. Ainda de acordo com o autor, Olavo de Carvalho não produziu um pensamento filosófico, mas um *sistema de crenças*: totalmente desligado da validade de seus pressupostos que condicionam, por exemplo, as conclusões posteriores de suas proposições, o sistema de crenças de Olavo de Carvalho se caracteriza pela coesão entre essas conclusões e princípios internos, sem mediação conceitual que abra a possibilidade de outras interpretações e sem aprofundamento na sua referência a outras fontes. Assim, conforme afirma Rocha,

entende-se o êxito excepcional de Olavo de Carvalho nas redes sociais. Seu estilo palavra-puxa-palavrão, o excesso de citações jamais aprofundadas, a metamorfose de querelas propriamente filosóficas em ‘tretas’ ginasianas, a substituição de mediações conceituais por frases de efeito, o recurso onipresente a ideias-muleta (gramscismo, duplo padrão, globalismo, extrema imprensa, Lei Rouanet, hegemonia da esquerda, método Paulo Freire, socioconstrutivismo, anticomunismo, etc. etc. etc.) que dispensam a reflexão sistemática; enfim, Olavo de Carvalho encontrou na volatilidade do universo digital o meio mais adequado para sua pregação (Rocha, 2021, p. 56)

A formação do sistema de crenças olavista caracteriza-se pela retórica de ódio. Diferentemente do “discurso de ódio”, a retórica do ódio se caracteriza por procedimentos objetivos, ou seja, como “uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado” (Rocha, 2021, p. 157). Dois procedimentos dessa retórica são destacados pelo autor: a “desqualificação nulificadora” e a “hipérbole descaracterizadora”. A primeira é uma forma de redução do outro ao nada, ao inumano, não-humano, o que permite sua eliminação, pelo menos inicialmente, simbólica. Três níveis são destacados: (a) uma “corrupção paródica” do nome próprio de seus opostos; (b) uma estigmatização caricatural do outro para o seu sacrifício simbólico; (c) seu sacrifício simbólico propriamente dito. O segundo procedimento diz respeito à supressão de mediações daquilo que é proposto pelo discurso bolsolavista, por meio, por exemplo, de uma reiteração forçada de redundâncias, numa tentativa de balizar a interpretação ao máximo, desmobilizar o questionamento e colocar suas proposições como um bloco em que aceitar uma delas implica aceitar o todo.

Não se desconsidera, por fim, o impulso proporcionado pelas tecnologias digitais: Rocha (2021) cita produções culturais difundidas pela internet, que variam de músicas de diversos gêneros à ampliação de textos, áudios, videoaulas etc. que, quando não são de autoria de Olavo de Carvalho, são produzidos por outros que o seguem.

Sobre esse panorama teorizado por Rocha (2021), Rodrigues e Ferreira (2020) complementam quando defendem que, num momento de transição do século XX ao século XXI (e, especialmente, no século XXI), em sua nova forma de articulação política, o populismo mostra sua proeminência em conjunção com as mídias sociais, utilizando-as como instrumento. Defende-se que, impulsionadas pelos meios de comunicação de massas, “as elites políticas passam a prescindir das burocracias partidárias e estabelecem canais diretos de comunicação com os eleitores” (Rodrigues e Ferreira, 2020, p. 1072), relegando aos poucos a antiga organização política burocrática partidária, de forma que passam a existir novas maneiras de mobilização popular nesse contexto, em razão da “autocomunicação de massas” e da “redução no número de intermediários políticos” (Rodrigues e Ferreira, 2020, p. 1074).

Esse panorama sobre a direita de Bolsonaro elucida alguns pontos sobre seu discurso. Trata-se de um posicionamento localizado no extremismo do espectro da direita. Ressaltam os autores que esse posicionamento, em contraposição ao pensamento de que essa vertente é repentina, é fruto de um movimento de direitistas em articulação “subterrânea” (Rocha, 2021) cuja emersão se dá mais fortemente com as possibilidades proporcionadas pela sociedade em rede, mais especificamente a partir da web 2.0, na qual os ambientes digitais foram fundamentais para a expansão e interação entre os adeptos a esse mundo ético.

A seguir, apresentamos sucintamente o cenário brasileiro no que diz respeito à relação entre pandemia, economia, desinformação e negacionismo.

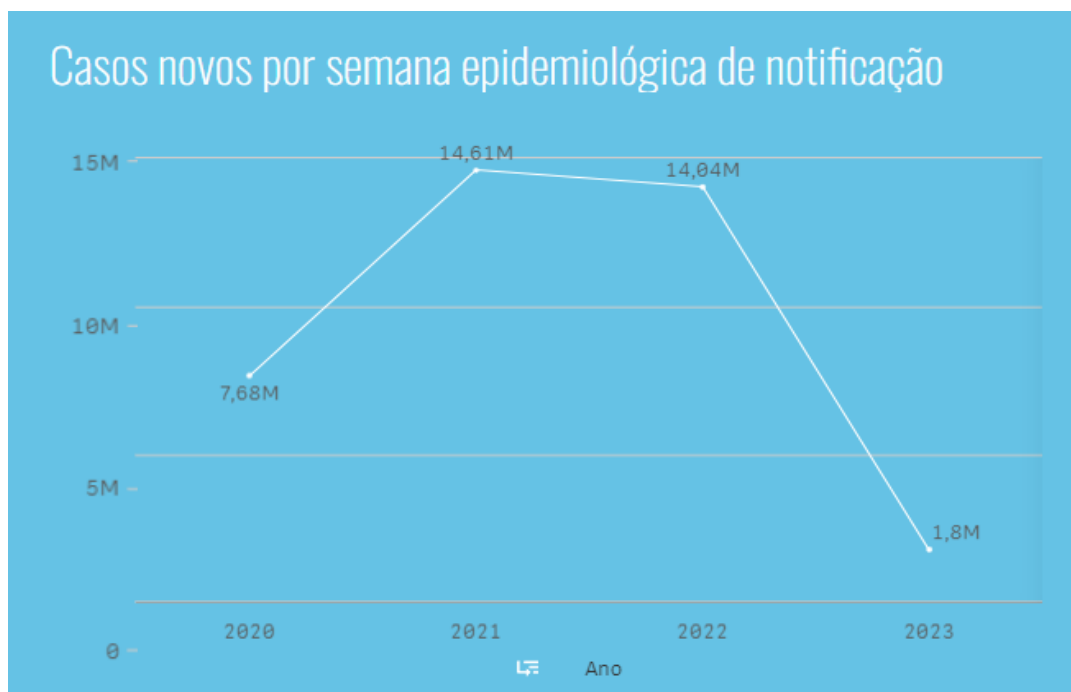
4.2 PARÂMETROS SOBRE A COVID-19 NO BRASIL

A vulnerabilidade global a doenças infecciosas com potencial pandêmico, segundo Lima, Buss e Paes-Sousa (2020), ficou evidente em 2020, sendo impulsionada pelo aumento significativo da circulação de pessoas e de mercadorias, pela utilização não sustentável de recursos naturais e por mudanças sociais que afetaram diretamente trabalho, educação, emprego e renda. Segundo os autores, essas mudanças incluíram o adensamento populacional urbano, especialmente em condições de pobreza e com precárias condições de moradia e saneamento.

Não é recente na história o aparecimento de doenças cuja disseminação tenha sido em escalada global. A essas são atribuídas distintas nomenclaturas que procuram evidenciar o impacto da enfermidade. No Brasil, por exemplo, foram classificadas com o *status* epidêmico (quando ocorre crescimento no número de casos de uma doença a nível regional, estadual ou municipal) a meningite, durante os anos 1970, ou com o *status* endêmico (quando o número de casos diagnosticados de uma determinada doença é relativamente estável, de tal maneira que a população convive com a doença) a dengue, atualmente no país. Já as pandemias dizem respeito às doenças que atingem, a nível mundial, um aumento brusco no número de infectados, como a gripe espanhola (1918-1920), o vírus da imunodeficiência humana - HIV (década de 1980) ou como o ressurgimento de pandemias, por vezes, mais graves em relação à contaminação ou mortes, como no caso do vírus SARS (2002-2004), agente base do coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV) e do novo coronavírus da COVID-19 (SARS-CoV-2).

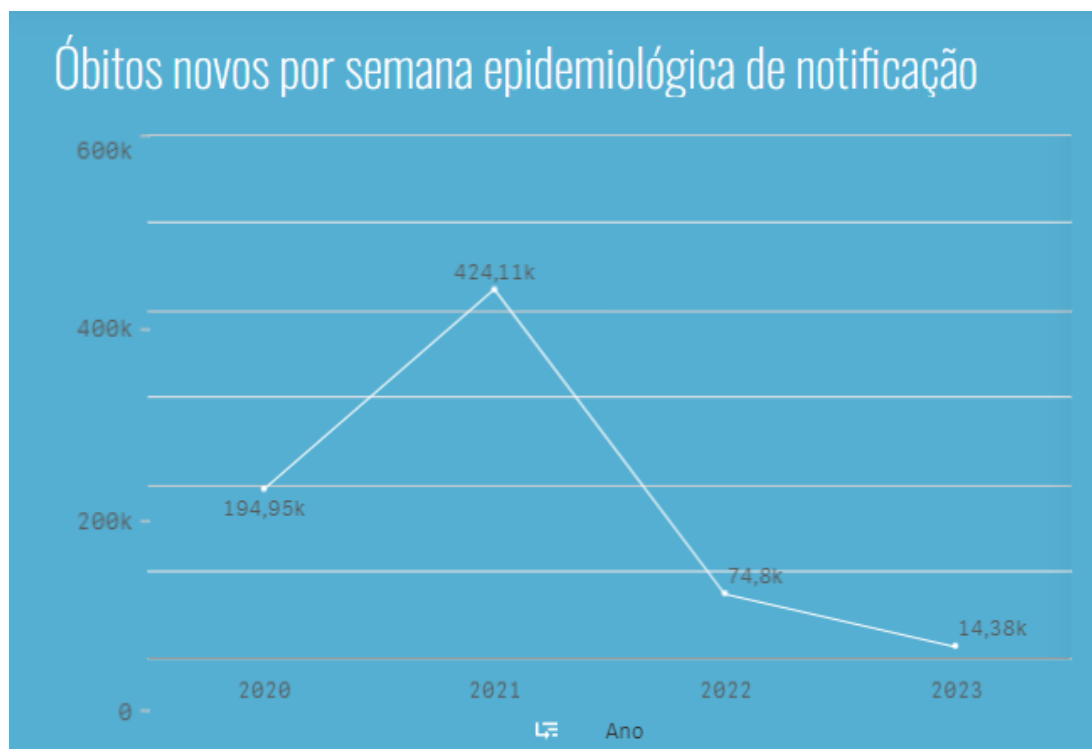
Abaixo, apresentamos os dados de casos de COVID-19 no Brasil, registrados pelo Ministério da Saúde (MS) de 2020 a 2023. Como é possível observar, o vírus infectou milhares de pessoas no país. A acentuação do número de casos e de mortes é mais expressiva, em 2021, principalmente por causa de aglomerações de festas de Natal e de Ano Novo do final do ano de 2020, além do surgimento de variantes do vírus. A queda na taxa de contaminação e mortes, por sua vez, acompanha as datas em que a vacinação se mostrou proeminente, com resultados mais expressivos nos anos de 2022 e 2023.

Figura 13 - Casos novos de COVID-19 por semana epidemiológica de notificação.



Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil, 2020, 2021, 2022 e 2023, retirado do Ministério da Saúde em 21/12/2023.

Figura 14 - Óbitos novos por COVID-19 por semana epidemiológica de notificação.



Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil, 2020, 2021, 2022 e 2023, retirado do Ministério da Saúde em 21/12/2023.

Os gráficos acima dizem respeito ao número da contaminação (figura 17) e ao número de mortes (figura 18) decorrentes do novo coronavírus. Especificamente, a doença é nomeada como Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, ou SRAG em português). É uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV, que surgiu durante o inverno de 2002 a 2003. Inicialmente identificada em Guangdong, China, a doença se espalhou para 29 países, resultando em 8.096 casos prováveis e 774 mortes. Uma intervenção rápida da Organização Mundial de Saúde coordenou esforços que levaram ao fim da pandemia em julho de 2003. Em junho de 2012, uma nova cepa de coronavírus foi isolada de um paciente em Jeddah, Arábia Saudita, apresentando sintomas semelhantes à SARS de 2003. Essa cepa deu origem à Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), com casos graves, resultando em 2.279 casos confirmados e 806 mortes até dezembro de 2018. A maior incidência ocorreu na Arábia Saudita, com 1.901 casos e 732 mortes, e a taxa de letalidade-caso foi de 35,3%. Já a pandemia de COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2, teve início em 2019 em Wuhan, na China, representando um desafio sem precedentes para a saúde pública global. Em seis meses, infectou mais de 15 milhões de pessoas globalmente, resultando em 640 mil mortes (Paiva, Berbet e Moreira-Ramos, 2020).

Em dezembro de 2019, adultos em Wuhan, China, foram hospitalizados com pneumonia grave de causa desconhecida, muitos dos quais tinham em comum a exposição ao mercado atacadista de frutos do mar de Huanan, de Wuhan (China), que também vendia animais vivos. Segundo Paiva, Berbet e Moreira-Ramos (2020), o agente causal da pneumonia foi identificado como um novo coronavírus com maior transmissibilidade e infectividade do que o SARS-CoV e o MERS-CoV. Casos foram relatados em diversas províncias e países, incluindo Tailândia, Japão e Coreia do Sul, originados de contatos com pessoas que retornaram de Wuhan após as celebrações do Ano Novo Chinês.

Desde os primeiros casos em dezembro de 2019, a infecção pelo SARS-CoV-2 se disseminou globalmente, afetando todos os continentes, exceto a Groenlândia, e resultando em sofrimento e perda de vidas em pouco tempo. Diante da situação globalizada, houve tentativas de conter o vírus por meio do fechamento de fronteiras. Algumas localidades implementaram *lockdowns* e adotaram medidas como o uso generalizado de máscaras, além de estratégias como lavagem frequente das mãos, aplicação de antissépticos, aspersão de hipoclorito em superfícies, distanciamento social e uso de viseiras ou *face shields* (Paiva, Berbet e Moreira-Ramos, 2020).

A seguir, apresentamos sucintamente parâmetros entre a relação economia e pandemia no Brasil e, em seguida, as medidas iniciais tomadas pelo governo federal, a fim de

contextualizar as condições de produção que rodeiam o discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19.

4.2.1 Economia e pandemia

Dados os objetivos deste trabalho, é vital que nos debrucemos, mesmo que não largamente, sobre questões de ordem econômica em sua relação com a pandemia. Já durante o início da crise sanitária de 2020, pesquisas apontam para o possível impacto avassalador que acometeria o sistema financeiro e econômico mundial e brasileiro, ao estimar o pior estado de recessão desde a Segunda Guerra Mundial (*World Bank*, 2020). O que se prospectava para o ano de 2020 era o crescimento do PIB (produto interno bruto) no patamar de 2,5%, previsão sufocada em maio pelos efeitos do novo coronavírus, quando a prospecção era de contração no PIB ultrapassando a casa dos 6% (Lima e Freitas, 2020, p. 17).

O mercado de trabalho antes da pandemia se encontrava debilitado. Em 2014, a taxa de desemprego atingiu cerca de 7%, um percentual baixo se considerarmos os últimos dez anos, e a taxa de trabalho informal, 36%. Em 2019, a taxa de desocupação atingiu cerca de 12% e a taxa de informalidade atingiu 39% (Oliveira; Passos; Guidolin; Welle e Pires, 2020, p. 158-159). Em contrapartida, a necessidade de medidas de isolamento físico propiciou o fortalecimento de *e-commerces*, a migração de lojas físicas para lojas *on-line*, o aumento da demanda de *deliveries* e o aumento do trabalho *home office* (Silva Neto, 2023). Somam-se a isso, a exposição ao risco de contaminação de trabalhadores por aplicativos de entrega (Nascimento e Reis, 2021), o aumento de problemas relacionados à exposição de tela digital por longos períodos, o crescimento de *burnout* (Luz *et al*, 2021) e o esfarelamento das barreiras entre casa e trabalho (Xiao *et al*, 2020).

No contexto econômico brasileiro, quando da chegada do vírus, estava em vias de aplicação a agenda de remodelações em que a austeridade fiscal e a diminuição do papel do Estado, condizente com projetos neoliberais, seriam postas mais fortemente em prática, o que, nas palavras de Dweck, Rossi e Oliveira (2020, p. 9), seria *anacrônico* sob a ótica macroeconômica e *cruel* sob a ótica social, isto é, (i) *anacrônico* pois projetos como esses vão na contramão de políticas fiscais que privilegiam o crescimento das ofertas de emprego durante o vigente momento de crise econômica, o que também vai de encontro com o alinhamento do FMI (Fundo Monetário Internacional) e *cruel* pois intensifica as desigualdades de gênero, raça e classe. A esse respeito, Paula, Pereira e Giordani afirmam:

Os tentáculos da imagem do novo coronavírus, apontando em todas as direções, metaforizam a interação entre a pandemia e as demais dimensões da sociedade, indicando que sua força letal extrapola a natureza biológica e se torna parte de um fenômeno mais complexo do que uma crise sanitária. Embora a descoberta de uma vacina tenha acalentado expectativas de uma volta à “normalidade” prévia a 2020, problemas que se calcificaram no interior da sociedade ainda persistem. Em pouco tempo foi possível verificar que a pandemia não apenas revelou uma sociedade adoecida por crises que se acumularam como ativou movimentos sociais engajados no combate às terríveis marcas acumuladas sobre as vidas dos indivíduos mais pobres. Assim, como argumentado, não é possível desvincular os aspectos epidemiológicos das dimensões humanas, sociais e econômicas que amplificam o sentido da pandemia numa imbricação sistêmica, aprofundada pelas várias formas de exclusão e pela adoção de políticas de austeridade estimuladas pela ordem financeira global (Paula, Pereira e Giordani, 2023, p. 767).

Como estratégias de controle de arrecadação, de manutenção e movimentação do mercado e de políticas públicas para manutenção da vida, principalmente de grupos mais vulneráveis financeiramente, foram adotadas no Brasil o “auxílio financeiro para populações carentes e linhas de crédito para empresas, flexibilização de regras trabalhistas e tributárias, aumento de recursos na economia, redução de impostos e [...] subsídios às empresas afetadas pela crise” (Silva Neto, 2023, p. 9).

Ainda no que diz respeito à situação econômica, de acordo com o Ministério da Economia (2020), o governo brasileiro antecipava que a pandemia de COVID-19 teria diversos impactos na economia do país, incluindo a redução das exportações e a queda nos preços das *commodities*,²⁰ resultando em uma deterioração nos termos de troca. Além disso, previam-se interrupções na cadeia produtiva, queda nos preços de ativos,²¹ piora das condições financeiras e uma redução no fluxo de pessoas e de mercadorias. De abril a julho de 2020, as medidas de restrição e de isolamento social adotadas por municípios e por estados para conter a propagação do vírus tiveram impactos diretos no emprego e na renda da população. Os trabalhadores informais foram os primeiros a serem afetados, enquanto os formais conseguiram manter seus empregos por certo tempo, o que pode ser relacionado aos custos associados à demissão. No entanto, as micro e pequenas empresas foram as mais prejudicadas, enfrentando dificuldades na gestão de caixa. Os setores mais impactados foram os de alimentação fora de casa, turismo e transporte (Ministério da Economia, 2020).

Com a queda da atividade econômica, consequentemente houve impacto direto na arrecadação de impostos, resultando em uma significativa redução nas receitas dos governos,

²⁰ Mercadorias primárias produzidas pelos setores agrícola, pecuário, mineral e ambiental, que fornecem matéria-prima para outros setores e que são comercializadas pelo valor do mercado internacional.

²¹ Bens ou direitos que geram rendimentos pertencentes a uma empresa ou a uma pessoa, como dinheiro, ações, fundos de investimento, imóveis, veículos, entre outros.

especialmente nos estados e municípios. Isso se deu, em grande parte, à diminuição na arrecadação do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e do Imposto sobre Serviços (ISS). A nível estadual e municipal, a situação foi mais crítica, com algumas localidades incapazes de cumprir suas obrigações financeiras, o que fez com que estados e municípios solicitassem auxílio da União para o cumprimento das receitas. Nesse cenário, durante o primeiro semestre de 2020, o cenário brasileiro observou uma brusca queda na taxa de juros, a mais baixa da história, em razão da baixa demanda e controle da pressão inflacionária, o que, à época, poderia servir ao aquecimento da economia e ao incentivo do consumo, ao tornar o crédito mais barato (Lima e Freitas, 2020, p. 20).

É nesse cenário econômico que as primeiras medidas adotadas pelo governo federal foram emitidas. A seguir, apresentamos como a gestão de governo, de início, buscou combater o avanço da doença.

4.2.3 Tratamentos farmacológicos para a COVID-19

Destacados com base em resultados *in vitro* e/ou *in vivo* promissores e em experiências terapêuticas às doenças por coronavírus SARS e MERS, segundo Rocha *et al* (2020), diversas drogas, tais como anticoagulantes, remdesivir, lopinavir-ritonavir (usado em combinação), ivermectina, nitazoxanida, cloroquina ou hidroxicloroquina e corticoides, foram cogitadas como possíveis alternativas farmacológicas em um momento em que não se havia a concretização da vacina do COVI-19. Apresentamos, a seguir, dados sobre medicamentos que foram citados por Bolsonaro como potencialmente efetivos para o tratamento do COVID-19. Particularmente, Bolsonaro se ateve em suas falas públicas a defender quatro principais fármacos: a Cloroquina, Hidroxicloroquina, a Azitromicina e a Ivermectina. A exposição dos dados sobre esses medicamentos evidencia que as condições de produção (CP) do discurso de Bolsonaro não foram sem fundamentos.

Conforme Rocha *et al* (2020), o fármaco Difosfato de Cloroquina (CQ) é um medicamento recomendado para o tratamento e para a profilaxia da malária. Após sua sintetização a um hidroxí-análogo, surgiu a Hidroxicloroquina (HCQ) como alternativa adicional para o tratamento da malária. Além dessa indicação, esses medicamentos são prescritos para tratamento de afecções reumáticas e dermatológicas, como artrite, lúpus e condições dermatológicas causadas ou agravadas pela luz solar. Como possibilidade de tratamento de infecções virais, o fármaco CQ foi estudado por apresentar resultados de atividade antiviral tanto contra vírus de RNA, como o vírus da raiva, o HIV, o vírus da hepatite

A e da hepatite C, o vírus Chikungunya, o vírus da Dengue, o vírus Zika, o vírus Ebola, quanto contra vírus de DNA, como o vírus da hepatite B e o vírus do herpes.

A Ivermectina (IVN) também é um antiviral. Um estudo de Carly *et al* (2020) demonstrou uso da medicação obteve efeitos positivos na redução de replicação do RNA viral em experimento *in vitro*, entretanto, para que fossem possíveis resultados efetivos, seria necessária uma superdosagem, dez vezes maior que a recomendada para uso humano, o que colocou a ivermectina como tendo pouquíssima probabilidade de ser recomendada para o tratamento do COVID-19.

De acordo com Rocha *et al* (2020), as propriedades antivirais dos dois fármacos citados, com efeito, possibilitaram que cientistas hipotetizassem potencialidades desses remédios para o tratamento de doenças causadas pelo novo coronavírus. Assim, quando do surgimento do novo coronavírus, foi aventada, por especialistas, a possibilidade de que esses medicamentos poderiam ser um recurso para contenção da nova doença.

A recomendação para o uso contra a COVID-19, segundo Menezes, Sanches e Chequer (2020), baseou-se principalmente em seus efeitos inibidores do coronavírus *in vitro*, seja isoladamente ou em conjunto com o antibiótico azitromicina; contudo, o uso indiscriminado dessas substâncias aumentou significativamente, conforme os autores, por conta do medo de contaminação e da desinformação sobre o vírus. Como afirmam os autores, em março de 2020, a OMS recomenda o uso da cloroquina (CQ) como terapia adjuvante para formas graves da COVID-19 e, no mesmo dia, a ANVISA autoriza pesquisas envolvendo a hidroxiclороquina (HCQ), isolada ou em combinação com azitromicina (AZ), para prevenir complicações em pacientes com infecções leves a moderadas por SARS-CoV-2, com o objetivo de avaliar a segurança e eficácia clínica desses medicamentos em pacientes não graves com pneumonia causada pelo vírus.

Em contraste, o Conselho Federal de Medicina (CFM), por meio do Parecer nº 4 de 16 de abril de 2020, determinou a possibilidade de utilização dos medicamentos em grupos específicos, estabelecendo que é responsabilidade do médico informar ao paciente sobre os potenciais benefícios e riscos dos fármacos, obtendo o consentimento livre e esclarecido do indivíduo ou de um familiar, quando necessário.

Segundo Sandman e Iqbal (2020), a recomendação de combinar azitromicina (AZ) com cloroquina (CQ) ou hidroxiclороquina (HCQ) decorre de suas capacidades de inibição da síntese de proteínas, sendo eficazes contra bactérias atípicas, como *Mycoplasma pneumoniae*. Essa associação, seja isoladamente ou em conjunto, é utilizada preventivamente para evitar pneumonia secundária causada por bactérias oportunistas.

Com base nessa revisão sobre o uso da cloroquina e hidroxiclороquina, isoladas ou em combinação com azitromicina, para o tratamento da COVID-19, os autores apontam que as pesquisas até o momento não confirmam a eficácia do uso desses fármacos. Como afirmam Gomes, Nunes e Oliveira (2023), os ensaios clínicos possuem um número reduzido de pacientes, resultados confusos e metodologias questionáveis, levantando dúvidas sobre sua eficácia. Dada a falta de consenso sobre o uso de cloroquina (CQ) ou hidroxiclороquina (HCQ) no tratamento ou prevenção da COVID-19, a conclusão do trabalho de Gomes, Nunes e Oliveira (2023) indica que é necessária a promoção de novas pesquisas com ensaios clínicos mais robustos, metodologias claras e resultados consistentes.

A falta de certezas por parte de especialistas da ciência, por exemplo sobre a eficácia da cloroquina, pode ter motivado o que é entendido como uma pandemia de desinformação do coronavírus: a infodemia sobre a COVID-19. A seguir, apresentamos como a desinformação se relaciona com a pandemia e com as condições de produção do discurso de Bolsonaro.

4.3 PARÂMETROS SOBRE INFODEMIA

Para compreendermos melhor o funcionamento do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19 na cena política brasileira, a atenção a dois fenômenos que “caracterizam a enunciação dos atores políticos e da circulação pública dessa enunciação no momento atual” (Fontana, 2021) se faz pertinente: a *pós-verdade* e a *desinformação*. O termo *pós-verdade*, de acordo com Marques (2021, p. 136) tem como marco a publicação *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life* (2004), de Ralph Keyes, tendo como referente o quadro político e social da tragédia do 11 de setembro de 2001 e a construção de narrativas que culminaram na invasão do Iraque em 2003. Sobre a noção de pós-verdade, não nos aprofundamos neste presente estudo, mas fazemos algumas menções (Carvalho, 2023; Cesarino, 2021; McIntyre, 2018; Zoonen 2012).

Para adentrarmos o assunto, apresentamos, a seguir, a citação de Carvalho (2023), que expõe a definição de pós-verdade segundo o Dicionário de Oxford.

O conceito de "post-truth" tornou-se relevante na sociedade contemporânea, especialmente a partir de novembro de 2016, quando foi eleita a palavra do ano pelo Oxford English Dictionary. Segundo o mesmo, a “pós-verdade” é um termo que se refere à ideia de que “factos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença da pessoa”. O dicionário, sublinha que o prefixo “pós” pretende não dar a entender a ideia de verdade no sentido temporal, como por exemplo em “pós-guerra”, mas no sentido em que a verdade foi posta em segundo plano, que se tornou irrelevante (Carvalho, 2023, p. 3).

Para Carvalho (2023), na era da pós-verdade, os fatos não são negados, mas sim habilmente manipulados, selecionados e apresentados de maneira enviesada para promover uma interpretação particular dentro de um contexto, sobretudo, político. Para ilustrar a pós-verdade, o autor a compara por meio de uma metáfora de um espelho deliberadamente distorcido, que reflete uma realidade distorcida. Para o autor, os manipuladores escolhem cuidadosamente quais informações divulgar, moldando assim a percepção da realidade de acordo com seus próprios interesses. Isso resulta em uma verdade subjetiva,²² cuja interpretação pode variar dependendo da perspectiva ou da agenda política em jogo.

Ainda, Carvalho (2023) explica, por um viés cognitivo, que há uma tendência natural do cérebro humano em fazer com que as pessoas ajam de forma menos racional diante de situações em que há conflito entre nossas crenças e informações do mundo. Para explicar isso, o autor cita McIntyre (2018), que explicita que isso decorre da maneira tendenciosa com que interpretamos informações, baseada em nossas próprias crenças e preconceitos, como uma forma de evitar o desconforto mental que surge quando fatos contradizem nossas convicções. Por essa abordagem, mesmo diante de fatos ou verdades empíricas, é razoável esperar que as crenças erradas sejam corrigidas, mas isso nem sempre ocorre. Segundo McIntyre (2018), existem distintas maneiras pelas quais as pessoas podem ajustar a realidade para se adequar às suas crenças, como a dissonância cognitiva, a conformidade social e o viés de confirmação.

Conforme McIntyre (2018, *apud* Carvalho, 2023), a dissonância cognitiva é um estado de desconforto mental que surge quando nos deparamos com informações ou evidências que contradizem nossas crenças, valores ou comportamentos. Por outro lado, a conformidade social é o fenômeno no qual uma pessoa modifica suas crenças, comportamentos ou atitudes para se ajustar às normas sociais e às expectativas do grupo ao qual pertence. Por sua vez, o viés de confirmação é um fenômeno cognitivo no qual as pessoas têm a tendência de buscar, interpretar e lembrar informações de maneira a confirmar suas crenças ou hipóteses pré-existentes. Esses modos de ajustar a realidade a partir das próprias crenças estão, de acordo com Carvalho (2023), concomitantemente relacionados ao cenário possibilitado pela pós-verdade, que, nos termos de Zoonen (2012), é uma crise de confiança.

Podemos ainda completar a noção de pós-verdade com a definição apresentada por Cesarino (2021), a saber:

²² Por verdade subjetiva, o autor compreende as diferentes representações que os sujeitos podem construir acerca de um objeto do mundo.

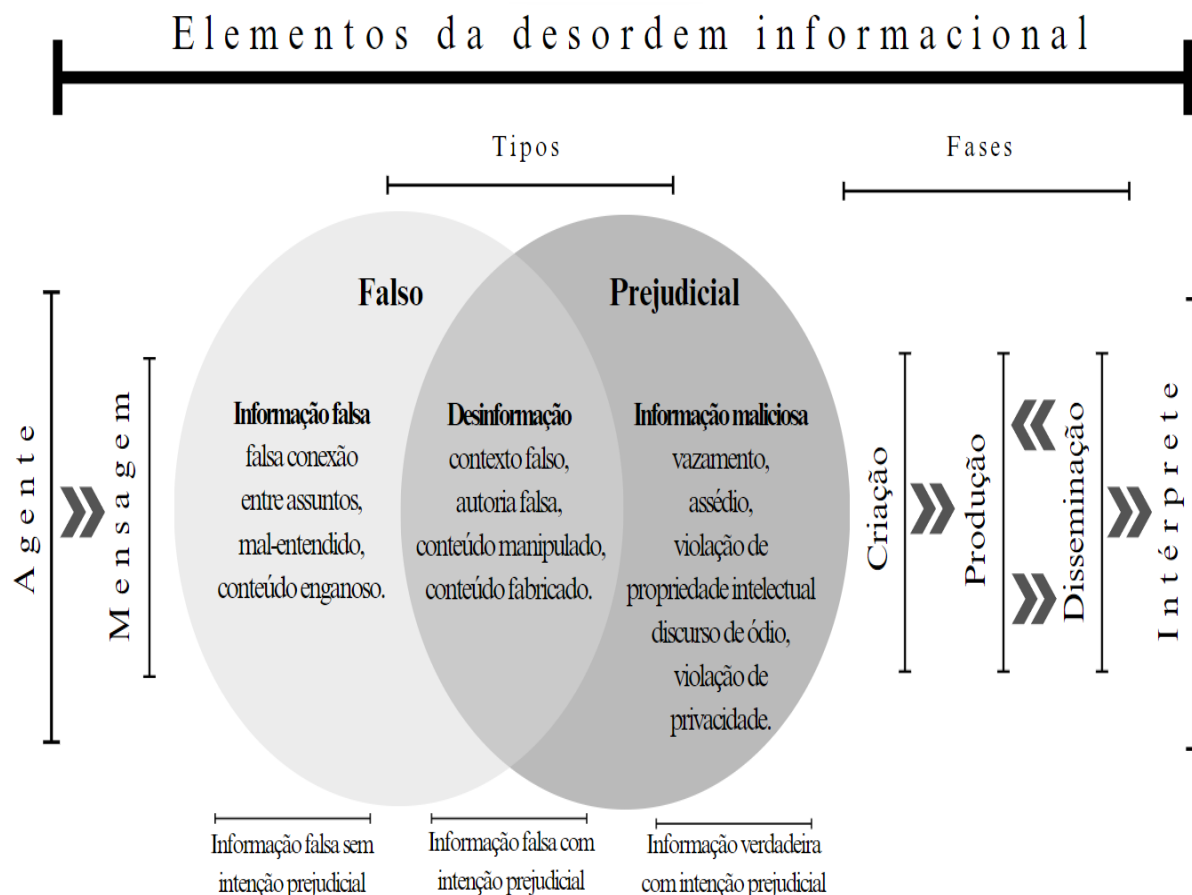
Se, nos termos de Latour e Woolgar (1997, p. 278), o que entendemos no ocidente por realidade (ou verdade) é “[...] o conjunto dos enunciados considerados caros demais para serem modificados [...]”, o que se tem chamado de pós-verdade é uma condição epistêmica na qual qualquer enunciado pode ser potencialmente modificado por qualquer um, a um custo muito baixo – ou seja, em que não há mais controle, no sentido exposto há pouco (Cesarino, 2021, p. 77).

O que parece estar ocorrendo atualmente, segundo Cesarino (2021), é uma situação caótica, onde os processos de produção da verdade estão se abrindo e se fragmentando em uma paisagem digital em constante expansão. Isso, afirma o autor, ocorre em um contexto em que a hegemonia neoliberal, as mídias digitais e os populismos conservadores se encontram. Nesse cenário, os mecanismos que regulam a disseminação da informação são por vezes invisíveis tanto para os usuários quanto para os próprios produtores.

Todavia, as reflexões sobre o discurso da verdade e o discurso do falso, de acordo com Curcino, Sargentini e Piovezani (2021), datam de um tempo mais antigo, remetidas a estudos que originaram na passagem no período Arcaico para Antiguidade Clássica no ocidente. Entretanto, mais recentemente, como apontam Sargentini e Carvalho (2021, p. 76), o termo *fake news* passou a reconfigurar esse debate tanto na academia científica quanto na mídia, principalmente desencadeado pelas eleições presidenciais de Donald Trump nos Estados Unidos e de Jair Bolsonaro no Brasil. Em especial, Recuero e Soares (2021) afirmam que a atenção dos debates científicos sobre a desinformação reserva uma particularidade em relação à pandemia de COVID-19, como observamos abaixo.

Neste contexto, o estudo das campanhas de desinformação assumiu centralidade em discussões científicas, primeiramente nas temáticas políticas e, na sequência, nas temáticas relacionadas à saúde e meio ambiente. Particularmente, durante a pandemia da COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, o fenômeno tomou proporções tão grandes que passou a ser descrito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma “infodemia” (Recuero e Soares, 2021, p. 4).

A infodemia pode ser mais bem compreendida conforme a proposição conceitual de Wardle e Derakhshan (2017), em que a desordem informacional (*information disorder*) é distinguida em três dimensões com seus respectivos subcomponentes: i. os tipos de desordem (informação falsa, desinformação e informação maliciosa), ii. os tipos de fases da desordem informacional (criação, produção e disseminação) e iii. os elementos envolvidos no processo (agente, mensagem e intérprete), como seguem na figura abaixo.

Figura 15 - Estrutura conceitual da desordem informacional.

Fonte: adaptado pelo autor com base em Wardle e Derakhshan, 2017.

Como podemos observar acima, os tipos de desordem informacional, de acordo com Wardle e Derakhshan (2017), são categorizados segundo o critério da verdade ou falsidade do conteúdo e segundo o critério da intenção de promover dano, gerar prejuízo ou não por parte dos criadores, produtores e disseminadores.

Assim, informação falsa (*mis-information*) é a informação que não é verdadeira, mas cuja criação não foi intentada com o objetivo de gerar prejuízos. A desinformação (*dis-information*), por seu turno, é a informação falsa e deliberadamente criada com o objetivo de gerar prejuízo a uma pessoa, grupo social, organização ou país. A informação maliciosa (*mal-information*), por sua vez, é a informação verdadeira, baseada em fatos ou comprovada, cuja criação foi intentada com o objetivo de gerar prejuízos a uma pessoa, grupo social, organização ou país. No que diz respeito aos elementos da desordem informacional, o elemento agente desdobra-se nas fases de criação (quando a mensagem é efetivamente elaborada), de produção (quando a mensagem é materializada em produto de mídia) e a de distribuição (quando a

mensagem é distribuída ou tornada pública), ou ainda, cada uma das fases pode ser responsabilizada a agente distintos.

Ainda de acordo com Wardle e Derakhshan (2017, p. 25-26), os agentes podem ser divididos entre oficiais, como os serviços de inteligência, partidos políticos, funcionários do setor público ou privado, organizações de notícias, e não oficiais, como grupos de cidadãos, grupos políticos informais, personalidades da mídia etc. Outros aspectos importantes também devem ser levados em consideração, como i. o modo de organização (atuação individual, atuação em grupos ou comunidades de interesses comuns), ii. as motivações (política, financeira, social ou psicológica), iii. os destinatários e/ou os afetados (informações podem ser destinadas a outros grupos que mantêm interesses comuns ou podem ser destinadas diretamente aos afetados), iv. a automatização na criação e disseminação de mensagens em ambientes *on-line* (a exemplo, o uso de contas *bots*, contas de usuários que são automatizadas, e de contas ciborgues, contas administradas em conjunto por pessoas e *softwares*, v. a intenção de enganar ou prejudicar pessoa, organização ou grupo.

O segundo elemento que compõe a desordem informacional é a própria mensagem veiculada, podendo essa assumir inúmeras cenas genéricas (rumor, fofoca, artigo de jornal ou científico, imagem, vídeo, memes, áudio, gráfico etc.) com, nos termos de Maingueneau (2020), cenografias supostamente autênticas.

Alguns eixos sobre a mensagem, Wardle e Derakhshan (2017, p. 25-26) estabelecem como centrais:

i. *quão durável é a mensagem*: certas informações são elaboradas para permanecerem ou se perpetuarem, como durante guerras, outras projetadas para curto prazo, como no caso de eleições, ou ainda certas mensagens são elaboradas para um determinado tipo de situação de comunicação específica durante programas de notícias de inéditas;

ii. *quão precisa é a mensagem*: no caso de informação falsa e desinformação, as mensagens podem ser *clickbait*s, quando o título, por exemplo, é extremamente chamativo, mas não condiz com conteúdo, podem apresentar informações genéricas, como quando não indicação da agência de pesquisa, fomento, universidade ou grupo de imprensa responsável pela informação;

iii. *a mensagem se faz passar por fonte oficial*: podem apresentar fontes fictícias ou fontes que se referem a instituições ou pessoas reais, mas que não foram responsáveis pela autoria daquela mensagem específica;

iv. *a mensagem pode ser considerada ilegal*: discurso de ódio, violação de propriedade intelectual, violação de privacidade, assédio etc.; e

v. qual o alvo pretendido da mensagem: há uma complexidade de fatores que podem ser pensados aqui; o agente A pode pretender influenciar negativamente o grupo B sobre o grupo C; logo, o grupo B é o público-alvo do agente e o grupo C é o alvo da mensagem; ainda poderíamos retomar os casos de interação entre agentes da desordem informacional cuja relação se dá por trocas - os interesses comuns fazem com que A tenha como destinatário o grupo D, que será responsável por compartilhar com B o conteúdo sobre C.

A disseminação de desinformação, para Gomes e Lopes (2021) tem impactos significativos em diversos aspectos da sociedade, incluindo social, político, econômico e cultural. Essa desinformação tende a alimentar o ceticismo, a desconfiança, o pessimismo e a insegurança entre as pessoas. Para as autoras, no campo político, a desinformação pode prejudicar as relações entre as nações, tornando o diálogo e a cooperação mais difíceis. Economicamente, a desinformação pode causar instabilidade financeira e criar barreiras comerciais. Culturalmente, pode contribuir para o aumento da intolerância, xenofobia e movimentos anti-imigração, além de promover sentimentos de medo e violência.

Para Gomes e Lopes (2021), a desordem da informação dificulta que as pessoas tenham acesso a fontes confiáveis e informações precisas, o que tem um impacto significativo na sociedade, causando desorientação e confusão. Muitas vezes, informações verdadeiras são mal interpretadas, levando à sua distorção, enquanto outras informações falsas são criadas com a intenção de serem identificadas como falsas, mas acabam sendo erroneamente consideradas como verdadeiras e compartilhadas. Para as autoras, no Brasil, a manipulação da mídia por meio de desinformação é frequentemente observada em discursos e pronunciamentos feitos pelo presidente Bolsonaro.

Outro fenômeno relativo à questão da informação falsa é chamado de negacionismo. Os negacionistas, como um fenômeno global, segundo Fernandes *et al* (2020, p. 8) apresentam diversas vertentes, incluindo aqueles que negam o Holocausto, cometem crimes em ditaduras militares, contestam o Aquecimento Global, defendem a teoria da Terra plana e são contrários à vacinação. Esses grupos ganharam visibilidade com a consolidação da internet e das redes sociais. Atualmente, afirmam os autores, as narrativas relacionadas à pandemia do novo coronavírus também têm sido alvo de interesse por parte dos negacionistas. De acordo com Lima (2020), de autoria atribuída a Rousso (2004), a noção de negacionismo é calcada no propósito de fazer parecer que o tema em jogo é algo falso, negando eventos históricos ou descobertas científicas.

Apesar da noção de negacionismo ter sido elaborada mais recentemente, o movimento de negação científica pode ser vislumbrar no século XX, quando, afirma McIntyre (2018),

começaram a surgir grupos que questionavam a ciência, buscando contornar o senso crítico em relação ao senso comum e minimizar os alertas sobre a relação entre o tabagismo e o câncer. Esse tipo de negacionismo científico, de acordo com Araujo (2021) tinha como estratégia o fortalecimento da indústria do tabaco para garantir seus interesses financeiros. Com esse objetivo, afirma o autor, os empresários financiaram cientistas para questionar a relação entre fumo e câncer, promovendo a ideia de que o debate sobre o tema deveria apresentar ambos os lados. Isso gerou uma dicotomia entre grupos ligados à ciência, alimentando dúvidas e garantindo a continuidade dos negócios da indústria do tabaco.

Segundo Curcino, Sargentini e Piovezani (2021), o que é congruente ao negacionismo e a desinformação, apesar de haver muitos distanciamentos, é que são construções por meio do discurso que atendem a um propósito enunciativo e têm como fundamentos a distorção, a falácia, a mentira, a inverdade, a calúnia sobre uma narrativa.

Apesar da brevíssima atenção dedicada à pós-verdade, à desinformação e ao negacionismo, buscamos situar que essas estratégias discursivas não podem ser desvinculadas das condições de discursos políticos contemporâneos e, sobretudo, discursos políticos sobre a pandemia (Cf. Recuero, 2021). Tais estratégias discursivas cada vez mais repercutem no cenário brasileiro (Lima, 2020) e, no enfrentamento do vírus Sars-CoV-2, daí a hipótese de que esses recursos discursivos estejam presentes nas falas públicas de Bolsonaro para mascarar questões de interesse econômico.

Esses breves panoramas expostos neste capítulo têm como propósito situar o posicionamento político de Bolsonaro, o vírus, a pandemia e a relação de que esses elementos têm com a economia, com os fármacos aventados como possíveis formas de tratamento e com a desinformação e o negacionismo; servem para balizar, mesmo que timidamente, as condições de produção do discurso do ex-presidente e a contextualização da pandemia no Brasil.

No capítulo seguinte, procedemos à análise linguística do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia da COVID-19.

5 DA FONTE DA INFORMAÇÃO ÀS ATITUDES

Neste capítulo, para a análise linguística do discurso de Bolsonaro, analisamos a expressão lexical da evidencialidade e da modalidade em 10 pronunciamentos e em 3.186 tuítes que compõem o *corpus*, classificando as suas ocorrências de acordo com os seus subtipos. Especificamente, com base na classificação da evidencialidade (citativa, reportativa, inferencial, dedutiva e percepção de evento) e da modalidade (deôntica, epistêmica, facultativa e volitiva) propostas por Hengeveld (2004), Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fisher (2018), coletamos, classificamos e apresentamos a frequência dos itens lexicais evidenciais e modais empregados no discurso de Bolsonaro.

5.1 EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE

A análise da expressão lexical da evidencialidade no discurso de Bolsonaro revela que, nesse discurso, há uma baixa frequência de emprego de itens lexicais evidenciais, pois encontramos apenas 16 ocorrências desses itens, das quais 15 estão nos pronunciamentos e apenas 01 nos tuítes. Desse total, notamos que 6 ocorrências (37,50%) pertencem à subcategoria citativa, 4 ocorrências (25,00%) à reportativa, 5 (31,25%) à subcategoria inferencial e apenas 1 ocorrência (6,25%) à subcategoria de percepção do evento. Além disso, notamos que, em ambos os gêneros discursivos, pronunciamentos e tuítes, não foram encontradas ocorrências de evidenciais de dedução, isto é, não houve ocorrências em que o sujeito enunciador percebe um Estado de Coisas e deduz outro Estado de Coisas. Esses dados estão apresentados conjuntamente na tabela 1.

Tabela 1 - Ocorrência de itens lexicais evidenciais no *corpus*.

Subcategoria evidencial	Frequência nos pronunciamentos	Frequência nos tuítes	Ocorrência total
citativa	6	0	6 (37,50%)
reportativa	4	0	4 (25,00%)
inferencial	4	1	5 (31,25%)
percepção de evento	1	0	1 (6,25%)
dedutiva	0	0	0 (0,00%)
Total	15 (93,75%)	1 (6,25%)	16 (100%)

Fonte: elaborado pelo autor.

A baixa quantidade de itens lexicais evidenciais (16) no *corpus* aponta para a conclusão de que o discurso de Bolsonaro não privilegia lexicalmente a expressão da fonte da informação.

A nosso ver, essa conclusão pode ser relacionada com o que afirma Miranda (2021, p. 53) sobre menores ocorrências de itens lexicais evidenciais em gêneros opinativos. Ao analisar a expressão da evidencialidade reportativa e citativa no português brasileiro, a autora observa que, em certos casos, “a marcação da fonte para validação de uma informação não se faz tão necessária, pois o próprio sujeito enunciador costuma ser a fonte do que é expresso”, o que pode explicar a baixa quantidade de evidencialidade expressa por itens lexicais no discurso de Bolsonaro.

Ao comparar os gêneros pronunciamento e tuíte, notamos que 93,75% (15 ocorrências) das evidencialidades encontradas ocorrem nos pronunciamentos em comparação a 6,25% (1 ocorrência) das evidencialidades encontradas nos tuítes, como apresenta a tabela 1. Uma hipótese que explique a diferença entre a quantidade de ocorrências de evidencialidade nos pronunciamentos e nos tuítes pode remeter a restrições dos gêneros. No caso dos pronunciamentos (93,75% - 15), o grau de formalidade demanda maior rigor com relação às fontes dos dizeres, dado que se destina a circular em cadeia nacional de rádio e televisão. Nos tuítes (6,25% - 1), por sua vez, as fontes da informação, quando não forem expressas lexicalmente, podem ser representadas por recursos do ambiente digital, como o *link* para acesso na íntegra ou mesmo a menção ao perfil vinculado à informação por meio do ícone “@” (cf. capítulo 5).

Apesar do baixo índice de ocorrências, tendo em vista que a evidencialidade diz respeito à obtenção da fonte da informação, esses diferentes tipos de evidencialidade prospectam distintos modos de comprometimento do sujeito enunciador com a informação que apresenta, como apresentamos adiante.

Nesse sentido, podemos categorizar a evidencialidade em um *continuum* que vai do menor grau de comprometimento para o maior grau de comprometimento do sujeito enunciador a respeito da fonte da informação; assim, temos: citativo > reportativo > inferencial > dedutivo > percepção de evento. Essa ordem é justificada pelo modo de obtenção da informação. A esse respeito, Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fisher (2018) afirmam que os citativos e reportativos dizem respeito a uma fonte de informação que não o sujeito enunciador, logo, têm como efeito de sentido maior descomprometimento com o que é comunicado. Os inferenciais, por outro lado, têm como fonte da informação o sujeito enunciador, entretanto, o processo pelo qual esse chega à formulação da informação é unicamente abstrato, isto é, com base em seus cálculos mentais. Nos casos de dedução, há tanto um evento concreto percebido e um deduzido e, nos casos de percepção de evento, há um evento testemunhado, portanto, concreto, que embasa a fonte da informação.

Coincidentemente, a frequência das ocorrências dos evidenciais no discurso de Bolsonaro segue semelhante caminho: as citativas em primeiro lugar, seguida das reportativas, das inferenciais e dos casos de percepção de evento. As de dedução não foram encontradas.

A evidencialidade citativa e a evidencialidade reportativa são os subtipos evidenciais mais salientes, respectivamente 6 (37,50%) e 4 (25,00%). De acordo com Hengeveld e Fisher (2018), esses evidenciais dizem respeito ao modo como o sujeito enunciador expressa a informação obtida de uma fonte que não ele. Por essa abordagem, esclarece Miranda (p. 12, 2021) que o evidencial citativo é aquele em que o sujeito enunciador, por meio do discurso direto, “reproduz a totalidade da fala da fonte, com uma encenação de reprodução exata daquele enunciado, sem alterações do centro dêitico” e que o evidencial reportativo, geralmente, por meio do discurso indireto, é aquele “em que o falante transmite apenas o conteúdo da mensagem da fonte, fazendo adaptações nesse enunciado”. Conforme a autora, a diferença desses subtipos reside também nos distintos graus de credibilidade sobre o conteúdo que é comunicado, como podemos conferir a seguir:

A configuração da citação e da reportatividade é responsável por diferentes efeitos de sentido na construção da argumentação, podendo servir tanto ao aumento da credibilidade da informação transmitida quanto ao efeito de descomprometimento do falante com a informação veiculada (Miranda, 2021, p. 13).

A afirmação da autora está baseada na análise que desenvolve sobre a evidencialidade citativa e sobre a reportativa no português brasileiro, examinando a ocorrência desses subtipos no discurso jornalístico. Conforme Miranda (2021), a utilização da evidencialidade em línguas que a marcam lexicalmente não é mandatória, como é o caso do português, todavia, em contextos específicos, a indicação da fonte se faz necessária, como no contexto do discurso jornalístico, em que é esperado que a transmissão da informação seja confiável, “sendo o evidencial uma importante estratégia para construir essa confiabilidade, além de ser uma forma de o falante se descomprometer com determinadas informações” (Miranda, p. 32, 2021), aumentando o valor de verdade de uma informação.

A respeito dos diferentes efeitos de sentido desencadeados pela citação, observamos que Maingueneau (1989) também registra essas. Nas palavras do autor:

(...) sublinhamos a ambiguidade fundamental do fenômeno da citação, caso seja considerado o grau de adesão do locutor ao que está dizendo. Assim, na opinião de Berrendonner, se um locutor ‘contenta-se em relatar as alocações assertivas de um terceiro, em lugar de garantir *pessoalmente*, através de uma simples afirmação, a verdade de p, isto permite concluir que ele *não pode*, por si só, subscrever p, não acreditando muito, por conseguinte, em sua verdade; em compensação, para C.

Kerbrat-Orecchioni, ocultar-se por trás de um terceiro é ‘frequentemente uma maneira hábil por ser indireta de sugerir o que se pensa, sem necessitar responsabilizar-se por isto’. **Aí reside toda a ambiguidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção.** Pode-se tanto dizer ‘**que o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo**’ quanto o contrário. (Mainueneau, 1989, p. 86; **grifos nossos**).

Nesse sentido, o que notamos no discurso de Bolsonaro é a presença de 6 (37,50%) citativos e 4 (25,00%) reportativos. Assim, com o emprego desses subtipos de evidencialidade, Bolsonaro revela que obteve a informação de outro enunciador, o que, no caso em questão, confere maior confiabilidade ao seu discurso, ao delegar a fonte da informação a uma outra instância: a do discurso de médicos. Vejamos os seguintes excertos:

- (14) Minha preocupação sempre foi salvar vidas, tanto as que perderemos pela pandemia quanto aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome. Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada. Nesse sentido, o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, disse saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” e que “os governos têm que levar esta população em conta”. (P4)
- (15) Continua ainda, “se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?” (P4)
- (16) Ele prosegue, “Então, cada país, baseado em sua situação, deveria responder a esta questão”. (P4)
- (17) O diretor da OMS afirma ainda que, com relação a cada medida, “temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas” (P4).

Em (14), (15), (16) e (17), a citação da voz do diretor-geral da OMS é expressa por meio de itens lexicais verbais – verbos *dicendi* – no pretérito perfeito do indicativo, em (14), e no presente do indicativo em (15), (16) e (17). Nesses quatro casos, a evidencialidade citativa é seguida de discurso relatado em estilo direto, reproduzindo a fala integral do diretor geral da OMS, o que, como afirma Miranda (2021), confere ao sujeito enunciador maior grau de credibilidade ao passo em que assegura um descomprometimento com a responsabilidade desses atos discursivos. Dessa maneira, é conferido a Bolsonaro maior legitimidade para defesa de que as atividades comerciais não podem parar.

Ao se valer de trechos do discurso do Dr. Tedros Adhanom (“o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?” [15]), que é um discurso alinhado ao seu posicionamento, o sujeito enunciador acentua sua preocupação com os mais necessitados. Assim, por meio da evidencialidade citativa e das

marcas de aspas indicando o discurso em estilo direto, Bolsonaro se resguarda sob a égide do discurso de uma autoridade da saúde.

Os excertos seguintes são de outro pronunciamento (P5) de Bolsonaro; em (18), há uma evidencialidade citativa e, em (19), uma reportativa, como podemos observar abaixo.

- (18) e complementa “eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada” (P4).
- (19) Como afirmou o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, cada país tem suas particularidades, ou seja, a solução não é a mesma para todos (P5).

Nos excertos acima, podemos notar que os tempos verbais são diferentes no caso de citativa (presente do indicativo) e no caso de reportativa (pretérito perfeito do indicativo). Como afirmamos, o subtipo citativo é seguido da reprodução, por meio do discurso direto, exata de uma fala que não pertence a Bolsonaro, portanto confere ao discurso maior credibilidade, como podemos observar em (18). Por outro lado, como o subtipo reportativo é seguido do discurso indireto, há, então, um resumo da fala que não pertence a Bolsonaro, portanto confere certa credibilidade em relação ao que comunica, entretanto em menor grau se comparamos ao subtipo citativo. Já em relação ao descomprometimento com o que é dito, podemos dizer que esse aumenta ainda mais, tendo em vista que o sujeito enunciador não busca representar a fala reportada com exatidão; é necessário que o coenunciador credite a verdade do que é informado na confiabilidade que deposita em Bolsonaro, como podemos observar em (19) e no exemplo a seguir (20).

- (20) Há pouco, conversei com o Dr. Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que não só usou a Hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos. Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a história como tendo salvo milhares de vidas no Brasil. Nossos parabéns ao Dr. Kalil. (P5).

No excerto, notamos novamente o emprego da evidencialidade reportativa, que, nesse novo caso, introduz a fala de outro médico, mais uma vez, conferindo a seu discurso mais credibilidade. Diferentemente dos casos de (14) a (19), a voz evocada em (20) não é a de um médico internacional (microbiologista), diretor da OMS, mas de um médico nacional, professor da Universidade de São Paulo (USP), e profissional do Hospital Sírio-Libanês. A especialidade

de Dr. Kalil é cardiologia, o que poderia, para alguns, comprometer a credibilidade da fonte. Todavia, o reporte à voz de um médico brasileiro pode conferir mais legitimidade ao discurso de Bolsonaro, uma vez que diz respeito à realidade enfrentada no Brasil.

No próximo excerto, notamos que a evidencialidade reportativa é utilizada mais uma vez para reforçar o discurso de Bolsonaro. Vejamos o excerto:

- (21) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (P3-24/03/2020).

Nesse caso, Bolsonaro retoma a fala do conhecido médico Drauzio Varella, conhecido nacionalmente no Brasil por apresentar quadros no programa de televisão *Fantástico*, da rede de televisão comercial brasileira *Globo*, informação que pode ser obtida contextualmente. O referido médico, em 30/1/2020, em um contexto que ainda não havia casos de infectados por COVID-19 no Brasil, disse que “80% das pessoas que pegam têm um resfriadinho de nada”. É a essa fala que Bolsonaro se refere. No caso do excerto (21), a reportatividade é feita para sustentar a tese de que a Covid-19 pode não ser grave para algumas pessoas, isto é, pode ser uma “gripezinha ou resfriadinho”, conteúdo que o seu discurso atribui, não por acaso, justamente a um médico vinculado a uma emissora de televisão que ele constantemente ataca em seu discurso, ou seja, trata-se de uma fonte aceita até pelos seus antagonistas. Como podemos notar, por se tratar de uma evidencialidade atrelada ao discurso indireto, o reporte à fala de Varella é apreensível com informações contextuais. De acordo com Miranda (p. 53, 2021), nos casos de reportativo, não há “a necessidade de tentar reproduzir a informação exatamente como foi enunciada pela fonte”, podendo o sujeito enunciador “resumir a informação para transmitir apenas o que julga ser mais relevante”. A intenção principal aqui é transmitir a informação e a fonte da informação, sem a necessidade de transcrição da fala original.”

De todo modo, a citação e o reporte à autoridade da saúde fortalecem o discurso de Bolsonaro sobre seu modo de lidar com a pandemia no Brasil, ao passo que também enfraquece possíveis argumentos contrários que poderiam ser utilizados para refutá-lo, pois o sujeito enunciador se vale de representantes do discurso da saúde para conferir a suas falas credibilidade e descomprometimento.

Até o momento, notamos que o grau de credibilidade é maior nos evidenciais citativos, cujas ocorrências somam 37%, e menor nos reportativos, cujas ocorrências somam 25%. No

que diz respeito ao descomprometimento com a fonte da informação, notamos que, em ambos os casos, há descomprometimento com o que é dito, pois dizem respeito a casos de discursos relatados, isto é, a responsabilidade recai sobre a fonte externa. Entretanto, nos casos em que há emprego de citativos, o sujeito enunciador reproduz integralmente o discurso citado, ao passo que parafraseia os discursos a que se refere nos casos em que há emprego de reportativos, o que aumenta o grau de descomprometimento com o que é reportado.

Ainda notamos que outros dois fatores modificam os graus de credibilidade e de descomprometimento desses evidenciais: o grau de identificabilidade e de especificidade, isto é, a definição da fonte da informação e a qualificação dessa.

Seguindo a proposta de Teixeira (2014), o grau de identificabilidade e de especificidade é assumido, no trabalho de Miranda (2021), como parte dos critérios pragmáticos de investigação do papel da (in)determinação da fonte da informação obtida. Nesses trabalhos, as autoras analisam os tipos de indeterminação do sujeito de acordo com os preceitos da GDF. No bojo teórico da GDF, a identificabilidade e a especificidade são operadores que podem ser aplicados a quaisquer referentes identificáveis tanto pela perspectiva do sujeito enunciador quanto pela perspectiva do destinatário. Na proposta de Teixeira (2014), a autora analisa os operadores de identificabilidade [$\pm id$] e de especificidade [$\pm s$] e suas respectivas combinações: [$+id, +s$], [$+id, -s$], [$-id, +s$], e [$-id, -s$]. As combinações dos tipos de (in)determinação podem ser agrupadas em três tipos, ilustrados com excertos retirados de Teixeira (2014), como apresentamos a seguir.

- a. Folha: Alguém te avisou sobre a possibilidade de execução? Archer: Não. Ninguém me avisou de nada. Sei que saiu na imprensa aqui só (Teixeira, 2014, p. 81, grifos da autora).
- b. Erundina: Já marquei um encontro com um grupo grande de pessoas que está um pouco afastada da atividade política desde o meu mandato (Teixeira, 2014, p. 84, grifos da autora).
- c. Paschoal: As pessoas aplaudem a lei sobre os crimes ambientais. Essa lei é um lixo (Teixeira, 2014, p. 105, grifos da autora).

A primeira combinação, [$+id, +s$], diz respeito a uma fonte definida para enunciador e para coenunciador, ilustrada pelo excerto a). Por seu turno, as combinações [$+id, -s$] ou [$-id, +s$], dizem respeito a uma fonte parcialmente definida para um dos interlocutores, ilustradas pelo excerto b). Por sua vez, a combinação [$-id, -s$] diz respeito a uma fonte indefinida, em que há indeterminação total entre enunciador e coenunciador [$-id, -s$], ilustrada pelo excerto c). Como afirma Miranda (2021), a indeterminação total ainda pode ser marcada pela desinência

verbal, como em “dizem” com sentido genérico. A seguir, apresentamos um quadro elaborado pela autora sobre as combinações dos tipos de fontes.

Quadro 4 - Tipos de (in)determinação da fonte da informação.

Fonte definida	Apresenta os traços [+id, +s].
Fonte parcialmente definida	Apresenta os traços [-id, +s].
Fonte indefinida	Apresenta os traços [-id, -s] ou indeterminação pela desinência verbal, como em “dizem, sabe-se”.

Fonte: retirado de Miranda, p. 76, 2021.

Seguindo os passos de Miranda (2021) e de Teixeira (2014), notamos que, nos excertos do discurso de Bolsonaro em que há evidencialidade citativa e reportativa, a fonte da informação é definida em 9 casos e parcialmente definida em 1 caso. Não há casos de fonte indefinida.

Os casos de fonte definida, que apresentam os traços [+id, +s], conforme Miranda (2021, p. 60), indicam a “intenção de dar credibilidade à mensagem e não a colocar como genérica e indeterminada”, o que pode ser observado nos exemplos (22), em que há ocorrência de citativo com fonte definida e, em (23), em que há ocorrência de reportativo com fonte definida. Os grifos em negrito marcam as evidencialidades citativa e reportativa e os grifos sublinhados marcam a identificação [$\pm$ id] e especificação [$\pm$ s] das fontes. Vejamos:

- (22) Nesse sentido, o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, **disse** saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” e que “os governos têm que levar esta população em conta” (P4).
- (23) Há pouco, conversei com o Dr. Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que não só usou a Hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos.
- Disse-me** mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a história como tendo salvo milhares de vidas no Brasil. Nossos parabéns ao Dr. Kalil (P5).

Notamos, em ambos os casos, que há traços de [+id, +s], isto é, a fonte da informação é identificada (“o Sr. Tedros Adhanom” / “Roberto Kalil”) e especificada (“diretor-geral da Organização Mundial da Saúde” / “Dr.”) por Bolsonaro. A presença dos traços [+id, +s], conforme Miranda (2021), tem como efeito de sentido a atenção do sujeito enunciator em especificar fonte, o que aumenta mais a qualificação da fonte do conhecimento; nos excertos

acima isso é feito por meio das credenciais das fontes, com o fim de lhes conferir maior credibilidade.

Observamos que o único caso em que Bolsonaro não especifica a fonte da informação é exatamente o caso em que a fonte da informação é o Dr. Drauzio Varella. Como dissemos, Bolsonaro, declaradamente, coloca-se como antagonista a Varella, não só por causa da associação que o médico mantém com a Globo, mas também por causa dos posicionamentos de Varella, que são discordantes dos de Bolsonaro. No excerto seguinte, observamos que há uma indefinição por parte do enunciador em expressar a fonte do discurso reportado. Vejamos:

- (24) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem **disse** aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (P3).

No excerto, notamos que há uma fonte parcialmente definida. Nos casos em que a fonte da informação é parcialmente definida, Miranda (p. 61, 2021) afirma que “não se faz necessário o apoio em uma fonte específica para validar a credibilidade do texto”. A autora ainda afirma que os traços [-id] ou [-s] podem dizer respeito a situações em que sujeito enunciador ou o coenunciador desconhece a fonte. Nos casos acima, o traço de indeterminação não se configura como uma fonte desconhecida de Bolsonaro ou do coenunciador, pelo contrário: trata-se de um caso em que o sujeito enunciador não se “dá ao trabalho” de citar. Nesse sentido, podemos dizer que, em “aquele conhecido médico daquela conhecida televisão”, não há o traço de identificação, mas há o traço de especificidade [-id, +s], pois Bolsonaro leva em consideração que, apenas com as informações de “aquele conhecido médico” e “daquela conhecida televisão”, o coenunciador é capaz de inferir que a fonte é Varella.

Quanto aos casos de evidencialidade inferencial, lembramos que, de acordo com Hengeveld e Hattnher (2015), essa diz respeito ao modo como o sujeito enunciador, por meio de cálculos mentais próprios, infere uma determinada proposição, como ocorre no próximo excerto:

- (25) O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz (P4-31/03/2020).

Em (25), a proposição “a hidroxicloroquina ser bastante eficaz” é apresentada como uma inferência/conclusão possível, sem indicação de uma fonte específica que seria responsável por esse cálculo mental. Bolsonaro afirma categoricamente no pronunciamento que

o vírus não é uma fantasia, mas sim uma “realidade”. Seguem essa afirmação duas negações: “não existe vacina” nem “remédio com eficiência comprovada”, como podemos observar adiante. A segunda negação é subordinada à concessão que a sucede, evidente por meio do operador discursivo “apesar”. Como efeito de sentido, o inferencial não confere credibilidade tal como os citativos e os reportativos, que apresentam o discurso de médicos, pois a fonte da informação é um cálculo mental do sujeito enunciador, logo, ele é a fonte do dizer. Por esse viés, há, então, um maior comprometimento de Bolsonaro, porque esse assume a responsabilidade do conteúdo proposicional. Todavia, esse comprometimento é fraco, pois a evidencialidade inferencial é formulada com base em uma suposição de Bolsonaro (“parecer”).

No próximo excerto, notamos novamente a utilização da evidencialidade inferencial empregada de forma a enfraquecer o comprometimento de um cálculo mental feito pelo sujeito enunciador. O tuíte referido faz parte de uma *thread*, isto é, faz parte de um conjunto de tuítes em sequência, como apresentado abaixo, em que cada numeral (“1-”, “2-” e “3-”) indica um tuíte diferente, como é possível visualizar a seguir.

- (26) 1- Há 40 dias venho falando do uso da Hidroxicloroquina no tratamento do COVID-19. Sempre busquei tratar da vida das pessoas em 1º lugar, mas também se preocupando em preservar empregos. Fiz, ao longo desse tempo, contato com dezenas de médicos e chefes de estados de outros países (T-08/04/2020).
- 2- Cada vez mais o uso da Cloroquina se apresenta como algo eficaz. Dois renomados médicos no Brasil se recusaram a divulgar o que os curou da COVID-19. Seriam questões políticas, já que um pertence a equipe do Governador de SP? (T-08/04/2020).
- 3- Acredito que eles falem brevemente, pois esse segredo não combina com o Juramento de Hipócrates que fizeram. Que Deus ilumine esses dois profissionais, de modo que revelem para o mundo que existe um promissor remédio no Brasil (T-08/04/2020).

Assim como no exemplo (25), em que Bolsonaro se preserva de afirmar categoricamente a eficácia da hidroxicloroquina (HCL), em (26), no primeiro tuíte, Bolsonaro diz que “vem falando do uso” do fármaco, não abordando a questão de sua eficácia. A eficácia, nesse caso, pode ser inferida dos trechos seguintes: “Fiz, ao longo desse tempo, contato com dezenas de médicos e chefes de estados de outros países”, “o uso da Cloroquina se apresenta como algo eficaz” e “existe um promissor remédio no Brasil”. Se Bolsonaro tem falado do uso há quarenta dias, subentende-se, assim, que, há esse tempo, ele está refletindo sobre a eficácia da HCL, baseada nos contatos que afirma ter tido com médicos e com chefes de Estados. É com base nisso que Bolsonaro pode inferir que acredita que logo esses médicos venham a falar sobre a eficácia do remédio. Se em (25), Bolsonaro mantém-se na fronteira entre “não existir remédio

comprovado cientificamente” e “a aparente eficácia da hidroxicloroquina”, em (26), o conteúdo proposicional inferido não recai sobre a questão da eficácia, mas, sim, em sua suposição de que médicos brasileiros curados da COVID-19 comecem a também divulgar a eficácia. Como efeito de sentido do emprego do evidencial “acredito”, o comprometimento fraco com a fonte da informação (pois essa é advinda do próprio sujeito enunciador) não recai sobre a eficácia da HCL, mas sim sobre a atitude dos médicos em falar sobre a eficácia da HCL.

Por fim, no próximo excerto, apresentamos um caso de evidencialidade de percepção de evento. Vejamos:

- (27) Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.
Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. (P3-24/03/2020).

De acordo com Hengeveld e Hattnher (2015), a evidencialidade de percepção de evento é formulada com base em um evento testemunhado pelo sujeito enunciador, isto é, com base na experientiação desse acerca de um Estado de Coisas percebido. Em (27), a evidência testemunhada é a alteração dos conteúdos divulgados por parte da imprensa, que pode ter sido percebida ao ler, assistir ou ouvir sobre os conteúdos veiculados na mídia. Nessa perspectiva, segundo Bolsonaro, a mídia vinha contribuindo para a disseminação da histeria coletiva em decorrência do vírus. Posteriormente, a percepção de que parte da mídia “pedem calma e tranquilidade”, construída de forma impessoal por meio da voz passiva sintética, é a razão para a congratulação de Bolsonaro a parte da imprensa.

Ainda a esse respeito, observamos que, como afirmamos no início desta seção, o evidencial de percepção do evento se encontra no polo de maior comprometimento com a fonte da informação e o evidencial citativo no polo de menor comprometimento. À vista disso, no único caso em que o emprego da evidencialidade demonstra que Bolsonaro se compromete com a informação, o evento que motiva o comprometimento é a constatação de que “parte da imprensa mudou seu editorial”, isto é, a mudança agrada o sujeito enunciador (“Isso é muito bom, parabéns”) e, por isso, seu comprometimento com a informação; diferentemente dos casos de evidenciais inferenciais, em que os eventos dizem respeito à HCL.

Por fim, tomando conjuntamente os dados apresentados, que versam sobre a questão da legitimação do discurso de Bolsonaro, podemos afirmar que:

- a. Bolsonaro não privilegia a expressão lexical da evidencialidade, isto é, não expressa frequentemente a fonte da informação em seu discurso, mas, quando faz uso desse recurso, os evidenciais mais recorrentes são, respectivamente, os citativos, os reportativos e os inferenciais;
- b. quando expressa a fonte da informação, privilegia a evidencialidade citativa, em que a fonte da informação é seguida de discurso direto, o que confere, como efeito de sentido, maior credibilidade ao conteúdo asseverado e maior descomprometimento por parte de Bolsonaro com o discurso citado;
- c. com menor frequência, quando se vale da evidencialidade reportativa, Bolsonaro expressa a fonte da informação por meio do discurso indireto, o que confere, como efeito de sentido, credibilidade, mas em menor grau, e comprometimento, mas em maior grau, quando comparado com o emprego de evidencialidade citativa;
- d. quando expressa a fonte da informação, privilegia a identificabilidade [+id] e a especificidade [+s] das fontes da informação;
- e. os casos de evidenciais inferenciais, terceiro subtipo mais frequente, apresentam um grau menor de credibilidade e maior comprometimento em relação aos citativos e reportativos. Os inferenciais, entretanto, por meio de verbos que denotam suposição, atenuam o comprometimento do sujeito sobre a eficácia da HCL, pois se trata de um cálculo mental de Bolsonaro sobre o medicamento “parecer eficaz” e sobre ele “acreditar” que médicos vão dizer sobre a eficácia da HCL e
- f. o único caso em que podemos afirmar que há comprometimento de Bolsonaro por meio dos evidenciais acontece por meio do emprego da evidencialidade de percepção de evento, relativa à mudança dos conteúdos veiculados nos veículos de imprensa.

Em termos de *ethos*, o emprego dos evidenciais citativos e reportativos conferem ao discurso de Bolsonaro maior legitimidade, pois as fontes citadas ou reportadas são de médicos, representantes de um discurso constituinte, o da Ciência. Dessa forma, ao reproduzir, parafrasear e embasar seus discursos nas falas desses profissionais da saúde, a veracidade do que diz é, então, reforçada por essas autoridades, quando deseja embasar seus posicionamentos sobre a pandemia, ao mesmo tempo em que há descomprometimento com a veracidade da verdade da informação. Nesse sentido, a ideia de que o discurso de Bolsonaro não passa de um caso de

desinformação fica, dessa forma, um pouco relativizada, pois, conforme os dados revelam, o discurso da ciência, apesar de pouco presente, está atravessando de algum modo o seu discurso. Em vista disso, podemos dizer que Bolsonaro, ao se valer do discurso científico, projeta o *ethos* de um governante bem-informado, atualizado e, de um certo modo, prudente, pois se vale do discurso que é o mais autorizado para abordar o assunto em questão.

No item seguinte, analisamos as modalidades no discurso de Bolsonaro, apresentando os subtipos modais mais frequentes e a relação dessas modalidades com o *ethos* discursivo.

5.2 EXPRESSÃO DA MODALIDADE

Feito o levantamento das ocorrências de itens lexicais modalizadores presentes no discurso em análise, apresentamos, na tabela 2, os resultados obtidos. Observamos que essa tabela leva em conta os gêneros discursivos em que os modalizadores foram empregados (tuítes ou pronunciamentos) e leva em conta os critérios a partir dos quais Hengeveld (2004) classifica os itens modais, a saber, o domínio semântico e o alvo de avaliação.

Tabela 2 - Ocorrência de itens lexicais modais no corpus.

Domínio Semântico	Alvo da avaliação	Frequência nos tuítes	Frequência nos pronunciamentos	Frequência total
<i>Deôntica</i>	Participante	2	2	4 (1,80%)
	Evento	39	38	77 (36,68%),
	Proposição	-----	-----	-----
	Subtotal	41 (18,46%)	40 (18,01%)	81 (36,48%)
<i>Epistêmica</i>	Participante	-----	-----	-----
	Evento	39	19	58 (26,12%)
	Proposição	5	13	18 (8,10%)
	Subtotal	44 (19,81%)	32 (14,41%)	76 (34,23%)
<i>Volitiva</i>	Participante	0	1	26 (11,15%)
	Evento	16	29	25 (10,72%)
	Proposição	-----	-----	-----
	Subtotal	16 (7,20%)	30 (13,51%)	46 (20,72%)
<i>Facultativa</i>	Participante	3	0	3 (0,89%)
	Evento	12	4	16 (6,72%)
	Proposição	-----	-----	-----
	Subtotal	15 (6,75%)	4 (1,80%)	19 (8,55%)
Total geral		116 (52,25%)	106 (47,74%)	222 (100%)

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme os dados apresentados na tabela 2, verificamos um total de 222 ocorrências de itens lexicais modais nos gêneros pronunciamento e tuíte. A respeito desses últimos, verificamos que 52,25% (116 ocorrências) dos modais estão nos tuítes e 47,74% (106 ocorrências) nos pronunciamentos.

Sobre os domínios semânticos desses modais, isto é, a perspectiva a partir da qual a avaliação é feita, verificamos que 81 (36,48%) ocorrências correspondem a modalidades deônticas, 76 (34,23%) a modalidades epistêmicas, 46 (20,72%) a modalidades volitivas e 19 (8,55%) a modalidades facultativas. Ainda a respeito dos domínios semânticos, notamos que os dados das ocorrências da modalidade deôntica são próximos nos dois gêneros discursivos: 41 (18,46%) nos tuítes e 40 (18,01%) nos pronunciamentos. Por outro lado, os dados das ocorrências das modalidades epistêmica, volitiva e facultativa são diferentes quando comparados os dois gêneros discursivos. As ocorrências de modalidade epistêmica (44 nos tuítes e 32 nos pronunciamentos) e de facultativa (15 nos tuítes e 4 nos pronunciamentos) são maiores nos tuítes. Já as ocorrências de modalidade volitiva são maiores nos pronunciamentos (30 ocorrências de modais epistêmicos nos pronunciamentos e 16 ocorrências nos tuítes).

A respeito dos alvos de avaliação, isto é, a parte do enunciado que é afetada pela modalização, apresentamos os dados das ocorrências encontradas na tabela 3.

Tabela 3 - Frequência dos alvos de avaliação dos modalizadores no *corpus*.

		Tuítes	Pronunciamentos	Total
Alvo da avaliação	<i>Evento</i>	106 (47,74%)	90 (40,54%)	196 (88,28%)
	<i>Participante</i>	5 (2,25%)	3 (1,35%)	8 (3,60%)
	<i>Proposição</i>	5 (2,25%)	13 (5,85%)	18 (8,10%)
Total geral		116 (52,25%)	106 (47,74%)	222 (100%)

Fonte: elaborado pelo autor.

O emprego desses alvos de avaliação e dos domínios semânticos, enquanto expedientes linguísticos a serviço da construção do *ethos* do discurso de Bolsonaro, é abordado adiante, com foco na modalidade deôntica e epistêmica.

a. a modalidade deôntica no discurso de Bolsonaro

A modalidade deôntica, de acordo com Neves (2006), está relacionada com aquilo que é legalmente, socialmente ou moralmente permitido. Nesse sentido, o modal deôntico está condicionado por traços lexicais específicos, tais como o de /+controle/, implicando que esse aceite o valor de verdade de um enunciado para que haja a potencial execução de um evento.

Em termos de seus valores, o domínio semântico deôntico é o mais empregado, com 81 ocorrências, correspondente a 36,48% dos itens modais do *corpus*. Esse valor modal, que diz respeito à expressão das obrigações, das necessidades e das permissões, confere ao discurso um tom autoritário, como apontam os trabalhos de Brunelli e Dall’Aglío-Hattnher (2009), de Verni (2019) e de Ueda, Gasparini-Bastos e Brunelli (2022). Conforme as autoras afirmam, o tom autoritário, que é inerente ao valor modal deôntico, é afetado pelos casos em que o alvo da avaliação é o participante ou em que é o evento. Ou seja, a orientação para o participante ou evento confere ao discurso efeitos de sentido diferentes quanto ao tom autoritário. Nos casos analisados, isso pode ser explicado pelos usos que o sujeito enunciador faz dos alvos de avaliação e dos empregos das pessoas do discurso. À vista disso, notamos que há mais casos de modais deônticos orientados para o evento do que casos orientados para o participante. Assim, com 77 ocorrências de modais deônticos orientados para o evento, em contraposição às 04 ocorrências em que o alvo é o participante, há mais casos em que o sujeito Bolsonaro não orienta os enunciados para os agentes implicados no evento (excerto 28 e 29):

- (28) Nossa saúde e de nossos familiares devem ser preservadas. O momento é de união, serenidade e bom senso (P2-12/03/2020).
- (29) Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos. Há também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares. Queremos um povo atuante e zeloso com a coisa pública, mas já podemos colocar em risco a saúde da nossa gente (P2-12/03/2020).

Nos casos (28) e (29), de orientação para o evento, a ordem não recai sobre sujeitos específicos (o povo brasileiro), pois se trata da expressão de uma necessidade a ser cumprida, isto é, a de preservar a saúde e os familiares naquele momento de início da pandemia. Especificamente sobre o verbo “Queremos”, um desejo (volitivo) é convertido em ordem (deôntica), já que o desejo de um presidente é uma ordem. Para além disso, em (28) e (29), as entidades afetadas pela modalidade deôntica contribuem para atenuação do tom autoritário de Bolsonaro. Em ambos os casos, a orientação ao evento atenua o tom autoritário do discurso, uma vez que o sujeito enunciador não está, de fato, implicado como alvo da predicação, a autoridade não é direcionada a agentes claros. A esse respeito, Brunelli e Dall’Aglío-Hattnher afirmam:

Na medida em que a modalidade orientada para o evento não incide sobre um participante específico, a obrigação ou permissão é representada como regra geral de conduta. Também nesse caso, a indicação da fonte da obrigação ou permissão é menos específica, o que configura a modalidade orientada para o evento como menos impositiva (Brunelli e Dall’Aglío-Hattnher, 2009, p. 184).

Ainda acerca dos alvos de avaliação e suas interferências a respeito do tom autoritário, podemos notar que os empregos das pessoas do discurso contribuem para a atenuação do tom de autoridade no discurso de Bolsonaro. Nessa linha, os dados da tabela 2 revelam que há uma gradação de ocorrências de empregos das pessoas do discurso, da pessoa do discurso mais distante de quem enuncia (Eles, Elas, Vocês) até a pessoa que enuncia (Eu): 3ª pessoa do plural > 3ª pessoa do singular > 1ª pessoa do plural > 1ª pessoa do singular. Consequentemente, podemos notar que o tom de autoridade no discurso acompanha os empregos das pessoas do discurso e dos alvos de avaliação.

Quando há emprego da primeira pessoa do discurso, no singular, não há necessidade de atenuação do tom autoritário, pois o alvo de avaliação é o próprio sujeito enunciador. A 1ª pessoa do singular não demanda proteção à face de Bolsonaro, pois o tom de autoridade tem como único alvo o próprio sujeito enunciador, diferentemente de quando há uso do “nós”, na 1ª pessoa do plural, que revela que, tanto o sujeito enunciador quanto o alvo participante são afetados pela ação contida no enunciado. No excerto seguinte, apresentamos casos em que Bolsonaro utiliza a 1ª pessoa do singular, em (30), e a 1ª pessoa do plural em (31), entretanto o primeiro excerto tem como orientação o participante e o segundo tem como orientação o evento:

- (30) A minha obrigação como presidente vai para além dos próximos meses. Preparar o Brasil para a sua retomada, reorganizar nossa economia e mobilizar todos os nossos recursos e energia para tornar o Brasil ainda mais forte após a pandemia.
- (31) Não podemos esquecer, no entanto, que o Brasil mudou. O povo está atento e exige de nós respeito à Constituição e zelo pelo dinheiro público(T-12/03/2020).

Em (30), em “A minha obrigação”, por ter como alvo o sujeito enunciador (Bolsonaro), o tom autoritário está presente, mas não afeta o interlocutor. Em “Não podemos”, por seu turno, por ter como alvo um evento, o modal deôntico não incide diretamente sobre esses participantes, isto é, a obrigação tem como efeito de sentido um tom autoritário a esses, mas isso esse traço de /autoritário/ é atenuado. A esse respeito, a presença de um participante da 1ª pessoa do plural, incluído na realização potencial do evento, dilui o tom autoritário do discurso, como afirmam Brunelli e Dall’Aglío-Hattner (2009):

Pelo uso da primeira pessoa do plural, o sujeito-enunciador se inclui entre aqueles sobre quem recai a obrigação e, ao mesmo tempo, atenua seu papel de fonte instauradora da obrigação. Esses dois movimentos, de aproximação e apagamento, promovem uma diminuição natural da força da qualificação deôntica, na medida em que neutralizam momentaneamente a posição hierarquicamente superior da fonte deôntica (Brunelli e Dall’Aglío-Hattner, 2009, p. 186).

Dessa maneira, ao se colocar também como alvo da obrigatoriedade, o sujeito enunciador atenua sua atitude impositiva. Nesse sentido, as ocorrências de modalidade deôntica orientada para o participante, na primeira pessoa do plural, instituem uma imposição que também recobre o sujeito enunciador e, por isso, promovem “uma diminuição natural da força da qualificação deôntica”, atenuando, assim, o tom autoritário no discurso de Bolsonaro.

No que diz respeito às 3ª pessoas do singular e do plural orientadas para o participante, o tom autoritário é mais fraco ainda que no caso de 1ª pessoa do singular, pois os alvos de avaliação correspondem à categoria de não-pessoa do discurso, isto é, o sujeito enunciador não se dirige especificamente a um sujeito participante do Eu-Tu, o que exime Bolsonaro de proteger sua face. O distanciamento entre o sujeito enunciador e o interlocutor e a não-pessoa do discurso manifesta, assim, atenuação do grau do tom autoritário. Os excertos seguintes são de casos em que a modalidade deôntica é expressa por meio das 3ª pessoas do singular e plural, ambos casos de modalidades orientadas para o evento.

- (32) - A CPI que Barroso ordenou instaurar, de forma monocrática, na verdade, é para apurar apenas ações do governo federal. - Não poderá investigar nenhum governador, que porventura tenha desviado recursos federais do combate à pandemia. (Segue) <https://t.co/mIL4NnR20S> (T-2021-04-09).
- (33) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa (P3).

Nesses casos, o tom autoritário não apresenta o atenuante da 1ª pessoa do plural, pois nem Bolsonaro nem o destinatário estão implicados na concretização potencial dos eventos, mas, não por isso, a atenuação do tom autoritário se faz ausente: tanto em (32) quanto em (33), há um maior distanciamento do sujeito enunciador e do interlocutor (Eu-Tu) no que diz respeito aos participantes, tendo em vista que tratam de participantes da não-pessoa (Ele(as)/Eles(as): “A CPI.... - Não poderá” e “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem”. Nesse sentido, em (32) e em (33), há os traços de /+distanciamento/ e /-autoritário/, pois há o distanciamento do Eu-Tu como alvos afetados pela avaliação, fazendo com que o tom autoritário não seja direcionado ao leitor e, por isso, na perspectiva desse, há atenuação do tom autoritário.

No que diz respeito às modalidades orientadas para o evento, no discurso de Bolsonaro, essas são expressas por meio das 3ª pessoas do singular e do plural, como observamos nos excertos a seguir.

- (34) 38 milhões de autônomos já foram atingidos. Se as empresas não produzirem não pagarão salários. Se a economia colapsar os servidores também não receberão. Devemos abrir o comércio e tudo fazer para preservar a saúde dos idosos e portadores de comorbidades. <https://t.co/m2Bk28LunH> (T-2020-03-25).
- (35) Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada (P4).

Como Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2009) afirmam, o alvo de avaliação ao evento, por sua natureza, contribui para a atenuação do tom autoritário no discurso. Nos casos em (34) e em (35), essa orientação ao evento ainda é suplementada pelo emprego das 3ª pessoas do singular e do plural, o que contribui ainda mais para atenuação do tom autoritário de Bolsonaro, por serem tanto orientadas para evento quanto direcionadas à não-pessoa do discurso, apresentando, assim, os traços de /+distanciamento/ e /-autoritário/ mais ainda que a 1ª pessoa do singular.

Além disso, outros recursos podem estar a serviço da atenuação do tom autoritário. Como aponta Neves (2006), elementos sintáticos podem ser usados na modalização dos enunciados, a exemplo do que a autora nomeia como unipessoalização, que confere ao discurso minimização da participação do sujeito enunciadador em seu enunciado, como podemos observar no excerto a seguir:

- (36) - Sabemos que não há muito o que comemorar, mas é preciso restabelecer a verdade do que foi e está sendo feito na prática, para que o pânico e o caos promovido pelos que desejam retomar o poder e suas práticas nefastas não triunfem. Brasil acima de tudo; Deus acima de todos! (T-2021-05-27).
- (37) - É preciso respeitar a autoridade e a autonomia médica. Médicos devem ter liberdade para salvar vidas e isso vem sendo ameaçado por um grupo político que atua visando somente atacar o Governo enquanto nega investigar desvios de recursos para o combate à pandemia (T2021-06-02).

Nos casos acima, a necessidade de Bolsonaro, expressa por meio de adjetivos em posição predicativa, é suprimida por uma vontade que aparenta ser comum a todos. Esse efeito de sentido tanto atenua o tom autoritário de Bolsonaro quanto atenua o comprometimento desse sobre o que diz. A necessidade, manifestada em (36) e em (37), é tida, dessa forma, como um dever que não parte do sujeito enunciadador, mas de um consenso, por serem modais orientados para o evento.

Ainda, pode ser feita uma outra observação sobre a expressão lexical da modalidade deontica no discurso de Bolsonaro acerca dos tipos de deonticidade, quais sejam: as relacionadas à obrigação, à permissão ou à necessidade, conforme apresentamos na tabela 5.

Tabela 4 - Eixos deônticos.

			Alvo De Avaliação							
			Pronunciamentos			Tuítes				
	Eixo [E]	Subeixo [S]	Ev	Part	Prop	Ev	Part	Prop	Total [S]	Total [E]
D E Ô	Obrigação	Obrigação	25	1	—	19	2	—	47	57
		Proibição	8	0	—	2	0	—	10	
		Necessário	6	0	—	4	0	—	10	
N T	Necessidade	Não necessário	0	2	—	0	1	—	3	13
I		Permitido	0	0	—	11	0	—	11	
C O	Permissão	Não Permitido	0	0	—	0	0	—	0	11
Total			39	3	—	36	3	—		

Fonte: elaborado pelo autor.

No que diz respeito aos tipos de deonticidade, verificamos que 57 itens modais deônticos pertencem ao eixo da obrigação, dos quais 47 dizem respeito ao que é obrigatório e 10 ao que é proibido; 13 modais deônticos pertencem ao eixo da necessidade, dos quais 10 pertencem ao eixo do necessário e 03 ao eixo do não necessário; e 11 pertencem ao eixo da permissão, dos quais 11 dizem respeito ao que é permitido.

Esses dados revelam que há mais ocorrências de modais deônticos que exprimem uma obrigação, seguidas de modais deônticos que expressam necessidade e, por fim, permissão.

Com 57 ocorrências, o eixo da obrigação é o mais expressivo entre os tipos de deonticidade. As ocorrências de obrigação, nos pronunciamentos e nos tuítes, são próximas em relação a sua utilização no discurso de Bolsonaro. A respeito dessas, verificamos que há 47 casos de obrigação, como podemos observar nos excertos seguintes:

- (38) O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade (P3).
- (39) Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada (P4).
- (40) Temos 2 problemas que não podem ser dissociados: o vírus e o desemprego. Ambos devem ser tratados com responsabilidade. Mas se o remédio for demasiado o efeito colateral será muito mais desastroso. <https://t.co/qMFPI1idjU> (T-2020-03-30).
- (41) Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados simultaneamente (P5).
- (42) A liberdade tem que ser respeitada! (P10).

Nesses casos, notamos que as obrigações têm como alvo de avaliação eventos relacionados à continuidade das atividades do país com um todo, à continuidade das atividades econômicas, à manutenção dos empregos e à preservação da família, como em (38); eventos

relacionados à inserção de medidas protetivas, como em (39); eventos relacionados à concomitância de proteção da vida e da economia, como em (40) e em (41); e eventos relacionados à manutenção de direitos caros à democracia, como em (42), a respeito da liberdade da população que deseja continuar a trabalhar, apesar das condições sanitárias calamitosas.

Quando orientada para o participante, por sua vez, a obrigação diz respeito a ações capazes de serem realizadas pelos participantes, como podemos observar no excerto adiante:

- (43) Nós temos a obrigação, o Governo Federal se antecipar a problemas e também proporcionar as melhores políticas para o bem-estar do nosso povo, sempre baseado na transparência e na previsibilidade (P7).

Em (43), a obrigação recai sobre a ação direta relacionada do Governo Federal, estando Bolsonaro incluso, de proporcionar políticas públicas que visem ao bem-estar da população.

No que concerne à proibição, essa ocorre apenas quando o alvo de avaliação está orientado para o evento, como exposto nos excertos a seguir:

- (44) Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos. Há também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares. Queremos um povo atuante e zeloso com a coisa pública, mas jamaís podemos colocar em risco a saúde da nossa gente (P2).
- (45) Como presidente da República, eu coordeno 22 ministérios e, na maioria das vezes, o problema não está afeto a apenas um ministério. Quando se fala em saúde, fala-se em vida, a gente não pode deixar de falar em emprego (P6).
- (46) Ao longo desse tempo, a separação cada vez mais se tornava uma realidade, mas nós não podemos tomar decisões de forma que o trabalho feito por ele até o momento fosse perdido. O que eu conversei, ao longo desse tempo, com o oncologista dr. Nelson, ao meu lado, foi fazer com que ele entendesse a situação como um todo, sem abandonar, obviamente, o principal interesse, a manutenção da vida, mas sem esquecer que, ao lado disso, tínhamos outros problemas (P6).

Assim como as obrigações, as proibições recaem sobre a atuação dos participantes em proteger vidas (44) e empregos (45), ao passo que, em (46), recai sobre a descontinuidade do trabalho desenvolvido pelo ex-ministro da saúde Nelson Teich.

Ainda a respeito da modalidade deontica orientada para o evento no que tange a proibições, em (47), novamente é recoberto o evento de concomitância de atenção a vidas e empregos e, em (48), a proibição recai sobre o evento de anulação da prescrição médica quando essa indica o tratamento contra a COVID-19 à base de fármacos como a hidroxiclороquina, como podemos observar nestes excertos:

- (47) Temos 2 problemas que não podem ser dissociados: o vírus e o desemprego. Ambos devem ser tratados com responsabilidade. Mas se o remédio for demasiado o efeito colateral será muito mais desastroso. <https://t.co/qMFPI1idjU> (T-2020-03-30).
- (48) A. Hidroxicloroquina é usada conforme recomendações do Conselho Federal de Medicina. A decisão é do médico, e não pode ser proibida por decreto, seja de quem for. A Dep Clarissa Tércio/PE, faz relato daqueles que criticam, mas não oferecem alternativas. <https://t.co/JCG0aJSCif> (T-2020-08-09).

Em relação ao eixo deontico da necessidade, há 10 ocorrências de deonticos em que algo é necessário, e 03 ocorrências em que algo não é necessário, dos quais 11 são orientados para o evento (49), (50), (51) e (52) e 3 orientados para o participante (53), como observamos a seguir.

- (49) O coronavírus veio e um dia irá embora, infelizmente teremos perdas neste caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar ao máximo qualquer perda de vida humana. Como disse o diretor-geral da OMS, “todo indivíduo importa” (P4).
- (50) A- Já passada a fase de coordenação é preciso que sigam os acordos e orientações segundo as regras da Constituição, protegendo os grupos de risco e seguindo a continuidade da vida normal sem alarmismos (T-2020-03-24).
- (51) - OMS: “saúde e economia são inseparáveis.” - O povo quer e precisa trabalhar. Link no YouTube: <https://t.co/4Tjn9yLQWw> (T-2021-03-07).
- (52) - Quanto mais focarem em intriga e poder, menos informadas ficarão as pessoas e mais pânico será alimentado. É preciso cuidar da saúde física, mas também emocional dos brasileiros. (T-2020-03-23).
- (53) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Em (49) e em (50), as necessidades de “evitar ao máximo qualquer perda de vida humana” e seguir “os acordos e orientações segundo as regras da Constituição” são orientadas para o evento, bem como em (51) e em (52), em que as necessidades são orientadas para os eventos de “o povo trabalhar” e de cuidar da saúde física e emocional dos brasileiros. Ainda a respeito do excerto (55), essa necessidade orientada para o evento, por meio da unipessoalização (Neves, 2006), mesmo não tendo participantes envolvidos, é tida como uma vontade geral da nação e não uma vontade de Bolsonaro. Já em (53), a não necessidade diz respeito a, supostamente, o sujeito não precisar de cuidados médicos caso fosse contaminado pela COVID-19, o que discursivamente, contribui para a deslegitimação da seriedade do vírus.

Em relação ao eixo deontico da permissão, representam 11 ocorrências de deonticos, dos quais todos são orientados para o evento, com exceção do excerto (54), orientado para o participante, como podemos observar a seguir:

- (54) Por outro lado, chega ao Brasil o teste de imunocromatografia (IgG/IgM), no qual o cidadão fica sabendo se já foi contaminado e curado. Esses imunizados poderiam circular livremente com mais tranquilidade, como, por exemplo, profissionais de saúde, segurança, transporte e etc... (T-2020-03-25).
- (55) 1.1-Aneel assinou os contratos de concessão de 10 lotes de linhas de transmissão que foram arrematados em leilão realizado em dezembro/2020. As empresas já podem iniciar os trabalhos, que devem gerar mais de R\$ 7 bi em investimentos e 15 mil empregos em 9 estados. @Minas_Energia <https://t.co/vGRkOdD4IZ> (T-2021-04-08).
- (56) - Somente após a Lei 14.125/2021, de autoria do Presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, é que o Brasil pode comprar vacinas da Pfizer. Link no YouTube: <https://t.co/fyeXhEGbP8> (T-2021-05-01).
- (57) O @minsaude divulga orientações para tratamento da Covid-19, onde a Cloroquina pode ser ministrada em casos leves, com recomendação médica e autorização do próprio paciente/família (2020-05-20).

Em (54), a permissão diz respeito ao evento do tráfego de pessoas já contaminadas com COVID-19, entretanto observamos que o alvo de avaliação incide sobre os supostos imunizados, dessa forma, não sendo uma orientação a sujeitos pouco específicos. Já em (55), a permissão recai sobre o evento de abertura das empresas que podem dar início aos trabalhos em linhas de transmissão de energia, o que geraria empregos para a população necessitada de oportunidades de emprego. Em (56) e em (57), as permissões são orientadas para os eventos de comprar de vacinas da *Pfizer* e de prescrever *Cloroquina* em casos leves.

Assim, no que diz respeito à expressão lexical da modalidade deôntica no discurso de Bolsonaro, podemos dizer que:

- a) há mais casos de modalidades deônticas orientadas para o participante do que para o evento;
- b) quando são orientadas para o participante, o tom autoritário é maior que nos casos de deônticos orientados para o evento, pois o alvo de avaliação é diretamente um participante do evento potencial a ser cumprido, ao passo que, quando são orientadas para o evento, há uma atenuação natural da força autoritária;
- c) mesmo nos casos de modalidade deôntica orientada para o participante, há atenuação do tom autoritário devido i) ao emprego da 1ª pessoa do discurso em sua forma do plural, pois Bolsonaro é, ao mesmo, tempo mandatário e parte do destinatário da ordem expressa pelo valor modal deôntico, o que confere àquele menor distanciamento desse; e devido ii) ao emprego da 3ª pessoa do discurso do singular e do plural, pois essas formas dizem respeito à não-pessoa do discurso e, portanto, nem Bolsonaro nem o interlocutor estão implicados na realização potencial do evento, o que confere a

Bolsonaro e ao interlocutor maior distanciamento do alvo afetado pela modalidade deôntica;

- d) quando são orientadas para o evento, há uma atenuação do tom autoritário nesses enunciados, por natureza, e uma atenuação do tom autoritário em por efeito do emprego das 3ª pessoas do discurso, pois essas formas dizem respeito à não-pessoa, o que confere a Bolsonaro e ao interlocutor maior distanciamento do alvo afetado pela modalidade deôntica;
- e) em relação aos eixos deônticos, há mais ocorrências de lexicais modais que expressam obrigação, seguido dos que expressam necessidade e, por último, permissão.

A partir da análise dos empregos dos itens lexicais modais deônticos, podemos afirmar que Bolsonaro busca majoritariamente atenuar o tom autoritário de suas declarações. Em termos de *ethos*, esses empregos podem ser relacionados à dimensão experiencial do *ethos*, que, segundo Maingueneau (2020), diz respeito a traços sociopsicológicos do sujeito. Nesse sentido, podem ser associados os empregos de modais deônticos ao traço sociopsicológico de um sujeito /autoritário/, que se vale, sobretudo, de obrigações destinadas, na maioria dos casos, ao povo brasileiro como um todo, mas também de um sujeito que coloca como necessário pôr em pé de igualdade a proteção da vida e das atividades econômicas. Além disso, em função dos modos de atenuação do tom autoritário, a dimensão experiencial de autoritário ainda é complementada pelo traço sociopsicológico de um sujeito /diplomático/, que visa aos interesses da nação sem, no entanto, acentuar a hierarquia entre o representante e o representado. A partir dessas duas dimensões, então, podemos associar o discurso de Bolsonaro a um tom que é, ao mesmo tempo, autoritário e diplomático.

b. a modalidade epistêmica no discurso de Bolsonaro

A modalidade epistêmica, de acordo com Neves (2006), está relacionada à expressão da atitude do sujeito enunciadador em relação ao grau de verdade de um evento ou proposição designada. De acordo com a autora, esse subtipo modal diz respeito ao conhecimento de quem enuncia, que serve de base para a concepção acerca do grau de certeza expresso em um enunciado, de modo que esse grau possa flutuar entre o absolutamente certo até o quase impossível.

Hengeveld (2004) concebe que a modalidade epistêmica está relacionada com a avaliação feita com base nos conhecimentos e crenças do sujeito enunciadador, em termos da

realidade certa ou possível de um evento ou de uma proposição. Por essa abordagem, o autor leva em consideração o grau de comprometimento de quem enuncia acerca da verdade do conteúdo da predicação que apresenta para consideração. Nesse sentido, para nosso empreendimento, interessa-nos principalmente como Bolsonaro constrói seu comprometimento em relação ao que diz.

Em termos de seus valores, o domínio semântico epistêmico é o segundo mais empregado, com 76 ocorrências, correspondente a 34,23% dos itens modais do *corpus*. Esse valor modal, que diz respeito à expressão da (im)possibilidade e da (in)certeza, revela o comprometimento do sujeito enunciador em seu discurso, como os trabalhos de Hattnher (1995) e de Brunelli (2004) já demonstraram. Conforme as autoras apresentam, o comprometimento, que é inerente ao valor modal epistêmico, é afetado pelos casos em que o alvo da avaliação é o evento ou em que é a proposição. Ou seja, a orientação para o evento ou para a proposição confere ao discurso efeitos de sentido diferentes quanto ao comprometimento do sujeito enunciador. À vista disso, notamos que há mais casos de modais epistêmicos orientados para o evento do que casos orientados para a proposição. Assim, com 58 ocorrências de modais epistêmicos objetivos orientados para o evento, em contraposição às 18 ocorrências em que o alvo é a proposição, epistêmicos subjetivos, há mais casos em que Bolsonaro orienta os enunciados para o evento (excerto 58) do que para a proposição (excerto 59):

- (58) Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção (P1-06/03/2020).
- (59) O excesso não levará à solução do problema, muito pelo contrário, se agravará. E, como venho dizendo, desde há muito, eu tenho certeza, tenho amigos, da AMB, pessoal de Associação de Medicina Brasileira, que o remédio para curar um paciente não pode ter um efeito colateral mais danoso do que a própria doença (16/04/2020).

No caso (58), de orientação para o evento, é avaliado por Bolsonaro como ser possível o agravamento do que é designado, na predicação, como um “problema”, isto é, a situação relacionada ao novo coronavírus. No caso (59), em que a modalidade é orientada para a proposição, a atitude avaliação de Bolsonaro não recai sobre um evento potencial, mas sim sobre a própria proposição, isto é, a certeza de que “o remédio para curar um paciente não pode ter um efeito colateral mais danosos que a própria doença. Em (58) e (59), a orientação dos alvos da modalidade epistêmica contribui para que possamos afirmar sobre o grau de comprometimento de Bolsonaro em seu discurso. A respeito dos alvos de avaliação e seu grau de comprometimento, Dall’Aglio-Hattnher afirma o seguinte:

ao situar a qualificação epistêmica no nível da predicação, o falante se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado. Inversamente, ao situar a qualificação epistêmica no nível da proposição, o falante assume, com diferentes graus de adesão, seu enunciado (Hattnher, 1996, p. 163).

Nesse sentido, conforme a autora, em (58), que diz respeito ao evento potencial de agravamento dos efeitos do vírus, há menor grau de comprometimento do sujeito, pois esse “se furta à responsabilidade”, uma vez que o alvo de avaliação é o evento. Por sua vez, em (59), cujo alvo de avaliação é a proposição, há maior grau de comprometimento de Bolsonaro, pois esse mobiliza conhecimentos e crenças subjetivas para a afirmação de sua certeza sobre um medicamento utilizado para tratamento da COVID-19 não ser capaz de fazer mais mal que a própria doença.

Desse modo, no tocante ao grau de comprometimento do sujeito enunciadador, com 58 ocorrências de modais epistêmicos orientados para o evento (epistêmicas objetivas), em contraposição às 18 ocorrências para a proposição (epistêmicas subjetivas), podemos afirmar que o emprego dos modais epistêmicos no discurso de Bolsonaro revela um sujeito enunciadador que, majoritariamente, em suas declarações, não se compromete com o que é dito, como podemos ver nos exemplos a seguir, em que há a modalidade epistêmica objetiva.

- (60) - A epidemia afeta diretamente a todos, mas medidas extremas sem planejamento e racionalidade podem ser ainda mais nocivas do que a própria doença no longo prazo. Quando falamos em proteger empregos, também estamos falando de preservar a vida das pessoas. É isso que faremos! (T-2020/03/23).
- (61) - Só pode haver democracia onde o povo é respeitado, onde os governados escolhem quem irá governá-los e onde as liberdades fundamentais são protegidas. É o povo que legitima as instituições, e não o contrário. Isso sim é democracia (T-2020-06-16).

Nos exemplos (60) e (61), os modais epistêmicos objetivos pertencem ao eixo da possibilidade, porém, como são orientados ao evento, não dizem respeito a uma eventual possibilidade assumida por Bolsonaro, mas sim que essa possibilidade é tida como independente do conhecimento do sujeito enunciadador. Em (60), a avaliação é quanto à possibilidade de que medidas extremas (para esse discurso, lê-se medidas de *lockdown*, medidas restritivas de isolamento, fechamento do comércio) “podem ser mais nocivas” do que a COVID-19. Por sua vez, em (66) Bolsonaro expõe como apenas sendo possível haver democracia quando o povo é respeitado.

De todo modo, o que é constante nas modalidades epistêmicas objetivas é que a possibilidade não é assumida como sendo do enunciador. Não se trata de “eu acho que devem” ou “eu acho que podem”, que pressuporia comprometimento, pelo contrário, como observa Dall’Aglio-Hattnher (1995, p. 132) a respeito da qualificação epistêmica de um Estado de Coisas: “não há nenhuma manifestação do comprometimento do falante com a verdade de seu enunciado”. A esse respeito, baseando-se em Dall’Aglio-Hattnher (1995), Brunelli (2004) afirma que qualificação epistêmica de um Estado de Coisas é apresentada de forma autônoma à atitude do sujeito enunciador, mais exatamente “não se apresentam como manifestações de incerteza do falante em si, que se esquia desse comprometimento, apresentando a possibilidade como algo que independe dele” (Brunelli, 2004, p. 35), o que, pontua a autora, “constitui poderoso recurso para sugerir distanciamento”. Com isso, Bolsonaro adquire “foros de isenção”, que, segundo Neves (1996, p.181), confere maior autoridade a suas declarações, como podemos observar nos excertos seguintes:

- (62) O tratamento da COVID-19, a base de Hidroxicloriquina e Azitromicina, tem se mostrado eficaz nos pacientes ora em tratamento. Nos próximos dias, tais resultados poderão ser apresentados ao público, trazendo o necessário ambiente de tranquilidade e serenidade ao Brasil e ao mundo (T-2020/03/25).
- (63) - Faltou apenas ele dizer: o presidente Jair Bolsonaro ACERTO. - Dezenas de milhares de vidas poderiam ter sido salvas se essas pessoas tivessem humildade, e reconhecessem que é o médico quem receita o que deve ser prescrito ao paciente (Hidroxicloroquina ou outro medicamento). <https://t.co/nybqW86P4q> (T-2020-09-15).
- (64) - Sociedade Européia de Cardiologia afirma: o uso da Hidroxicloroquina não causa arritmia. - Milhares de vidas poderiam ter sido salvas caso a HCQ não tivesse sido politizada. Link no YouTube: <https://t.co/pCbFy1LLVk> <https://t.co/jksXNmzrcf> (T-2020-09-28).

Em (62), no primeiro mês da pandemia, a atitude avaliativa recai sobre a possibilidade de eficácia da hidroxicloroquina. Em (63) e em (64), seis meses depois, a atitude avaliativa recai sobre a possibilidade de salvação de pessoas que morreram acometidas pela doença.

Por sua vez, em (65) e em (66), dez meses após o início da pandemia, já no mês de janeiro de 2021, as modalidades epistêmicas objetivas dizem respeito à possibilidade não mais da eficácia, mas dos efeitos positivos possíveis do uso de remédios contra a COVID-19, como podemos averiguar abaixo.

- (65) - Conceituada revista científica internacional atesta que o medicamento antiviral nitazoxanida é capaz de reduzir a carga viral em pacientes infectados pelo coronavírus. Saiba mais em <https://t.co/DvnjO99EO1>. No YouTube: [@mctic @Astro_Pontes https://t.co/0e4AE77ahK](https://t.co/uCDMpt4WgM) (T-2021-01-05).

- (66) - Estudos clínicos demonstram que o tratamento precoce da Covid, com antimaláricos, podem reduzir a progressão da doença, prevenir a hospitalização e estão associados à redução da mortalidade. @alexandregarcia <https://t.co/k3efrINIPQ> <https://t.co/URPVnsHMIIt> (T-2021-01-15).

No que tange às modalidades epistêmicas subjetivas, como afirma Dall’Aglio-Hattner (1996, p. 163), “o falante assume, com diferentes graus de adesão, seu enunciado”, isto é, há um maior comprometimento do sujeito enunciadador a respeito do que diz, como podemos observar nos excertos seguintes:

- (67) Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País (P3)
- (68) Tenho certeza de que a grande maioria dos brasileiros quer voltar a trabalhar (P5).
- (69) Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença (P3).

Nesses excertos, podemos notar que o comprometimento de Bolsonaro coincide com ideias declaradamente defendidas ele, como em (67), acerca da suposta histeria espalhada pela mídia com fito de instaurar pânico na população relativo aos efeitos do novo coronavírus, e como em (68), no tocante à convicção de que grande parte dos brasileiros desejam voltar a trabalhar. Ainda, em (69) podemos notar comprometimento de Bolsonaro ao expor sua crença em Deus (“acredito em Deus”) e sua crença de esse “capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença”, expondo assim seu comprometimento em relação a acreditar no Deus cristão.

Para além disso, ainda, pode ser feita uma outra observação sobre a expressão lexical da modalidade epistêmica no discurso de Bolsonaro, isto é, acerca dos tipos de eixos epistêmicos, quais sejam: o do (in)certo e do (im)possível, conforme apresentamos na tabela 6.

Tabela 5 - Eixos epistêmicos.

		Alvo De Avaliação							
		Pronunciamentos			Tuítes				
	Eixo [E]	Subeixo [S]	Ev	Part	Prop	Ev	Part	Prop	Total [S] Total [E]
E P I S T Ê M I C O	Dúvida	Possibilidade	18	—	0	39	—	1	58
		Impossibilidade	0	—	0	0	—	0	0
									58
	Certeza	Certeza	0	—	13	0	—	5	18
		Incerteza	0	—	0	0	—	0	0
									18

Fonte: elaborado pelo autor.

No que diz respeito aos tipos de eixos epistêmicos, verificamos que 58 itens modais epistêmicos pertencem ao eixo da dúvida, dos quais todos dizem respeito ao do que é possível e 18 itens modais epistêmicos pertencem ao eixo da certeza, e todos dizem respeito ao âmbito da certeza.

Esses dados revelam que há maiores ocorrências de modais epistêmicos que exprimem possibilidade, seguidas de modais que expressam certezas, isto é, o sujeito enunciador mais avalia como sendo possível do que certo os eventos e proposições relacionados à pandemia de COVID-19.

Com 59 ocorrências, o eixo da dúvida é o mais expressivo entre os tipos de epistêmicos. A respeito dessas, verificamos que há 58 casos de possibilidades, como podemos observar nos excertos seguintes:

- (70) O Sistema de Saúde Brasileiro, como os demais países, tem um limite de pacientes que podem ser atendidos. O governo está atento para manter a evolução do quadro sob controle. É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico (P2-12/03/2020).
- (71) 4- @govbr autoriza Companhia de São Paulo a captar R\$ 1 bilhão para o saneamento básico. Projetos aprovados devem beneficiar 8,6 MILHÕES de pessoas e pode gerar até 22 mil novas vagas de trabalho. Detalhes: <https://t.co/rGdLmsbdct> (T-2020-05-06).
- (72) 5- O @mdregional_br retoma a construção de mais de mais de 729 moradias populares em SP e AM. Iniciativa também deve gerar cerca de 2,6 mil empregos: <https://t.co/N7h2BJzN2w> <https://t.co/hjUioxDD83> (T-2020-06-19).

Nesses casos, notamos que, no eixo do que é possível, há como alvos de avaliação eventos relacionados ao aumento de infectados, (10), ao benefício de saneamento básico e à geração de oportunidades de empregos, (71) e (72).

Quando orientada para a proposição, por sua vez, a possibilidade diz respeito à eventualidade de privação da liberdade dos cidadãos, como podemos observar nos excertos adiante:

- (73) - Nos momentos difíceis deve-se unir forças, nunca ofender exatamente aquele que pode ser decisivo nesse salvamento. - Se a facada tivesse sido fatal, hoje você teria como Presidente Haddad ou Ciro. Sua liberdade, certamente, não mais existiria. (Segue) <https://t.co/Y2sHPjfWTs>.

Em (73), é tipo como uma possibilidade o cerceamento da liberdade da população, em um hipotético cenário em que não houvesse a figura de Bolsonaro como presidente. Assim, para Bolsonaro, na ausência dele no poder, provavelmente, medidas restritivas seriam ainda mais severas.

Em relação ao eixo da certeza, representam 18 ocorrências de modais epistêmicos e só há casos em que o sujeito enunciador demonstra certeza (não há casos de incerteza), dos quais todos são orientados para a proposição (74), (75) e (76).

- (74) Tenho certeza de que a grande maioria dos brasileiros quer voltar a trabalhar (P5-08/04/2020).
- (75) O que eu conversei, ao longo desse tempo, com o oncologista dr. Nelson, ao meu lado, foi fazer com que ele entendesse a situação como um todo, sem abandonar, obviamente, o principal interesse, a manutenção da vida, mas sem esquecer que, ao lado disso, tínhamos outros problemas. Esse outro é a questão do desemprego que, cada vez mais, nós vemos que são claros no nosso País. Junto com o vírus veio uma verdadeira máquina de moer empregos.

Em (74) e (75), trata-se modalidades epistêmicas subjetivas e, como já pontuamos, essas expressam maior comprometimento do sujeito enunciador. Em (74), a certeza diz respeito à convicção de Bolsonaro de que “a grande maioria dos brasileiros quer voltar a trabalhar”, ao passo que, em (75), a convicção é quanto à perda massiva de empregos.

Assim, no que diz respeito à expressão lexical da modalidade epistêmica no discurso de Bolsonaro, podemos dizer que:

- a. há mais casos de modalidade epistêmica orientada para o evento do que para a proposição;

- b. à visto disso, há mais casos em que Bolsonaro se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado. Dessa maneira, há menos ocorrências em que Bolsonaro se compromete com o conteúdo dito;
- c. quando expressa comprometimento com a verdade do enunciado, isto é, quando emprega a modalidade epistêmica subjetiva, essa condiz, majoritariamente, com o eixo da certeza;
- d. quando não expressa comprometimento com a verdade do enunciado, isto é, quando emprega a modalidade epistêmica objetiva, essa condiz, majoritariamente, com o eixo da possibilidade, casos em que encontramos mais ocorrências.

A partir da análise dos empregos dos itens lexicais modais epistêmicos, podemos afirmar que Bolsonaro busca majoritariamente atenuar seu comprometimento acerca de suas declarações. Em termos de *ethos*, esses empregos podem ser relacionados à dimensão experiencial do *ethos*, que, segundo Maingueneau (2020), diz respeito a traços sociopsicológicos do sujeito. Nesse sentido, podem ser associados os empregos de modais epistêmicos relacionados à possibilidade ao traço sociopsicológico de um sujeito ora otimista, que dizer haver grandes possibilidades de geração de empregos, de aquisição de insumos e de alternativas ao vírus. Por sua vez, no que tange à expressão de itens lexicais que demonstram certeza, mesmo que em menor número, esses empregos, relacionados ao comprometimento de Bolsonaro, podem ser associados ao traço de convicto, que se vale, sobretudo, de seu conhecimento de mundo para afirmar “com a certeza” de saber que o povo quer trabalhar e de que as consequências de combate ao vírus não poderem ser piores que própria doença.

c. a modalidade volitiva no discurso de Bolsonaro

A modalidade volitiva, que, de acordo com Hengeveld (2004), diz respeito aos desejos do sujeito enunciatador, representa cerca de 20,72% (46 ocorrências) dos itens lexicais do *corpus*. A baixa ocorrência desses modais revela que os desejos do Bolsonaro estão menos em pauta que as obrigações, necessidades, permissões, possibilidades e certezas.

Na tabela 7, apresentamos as ocorrências de modais volitivos levando em consideração dois parâmetros: o do desejado e do indesejado.

Tabela 6 - Eixos volitivos.

Alvo De Avaliação										
			Pronunciamentos			Tuítes				
	Eixo [E]	Subeixo [S]	Ev	Part	Prop	Ev	Part	Prop	Total [S]	Total [E]
V O L I T I V A	Volição	Desejado	22	1	—	14	0	—	37	46
		Indesejado	7	0	—	2	0	—	9	

Fonte: elaborado pelo autor.

No que diz respeito aos tipos de eixos volitivos, verificamos que, dos 46 itens modais, 37 pertencem ao eixo do desejado e 9 ao eixo do indesejado.

A respeito da modalidade volitiva no que concerne ao que é desejado, verificamos que os modais, majoritariamente, são orientados para evento, como podemos observar nos excertos seguintes:

- (76) - Queremos, acima de tudo, preservar a nossa democracia. E fingir naturalidade diante de tudo que está acontecendo só contribuiria para a sua completa destruição. Nada é mais autoritário do que atentar contra a liberdade de seu próprio povo (T-2020-06-16).
- (77) Entendemos perfeitamente a gravidade da situação. Gostaríamos que ninguém perdesse a vida, não só por essa, e por causa nenhuma, porque a vida, quando chega ao seu final, a morte toca a todos nós. Eu tenho uma mãe com 93 anos de idade, está bastante idosa, com algumas comorbidades, e espero que ela viva por muito tempo (P6).

Em (76), o evento é o evento desejado é o de preservação da democracia. Em (78), o evento desejado é o de que não haja perda de vidas. Nesses três casos, como em outros, notamos que a modalidade volitiva é expressa por meio da 1ª pessoa do plural, o que confere, como efeito de sentido, que o desejo não é exclusivo do sujeito enunciador, mas de um grupo, como podemos observar também nos excertos (78) e (79), em que a modalidade volitiva orientada para o evento pertence ao eixo, agora, do não desejado.

- (78) - Não queremos descaso com a questão da Covid-19. Apenas buscamos a dose adequada para combater esse mal sem causar um ainda maior. Se todos colaborarem, poderemos cuidar e proteger os idosos e demais grupos de risco, manter os cuidados diários de prevenção e o país funcionando (T-2020-03-25).

- (79) Não queremos aqui criar qualquer polêmica com outro Poder. Todos eles são responsáveis pelos seus atos, assim como eu sou, como chefe do Executivo. Não me furtarei à minha responsabilidade. Decisões, sou obrigado a tomar. Porque sempre tenho dito, dada a minha formação militar: pior que uma decisão mal tomada é uma indecisão. Jamais pecarei por omissão. Esse foi o ensinamento que eu tive na minha carreira militar (P6).

Ainda a respeito da modalidade volitiva orientada para o evento relacionada ao eixo do indesejado, notamos uma construção particular que gerou dúvidas quanto à leitura volitiva ou deôntica. Seguem os excertos:

- (80) @Marceloscf2 @marcofeliciano @MInfraestrutura @tarcisiogdf O Brasil não pode parar! Um forte abraço, Sampaio! (T-2020-03-23)
- (81) Temas (1): - Auxílio emergencial alcançando mais de 63 milhões de brasileiros. O BRASIL NÃO PODE PARAR! - MP DO FUTEBOL: cria a independência dos clubes diante de grandes emissoras de TV e outros; - Plano Safra (agricultura familiar); (T-2020-06-18).
- (82) - O Brasil não pode parar! Programa Amazônia Conectada: avanços em fibra ótica alcança comunidades mais afastadas. Viabilização do acesso à conexão de internet com esforço interministerial entre o @mincomunicacoes, @mctic e @DefesaGovBr. Detalhes: <https://t.co/HloWlRorIW> (T-2021-01-09).
- (83) - O Brasil não pode parar. - Obras em Boa Vista/RR. Link no YouTube: <https://t.co/EcRRcbfjYk> <https://t.co/K8Nd2rYipO>, (T-2021-03-06).

Esses casos, em um primeiro momento, pareceram-nos serem ocorrências de modalidade deôntica orientada para evento, em que o eixo deôntico seria o da necessidade ou da proibição. Todavia, uma outra leitura nos leva a crer que se trata de casos de modalidade volitiva orientada para o evento, pertencentes ao eixo do não desejado. Isso pois dizem respeito a eventos que escapam ao traço de /+controle/ do sujeito enunciador, isto é, escapam eventos relativos à não paralisação do país, o que impediria a possibilidade de estarmos diante de modalidade deôntica. Sobre a distinção entre modalidade volitiva e deôntica, Gasparini-Bastos (2014) recupera a argumentação de Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), que exemplificam com o verbo “dever” em espanhol o seguinte:

Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) argumentam que embora seja difícil separar a modalidade deôntica da modalidade volitiva nos casos expressos pelo verbo dever em espanhol, a interpretação volitiva é favorecida quando a realização de um evento vai além do controle humano, o que quase sempre é marcado por um tempo verbal que expressa irrealidade. A dificuldade de interpretar determinados casos como expressão de uma obrigação é agravada quando o Estado-de-Coisas é irrealizável, fortalecendo, assim, a leitura volitiva e não mais a deôntica (Gasparini-Bastos, 2014, p. 279).

A nosso ver, transpondo a afirmação das autoras para o verbo “poder” em português, tecnicamente, não está ao alcance de Bolsonaro proibir a realização do Estado de Coisas em questão, isto é, não parar o Brasil, uma vez que não tem controle sobre isso. Por mais que o papel social de Bolsonaro seja o de presidente da república, em um sistema democrático como o do Brasil, o poder executivo compartilha decisões e limitações com o poder legislativo e judiciário. Por isso, podemos dizer que os enunciados em questão podem ser lidos mais como a manifestação de um desejo (ele deseja que o Brasil não pare) do que uma necessidade ou proibição.

A respeito da modalidade volitiva orientada para o participante, no que concerne ao eixo do desejado, notamos que esse subtipo modal, em geral, tem como escopo o povo brasileiro como um todo: as famílias que perderam entes em razão da COVID-19, em (84), o povo brasileiro, em (85). No que concerne ao eixo do indesejado, em (86), a modalidade volitiva orientada para o participante tem como escopo o desejo de não criticar quaisquer pessoas que sejam, como podemos observar nos excertos seguintes:

- (84) Gostaria, antes de mais nada, de me solidarizar com as famílias que perderam seus entes queridos nesta guerra que estamos enfrentando (P5-08/04/2020).
- (85) Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas.
- (86) Mas passamos, estamos passando ainda por uma pandemia. Sempre disse, como foi dito aqui por outro ministro, que lá atrás eu dizia: que tínhamos dois problemas pela frente: o vírus e o desemprego. E deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade, mas de forma simultânea. Em parte estamos pagando o preço da política do fique em casa, pelo fique em casa. Não queremos criticar ninguém, já disse que se alguns erraram, foi na intenção de ajudar (P7).

d. a modalidade facultativa no discurso de Bolsonaro

Por último, as modalidades facultativas, que dizem respeito às capacidades intrínsecas ou adquiridas, podem ser orientadas para o evento ou para o participante. Na tabela 8, dividimos a modalidade facultativa segundo dois critérios: a de capacidade e a de incapacidade, como apresentamos a seguir.

Tabela 7 - Eixos facultativos.

Alvo De Avaliação										
	Eixo [E]	Subeixo [S]	Pronunciamentos			Tuítes			Total [S]	Total [E]
			Ev	Part	Prop	Ev	Part	Prop		
F A C U L T A T I V A	Capacidade	Capacidade	4	0	—	15		—	19	19
		incapacidade	0	0	—	0	0	—	0	

Fonte: elaborado pelo autor.

No que diz respeito aos tipos de eixos facultativos, verificamos que os 19 itens modais pertencem ao eixo do capaz, isto é, não houve casos encontrados em que o sujeito enunciador modaliza seu discurso para manifestar incapacidade orientada a qualquer participante ou qualquer evento. Assim, pertencentes ao eixo do capaz, os excertos (89) e (90) concernem a casos de modalidade deôntica orientada para o evento, que representam 16 casos:

- (87) - Também suspendemos temporariamente os direitos antidumping para importações de seringas descartáveis e tubos para coleta de sangue. Assim, poderemos adquirir esses equipamentos essenciais por preços menores e deixá-los acessíveis para a população mais vulnerável (T-2020-03-26).
- (88) - Luto para fazer a minha parte, mas não posso assistir calado enquanto direitos são violados e ideias são perseguidas. Por isso, tomarei todas as medidas legais possíveis para proteger a Constituição e a liberdade do dos brasileiros. BRASIL ACIMA DE TUDO; DEUS ACIMA DE TODOS! (T-2020-06-16).

Em (89) e em (90), são relativas à capacidade das ações de realizadas pelo governo federal, desde construções na área da saúde a solicitação de auxílio emergencial.

Ainda outros casos podem ser observados a seguir:

- (89) O Sistema de Saúde Brasileiro, como os demais países, tem um limite de pacientes que podem ser atendidos. O governo está atento para manter a evolução do quadro sob controle. É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico (P2-12/03/2020).
- (90) - Conceituada revista científica internacional atesta que o medicamento antiviral nitazoxanida é capaz de reduzir a carga viral em pacientes infectados pelo coronavírus. Saiba mais em <https://t.co/DvnjO99EO1>. No YouTube:

<https://t.co/uCDMpt4WgM>. @mctic @Astro_Pontes <https://t.co/0e4AE77ahK> (T-2021-01-05).

Em (91), a modalidade facultativa escopa o evento relativo à capacidade de atendimento do SUS, em um momento em que o país estava próximo de atingir o limite máximo de leitos ocupados. Em (92), por sua vez, segundo Rosário (2023), a expressão *ser capaz de* pode tanto ser meio de expressão do domínio facultativo quando do domínio epistêmico, também por “se assemelha[r] estruturalmente aos dados facultativos da construção” (Rosário, 2023, p.120). De nossa parte, compreendemos que se trata de uma modalidade facultativa de orientação para o evento, relativo à capacidade do medicamento antiviral nitazoxanida de reduzir a carga viral em pacientes com COVID-19, principalmente por, por um efeito de almejado de persuasão, o sujeito enunciador objetivar mais adeptos ao consumo do fármaco Nitazoxanida, o que uma leitura epistêmica acerca desse modal não contribuiria, dada a falta de certeza que reside nessa interpretação. Além disso, uma leitura epistêmica é vedada, pois há uma suposta confirmação de uma “conceituada revista científica internacional” afirmar a efetividade do fármaco.

Conclusões preliminares

Verificamos que, dos 222 itens lexicais modais, em 196 (88,28%), o alvo de avaliação é um evento, em 18 (8,10%), o alvo é a proposição e, em 8 (3,60%), o alvo é um participante. Notamos que, quando comparados os pronunciamentos com os tuítes, nesses, há um aumento singelo em relação à orientação ao evento nos tuítes (116 ocorrências, que correspondem a 52,25% dos dados) e nos pronunciamentos (106 ocorrências que correspondem a 47,74% dos dados). Ademais, notamos que os itens lexicais modais cujo alvo de avaliação é a proposição são mais expressivos nos pronunciamentos (13 ocorrências, que correspondem a 5,82% dos dados) em comparação aos tuítes (5 ocorrências, que correspondem a 2,25% dos dados). Em termos práticos, a distinção entre orientação para o evento e para o participante pode ser relacionada, no que diz respeito à modalidade deôntica, com o tom de autoridade e, na modalidade epistêmica, com o de comprometimento do sujeito enunciador, em razão do grau de distanciamento veiculado na predicação. Como efeito de sentido, o emprego dos itens modais que têm como alvo de avaliação o evento se prestam à atenuação do tom autoritário, nos casos com deônticos, e do descomprometimento, nos casos com epistêmicos, do sujeito enunciador, em razão do distanciamento do sujeito enunciador com a predicação, ao passo em que os que têm como alvo o participante se prestam à acentuação do tom autoritário e do

comprometimento do sujeito enunciador, em razão da proximidade do sujeito enunciador com a proposição.

As modalidades analisadas indicam a proximidade em termos quantitativos no número de modais deônticos e de epistêmicos, dessa maneira, ora transita entre um tom ora autoritário, ora diluído ora expressivo. Em resumo, no discurso em questão, o emprego dos modais deônticos revela as obrigatoriedades relativas à conduta de proteger a família, sobretudo os idosos. Equipara-se a essa obrigatoriedade o dever de proteger a economia e os empregos, já que proteger a economia é proteger a família. Por sua vez, o emprego dos modais epistêmicos revela a certeza de Bolsonaro sobre o que diz e, nos casos em que há margens para a incerteza, essa incerteza é tomada como independente da atitude de Bolsonaro, sendo apenas uma descrição de um Estado de Coisas, o que, de certa maneira, exime Bolsonaro do comprometimento em relação ao que diz.

Por seu turno, o emprego dos modais volitivos revela que os desejos expressam diretamente um desejo de Bolsonaro, pois são expressos de forma pessoal (ou pela primeira pessoa do singular ou pela primeira pessoa do plural), além de expressar a atitude do sujeito enunciador daquilo que escapa ao seu controle, como a frase de seu *slogan* “O Brasil não pode parar”. Por fim, o emprego dos modais facultativos revela que não estão em jogo as capacidades de Bolsonaro, mas das circunstâncias do sistema de saúde.

No capítulo seguinte, analisamos especificamente os tuítes em seu ambiente digital *Twitter*, investigando os tipos e gêneros do discurso, as escolhas lexicais e as menções a órgãos institucionais mobilizados.

6 A LEGITIMAÇÃO NO DISCURSO DIGITAL SOBRE A PANDEMIA

Apresentamos a seguir a análise dos tuítes de Bolsonaro, tecendo paralelos com as categorias de legitimidade propostas por Amossy (2022) e com o conceito de *ethos* discursivo proposto por Maingueneau (2020). Mais exatamente, nessa análise, observamos a mobilização de tipos e de gêneros do discurso que entram na composição dos tuítes, considerando os fenômenos de deslinearização e de tecnodiscurso relatado, a partir da proposta de Paveau (2022). Observamos que, para o cumprimento dessa última tarefa (análise dos fenômenos do discurso digital), consideramos um *corpus* menor, ou seja, 7 entrevistas e 7 lives compartilhadas nos tuítes de Bolsonaro que foram coletadas pelo método da amostragem. Além disso, realizamos o levantamento dos empregos lexicais e das menções a órgãos institucionais mais recorrentes em todos os tuítes (de março de 2020 a junho de 2021), que somam 3.183 postagens. Para tanto, utilizamos os softwares IRAMUTEQ e Netylic, o que nos permitiu elaborar um gráfico do tipo “nuvem de palavras”, recurso empregado para representar questões de conteúdo.

Esclarecemos que apenas nos valem de alguns conceitos desenvolvidos por Paveau (2022) para subsidiar o embasamento teórico deste capítulo. Entretanto, não se trata de uma análise do discurso digital efetiva. Valemo-nos das contribuições da autora para sustentar nossa análise sobre os modos de legitimação do discurso digital de Bolsonaro. Por conta disso, aspectos e índices considerados importantes para Paveau (2022) não são explorados em nosso trabalho, como um olhar atento aos comentários dos tuítes, ao emojis, as formas de interação entre Bolsonaro e seus seguidores, com quem efetivamente Bolsonaro interage, quais *posts* retuita, a quais outros usuários responde, se são seguidores ordinários ou líderes políticos, o que acreditamos pode render pesquisas futuras.

6.1 LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO

Segundo Amossy (2022), a legitimação do discurso político no contexto da pandemia é conferida por meio de várias estratégias, dentre as quais destacamos a da legitimação institucional. Mais exatamente, essa legitimação está relacionada ao estatuto do enunciador, isto é, ao papel discursivo que esse desempenha em determinado setor da atividade social. Segundo a autora, há alguns elementos que contribuem para a legitimação institucional do estatuto do político no contexto da pandemia, entre os quais, destacamos: (i) os tipos e gêneros de discurso mobilizados (discurso didático, discurso técnico, etc.; entrevistas, lives, cerimônias,

conferência de imprensa, interferência em horário nobre, etc.; mais/menos informal, mais/impessoal, etc.), (ii) as escolhas lexicais (*slogans*, léxico característico de um posicionamento, semas, fórmulas discursivas, formas de abertura e de fechamento, clichês, formas metadiscursivas, etc.) e (iii) as menções a órgãos institucionais consultados (discurso direto, discurso indireto, citação, paráfrase, etc.). Apesar de a autora registrar outras categorias, reservamo-nos a investigar apenas as apresentadas, considerando, inclusive, o fato de que os tipos e gêneros colaboram para a identificação das cenas de enunciação do discurso de Bolsonaro e as escolhas lexicais e a menção a órgãos, por sua vez, colaboram, conforme verificamos, para a interpretação de aspectos do *ethos* discursivo de Bolsonaro.

6.1.1 Tipos e gêneros de discurso mobilizados para legitimação

Para Amossy (2022), a mobilização de tipos e gêneros discursivos do campo político cumpre a função de legitimar o apoio institucional a atores políticos, fortalecendo o estatuto que é conferido ao sujeito enunciador. A figura de Presidente da República está associada, por natureza, ao discurso “político”, ao qual estão associados gêneros discursivos cuja classificação pode ser: (i) menos precisa, como declarações dadas, em ambientes públicos, por políticos interpelados por jornalistas; (ii) e mais precisa, como pronunciamentos, entrevistas políticas, conferências de imprensa e, mais recentemente, *posts* e *lives* em ambientes digitais.

Observamos que a mobilização de tipos e de gêneros discursivos acontece de modo diferente em ambientes não digitais e em ambientes digitais, o que resulta em modos diferentes de apreensão do *ethos*. Assim, em ambientes não digitais, as produções decorrentes de tipos e de gêneros do discurso de que se vale uma figura pública são, geralmente, apreendidas por veículos midiáticos, isto é, esses recortam uma parte da figura do *ethos* de um enunciador e destacam esse recorte em revistas, matérias, jornais, documentários etc. Esse recorte pode descartar mobilizações de tipos e de gêneros “desejáveis” pelo enunciador e conter mobilizações “indesejadas” por ele. Por outro lado, nas produções em ambientes digitais, o usuário dispõe de recursos disponíveis do regime digital para moldar seu discurso (quais tipos e gêneros deseja mobilizar, quais temas deseja publicar, qual recorte de sua fala deseja compartilhar, etc.). A esse respeito, podemos citar o caso do *Twitter*, no qual há a possibilidade de importar um discurso-fonte que está disponível em outro ambiente digital e de inseri-lo numa postagem. Desse modo, notamos que, no tuíte, é possível mobilizar distintos tipos de gêneros discursivos e tecnodiscursivos, rompendo com o regime tradicional de textos pré-digitais.

Conforme a proposta de Paveau (2022), podemos associar a mobilização de gêneros do discurso aos seguintes processos: (ii) de uma forma deslinearizada, por meio da materialidade tecnológica, isto é, da intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso (por exemplo, um *hiperlink*) que direcionam o leitor-escritor de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo; e (ii) por meio do tecnodiscurso relatado: um compartilhamento de um discurso proveniente de um espaço digital nativo (discurso-fonte) para um espaço digital também nativo (discurso-alvo) feito de maneira automatizada, a exemplo, quando o usuário clica no ícone para compartilhar um conteúdo em seu perfil e o compartilhamento é feito imediatamente, dispensando confirmação, ou surge, antes, uma janela com a solicitação de confirmação e, depois o conteúdo é compartilhado, ambos processos automatizados pelo ambiente.

Paveau (2022) distingue os seguintes tipos de tecnodiscurso relatado: (i) *tecnodiscurso relatado direto integral*, “um compartilhamento com ou sem ampliação por um comentário [...]”. O tecnodiscurso citado é então compartilhado-relatado integralmente, com o conjunto de seus metadados” (p. 319); (ii) *tecnodiscurso relatado resumidor*, “um compartilhamento com ou sem ampliação por um comentário, não mais de um conteúdo, mas de seu endereço na internet, em outras palavras, de sua URL, que faz o papel de resumo” (p. 320) e (iii) *tecnodiscurso relatado repetidor*, “um compartilhamento do idêntico que tem a ver com a cópia, com ou sem marcas explícitas de discurso citante e de discurso citado” (p. 320).²³

Feitos esses esclarecimentos, passamos a observar o modo como os tipos e gêneros do discurso são mobilizados no perfil de Bolsonaro. Assim, nas figuras 16 e 17, temos um tuíte com link para uma entrevista (“youtu.be/62GnPkS4CM”), o que se configura como um caso de deslinearização, especificamente, um tecnodiscurso relatado. Nesse caso, notamos que o hiperlink dá acesso a outro gênero (uma entrevista) de outro ambiente digital, conferindo legitimidade institucional ao discurso.

²³ De acordo com Paveau (2022), no verbete *tecnodiscurso relatado*, o tecnodiscurso relatado é uma transferência de um discurso proveniente de um espaço digital nativo (discurso-fonte) para um espaço digital também nativo (discurso-alvo), por meio de um processo automatizado de compartilhamento: “é esse traço de automatização que justifica o acréscimo do elemento *tecno-* ao sintagma *discurso relatado*” (p. 315, *grifos da autora*), esse último reporta aos estudos de Authier-Revuz (2001) sobre a heterogeneidade enunciativa.

Figura 15 - Tuíte com link para entrevista.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1250926681470177285>.

Na próxima figura (figura 21), o tecnodiscurso relatado também dá acesso a um outro gênero, isto é, outra entrevista.

Figura 16 - Tuíte com vídeo URL para entrevista.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1372508671247331329>.

Em termos de cenografia, notamos, nos tuítes de Bolsonaro, que o discurso derivado da deslinearização ou do tecnodiscurso digital é o enunciado que assume a centralidade nos casos observados: o enunciado verbal passar a figurar, nesses termos, como uma espécie de legenda do enunciado hipertextualizado que pertence a um gênero distinto. Vejamos mais um caso assim:

Figura 17 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 10 de maio de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1237460916649820160>.

O vídeo importado do *Youtube* foi gravado durante o *Fórum das Américas*, de 10 de março de 2020, uma conferência internacional realizada com o fito de promover relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos, em Miami (EUA). Essas informações pragmáticas nos permitem categorizar a cena englobante da fala pública de Bolsonaro como pertencente ao discurso político e à cena genérica da conferência internacional. Os coenunciadores são os representantes do poder público, brasileiro e americano, principalmente, e, dados os propósitos do evento (discussão de temas ligados à tecnologia, à economia e aos negócios na Amazônia), são também coenunciadores diretos a imprensa, as instituições e os empresários do Brasil e do mundo.

Por outro lado, na figura 18, esse vídeo passa a valer como um tecnodiscurso relatado que se relaciona a uma cena de enunciação pré-digital e é incorporada a uma cena digital, isto

é, cada gênero discursivo (a conferência/importado e o tuíte/publicado) corresponde a cenas diferentes. Na figura acima, a cena de enunciação digital tem como composição um comentário curto (“Conferência Internacional em Miami”), que figura como legenda, e um tecnodiscurso relatado, que aparece logo abaixo da legenda. O vídeo compartilhado no tuíte ainda carrega informações e elementos clicáveis do ambiente do discurso-fonte (a conferência postada no *Youtube*), isto é, o logo do *Youtube*, a informação de duração do vídeo, o ícone de compartilhamento direto do *Youtube*²⁴, os ícones “mais vídeos”, “assistir mais tarde”, ver informações mais recentes sobre a COVID-19,²⁵ etc.

Para compreender esse e outros fenômenos do discurso digital produzido pelo perfil de Bolsonaro, analisamos, pelo método da amostragem, a mobilização de 7 entrevistas e 7 *lives* compartilhadas em seu perfil @jairbolsonaro. A seguir, apresentamos primeiro os dados relativos à mobilização das entrevistas, cujas características estão resumidas no Quadro 5:

Quadro 5 - Tuítes em que há entrevistas compartilhadas por Jair Bolsonaro no Twitter (03/2020-06/2021).

	Subtipos	Ocorrências	Total
Tipo de tecnodiscurso relatado	tecnodiscurso relatado resumidor por deslinearização via URL	2	7
	tecnodiscurso relatado direto integral por deslinearização via vídeo URL	4	
	tecnodiscurso relatado repetidor	1	
Composição do tuíte	ampliação + tecnodiscurso relatado	7	
Destino da deslinearização	Conta própria	4	
	Conta de apoiador	1	
	Veículo de imprensa	1	
	Não se aplica	1	

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação à composição dos tecnodiscursos relatados, dos 7 tuítes em que há compartilhamento de entrevistas, 4 desses são compostos por tecnodiscurso relatado direto integral composto por deslinearização via vídeo URL (figura 18), 2 por tecnodiscurso relatado

²⁴ Compartilhar o vídeo diretamente do Twitter implicaria compartilhar, na verdade o tuíte em que há um vídeo que pertence à plataforma do Youtube.

²⁵ Ao clicar no quadro em que é ofertada a possibilidade de conferir informações mais recentes sobre a COVID-19, o usuário é direcionado, no site do Governo Federal, à seção da [Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa](#), reservada a explicitar informações sobre o novo coronavírus.

resumidor composto por deslinearização via URL (figura 19) e 1 por tecnodiscurso relatado repetidor composto por vídeo (figura 20), como apresentamos abaixo.

Figura 18 - Tecnodiscurso relatado direto integral.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1354727273002381313>.

Na figura 18, notamos um caso de tecnodiscurso relatado direto integral. Nesse caso, há o compartilhamento (por isso, tecnodiscurso relatado) de um conteúdo completo no tuíte (por isso, direto e integral). Esse modo de relatar/compartilhar possibilita aos escredutores a eventualidade da decisão de assistir às entrevistas diretamente do *Twitter* ou, por meio da deslinearização, aceder ao discurso-fonte em outro espaço digital nativo.²⁶ Vejamos outro caso de tecnodiscurso relatado:

²⁶ Por isso, Paveau (2022) fala em escredutores: a leitura/visualização é “escrita” com base nos acessos do leitor internauta, por meio de um processo, cunhado por Maingueneau (2020a), de textualidade navegante, isto é, a textualidade é tecida simultaneamente pelo processo de leitura: há o texto escrito e, durante a leitura, ao clicar em um link, dentro do texto, amplia-se o texto com outros textos.

Figura 19 - Tecnodiscurso relatado resumido.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1250926681470177285>.

A figura 19 corresponde a um caso de tecnodiscurso relatado resumidor no qual, conforme já dito, um endereço eletrônico apresentado por meio da inscrição de uma URL no tuíte “resume”, por assim dizer, a forma de acessar o discurso relatado. Desse modo, essa URL obriga o escreitor a aceder ao ambiente digital-fonte, caso esse deseje ler/ter acesso ao conteúdo relatado. Por fim, vejamos um caso de tecnodiscurso relatado repetidor.

Figura 20 - Tecnodiscurso relatado repetidor.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1275475695884472321>.

No caso de tecnodiscurso relatado repetidor (Figura 20), a importação do vídeo é direta do armazenamento da máquina, isto é, não é proveniente de um espaço discursivo digital nativo previamente existente em ambiente *on-line*. Nesse último caso, não há a deslinearização, pois Bolsonaro recorta o trecho de uma entrevista e publica o trecho recortado.²⁷

Uma vez identificados os subtipos de tecnodiscursos relatados, passamos a tratar da composição desses tuítes. A esse respeito, notamos que, em todos os casos, há, no início do tuíte, uma frase, um sintagma ou um texto de pequena extensão que se comporta como um comentário ou um acréscimo relativo ao tecnodiscurso compartilhado. Segundo Paveau (2022), trata-se de casos de ampliação, isto é, ampliação do conteúdo do tecnodiscurso relatado. Nas palavras da autora:

A escrita digital na ordem da razão computacional é uma escrita ampliada na medida em que suas capacidades expressivas e comunicacionais ultrapassam as da ordem da razão gráfica. A ampliação escritural é de dois tipos: a configuração das ferramentas de escrita da web social permite, de um lado, **prolongar os escritos por adições** (os comentários, especialmente) e por circulações facilitadas (compartilhamentos e reblogagem); de outro lado, ela permite, pela primeira vez na história da escrita, que vários escritores produzam um texto simultaneamente no mesmo espaço sem que suas enunciações sejam confundidas (como no sistema pad). [...]. Do mesmo modo, a atividade de leitura é igualmente ampliada on-line, principalmente pela prática do comentário, nos blogs, nos sites de imprensa ou nas redes sociais: a compreensão das mensagens não depende mais apenas da sua enunciação primeira, mas integra as enunciações segundas, prolongamentos temáticos ou metadiscursos, que constituem os comentários, os compartilhamentos, as circulações (Paveau, 2022, p. 53-54, **grifo nosso**).

Nos tuítes, depois do “texto da ampliação”, apresentam-se os tecnodiscursos relatados propriamente ditos, como podemos observar na figura 22.

²⁷ O tecnodiscurso relatado repetidor pode ser ilustrado pelos casos em que o usuário realiza um registro da imagem da tela (*print screen*) e compartilha esse *print* em uma publicação nas redes sociais.

Figura 21 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.

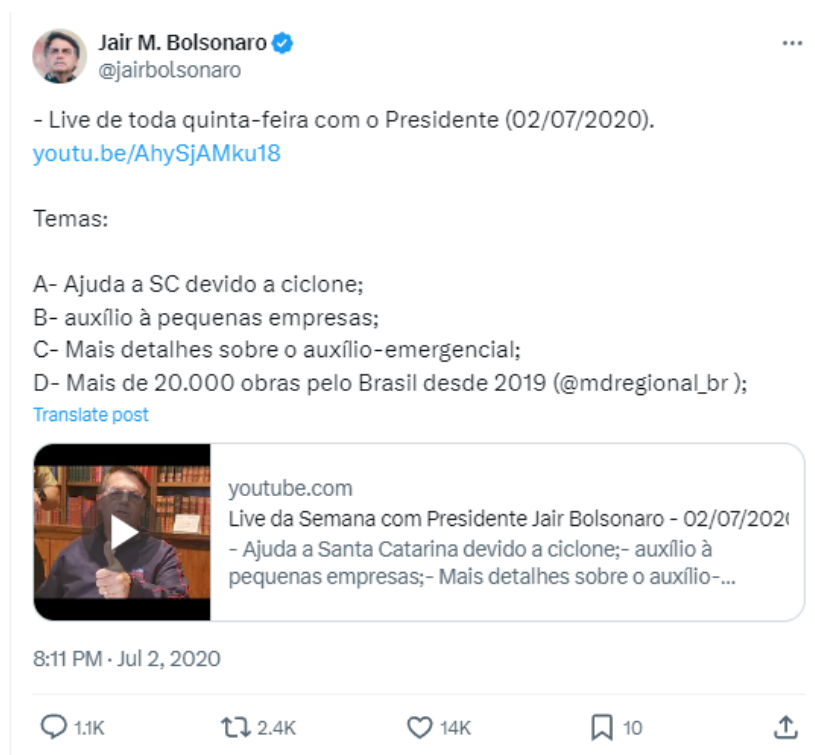


Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241324471295905793>.

Na figura 21, observamos que, novamente, há importação de um outro vídeo do *Youtube*. A cena genérica do discurso-fonte é a da entrevista televisiva, na qual Bolsonaro é entrevistado pelo apresentador Ratinho. As entrevistas mobilizadas no tecnogênero tuíte são o foco da publicação e os comentários acima funcionam como uma legenda para o vídeo, como uma antecipação para o conteúdo central, como podemos ver nas figuras 22 e 23 a seguir.

Figura 22 - Ampliação funcionando como legenda da entrevista.

Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1248007708151668736>.

Figura 23 - Ampliação funcionando como legenda da entrevista

Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1278828741200838657>.

Conforme podemos observar, no caso das duas últimas figuras, os textos da ampliação não só estendem o conteúdo dos vídeos, mas também se comportam como uma legenda, na medida em que resumem os conteúdos a serem apresentados, criando expectativas de leitura: “Entrevista como Datena”, “Temas: Ajuda a SC devido a ciclone; Auxílio à pequenas empresas; Mais detalhes sobre o auxílio-emergencial”.

Ademais, notamos que essa combinação entre texto (de ampliação) + vídeo (= tecnodiscurso relatado) cria uma cenografia de canal de notícias. Dessa maneira, o que assume a atenção no tuíte é o vídeo compartilhado: cenografia do tuíte é construída de modo a se assemelhar com um portal de notícias ou como um canal de comunicação. Em termos de *ethos*, essa cenografia é associada a um sujeito enunciador cujo papel é informar seu leitor: a voz de quem tuita assume posição periférica em comparação à voz do que é tecnorelatado pelo fiador.

Em relação ao destino da deslinearização, observamos que, em todos os casos das entrevistas compartilhadas por Bolsonaro, esse outro espaço digital nativo é a plataforma *Youtube*. Em 4 dos casos, a deslinearização tem como discurso-fonte o próprio canal de Bolsonaro na plataforma (@jbolsonaro), em 1 caso, um canal de um apoiador, seu filho e vereador da cidade do Rio de Janeiro/RJ, Carlos Bolsonaro (@carlosnbolsonaro), e, em 1 caso, um canal no *Youtube* do programa *Os pingos nos is* (@ospingosnosis), do veículo de imprensa da *Jovem Pan*.

No que diz respeito aos gêneros mobilizados, notamos que há mais casos de entrevistas de televisão, com 4 casos, mas há também entrevistas de “programa “radiofônico”, “de escritório” e “de coletiva de imprensa”, cada um com 1 caso. Dessa forma, ao compartilhar suas entrevistas, seja em programas televisivos, em programas radiofônicos ou em coletivas de imprensa etc., o sujeito enunciador não só legitima seu discurso, como também confere a si a imagem de um político que está presente em diversos canais de comunicação durante o momento da pandemia, portanto, de um político que está presente para os cidadãos.

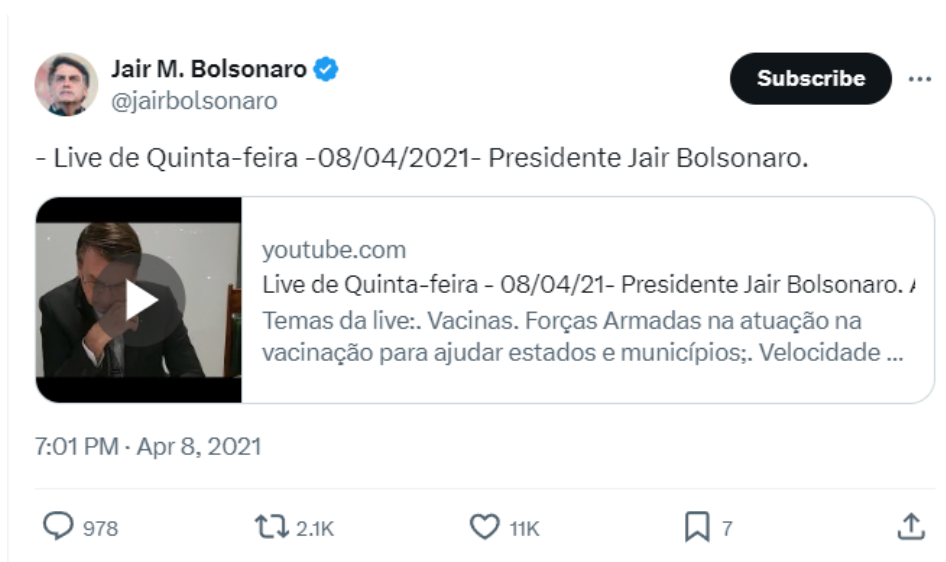
Uma vez analisados os tuítes em que há compartilhamento de entrevistas (tecnodiscurso relatado), passamos a tratar dos tuítes em que o tecnodiscurso relata *lives*. A seguir, apresentamos um quadro com as suas principais características.

Quadro 6 - Tuítes com lives compartilhadas por Bolsonaro no Twitter (03/2020-06/2021).

	Subtipos	Ocorrências	Total
Tipo de tecnodiscurso relatado	tecnodiscurso relatado resumidor por deslinearização via URL	3	7
	tecnodiscurso relatado direto integral por deslinearização via vídeo URL	6	
	tecnodiscurso relatado repetidor	0	
Composição do tuíte	ampliação + tecnodiscurso relatado	7	
Destino da deslinearização	Conta própria	7	

Fonte: elaboração própria.

Nos 07 casos das *lives* compartilhadas por Bolsonaro, observamos que há predominância de tecnodiscurso relatado direto integral deslinearizado via URL, com 06 casos, em comparação a 3 casos de tecnodiscurso relatado resumidor. Dessa maneira, privilegia-se o compartilhamento de conteúdos completos nos tuítes, assim como nos casos das entrevistas. Como mencionado, isso possibilita aos escreiteiros a decisão de assistir às *lives* diretamente do *Twitter* ou, por meio da deslinearização, aceder ao discurso-fonte em outro espaço digital nativo, conforme podemos observar na figura 24.

Figura 24 - Tuíte de Bolsonaro de 8 de abril de 2021.

Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1380279763839881217>.

No que diz respeito aos outros 3 casos, que são do subtipo relatado resumidor, a inscrição da URL, do modo como é inserida, obriga o escreitor a aceder ao ambiente digital-fonte como pode ser observado na figura 25:

Figura 25 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 14 de janeiro de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1349838967361953794>.

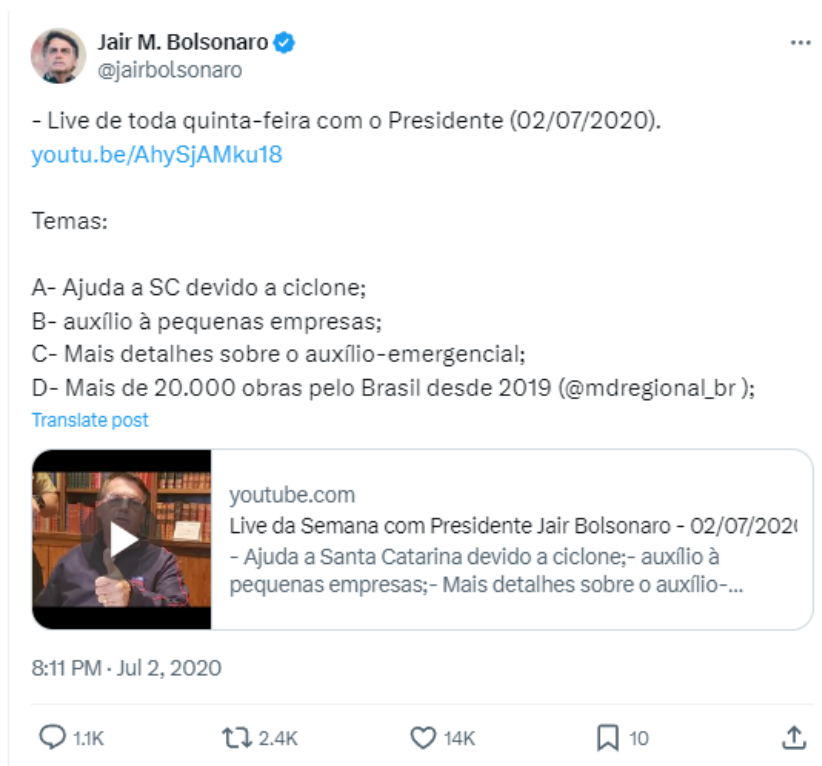
Além disso, em dois casos específicos, coocorrem tecnodiscurso relatado direto integral e relatado resumidor em um mesmo tuíte. Essas coocorrências podem ser observadas nas figuras 26 e 27.

Figura 26 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 14 de maio de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261065573422845954>.

Figura 27 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 2 de julho de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1278828741200838657>.

Nos casos em que há tanto tecnodiscurso relatado direto integral quanto tecnodiscurso resumidor, há um reforço da oferta de leitura, já que a materialidade tecnolinguageira é apresentada de dois modos distintos: na primeira oferta, ela possibilita que o escreitor visualize o vídeo compartilhado diretamente do *Twitter* ou aceda ao ambiente digital do *Youtube* e, na segunda, dá acesso estritamente ao ambiente digital da conta de Bolsonaro no *Youtube*.

Em relação aos outros aspectos dos tuítes, todas as 7 lives apresentam “ampliação e tecnodiscurso relatado” como componentes dos tuítes, o que, como afirmamos, corroboram a cenografia de um portal de notícias/canal de comunicação. Já em relação ao destino da deslinearização, todas as *lives* mobilizadas são pertencentes à “conta própria” de Bolsonaro no *Youtube* e tem como topografia um “gabinete”.

Desse modo, a mobilização do gênero *live* nos tuítes analisados revela, assim como nas entrevistas, que a legitimação é construída predominantemente por meio (i) do tecnodiscurso relatado direto integral por deslinearização via vídeo URL e (ii) das deslinearizações cujo discurso-alvo é proveniente de contas próprias. A diferença entre a mobilização dos gêneros entrevista e *live* se encontra no que diz respeito à cena do gênero importado, no caso das entrevistas, são entrevistas televisivas, e, no caso das *lives*, são pronunciamentos feitos em um

gabinete, isto é, no ambiente de trabalho de um administrador. Do nosso ponto de vista, ambos os casos reforçam a legitimidade do estatuto de presidente de Bolsonaro, pois revelam um político acessível que dedica tempo a responder perguntas de setores da sociedade civil, no caso das entrevistas, e que dedica tempo a falar diretamente com os internautas, no caso das *lives*.

Em ambos os gêneros analisados, observamos que as mobilizações são o foco da publicação e os comentários acima do tecnodiscurso relatado funcionam como uma legenda, uma antecipação para o conteúdo central. Além disso, notamos que o que permanece entre as entrevistas e as *lives* compartilhadas é um tecnodiscurso relatado hermético, pois o destino das deslinearizações é majoritariamente outra conta de Bolsonaro em outro ambiente digital, isto é, correspondem a falas públicas do próprio sujeito enunciador, publicados pela própria conta de usuário em um ambiente digital primeiro e compartilhado em um outro ambiente digital segundo pelo próprio perfil de Bolsonaro.

De acordo com Rodrigues e Ferreira (2020), a partir dessa nova atualização de configuração da sociedade das redes digitais, a tarefa para a hegemonia é a de produção de engajamento e apelo discursivo sob uma política polarizadora e, ao mesmo tempo, aglutinadora de demandas. Para os autores, a relação entre essa articulação política e esses novos meios se dá de forma diferente para o populismo de direita e o de esquerda. A respeito do populismo de direita bolsonarista, esse instrumentaliza as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) de forma horizontal, em que seus eleitores são posicionados como receptores e divulgadores da agenda política. Ainda, os autores ressaltam o papel das *fake news* e de contas automatizadas em redes sociais na propaganda eleitoral do ex-presidente Bolsonaro, estratégias consolidadas das eleições norte-americanas de Trump, em um momento que a pós-verdade coloca-se como debate mister.

Para adentrarmos o assunto, apresentamos, a seguir, a citação de Carvalho (2023), que expõe a definição de pós-verdade segundo o Dicionário de Oxford.

O conceito de "post-truth" tornou-se relevante na sociedade contemporânea, especialmente a partir de novembro de 2016, quando foi eleita a palavra do ano pelo Oxford English Dictionary. Segundo o mesmo, a "pós-verdade" é um termo que se refere à ideia de que "factos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença da pessoa". O dicionário, sublinha que o prefixo "pós" pretende não dar a entender a ideia de verdade no sentido temporal, como por exemplo em "pós-guerra", mas no sentido em que a verdade foi posta em segundo plano, que se tornou irrelevante (Carvalho, 2023, p. 3).

Para ilustrar a pós-verdade, o autor a compara por meio de uma metáfora de um espelho deliberadamente distorcido, que reflete uma realidade distorcida. Para o autor, os

manipuladores escolhem cuidadosamente quais informações divulgar, moldando assim a percepção da realidade de acordo com seus próprios interesses. Isso resulta em uma verdade subjetiva,²⁸ cuja interpretação pode variar dependendo da perspectiva ou da agenda política em jogo.

Ainda, Carvalho (2023) explica, por um viés cognitivo, que há uma tendência natural do cérebro humano em fazer com que as pessoas ajam de forma menos racional diante de situações em que há conflito entre nossas crenças e informações do mundo. Para explicar isso, o autor cita McIntyre (2018), que explicita que isso decorre da maneira tendenciosa com que interpretamos informações, baseada em nossas próprias crenças e preconceitos, como uma forma de evitar o desconforto mental que surge quando fatos contradizem nossas convicções. Por essa abordagem, mesmo diante de fatos ou verdades empíricas, é razoável esperar que as crenças erradas sejam corrigidas, mas isso nem sempre ocorre. Segundo McIntyre (2018), existem distintas maneiras pelas quais as pessoas podem ajustar a realidade para se adequar às suas crenças, como a dissonância cognitiva, a conformidade social e o viés de confirmação.

Conforme McIntyre (2018, *apud* Carvalho, 2023), a dissonância cognitiva é um estado de desconforto mental que surge quando nos deparamos com informações ou evidências que contradizem nossas crenças, valores ou comportamentos. Por outro lado, a conformidade social é o fenômeno no qual uma pessoa modifica suas crenças, comportamentos ou atitudes para se ajustar às normas sociais e às expectativas do grupo ao qual pertence. Por sua vez, o viés de confirmação é um fenômeno cognitivo no qual as pessoas têm a tendência de buscar, interpretar e lembrar informações de maneira a confirmar suas crenças ou hipóteses pré-existentes. Esses modos de ajustar a realidade a partir das próprias crenças estão, de acordo com Carvalho (2023), concomitantemente relacionados ao cenário possibilitado pela pós-verdade, que, nos termos de Zoonen (2012), é uma crise de confiança.

Podemos ainda completar a noção de pós-verdade com a definição apresentada por Cesarino (2021), a saber:

Se, nos termos de Latour e Woolgar (1997, p. 278), o que entendemos no ocidente por realidade (ou verdade) é “[...] o conjunto dos enunciados considerados caros demais para serem modificados [...]”, o que se tem chamado de pós-verdade é uma condição epistêmica na qual qualquer enunciado pode ser potencialmente modificado por qualquer um, a um custo muito baixo – ou seja, em que não há mais controle, no sentido exposto há pouco (Cesarino, 2021, p. 77).

²⁸ Por verdade subjetiva, o autor compreende as diferentes representações que os sujeitos podem construir acerca de um objeto do mundo.

O que parece estar ocorrendo atualmente, segundo Cesarino (2021), é uma situação caótica, onde os processos de produção da verdade estão se abrindo e se fragmentando em uma paisagem digital em constante expansão. Isso, afirma o autor, ocorre em um contexto em que a hegemonia neoliberal, as mídias digitais e os populismos conservadores se encontram. Nesse cenário, os mecanismos que regulam a disseminação da informação são por vezes invisíveis tanto para os usuários quanto para os próprios produtores.

Por sua vez, o discurso de Bolsonaro nos ambientes encontra terreno fértil na crise da informação. Essa característica hermética do discurso digital de Bolsonaro que comentamos evidencia uma particularidade do funcionamento do discurso digital de maneira geral. Como propõe Paveau (2022), a investigabilidade de um enunciado proporciona que o usuário pesquise por outros enunciados e, ainda, por meio da relacionalidade, um conteúdo em um ambiente digital, firma a autora, é linkado a outros conteúdos. Essa relacionalidade no discurso digital de Bolsonaro parece corroborar a metáfora das chamadas “câmaras de eco”, investigadas, sobretudo, pelas áreas da Comunicação e do Jornalismo. A noção diz respeito à reverberação de discursos semelhantes, concordantes com posicionamentos próximos cuja aproximação é potencializada pela *web*, pelas redes sociais e pelos algoritmos, principalmente por esses últimos, que direcionam os conteúdos instruídos pelo usuário a ele próprio e a outros usuários de perfis semelhantes, de forma a criar uma câmara de eco.

A circularidade desses compartilhamentos abrande, de certa forma, a imprevisibilidade dos discursos digitais nativos. Esses casos de mobilizações parecem dar conta de explicar por que Bolsonaro não compartilha tuítes, salvo alguns raros casos, de perfis de opositores, mesmo que para criticá-los. Ou seja, evita-se mencionar o Outro para que seus seguidores acessem os perfis desses opositores/críticos/críticas da imprensa etc.

Em termos de *ethos*, o privilégio da mobilização do tecnodiscurso relatado direto integral nos tuítes de Bolsonaro revela a imagem de um sujeito enunciadador que está presente em diferentes ambientes digitais e oferta aos seguidores a possibilidade de o acompanharem em mais de um ambiente digital, o que tem como efeito de sentido a projeção da imagem de um político engajado nas redes sociais digitais, pois está presente em diversos ambientes, e também a de um político acessível, pois concede entrevistas e fala diretamente para o público em *lives* semanais em redes sociais digitais. Dado o contexto da pandemia, podemos dizer que esse *ethos* de engajado e de político acessível digitalmente torna-se um modo de legitimação institucional da atuação de Bolsonaro, pois ele se apresenta como um político atuante no meio de comunicação que, em razão das restrições da pandemia, estava sendo privilegiado: o digital.

Além disso, conforme dito, a composição dos tuítes (ampliação + tecnodiscurso relatado) se assemelha à cenografia de um portal de notícias, o que revela o *ethos* de um sujeito enunciador informativo, que compartilha suas falas públicas de outros ambientes e ocasiões com seus seguidores, observável pelas deslinearizações que acedem majoritariamente a contas próprias de Bolsonaro.

Nesse sentido, podemos dizer que a mobilização conjunta desses elementos confere legitimidade institucional ao discurso de Bolsonaro, pois os gêneros vinculados ao campo político são mobilizados tanto para que possa enunciar quanto para legitimar o que é enunciado, o que é reforçado pela mobilização de gêneros (as entrevistas televisivas, as entrevistas de programas radiofônicos, as entrevistas de coletiva de imprensa e as de escritórios) ligados à função de promover a comunicação com o público, não dispensando o uso de canais de comunicação de massa, mas ressignificando o que Bolsonaro pode aproveitar desses para transmitir apenas as informações que esse julga necessário.

A seguir, apresentamos uma análise das escolhas lexicais de Bolsonaro no Twitter, abordando, especificamente, slogans e lexemas regulares

6.1.2 Escolhas lexicais mobilizadas para legitimação

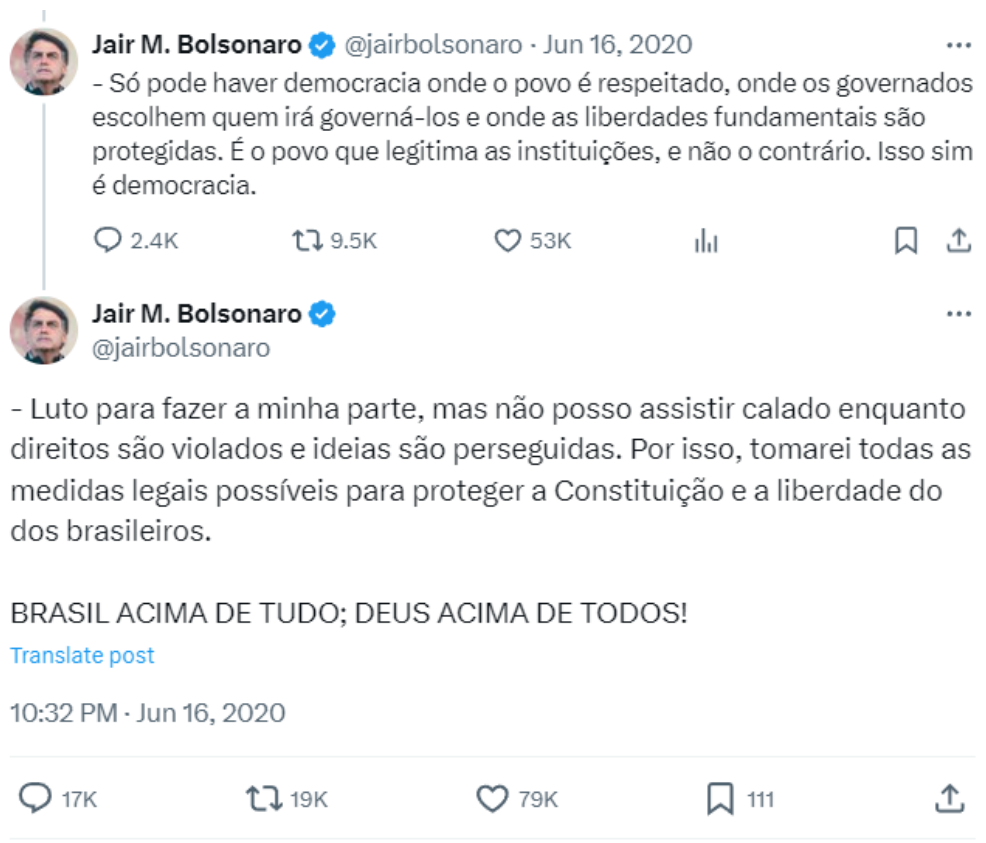
Um dos modos de construção da legitimação institucional, para Amossy (2022), é o *slogan*, normalmente vinculado a propagandas e a campanhas publicitárias ou políticas. Assim, a respeito do discurso de Bolsonaro, notamos, no recorte do *corpus*, 14 ocorrências do *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e 11 ocorrências do *slogan* “O Brasil não pode parar”.

Utilizado na campanha de Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, o lema de sua campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, conforme Santos (2021), comporta três facetas: o nacionalismo, o militarismo e a religião cristã. O nacionalismo e o militarismo do *slogan* são perceptíveis quando recuperamos a informação de que, surgido no final da década de 1960, “Brasil acima de tudo” é o brado dos paraquedistas do Exército brasileiro, grupo do qual Bolsonaro fez parte. O nacionalismo e o militarismo já presentes na versão original do brado são, na campanha eleitoral de Bolsonaro, em 2018, complementados pelos valores cristãos, que os submetem (a nação e o exército) à onipotência de Deus (“Deus acima de todos”).

De acordo com Carvalho e Paiva (2022, p. 228), “É como se o líder do país fosse um representante direto da vontade divina, apelando assim para as crenças religiosas da sua

audiência, em especial, dos movimentos pentecostais que lhe declararam apoio”. Por esse viés, o lema, quando presente nos tuítes, busca reafirmar o elo com esse eleitorado, reforçando a ideia de que o “melhor” para a nação (“Brasil acima de tudo”) deve se sobrepor às disputas ideológicas, que, na visão de Bolsonaro, atentam contra a liberdade dos cidadãos, o que pode ser observado na figura 28.

Figura 28 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 16 de junho de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1273065859637022722>.

O contexto que motiva a postagem se refere às tomadas de decisão de governadores de estados brasileiros e de juristas do STF que instruíram a continuidade do fechamento de atividades não essenciais e que prescreveram medidas legais para a permanência do estado de quarentena. Essas medidas são entendidas por Bolsonaro como maneiras de violar a constitucionalidade da liberdade dos cidadãos. Ao discriminar sua concepção sobre as bases do sistema democrático (“Só pode haver democracia onde o povo é respeitado, onde os governados escolhem quem irá governá-los e onde as liberdades fundamentais são protegidas”), o enunciador afirma que o poder deve emanar do povo, em contraposição à supremacia das instituições que, segundo o discurso de Bolsonaro, subvertem a soberania do povo. Assim, em

“Luto para fazer minha parte, mas não posso assistir calado enquanto direitos são violados e ideias são perseguidas”, o fiador concebe que tem o dever de se colocar na posição de quem precisa denunciar as inconstitucionalidades promulgadas por governantes e juristas, com a escusa de quem preza pelo respeito à democracia, supostamente violado, o que confere ao fiador o *ethos* de um político que age a favor da democracia, da Constituição Federal e da liberdade dos cidadãos, ou seja, o *ethos* de um político protetor, daquele que busca proteger os direitos da população

Ademais, em 11 tuítes de Bolsonaro, o *slogan* “o Brasil não pode parar” está presente. Esse *slogan* é retomado da propaganda que recebe o mesmo título. Como afirma Sanches, Moisés e Souza (2020, p. 97), a campanha “O Brasil não pode parar” foi proposta pelo governo Bolsonaro como uma “estratégia de convencimento da população de que a economia brasileira não poderia parar, visto que a crise política, institucional e econômica ainda abatia a sociedade”. De acordo com os autores, a campanha foi proibida pelo STF, por meio da ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) 669, de 31 de março de 2020, sob o argumento de que a propaganda é desinformativa. Especificamente, os autores dizem, sobre a campanha, o que segue abaixo:

Os regimes de representação adotados no vídeo [da campanha] reiteraram uma concepção estereotipada sobre as trabalhadoras e trabalhadores autônomos brasileiros, colocando em relevo reencenações coloniais que aprisionaram as pessoas negras em representações subservientes e submissas. A campanha destaca que o lugar cultural das pessoas negras é o da pobreza, da baixa escolaridade, da vulnerabilidade social, da mão de obra barata e sem qualificação (Sanches, Moisés e Souza, 2020, p. 97).

Mesmo a campanha tendo sido barrada pelo STF, o *slogan* da campanha permaneceu presente em alguns tuítes de Bolsonaro, como podemos observar abaixo.

Figura 29 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 9 de janeiro de 2021.



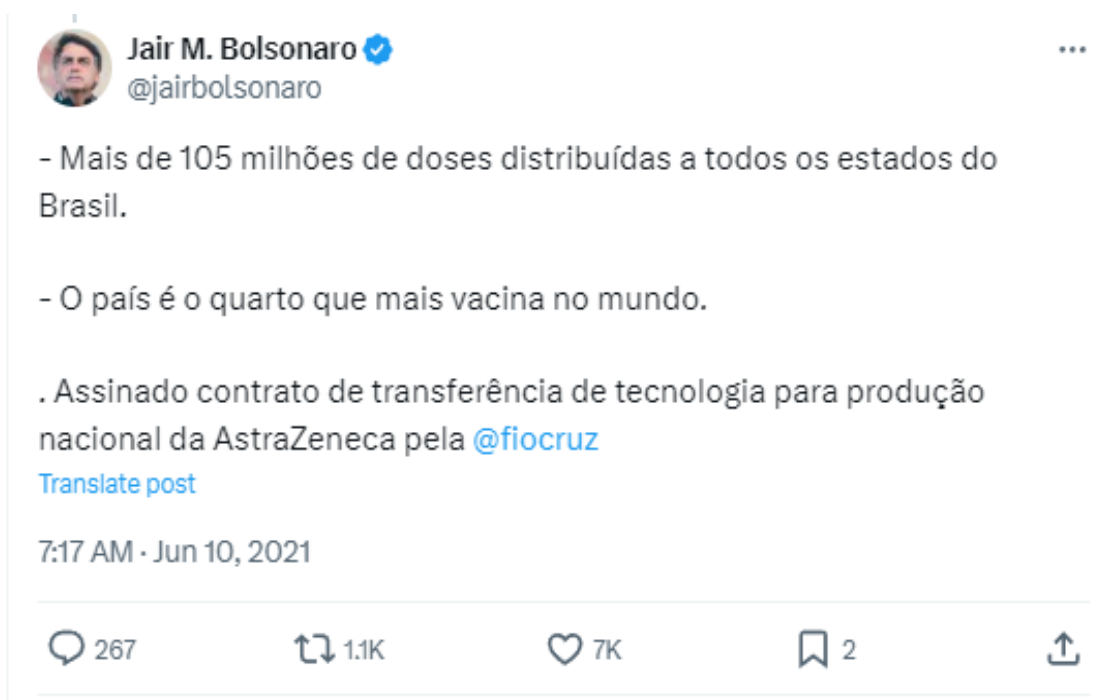
Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1348033107300143107>.

O *slogan* “O Brasil não pode parar” é constituído por uma modalidade volitiva orientada para o evento, isto é, a orientação de Bolsonaro expressa seu desejo de não apoiar o fechamento das atividades no país. Como podemos observar na figura 14, após o *slogan* seguem ações que corroboram que o país continua funcionando, que o governo continua trabalhando e, por lógica, há pessoas que não pararam suas atividades.

Diferente de negar explicitamente a pandemia, o discurso presente no *slogan* afirma o desejo da continuidade das atividades econômicas sem, no entanto, negar a pandemia ou deslegitimar a seriedade dessa. Nesse sentido, não está em debate ignorar o novo coronavírus, mas afirmar que, apesar das consequências do vírus, precisamos manter a economia funcionando, pois, para esse discurso, na verdade, são as consequências do vírus que estão prejudicando a economia.

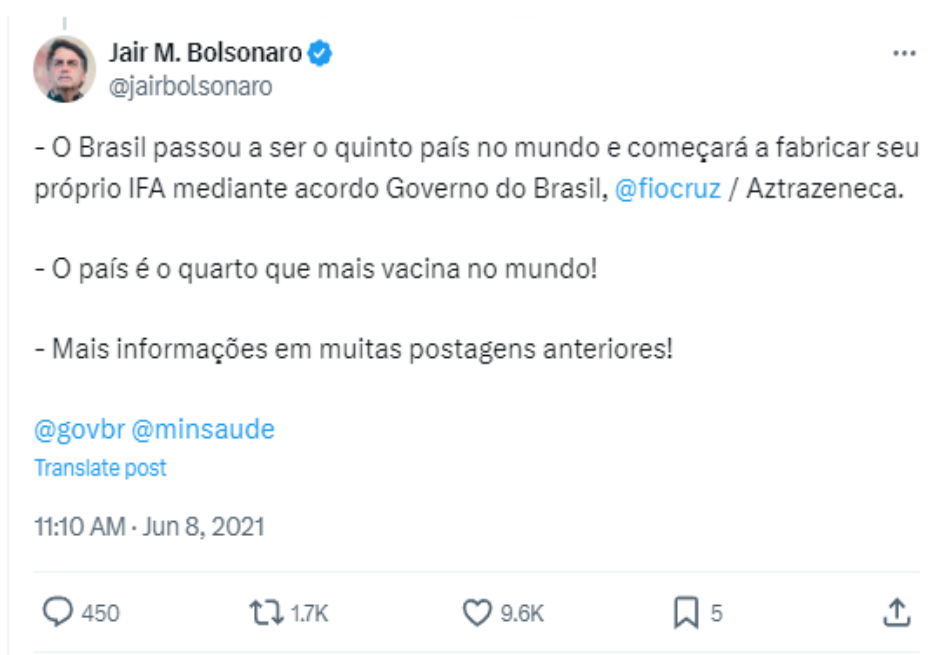
Sobre outra forma de legitimação institucional feita por meio de escolhas lexicais, Amossy (2022) também menciona o caso do léxico característico de um posicionamento. Com base nisso, realizamos uma análise lexical a fim de verificarmos quais os lexemas mais frequentes nos tuítes de Bolsonaro. Para isso, utilizamos o *software* IRAMUTEQ para criar uma nuvem de palavras²⁹ com lexemas mais frequentes nos tuítes de Bolsonaro. A seguir, apresentados o resultado desse levantamento:

²⁹ A leitura desse tipo de gráfico é feita a partir do tamanho da proporção de uma palavra em comparação visual a outras palavras, isto é, quanto maior a frequência de aparecimento calculada pelo IRAMUTEQ da forma nos tuítes, maior será o tamanho da forma em comparação proporcional a outras formas frequentes.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1402932907707187206>.

Figura 32 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Brasil”.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1402266867461459971>.

Figura 33 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Milhão”.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240751574676275200>.

Figura 34 - Tuíte de Bolsonaro com ocorrência do lexema “Milhão”.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1293477194904358913>.

Podemos observar resultados semelhantes ao inserir o mesmo conjunto de dados no *software Netlytic*. Assim, com base nas formas lexicais mais frequentes, por meio do *software Netlytic* realizamos uma outra busca por itens lexicais. A nuvem de palavras abaixo, referente ao período de março a dezembro de 2020, diferentemente da elaborada pelo *software IRAMUTEQ*, não registra a entrada da sequência “https”, por se restringir somente a lexemas usuais encontrados no respectivo banco de dados, diferentemente no *IRAMUTEQ*, em que é possível a opção de reconhecimento de formas não usuais, isto é, não encontradas no respectivo banco de dados. Registramos a frequência de aparecimento dos lexemas com mais ocorrências, em 2020, por meio da figura 37, apresentada a seguir:

Figura 35 - Frequência de itens lexicais do perfil @jairbolsonaro em 2020.



Fonte: elaborado pelo autor por meio do *Netlytic*.

Como é possível perceber na figura 35, a relação com termos característicos de ambientes digitais, como observamos pela nuvem de palavras do *IRAMUTEQ*, é constante em 2020, vide a quantidade de menções (expressas pelo tecnosigno @ + perfil referente) e tamanho dos termos “Youtube” (presente em 235 posts) e “Link” (presente em 154 posts em comparação a termos como “combate”, “covid” e “pandemia”, por exemplo). Em termos práticos, o fato de mencionar a pandemia com menor frequência não é um indício de que o discurso de Bolsonaro não aborda essa questão, mas revela que faz uso de aspectos específicos dos meios digitais para falar sobre ela, quer dizer, fala sobre ela por meio do Youtube ou das lives. Observemos a figura a seguir.

Figura 36 - Lexemas “Link” e “Youtube” em tuíte de @jairbolsonaro em 26/08/2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1298602885710741505>.

Conforme podemos conferir por meio da figura em questão, se o usuário quer saber mais sobre a pandemia e sobre outros assuntos abordados pelo PR, é necessário que esse acesse o conteúdo completo de seus vídeos. Uma particularidade dos ambientes digitais nativos é o impulsionamento por visualização, por curtida, por comentário, por compartilhamento. No caso em questão, o fato de “obrigar” o internauta a acessar o vídeo completo, seja diretamente no *Twitter* ou *Youtube*, para conhecer o que Bolsonaro fala sobre a pandemia, condiciona o usuário a uma exposição maior a esse conteúdo, com tudo o que implica.

Ainda quanto aos lexemas mais frequentes nos tuítes de Bolsonaro, observamos que, em 2021, houve uma mudança saliente: os lexemas *links* e *Youtube* são menos expressivos, comparados aos dados de 2020. Além disso, “Brasil” e “Milhões” continuam frequentes e uma nova palavra assume posição de destaque nos *posts* de Bolsonaro, isto é, “doses”, conforme podemos notar por meio da figura 37:

Figura 37 - Frequência de itens lexicais do perfil @jairbolsonaro em 2021.



Fonte: elaboração própria por meio do *Netlytic*.

As condições de produção dos tuítes são, com efeito, diferentes. Durante o ano de 2020, a incerteza sobre tratamentos eficazes contra a COVID-19 possibilitou discursos sobre possíveis formas de tratamento, como a hidroxicloroquina, defendida no discurso de Bolsonaro, majoritariamente, durante o ano de 2020. Todavia, no final do ano de 2020, os discursos sobre vacinas contra a COVID-19 já circulavam pelo globo. Se, em 2020, a não resposta por parte da gestão do governo de Bolsonaro à proposta da empresa farmacêutica *Pfizer* gerou assunto em canais de notícias e memes em redes sociais digitais, o discurso de Bolsonaro no *Twitter*, em 2021, não só se alinha a um discurso a favor da compra de vacinas, mas se apresenta como um discurso que tematiza constantemente a quantidade de pessoas vacinadas.³⁰

Para compreendermos melhor as mudanças registradas, na tabela a seguir, são discriminadas detalhadamente as ocorrências dos lexemas mais frequentes durante o período de março a dezembro de 2020 e janeiro a junho de 2021.

³⁰ Como apresentamos na seção sobre mobilização de tipos e de gêneros do discurso e como apresentamos mais detalhadamente no capítulo 6, a presença dos números é expressiva nos tuítes de Bolsonaro. Como efeito, é reforçada a cenografia de um de portal de notícias informativo, que preza pelo uso de dados e de números (por isso a expressividade do termo “milhões”) para informar a população sobre a atuação do governo de Bolsonaro: o Brasil não pode parar e essa continuidade é apresentada em termos de quantidades de ações, aquisições, compras, investimentos etc. Assim, não é motivo de orgulho as pessoas se vacinarem, mas sim a quantidade de pessoas vacinadas.

Tabela 8 - Lexemas mais frequentes nos posts de @jairbolsonaro (mar/2020 a jun/2021).

Lexema	Frequência de posts em 2020	Frequência de posts de 2021	Total	Proporção em comparação ao total de posts (3.183)
Brasil	370	204	574	18,03%
mil/milhões	258	216	474	14,89%
Youtube	235	80	315	9,89%
Covid/covid	153	146	299	9,39%
Link	154	69	223	7,00%
vacina/vacinas	26	150	176	5,52%
doses	1	96	97	3,04%

Fonte: elaborado pelo autor.

Na tabela 8, a frequência dos lexemas revela maior ocorrência da palavra “Brasil”, frequente 574 vezes e presente em 18,03% dos *posts*, o que remete a um discurso de patriotismo constante em 2020 e em 2021.³¹ Já os termos “mil” e “milhões”, por sua vez, correspondem a 474 ocorrências, aparecem em 14,89% das publicações e pertencem ao discurso que versa sobre questões de economia. Por sua vez, os termos “Youtube” e “Link” correspondem respectivamente a 315 ocorrências (9,89%) e a 223 ocorrências (7,00%) e, como já mencionado, revelam um *ethos* de um político engajado nas redes sociais digitais. Seguindo, o termo “covid”, assim como “Brasil”, “mil” e “milhões”, mantém certa constância, pois aparece em 153 tuítes em 2020 e em 146 em 2021, totalizando 9,39% das postagens, o que indica que o tema da COVID-19 está entre os quatro assuntos mais comentados por Bolsonaro em suas postagens no período referido. Já o termo “vacina(s)” é exponencialmente mencionado no ano de 2021, aparecendo em 150 *posts* em 2021, em oposição ao aparecimento em 26 *posts* durante os 10 meses do ano de 2020, totalizando 5,52% das postagens, seguido pelo termo “doses”, com 1 ocorrência em 2020 e 96 em 2021, totalizando 3,04% das postagens. Assim, podemos afirmar que a questão da vacinação é pauta efetiva do discurso de Bolsonaro somente a partir de 2021.

A busca por frequência de lexemas revela a frequência com que um assunto é abordado nos tuítes de Bolsonaro. O recorte do eixo dos anos, por exemplo, indica a constância do usuário em tuitar sobre a pandemia, em falar sobre a nação (“Brasil”) e apresentar, por meio de números, (“os milhões”), os investimentos públicos para garantia da proteção dos cidadãos e da continuidade das atividades econômicas. Também os resultados revelam que Bolsonaro falou poucas vezes sobre fármacos como hidroxiclороquina ou azitromicina (não chegaram a aparecer

³¹ Esse patriotismo é perceptível, pois o sujeito enunciatador poderia utilizar outros termos como “o governo”, “nós”, “o presidente”, “eu” para se referir ao agente responsável pelas ações, ao invés de conceber o Brasil como uma entidade que age e sofre.

nos cem lexemas mais frequentes) em seus tuítes, se comparadas às vezes que tuitou sobre aquisição de vacinas.

Não estão em questão os impactos³² que esses poucos *posts* sobre fármacos aventados como possíveis tratamentos tiveram, pois foge ao escopo e objetivo desta pesquisa. Por outro lado, nosso trabalho revela que, em termos discursivos, o posicionamento de Bolsonaro se modifica em função das condições de produção (isto é, os avanços da ciência da saúde). Assim, esse discurso poderia ter sido diferente, se tivesse continuado a defender esses fármacos ou se tivesse continuado a negar a vacina, o que poderia ser enquadrado ora como desinformação ora como negacionismo. Mas, menos que incentivar a população a se vacinar, notamos que o discurso de Bolsonaro estava centrado na possibilidade de a população se vacinar. As doses das vacinas foram compradas “aos milhões”. Vacina-se quem assim desejar. A oferta foi dada e a recusa, para o discurso de Bolsonaro, é uma questão de livre exercício do direito à liberdade individual; o contrário disso, a vacinação compulsória, por sua vez, é discursivizada nos termos de uma forma de privação dos direitos democráticos dos cidadãos, e/ou de uma forma de ideologia repressiva e totalitária, própria, segundo seu posicionamento, de governos controladores e coercitivos da esquerda.

Há, com isso, o *ethos* de um político flexível e pragmático, pois o sujeito enunciator revela que se adequa às condições de produção (discurso da ciência), às demandas da população (opção pela vacina) e às condições do fazer político. Desse modo, ao promulgar assiduamente a compra das vacinas em 2021, podemos dizer que o *ethos* de Bolsonaro é alinhado ao de um político que, apesar das crenças pessoais e divergências com o discurso da ciência sobre a vacinação, coloca as solicitações dos que desejam se vacinar à frente. Por outro lado, o discurso de Bolsonaro não abandona a tese de que as atividades econômicas não devem parar. Se, durante o ano de 2020, a justificativa para a continuidade das atividades residia no possível tratamento de fármacos maláricos,³³ em 2021, é a ciência que traz a segurança e o respaldo, por meio das vacinas, para que as atividades possam ser finalmente retomadas.

No item a seguir, analisamos a mobilização de menções a órgãos institucionais e a figuras políticas, finalizando as três categorias eleitas das estratégias de legitimação institucional utilizadas por Bolsonaro na construção de seu discurso durante a pandemia.

³² Por impacto, compreendemos a disseminação, o alcance, as visualizações, os compartilhamentos que um único *post* pode ter, isto é, viralizar.

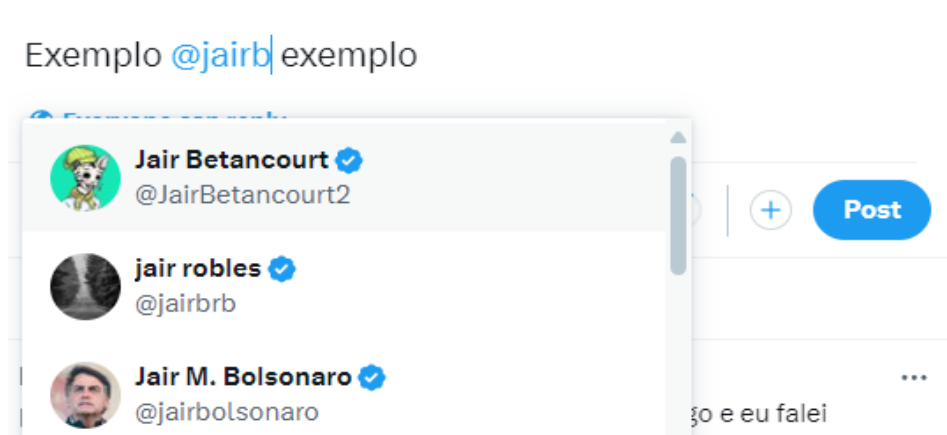
³³ A contragosto de grande parte de especialistas da ciência, dadas as carências de comprovação científica.

6.1.3 Menção a órgãos institucionais mobilizados para legitimação

Para Amossy (2022), como dito, a menção a órgãos institucionais configura-se como estratégia de legitimação discursiva. Esse tipo de legitimação tem como efeito de sentido o apagamento de traços de discordância entre os agentes políticos e as instituições fruto da insistência na unidade em detrimento do valor da deliberação e do confronto agonístico de pontos de vista; assim, cria a impressão de que há um consenso democrático entre o governo e as demais instituições.

Em ambientes digitais, a possibilidade de menção a agentes públicos ou instituições é transformada. No *Twitter*, uma das funções do “@” é desempenhar a ação de vincular uma conta de usuário, fazendo com que essa conta mencionada seja atrelada à publicação que a menciona. Conforme Paveau (2022), essa menção é visível pelas marcas possibilitadas pelo ambiente. Em um tuíte, por exemplo, a inscrição do caractere “@” modifica o fio do discurso sintaticamente, como podemos observar na figura 38.

Figura 38 - Processo de menção à conta de usuário no Twitter.



Fonte: elaborado pelo autor.

A conclusão do processo de mencionar outra conta nessa rede gera o vínculo entre as contas e é perceptível pela mudança de cor da letra, que se torna azul, e pela capacidade de ser clicável, tornando-se um link. Essa deslinearização que dá acesso a outras contas de usuário é perceptível pelo aparecimento de um quadro em que há uma lista de possíveis usuários que podem ser selecionados para serem mencionados. Esse recurso da “menção”, como argumentamos adiante, é utilizado massivamente por Bolsonaro para legitimação institucional.

Vejamos outro caso de menção. Para tanto, observamos inicialmente, que, com a chegada do vírus, os primeiros *posts* de Bolsonaro mostram o alinhamento da gestão

presidencial com os ministérios do poder executivo, entendido por Amossy (2022), como marca de um consenso democrático. No final do mês de fevereiro de 2020, o então ministro da saúde, Henrique Mandetta, faz uma postagem, no *Twitter*, sobre a criação do aplicativo *Coronavírus - SUS*, criado pelo Ministério da Saúde (MS) com o intuito de informar a população sobre o vírus, que, nesse momento, ainda não gerava grande alarde na população. Observemos a figura abaixo.

Figura 39 - Tuíte sobre o app *Coronavírus – SUS*.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1234901408798978049>.

A criação do *app* é anunciada na mesma semana em que o primeiro caso de COVID-19 é confirmado no país pelo próprio MS. O tuíte de Mandetta, além de sinalizar a atenção do MS para a questão do novo coronavírus antes da massiva disseminação da doença no Brasil, está vinculado ao primeiro tuíte de Bolsonaro sobre a pandemia em março de 2020. A interação de Bolsonaro é feita por meio de uma resposta a um tuíte. A interação é possível de ser percebida por meio do fio vertical, em tom acinzentado, que liga as duas imagens circulares dos perfis de Mandetta e de Bolsonaro.

A resposta de Bolsonaro é expressa por meio de um *emoji* de uma palma da mão (👏), com os dedos fechados, à exceção do polegar, verticalmente apontado para cima. Nas redes sociais digitais brasileiras, esse *emoji* é conhecido como “joia” ou “joinha” e pode ter como efeitos de sentidos possíveis os significados de “aprovação”, “concordância”, “apoio”, “beleza”, “ok”. A interação de Bolsonaro, então, é entendida à luz da materialidade

tecnodiscursiva: não há palavras no comentário, o que não o exime de uma ação discursiva que semanticamente pode ser associada ao gesto de afirmação positiva ou de ciência sobre a criação do aplicativo *Coronavírus - SUS* por parte do MS.

Outro ministério citado nos primeiros tuítes de Bolsonaro em março é o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCTIC). Na publicação abaixo, o perfil *@jairbolsonaro* relata a articulação entre ministros de dez países e medidas de combate ao vírus, como podemos observar a seguir.

Figura 40 - Tuíte de Bolsonaro sobre Ministério de Ciência e Tecnologia e a COVID-19.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1235253833892327430>.

Os ministérios apresentados até o momento são os primeiros a serem mencionados por Bolsonaro na relação problema-solução. A interação com o MS, por meio de uma resposta a um tuíte, e a menção ao MCTIC, por meio da menção ao perfil *@mctic*, podem ser considerados como indícios de um alinhamento por parte de Bolsonaro com instituições da saúde e da ciência, o que se configura como uma estratégia de legitimação institucional.

No que diz respeito às menções feitas por Bolsonaro às contas, essas podem ser agrupadas em dois grupos: o de menções cujo vínculo assume posição em casas argumentais e o de menções que não ocupam necessariamente uma posição em casas argumentais. Na figura 47, Bolsonaro menciona tanto o perfil do @minsaude quanto o perfil do @mctic e o perfil de seu respectivo ministro, apresentando informações que se relacionam com as contas marcadas.

Figura 41 - Menção do perfil @jairbolsonaro ao perfil @minsaude.

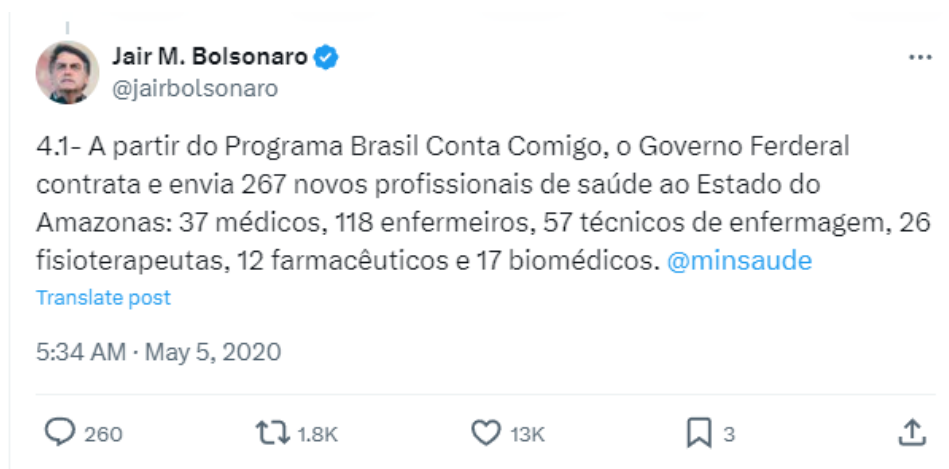


Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1276120224220286976>.

Como visto acima, as menções podem ocupar posições sintáticas definidas, assim o vínculo pode, por exemplo, ocupar a posição de sujeito e funcionar como agente (“o @minsaude anuncia”; “O @minsaude vai investir”) responsável pela predicação ou ocupar a posição de adjunto adnominal e funcionar com o papel temático de fonte (“via @mctic @Astro_Pontes”) responsável pela informação.

As menções do segundo tipo, por sua vez, não ocupam posições sintáticas tradicionais. Essas menções estabelecem vínculos entre o conteúdo comunicado e o perfil mencionado e podem ser interpretadas como “vínculo com instituição asseguradora da informação” ou como “vínculo com instituição envolvida”, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 42 - Menção de vínculo com instituição envolvida.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1257589518036860928>.

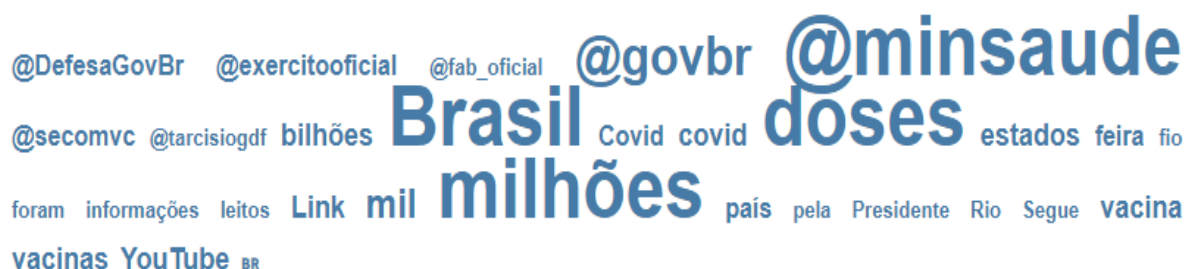
Em ambos os casos, assumindo função sintática ou função de vínculo, a menção a órgãos institucionais confere ao perfil de Bolsonaro legitimização institucional, pois, no caso do perfil de um presidente da república, asseguram uma fonte institucional atrelada ao que é dito.

Assim, para verificarmos as menções feitas pelo perfil de Bolsonaro, buscamos pela construção “@ + nome de usuário” nos 3.183 tuítes por meio do *Netlytic*. Como resultado da busca, encontramos 3.613 ocorrências de menções feitas pelo usuário *@jairbolsonaro* entre março de 2020 e junho de 2021. Em seguida, realizamos uma segunda busca por contas institucionais em que a menção foi mais frequente, como pode ser visto nas nuvens de palavras a seguir.

Figura 43 - Menções a órgãos institucionais do usuário *@jairbolsonaro* em 2020.



Fonte: elaborado pelo autor por meio do *Netlytic*.

Figura 44 - Menções a órgãos institucionais do usuário @jairbolsonaro em 2021.

Fonte: elaborado pelo autor por meio do *Netlytic*.

Visualmente, as menções em 2020 e em 2021 são diferentes. No primeiro ano da pandemia, efetivamente, a menção ao perfil @govbr é mais saliente, seguida da menção ao perfil @MInfraestrutura. Em 2021, a menção ao perfil @minsaude assume destaque, seguido da menção ao perfil @govbr. Por meio do resultado dessas nuvens de palavras, elaboramos três tabelas para apresentar esses dados de uma forma mais organizada. As duas primeiras são dizem respeito aos anos 2020 e 2021, respectivamente, e a terceira compara as menções desses dois períodos analisados, como podemos observar adiante.

Tabela 9 - Top 10 perfis mencionados por @jairbolsonaro (mar-dez/2020).

Colocação	Perfil	Frequência de menções (mar-dez/2020)	Proporção de menções [2.495] (mar-dez/2020)
1º	@govbr (Governo Federal)	224	8,97%
2º	@MInfraestrutura (Ministério de Infraestrutura)	168	6,73%
3º	@tarcisiogdf (Ministro de Infraestrutura)	132	5,29%
4º	@secomvc (Secretaria de Comunicação Social)	101	4,04%
5º	@minsaude (Ministério da Saúde)	95	3,80%
6º	@minEconomia (Ministério da Economia)	90	3,60%
7º	@mdregional_br (Ministério do Desenvolvimento Regional)	87	3,48%
8º	@DNIToficial (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes)	74	2,96%
9º	@rogeriosmarinho (Ministro do Desenvolvimento Regional)	55	2,20%
10º	@DefesaGovBr (Ministério da Defesa)	53	2,12%
Total		1.079	43,24%

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 10 - Top 10 perfis mencionados por @jairbolsonaro (jan-jun/2021).

Colocação	Perfil	Frequência de menções (jan-jun/2021)	Proporção de menções [1.118] (jan-jun/2021)
1º	@minsaude (Ministério da Saúde)	136	23,05%
2º	@govbr (Governo Federal)	119	20,16%
3º	@exercitooficial (Exército do Brasil)	61	10,33%
4º	@secomvc (Secretaria de Comunicação Social)	58	9,83%
5º	@DefesaGovBr (Ministério da Defesa)	54	9,15%
6º	@fab_oficial (Força Aérea Brasileira)	45	7,62%
7º	@tarcisiofdf (Ministro de Infraestrutura)	45	7,62%
8º	@MInfraestrutura (Ministério de Infraestrutura)	37	6,27%
9º	@marmilbr (Marinha do Brasil)	33	5,59%
10º	@minEconomia (Ministério da Economia)	25	4,23%
Total		613	54,83%

Fonte: elaborado pelo autor.

Considerando as tabelas em questão, notamos que os dados relativos à marcação de perfis se mostram coincidentes com o que apontamos no item sobre as escolhas lexicais, isto é, que houve mudança no discurso de Bolsonaro. Vejamos: em 2020, o perfil do Governo Federal é o mais mencionado, com 224 menções (8,97%), seguido das menções ao Ministério e ao ministro da Infraestrutura, respectivamente 168 (6,73%) e 132 (5,29%) menções e das menções à Secretaria de Comunicação Social, com 101 (4,04%). As menções ao perfil do Ministério da Saúde encontram-se em 5º lugar, com 95 menções (3,80%) e têm valores próximos às menções ao Ministério da Economia em 6º lugar, com 90 menções (3,60%).

Por outro lado, em 2021, os perfis mais mencionados são o Ministério da Saúde, com 136 menções (23,05%), seguido do perfil do Governo Federal, com 119 (20,16%) e do perfil do Exército Brasileiro, com 61 menções (10,33%). Ao passo em que as menções ao @minsaude são agora privilegiadas, a importância do Exército brasileiro é vinculada à distribuição de vacinas no ano de 2021. As menções ao Ministério e ao ministro da Infraestrutura, por sua vez, caem da 2ª e 3ª posição para 7ª e 8ª posição, pois a continuidade das atividades não mais figura como tema central no discurso de Bolsonaro, que passa a discursivizar sobre o aumento da vacinação, pois, com a população vacinada, não há motivos para a paralisação das atividades

econômicas. Na tabela a seguir, podemos notar melhor essa mudança, observando as diferenças entre as quantidades de menções feitas nos anos 2020 e 2021.

Tabela 11 - Top 7 perfis mencionados por @jairbolsonaro (jan-jun/2021).

Colocação	Perfil	Menções (mar-dez/ 2020)	Menções (jan-jun/ 2021)	Total	Proporção de menções (mar/2020 a jun/2021) [3.613]
1º	@govbr (Governo Federal)	224	119	343	9,49%
2º	@minsaude (Ministério da Saúde)	95	136	231	6,39%
3º	@MInfraestrutura (Ministério de Infraestrutura)	168	37	205	5,67%
4º	@tarcisiogdf (Ministro de Infraestrutura)	132	45	177	4,48%
5º	@secomvc (Secretaria de Comunicação Social)	101	58	159	4,40%
6º	@minEconomia (Ministério da Economia)	90	25	115	3,18%
7º	@DefesaGovBr (Ministério da Defesa)	53	54	107	2,96%
Total				1.337	37,00%

Fonte: elaborado pelo autor.

Comparando os dois períodos (tabela 11), as menções ao perfil do Governo Federal (@govbr) são as mais frequentes nos tuítes de Bolsonaro, com 343 menções (9,49%), seguida das menções ao perfil do Ministério da Saúde (@minsaude), com 231 menções (6,39%), do Ministério da Infraestrutura (@MInfraestrutura), com 205 menções (5,67%), do ministro da infraestrutura (@tarcisiogdf), com 177 menções (4,48%), da Secretaria de Comunicação Social (@secomvc), com 159 menções (4,40%), do Ministério da Economia (@minEconomia), com 115 menções (3,18%) e do Ministério da Defesa (@DefesaGovBr), com 107 menções (2,96%).

A conta do Governo Federal é a mais abrangente em termos de conteúdo temático. Como a função desse perfil diz respeito à União, o fiador desta conta é colocado como uma entidade abstrata responsável pela gestão do país. A conta @govbr ocupa hierarquicamente posição superior em relação às outras mencionadas no quesito da autoridade e da legitimação, pois essa representa o avatar do governo. Assim, a majoritária quantidade de menções ao perfil do Governo Federal é em razão da gama de ações governamentais, de pautas públicas e de instruções que podem ser emitidas por esse perfil. À vista disso, a frequência de menções ao @govbr, além de sustentar e fortalecer a legitimidade dos dizeres do discurso de Bolsonaro, projeta a imagem de uma gestão federativa que age e fala com o público, no sentido de “o

@govbr está agindo” e “o @govbr é atuante” quanto à mobilização de esforços e de recursos no combate à pandemia. Isto é, a atuação do fiador é legitimada pelo perfil do governo federal ao mesmo tempo que o fiador legitima a atuação de sua gestão.

Das outras instituições mencionadas por Bolsonaro, o perfil do Ministério da Saúde é o segundo que é mais mencionado, computadas 231 menções. Dado o contexto da crise ser por motivos sanitários, a frequência elevada, se comparada a menções a outros órgãos, de menções ao @minsaude contribui para a legitimação de um político alinhado com a principal instituição de saúde do Brasil.

Com 205 menções à conta do Ministério da Infraestrutura, o perfil @Minfraestrutura é o terceiro mais mencionado pelo perfil @jairbolsonaro. As menções feitas por Bolsonaro a essa conta não têm relação com a pandemia diretamente, pois os assuntos dizem respeito a obras civis, reformas em aeroportos, construção de rodovias, entre outros. Apesar de não possuírem relação direta com a pandemia, se levarmos em consideração os assuntos veiculados, em relação à imagem da pandemia, ao publicar sobre a continuidade das obras pelo país e sobre a presente atuação do Ministério da Infraestrutura, Bolsonaro contribui para *ethos* de que “a vida continua”, logo, o *ethos* de uma pessoa persistente, resiliente e obstinado. O número elevado de menções, se comparado a outras menções, assim, reforça o discurso de que “o Brasil não pode parar”.

As menções ao perfil da Secretaria de Comunicação Social (159), por sua vez, estão relacionadas, principalmente, à divulgação de informações sobre combate ao novo coronavírus (figura 45), característica presente nos tuítes de outras contas mencionadas. As menções ao Ministério da Economia (115), por seu turno, são vinculadas à destinação de verbas para manutenção da de empregos, auxílio emergencial, aquisição de insumos para o combate à doença, entre outros (figura 46).

Figura 45 - Menção ao perfil @secomvc.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1398302805908131845>.

Figura 46 - Menção ao perfil @MinEconomia.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1336051853063299078>.

Já as menções ao perfil do Ministério da Defesa (107) são vinculadas, principalmente, às ações de auxílio do exército brasileiro, à força aérea nacional e à marinha nacional, incumbido da logística de produtos e de insumos para o combate à doença, da repatriação de imigrantes e do fechamento de fronteiras (figura 47), fortalecendo com isso a imagem das forças armadas como instituição à serviço da população nesse momento de crise, como observamos a seguir.

Figura 47 - Menção aos perfis @minsaude, @DefesaGovBr, @exercitooficial, @fab_oficial e @marmilbr.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1392087852427718665>.

Em termos de *ethos*, as menções e as escolhas lexicais apresentam estratégias semelhantes: ambas buscam legitimar um fiador cuja dimensão categórica é de um político conectado nas redes sociais digitais, presente na internet e em comunicação constante com seu público. Considerando a dimensão experiencial, podemos dizer que diz respeito a um político flexível, tendo em vista que muda seus posicionamentos em favor do “bem maior da nação”, o que o faz ora transitar entre a dimensão ideológica alinhada a valores conservadores (oposição inicial à vacina), ora a valores alinhados com o discurso da ciência (divulgação frequente de

compra de vacinas). O que permanece, todavia, é a dimensão ideológica alinhada a valores liberais e econômicos “acima de tudo”.

À guisa de encerramento, no capítulo a seguir, dedicamo-nos a sumarizar as reflexões desenvolvidas neste presente capítulo e no capítulo anterior a fim relacionarmos efetivamente os resultados obtidos nas análises com a noção de *ethos* discursivo.

7 VARIAÇÕES SOBRE OS *ETHÉ* DISCURSIVOS DE BOLSONARO SOBRE A PANDEMIA

Neste penúltimo capítulo, ampliamos nossas reflexões sobre o discurso em análise, recuperando os resultados obtidos das análises desenvolvidas anteriormente sobre a expressão lexical da modalidade e sobre a evidencialidade no discurso de Bolsonaro. Para tanto, procedemos da seguinte maneira: apresentamos características do *ethos* do discurso de Bolsonaro, sobre a imagem de protetor da saúde e da economia, sobre a imagem de ora a favor da Cloroquina ora a favor das vacinas e sobre a imagem de eficiente.

7.1. SAÚDE E ECONOMIA: O *ETHOS* DO PRESIDENTE RESPONSÁVEL

Conforme refletimos a seguir, podemos notar, de início, um *ethos* de Bolsonaro que se refere à imagem de um presidente que busca agir com *responsabilidade*. Especificamente, essa interpretação está ancorada em três atributos que Bolsonaro atribui a si no seu discurso, a saber: (i) *a prudência com a condução da pandemia*, (ii) *a preocupação com idosos* e (iii) *a preocupação com a nação brasileira*. A seguir, vamos tratar de cada um deles separadamente.

Para o discurso de Bolsonaro, agir com responsabilidade é não alardear informações que poderiam gerar pânico entre a população. Assim, aquilo que, em outros posicionamentos, poderia ser interpretado como “inação”, “inércia”, “irresponsabilidade” ou “negacionismo”, na lógica do discurso do sujeito enunciator, é posto como uma atitude de calma diante do pânico que supostamente estaria sendo intensificado pela mídia, ou seja, o posicionamento de Bolsonaro produz um simulacro do discurso científico, de acordo com o qual se faz necessário alertar a população a respeito dos riscos da COVID-19. Dito de outro modo: o que é alerta para um é pânico desnecessário para outro. Ao considerarmos esse simulacro de um outro posicionamento no discurso de Bolsonaro, esbarramos em uma questão norteadora desta pesquisa: a do negacionismo de Bolsonaro em relação à pandemia de COVID-19. Mas, ao nos defrontarmos com essa leitura, buscamos compreender: em relação a que poderia ser atribuído o *ethos* de um presidente negacionista? Negacionista em relação à pandemia? Ao isolamento social? À vacina?

Em primeira instância, a observação acima nos permite concluir que não se trata de negar explicitamente a existência da pandemia de COVID-19, tendo em vista que Bolsonaro rejeita especificamente a promoção do pânico e não especificamente a pandemia em si, o que pode ser percebido pelo modo como ele categoriza a doença (“é só uma gripezinha”), ou seja,

reconhece a existência da doença, embora não a sua gravidade. Desse modo, podemos dizer que o que está em questão no discurso de Bolsonaro é um tom suavizador que busca acalmar não só a população, mas também, como se sabe, o mercado financeiro.

Dessa forma, não há como afirmar categoricamente que há um completo negacionismo de Bolsonaro em relação à “verdade” assegurada por instituições da saúde prestigiadas internacionalmente, como a OMS, que declarou oficialmente a gravidade da doença. Do contrário, enunciados como “a pandemia é uma mentira inventada por comunistas” poderiam atravessar seu discurso, mas fica interdita a possibilidade de negar um fato inquestionável (as pessoas estavam ficando doentes, morrendo, apresentando sinais da doença etc.).

Corroborando nosso entendimento de que não há um negacionismo em relação à existência da pandemia, mas sim em relação à gravidade dos efeitos dos vírus, apresentamos a postagem abaixo:

Figura 48 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 10 de março de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1237460916649820160>.

O vídeo em questão tem como lugar de atividade o Fórum das Américas, uma conferência internacional entre Brasil e Estados Unidos em 10/3, de 2020, em Miami. A esfera de atividade é a das relações diplomáticas. O campo discursivo é o político. Essas informações pragmáticas nos permitem categorizar a cena englobante da fala pública de Bolsonaro como

pertencente ao discurso político, a cena genérica da conferência internacional. Os coenunciadores são os representantes do poder público, brasileiro e americano, principalmente. Dado os propósitos do evento (discussão de temas ligados à tecnologia, economia e negócios na Amazônia), são também coenunciadores diretos a imprensa e empresários do Brasil e do mundo.

Sobre a cenografia, transcrevemos o trecho em que Bolsonaro fala sobre a pandemia.

- (93) obviamente temos no momento uma crise... uma pequena crise né... (um) no meu entender muito mais fantasia... a questão do coronavírus... que não é isso tudo que a grande mídia... propala... ou propaga pelo mundo todo (6min:35s-6min:48s).

O uso de “obviamente”, uma modalidade epistêmica objetiva de certeza, subjaz o reconhecimento indubitável do presidente diante da situação pandêmica. Por outro lado, com “uma crise, uma pequena crise” e com “muito mais fantasia”, apesar de reconhecer a crise, Bolsonaro gradativamente pontua elementos que deslegitimam a seriedade do vírus SARS-COV-2. A repetição da palavra “crise” é seguida de uma especificação que a qualifica como sendo pequena. Os intensificadores “muito mais” acentuam a categorização “fantasia”, que tem como referência a “pequena crise”. O enunciado adjetivo-explicativo não só minimiza “a questão do vírus”, como também atribui um exagero, por parte da “grande mídia”, do que é difundido em relação ao que se sabe sobre o vírus. Essa gradação da deslegitimação pode ser observada partindo da certeza de crise à descrença da gravidade da crise, como elencamos, abaixo:

Obviamente [...] uma crise

↓

pequena crise

↓

muito mais fantasia

↓

não é isso

Essa gradação feita no discurso de Bolsonaro nos permite compreender que o que está sendo alterado (gradativamente menor) é a representação do sujeito enunciador em relação à gravidade da crise do COVID-19 e não em relação à existência da crise, como apresentamos

mais detalhadamente a seguir no Quadro 7:

Quadro 7 - Atenuação da gravidade da crise do COVID-19.

Excerto	Construção linguística	Atenuação	Efeito de sentido
<u>Obviamente</u> temos no momento <u>uma crise</u>	Modalidade epistêmica de certeza subjetiva + substantivo	0	Certeza sobre existência da crise
uma <u>pequena crise</u> né	adjetivo + substantivo	+	inferiorização da proporção da crise
(um) no meu entender <u>muito mais fantasia...</u>	locução adverbial de intensidade + recategorização	++	depreciação da crise
a questão do coronavírus... que <u>não é isso</u> tudo que a grande mídia... propala... ou propaga pelo mundo todo	modalidade asseverativa + advérbio de negação + cópula + pronome encapsulador	+++	desmerecimento da crise

Fonte: elaborado pelo autor.

Como é possível perceber, os processos de retomada e de recategorização da crise recobrem apenas a gravidade da crise e não sua existência, o que, para os adeptos desse mundo ético, supostamente descarta a tese de que o discurso de Bolsonaro tenha negado declaradamente a pandemia de COVID-19. O que notamos, no discurso de Bolsonaro é que, constantemente, estratégias de atenuação da seriedade e da gravidade da crise do COVID-19 foram utilizadas sob a égide do *ethos* da *responsabilidade*, como podemos observar na figura seguinte, em que o sujeito enunciator importa um vídeo do *Youtube* para sua conta no *Twitter*. A cena de enunciação do vídeo é composta como uma cena englobante própria ao político. A cena genérica é a de entrevista televisiva. Sentados frente a frente, o agenciamento da cenografia remete à cena de um diálogo, como segue a imagem:

Figura 49 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241324471295905793>.

Abaixo transcrevemos uma parte da entrevista feita para o programa de televisão brasileira *Programa do Ratinho*, que foi ao ar cerca de uma semana depois da conferência internacional em Miami.

- (94) se chegar lá [em idosos] uma gripe qualquer (...) então o que acontece em parte da imprensa, né?... o cara entrou em óbito... e tinha dado positivo para o vírus... e tinha dado lá diabetes... não sei o quê... é disso que morreu, do coronavírus! o que é que eu faço?... eu não quero levar o pânico para a população brasileira... a minha missão como chefe de Estado é levar a verdade e dizer para eles que isso vai chegar... vai passar... vai passar... não tem como... você vai viver isso daí... essa onda vai passar por cima de você... talvez eu tenha adquirido antes como eu disse agora há pouco e você também há um mês atrás vinte dias atrás já acabou já estamos imunes... estamos ajudando a imunizar o Brasil... porque o vírus bate em nós e não passa para terceiros... você vai passar por isso... agora... o pânico é terrível (24min:30s-25min:30s) .

Em “gripe qualquer”, o sintagma nominal “gripe” é anteposto ao pronome indefinido “qualquer”. A função conferida por pronomes indefinidos é a de designar a imprecisão de um referente. Discursivamente, o uso de “qualquer” enfraquece a especificidade da gripe referida, COVID-19. Além de descaracterizar a COVID, distanciar a associação com o coronavírus, o pronome indefinido permite o entendimento de que diferentes manifestações de gripe poderiam ser entendidas em um rol de similaridades em relação aos efeitos da COVID-19. Por outro lado, conforme afirma o discurso médico, cada variação, seja de gripe suína, aviária ou de COVID-19, resguarda especificidades com relação à prescrição de tratamentos; mesmo a COVID-19, com suas variações e mutações, demanda particularidades de tratamento.

Em “é disso que morreu, do coronavírus!”, há um direcionamento interessante: todos os enunciados partem de uma exemplificação da ordem do hipotético, marcado pela partícula “se” no início da fala; a situação hipotética narra a possibilidade de que a morte de um idoso, com uma “gripe qualquer” e com diabetes seja noticiado, “por parte da imprensa”, como morte por coronavírus, apesar de que o motivo da morte tenha sido, de fato, outro.

Merecem atenção outros aspectos do discurso: (i) o modo hipotético assinala a criação de uma situação que não verídica, manifestada pela marca de condicionalidade; (ii) é atribuída à parte da imprensa (e poderíamos pensar que parte é essa da imprensa a que se refere Bolsonaro: a imprensa contra ele, a imprensa concebida por ele como comunista, petista, a Globo...) a culpa pela divulgação de informação tendenciosa sobre o óbito do idoso. Isto é, segundo o discurso de Bolsonaro, seria atribuída a certos setores da imprensa a divulgação de dados tendenciosos. Tal responsabilização de parte da imprensa, mesmo em uma situação hipotética, redireciona à mídia a culpa pelo aumento no número de casos divulgados.

Sendo uma situação hipotética, doenças como diabetes, cujos sintomas em nada têm a ver com os sintomas da covid, poderiam ser facilmente, dentro da analogia de Bolsonaro, substituídas por outras doenças, o que pode ser descrito pela fórmula:

Diagnóstico de doença X + diagnóstico de qualquer gripe = morte por COVID-19,
sendo X = qualquer doença.

Essa fórmula permite que destinatários que se alinhem a esse posicionamento discursivo possam completá-la com quaisquer outras doenças, já que, segundo o exemplo hipotético do ex-presidente, a divulgação da morte seria notificada como sendo apenas COVID-19.

Em “eu não quero levar o pânico para a população brasileira”, Bolsonaro demonstra estar preocupado com o povo, o que contribui para o seu caráter protetor, de quem busca

proteger o povo. Ao falar em “missão como chefe de Estado” e não em função/compromisso/dever/ do chefe de Estado, há uma aproximação de uma imagem de um herói, de um messias, cujo objetivo é o de proteger a população. Sua missão, nesse sentido, é a de “levar a verdade” para aqueles que podem estar sendo confundidos pelas mentiras divulgadas “por parte da imprensa”. A repetição do futuro perifrástico (construída com verbo auxiliar ir + verbo no infinitivo) reforça a convicção de Bolsonaro em afirmar que a pandemia já chegou, mas também “vai passar”.

Essa ideia de que o pânico precisa ser evitado, também pode ser observada nos excertos apresentados a seguir, retirados do *corpus*. Eles servem para comprovar que não se trata de negar a pandemia, mas de negar o alarde que Bolsonaro acredita ter sido promovido pela mídia brasileira, como podemos observar a seguir:

Quadro 8 - Excertos sobre “evitar o pânico”.

Data	Gênero	Excerto
06/03/2020	Pronunciamento	Ainda que o problema possa se agravar, <u>não há motivo para pânico</u> . Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção.
12/03/2020	Pronunciamento	É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, <u>sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico</u> .
21/03/2020	Tuíte	- Também é meu dever impedir que o pânico tome conta do país, o que complicaria ainda mais a situação. É com este objetivo, de mostrar que superaremos este obstáculo, que tenho tratado a questão com <u>coragem e tranquilidade</u> . De forma alguma usarei do momento para fazer demagogia.
23/03/2020	Tuíte	- Tive importantes reuniões com governadores do Norte e Nordeste. Anunciamos mais de R\$ 88 bilhões em medidas para apoiar Estados e Municípios no combate à Covid-19 e outras medidas, <u>mas alguns jornalistas insistem em falar de assuntos que alimentam intrigas, fofocas e pânico</u> .
23/03/2020	Tuíte	- Quanto mais focarem em intriga e poder, menos informadas ficarão as pessoas e mais pânico será alimentado. É preciso cuidar da saúde física, mas também emocional dos brasileiros. É nosso dever protegê-los com coragem, tranquilidade e sabedoria. Façam isso e terão meu apoio!
24/03/2020	Pronunciamento	<u>Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e</u> , ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.
24/03/2020	Pronunciamento	<u>Sem pânico ou histeria</u> , como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.

01/04/2020	Tuíte	- Estamos, desde o início, reforçando nosso sistema de saúde e dando TOTAL apoio aos estados e municípios do Brasil para salvar vidas e proteger empregos, ao mesmo tempo em que <u>combatemos o pânico disseminado por todo país com grande contribuição de parte da imprensa.</u>
08/07/2020	Tuíte	C- Nenhum país do mundo fez como o Brasil. Preservamos vidas e empregos <u>sem propagar o pânico</u> , que também leva a depressão e mortes. Sempre disse que o combate ao vírus não poderia ter um efeito colateral pior que o próprio vírus.
12/07/2020	Tuíte	D- A desinformação foi uma arma largamente utilizada. <u>O pânico foi disseminado</u> fazendo as pessoas acreditarem que só tinham um grave problema para enfrentar. - Não será fácil, mas havemos de recomeçar. BOM DIA A TODOS.
13/07/2020	Tuíte	- Na guerra ao vírus a desinformação foi uma arma largamente utilizada. - <u>O pânico foi disseminado</u> fazendo as pessoas acreditarem que só tinham um grave problema para enfrentar. - Por @GFiuzza_Oficial : https://t.co/TZ52RxcdLb
09/08/2020	Tuíte	- Muitos gestores e profissionais de saúde fizeram de tudo pelas vidas do próximo, <u>diferentemente daquela grande rede de TV que só espalhou o pânico</u> na população e a discórdia entre os Poderes.

Fonte: elaborado pelo autor.

Considerando o quadro acima, notamos que o discurso de Bolsonaro não nega explicitamente a pandemia, mas nega o pânico que estaria sendo supostamente criado pela imprensa. Além disso, podemos verificar como o sujeito enunciador se posiciona contra as cobranças feitas pela imprensa e por diversos setores da sociedade a respeito de suas práticas, tratando-as nos termos de “fofocas”, “de pânico” etc, ou seja, como simulacros desses discursos. Sobre essa característica observada no discurso de Bolsonaro, a de combater constantemente um Outro supostamente conspiratório, retomamos as considerações de Magalhães e Martins (2024) que relacionam esse funcionamento ao do funcionamento da “fantasia da ideologia totalitária”:

A relação que o discurso bolsonarista tem com seu Outro, [...], assemelha-se ao funcionamento da “fantasia ideológica totalitária” (Žižek, 2017), que busca, por meio da construção do espectro de um Outro precisamente definível, cujas características beirariam o Absoluto em sua versão absurda, alarmante e atemporal, suturar a contradição presente na própria configuração do Mesmo: as insatisfações de uma existência em um sistema político-econômico são dirigidas aos que querem miná-lo, disfarçados de soberanos do próprio sistema. [...] Consonante à tese de Žižek (2017), a lógica que vigora no discurso de Bolsonaro é a de que os adversários espreitam sua derrocada, como afirma Rocha (2021) sobre o discurso bolsonarista (Magalhães e Martins, 2024, p. 188).

Para os autores, a relação com um Outro conspiratório constantemente atacado no discurso de Bolsonaro, pode ser compreendida à luz da argumentação de Žižek (2017) sobre a

aparição “espectral” de um outro invisível como consequência inerente à fantasia ideológica totalitária, dividida em duas outras fantasias: enquanto a “fantasia₁” garante a ilusão harmoniosa e coesa do todo social, a “fantasia₂” é a aparição espectral daquilo que é inevitavelmente forcluído³⁴ pela fantasia₁: o antagonismo e a contradição inerentes aos sistemas sócio-político-econômicos. Na sua forma mais emblemática, a aparição espectral do “judeu conceitual”, como o Outro do nazismo, servia como manutenção da falha inevitável de toda fantasia₁ de se realizar plenamente (Žižek, 2017, p. 262), em acordo com também com De Moraes (2019, p. 169), os adeptos ao Bolsonaro concebem-se como os “verdadeiros oprimidos” e “perseguidos”. No discurso de Bolsonaro, como afirmam Magalhães e Martins (2024), é possível perceber uma lógica semelhante à apontada por Žižek (2012):

Mais interessante é a estranha ressurreição do anticomunismo quase duas décadas depois dos acontecimentos [da dissolução da União Soviética], porque oferece uma resposta simples à pergunta: “Se o capitalismo é assim tão melhor do que o socialismo, por que nossa vida continua péssima?”. É porque ainda não entramos de fato no capitalismo, os comunistas ainda dominam, disfarçados de novos proprietários e gerentes... (Žižek, 2012, local. 113).

A respeito do funcionamento do fantasma do comunismo, notamos que essa lógica estende-se não só ao declarados inimigos de Bolsonaro, a esquerda, mas também às formas dessa esquerda agir no sistema do Estado, isto é, por meio da mídia, que estaria constantemente promovendo o pânico sobre a pandemia de COVID-19 não unicamente para a promoção do caos, mas com fulcral objetivo de prejudicar a imagem do governo, como podemos notar em um único excerto em que o temática do pânico é retomada no *corpus* em 2021:

- (95) Sabemos que não há muito o que comemorar, mas é preciso restabelecer a verdade do que foi e está sendo feito na prática, para que o pânico e o caos promovido pelos que desejam retomar o poder e suas práticas nefastas não triunfem. Brasil acima de tudo; Deus acima de todos! (T-2021-05-27).

Ao disseminar essa imagem de um político que busca combater o pânico provocado pela mídia, certas teses se repetem nesse discurso: (i) a de que o governo está tentando acalmar a população e (ii) a de que a mídia está tentando inflamar a situação pandêmica. Nessa conjuntura construída pelo discurso de Bolsonaro, o *ethos* que resulta dessas cenas apresentadas é o de um político cujo caráter é o de uma pessoa responsável e prudente, que busca abrandar o caos

³⁴ Forclusão é um termo usado na psicanálise para descrever um mecanismo de defesa da estrutura psicótica em que uma ideia ou desejo inconsciente é rejeitado ou excluído da consciência. Esse conceito, desenvolvido pelo psicanalista Jacques Lacan (data??), refere-se a uma forma de impedimento do aparelho psíquico que impossibilita que certos pensamentos ou sentimentos adentrem a consciência.

inevitável dos efeitos da pandemia, mesmo contra todo o sistema de comunicação do país colocando-se contra ele.

Esse *ethos* de responsável, sustentado pela cena em que o ator social se coloca como o único prudente em meio ao pânico, é complementado pelo traço sociopsicológico da preocupação, tanto em relação às vidas quanto, igualmente, em relação à economia. A exemplo da preocupação com a vida, observamos o excerto a seguir:

- (96) Nossa saúde e de nossos familiares devem ser preservadas. O momento é de união, serenidade e bom senso (P2-12/03/2020).

Em (96), com o emprego do verbo auxiliar modal “devem”, o sujeito enunciator expressa uma obrigação em relação à necessidade de preservar a saúde dos familiares, que deve ser seguida por todos, o que contribui para a imagem de um presidente que se compadece com a vida, com a “união”, a “serenidade” e o “bom senso”, novamente reiterando o *ethos* de quem busca evitar o pânico e o *ethos* de quem se preocupa com a povo. Nos próximos excertos, notamos o emprego de itens lexicais deônticos que dizem respeito à prescrição de condutas em relação à proteção da população como um todo e, especialmente, proteção de grupos de risco (“Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos”), o que mostra o discurso de Bolsonaro alinhado com um posicionamento em defesa do isolamento vertical, como observado no excerto a seguir:

- (97) **Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos.** Há também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares. Queremos um povo atuante e zeloso com a coisa pública, **mas jamais podemos colocar em risco a saúde da nossa gente** (P2-12/03/2020).³⁵

A respeito da preocupação com a vida de pessoas que se enquadram no grupo de risco (idosos e pessoas com comorbidades), podemos afirmar esse *ethos* a partir principalmente dos resultados dos empregos da modalidade deôntica. A exemplo, tal modal empregado adiante tem como escopo os eventos relacionados à preocupação e à preservação da saúde das pessoas de grupos de risco, como podemos observar nos excertos apresentados a seguir:

³⁵ Grifamos em negrito trechos importantes para a compreensão do *ethos*. Em sublinhado, estão os índices lexicais referentes a modalidade e a evidencialidade.

- (98) O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. **Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós**, respeitando as orientações do Ministério da Saúde (P3-24/03/2020).
- (99) 38 milhões de autônomos já foram atingidos. Se as empresas não produzirem não pagarão salários. Se a economia colapsar os servidores também não receberão. **Devemos abrir o comércio e tudo fazer para preservar a saúde dos idosos e portadores de comorbidades.** <https://t.co/m2Bk28LunH> (T-2020-03-25).

Dessa maneira, ao se valer do apreço moral quanto à preservação da vida, da saúde e do comércio, há como efeito de sentido o apagamento das possíveis dissonâncias de vozes sobre qual seria a preocupação maior no momento (crianças? Jovens? Idosos? Trabalhadores? Pessoas com deficiência? Pessoas com comorbidades? Fechar universidades? Fechar escolas? Fechar apenas bares? Impedir shows? Fechar todo o comércio? Fechar parte do comércio?).

Por um lado, Bolsonaro afirma que há um consenso sobre a preservação da saúde de idosos (“O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos”). Por outro lado, modaliza seu discurso ao impor aos coenunciadores a obrigatoriedade sobre a preservação da saúde de idosos e sobre a abertura do comércio. Isto é, ao passo em que Bolsonaro diz com o que as pessoas devem se preocupar, diz também com o que não devem se preocupar, ou seja, com todos aqueles fora do grupo de risco (todas as crianças, jovens e adultos sem comorbidades). Tal modo de gestão é conhecido como “isolamento vertical”, conceito que se refere à prática de separar ou isolar indivíduos prioritários a fim de evitar a transmissão de uma doença; posicionamento assumido no discurso de Bolsonaro.³⁶

Diante do exposto, podemos afirmar que o *ethos* do discurso em análise é o de um presidente preocupado com a vida e com a saúde da população. Ademais, essa preocupação estende-se à proteção da economia, o que podemos afirmar em razão da equiparação feita entre a importância da vida de pessoas dos grupos de risco e o combate ao desemprego. Tal preocupação com a economia é própria do discurso de direita, ou seja, tem a ver com o posicionamento político e, assim, está dentro do “esperado” para esse discurso, como podemos observar nos excertos seguintes, em que a modalidade deôntica novamente está presente:

³⁶ Apesar de Bolsonaro se posicionar a favor do isolamento vertical, no Brasil, houve uma abordagem descentralizada, com estados e municípios implementando suas próprias medidas de isolamento, devido às dissonâncias entre medidas de saúde a serem adotadas pelo governo federal, por governadores e por prefeitos.

- (100) Por um lado, temos que ter cautela e precaução com todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças preexistentes. Por outro, temos que combater o desemprego, que cresce rapidamente, **em especial entre os mais pobres** (P4-31/03/2020).
- (101) O coronavírus veio e um dia irá embora, infelizmente teremos perdas neste caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar ao máximo qualquer perda de vida humana. Como disse o diretor-geral da OMS, “todo indivíduo importa”. Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos, que já vem trazendo muito sofrimento para os **trabalhadores brasileiros** (P4-31/03/2020).

Nos excertos acima, uma estratégia comum, tanto em (100) quanto em (101), é o uso do paralelismo entre os valores das condutas de preservar vida e empregos, isto é, o *ethos* de preocupação é sobre a vida e os empregos, o que confere, como efeito de sentido, um enunciador que seria responsável tanto com a proteção à vida quanto com a proteção da economia. Assim, as orientações recaem sobre as condutas de “cautela e proteção com todos”, em (100); e novamente há a manutenção no traço sociopsicológico da prudência (“ter cautela”); e “evitar ao máximo qualquer perda de vida humana”, em (101), seguido pelas orientações que recaem sobre as condutas de “combater o desemprego”, em (100), e de “evitar a destruição de empregos” em (101), em que há a manutenção do traço sociopsicológico da preocupação (com “vida e empregos”); semelhante funcionamento que pode ser visto também a seguir:

- (102) Reunião virtual com os maiores empregadores do Brasil. O cenário é preocupante. Uma economia devastada afetará diretamente na saúde. Se verdadeiramente prezamos pela vida e bem estar, devemos evitar um desastre ainda maior que o vírus. **Saúde e comida na mesa andam juntos!** <https://t.co/CGAgVklPLv> (T-2020-05-14).
- (103) Desde o início da pandemia falei que deveríamos combater o vírus, cuidar dos idosos e dos com comorbidades e preservar a renda e o emprego dos trabalhadores (P10-31/12/2021).

Em ambos os casos, o emprego da modalidade deôntica tem como eventos impasses: a obrigatoriedade de evitar um desastre, qual seja prezar pela vida e pelo bem-estar e a equiparação entre proteção da saúde e proteção da economia. Tais impasses esbarram em dois fatores circunstanciais: (i) como proteger a saúde sem condições financeiras básicas e (ii) como proteger a economia correndo risco de vida ao sair para trabalhar?

Essa possível incoerência do sujeito enunciador de preocupar-se não só com as vidas, mas também com a economia (sair de casa para trabalhar pressupõe risco à saúde) poderia colocar em xeque o *ethos* de um governante responsável. Para outros posicionamentos, como o

de parte de profissionais da saúde brasileiros, a constante orientação de Bolsonaro (“devemos abrir o comércio”) para que os trabalhadores voltassem a trabalhar permitiu que grande parte dos adeptos ao campo científico³⁷ interpretasse o discurso do ex-presidente como desinformação em relação a medidas de proteção da população e como negacionismo em relação à gravidade do vírus.

Diante desse impasse entre a preocupação com a saúde das pessoas e a manutenção da economia, o discurso de Bolsonaro apresenta dois contra-argumentos que podem ser entendidos à luz das modalidades deônticas e das volitivas.

O primeiro argumento ao impasse (i) “como proteger a saúde sem condições financeiras básicas?” é, para o discurso de Bolsonaro, o de que o governo federal não será capaz de continuar protegendo a população, isto é, de que, em algum momento, os recursos disponíveis da União não serão capazes de manter políticas públicas para o enfrentamento da pandemia, como podemos observar no excerto 104 a seguir, em que há emprego de modais deônticos:

(104) E o que eu conversei com o dr. Nelson é que, gradativamente, nós temos que abrir o emprego no Brasil. Essa grande massa de humildes não tem como ficar presa dentro de casa. E, o que é pior, **quando voltar não ter emprego. E o governo não tem como manter esse Auxílio Emergencial ou outras ações por muito tempo**. Já se gastou aproximadamente 600 bilhões de reais, e podemos chegar a R\$ 1 trilhão. Sei e repito que **a vida não tem preço, mas a economia, o emprego, tem que voltar à normalidade, não o mais rápido possível**, como foi conversado com o dr. Nelson, **mas ele tem que começar a ser flexibilizado** para que exatamente não venhamos a sofrer mais com isso (P6-16/04/2020).

Em (104), há três modais deônticos manifestados pela construção “ter + que”. Nos três casos dos itens modais, eles afetam eventos relacionados à “volta dos empregos”, argumento para “como proteger a saúde sem condições financeiras básicas”, ou seja, para o discurso de Bolsonaro, proteger a vida pressupõe proteger a economia, pois, sem a proteção da economia, os trabalhadores não serão capazes de ter condições financeiras básicas; que é do que precisam, pois o governo federal não será capaz de prover “Auxílio Emergencial ou outras ações por muito tempo”. Por essa via, o tom utilizado no excerto é o de um aviso, de um sujeito enunciador

³⁷ Uma compreensão sobre o discurso de cientistas brasileiros e uma rápida busca em portais de notícias constata que tanto cientistas quanto profissionais da saúde não poderiam ser enquadrados nessa “grande parte dos adeptos ao campo científico”, tendo vista o posicionamentos daqueles cientistas e profissionais que se posicionaram a favor do tratamento precoce, como os autointitulados representantes de “10 mil médicos pró-cloroquina” que se reuniram com Bolsonaro (Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53994532>. Acesso em: 13/09/2024); ou como médicos chamados para depor na CPI da COVID-19, como os infectologistas Ricardo Ariel Zimerman e Francisco Eduardo Cardoso Alves e a oncologista e imunologista Nise Hitomi Yamaguchi.

que, especialmente nesse excerto (106), revela lapsos em seu discurso ao desequilibrar a importância das vidas e da economia, como podemos observar em:

(105) E **o governo não tem como** manter esse Auxílio Emergencial ou outras ações por muito tempo.

(106) “Sei e repito que a vida não tem preço, **mas** a economia, o emprego, tem que voltar à normalidade, não o mais rápido possível.

Ora, se vidas e empregos devem ser preservados, igualando-se a importância desses, destacando os trechos seguintes, dois lapsos podem ser percebidos no discurso de Bolsonaro: (i) o de que o governo não desempenharia sua função, em um sistema democrático, de zelar pelos direitos e vidas dos cidadãos, como propõe a Constituição Federal promulgada em 1988; e (ii) o de que, apesar de Bolsonaro dizer que “a vida não tem preço”, essa pode ser quantificada como menos importante do que a volta à normalidade.

Nesses excertos, o *ethos* de preocupação ainda permanece, mas notamos que, diferentemente dos excertos anteriores, a equivalente preocupação com as vidas e com a economia é, momentaneamente, superposta por uma ainda preocupação, todavia, com relação à economia em primeiro lugar. Para o discurso de Bolsonaro, não se trata simplesmente de subjugar a vida em detrimento da economia (o que outros discursos poderiam fortemente alegar), mas de que só é possível a preservação da vida por meio da preservação da economia. Apesar disso, notamos que a equivalência entre “vidas e empregos” é a mais saliente, como podemos observar no quadro seguinte:

Quadro 9 - Excertos sobre “vidas e empregos”.

Data	Excerto	Construção linguística	Efeito de sentido
2020-03-23	- Nossa missão é proteger <u>vidas e empregos</u> . Link no youtube: https://t.co/WWVOfKQyyw	coordenação aditiva entre sintagmas	equivalência
2020-03-24	- Vamos manter a calma, seguir as recomendações do Ministério da Saúde e zelar pelos mais vulneráveis. - <u>A saúde em 1o lugar, mas também a manutenção do emprego e condição de vida após a epidemia</u> . https://t.co/mgNoW9Ajb0	coordenação adversativa entre orações	disparidade
2020-03-29	- A Hidroxicloroquina cada vez mais demonstra sua eficácia em portadores do COVID-19. - Tenho recebido relatos de todo o Brasil nesse sentido. - Preservar <u>vidas e empregos</u> . - https://t.co/d2PzxizNmh https://t.co/YdP4h3FsD1	coordenação aditiva entre sintagmas	equivalência

Data	Excerto	Construção linguística	Efeito de sentido
2020-04-01	- Estamos, desde o início, reforçando nosso sistema de saúde e dando TOTAL apoio aos estados e municípios do Brasil para <u>salvar vidas e proteger empregos</u> , ao mesmo tempo em que combatemos o pânico disseminado por todo país com grande contribuição de parte da imprensa.	coordenação aditiva entre orações	equivalência
2020-04-08	1- Há 40 dias venho falando do uso da Hidroxicloroquina no tratamento do COVID-19. <u>Sempre busquei tratar da vida das pessoas em 1º lugar, mas também se preocupando em preservar empregos</u> . Fiz, ao longo desse tempo, contato com dezenas médicos e chefes de estados de outros países.	coordenação adversativa entre orações	disparidade
2020-04-13	- A Instrução Normativa nº 13, de 08/abr/2020, do nosso Governo, revoga a IN nº42, de 07/set/2004 (Governo do PT). - <u>A manutenção de empregos, produção e zelo pela vida do trabalhador</u> , é objetivo de nosso Governo. https://t.co/dZU3x8AI3W	coordenação aditiva entre sintagmas	equivalência
2020-08-24	- Dos fracos, covardes e omissos a história jamais se lembrará. A demagogia política custou <u>empregos e vidas</u> . - Parabéns a todos os médicos que agiram corajosamente na linha de frente desta dura batalha! - Desde o início, nos posicionamos: <u>saúde e emprego</u> caminham juntos! https://t.co/oTt7cX5sSF	coordenação aditiva entre sintagmas	equivalência
2021-01-24	- Se coloque no lugar dessa senhora. - <u>Vida e emprego</u> andam juntos e devem ser tratados com semelhante responsabilidade. https://t.co/YjHSZt2IMQ	coordenação aditiva entre sintagmas	disparidade

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da observação do quadro acima, o que se sobressai no discurso de Bolsonaro é a equivalência entre “vida/saúde” e “economia/empregos”, perceptível pelo emprego da conjunção aditiva -e na construção de orações e de sintagmas coordenados; em oposição a raros casos em que há emprego da conjunção coordenada adversativa -mas na construção de orações coordenadas, o que corrobora a afirmação do *ethos* de preocupação com a “vida” e com a “economia”

Notamos ainda que a preocupação de Bolsonaro não se reserva apenas à constatação de um sentimento, mas se estende a um chamado à ação (“Devemos sim, é ter extrema preocupação” / “Devemos abrir o comércio e tudo fazer para preservar”), materializado por meio do emprego de modais deônticos. Esse chamado à ação, por seu turno, é acompanhado de um tom autoritário que se expressa pelo emprego de modais deônticos como “temos que” e

“devemos”, o que implica envolvimento entre os agentes, subordinados ao eixo da obrigatoriedade e não ao eixo do permissível, constituindo um paralelismo entre os valores das condutas: iguala-se preservação da vida com as questões econômicas, recobrando a uma preocupação maior com a nação.

Retomando condições de produção do início da pandemia, o que se predizia sobre o cenário econômico brasileiro para o ano de 2020 era o crescimento do PIB no patamar de 2,5%, previsão negada em maio do mesmo ano pelos efeitos do novo coronavírus, quando a contração no PIB ultrapassou a casa dos 6% (Lima e Freitas, 2020, p. 17). Por outro lado, como apresentamos no capítulo 4, o fortalecimento de *e-commerces*, a migração de lojas físicas para lojas *on-line*, o aumento da demanda de *deliveries* e o aumento do trabalho *home office* (Silva Neto, 2023) colocaram-se como recursos para a o fortalecimento da economia.

Nesse panorama, é condizente com o posicionamento de um político da extrema-direita neoliberal a defesa de políticas econômicas. Nota-se no discurso de Bolsonaro que esse alinhamento ideológico busca confirmar o esperado do posicionamento do sujeito enunciador, que se elegeu protendo crescimento da economia; todavia, como pontuamos, esse crescimento da economia é em detrimento de milhares de vidas. Ao equiparar economia com vidas, faz-se uma comparação desleal entre lados: o crescimento do PIB do país não leva em consideração a exposição ao risco de contaminação de trabalhadores por aplicativos de entrega (Nascimento e Reis, 2021), o aumento de problemas relacionados à exposição de tela digital por longos períodos, o crescimento de *burnout* (Luz *et al*, 2021) e o esfarelamento das barreiras entre casa e trabalho (Xiao *et al*, 2020).

7.2 DA CLOROQUINA À VACINA: O *ETHOS* DE UM PRESIDENTE PRAGMÁTICO

Como já destacamos, o *ethos* do discurso de Bolsonaro durante a pandemia congrega *ethé* diferentes. Assim, a imagem de um presidente que supostamente coloca-se como responsável (prudente e preocupado), com o avanço dos meses da pandemia, dá lugar a uma outra imagem, a saber, a de um presidente pragmático. Ora é defendido o uso de fármacos aventados como possíveis remédios para tratamento da COVID-19, ora é defendido o uso de vacinas para prevenção e atenuação dos efeitos do vírus.

Relembremos que, segundo Rocha *et al* (2020), drogas como anticoagulantes, remdesivir, lopinavir-ritonavir (usado em combinação), ivermectina, nitazoxanida, cloroquina ou hidroxiclороquina e corticoides, de fato, em um momento em que não havia certezas de tratamentos contra a COVID-19, foram aventadas como possíveis formas de remediação da

doença. Entretanto, conforme o autor, não se pode perder de vista que o fármaco Difosfato de Cloroquina (CQ) é um medicamento recomendado para o tratamento e para a profilaxia da malária, que, após sua sintetização a um hidróxi-análogo, surgiu a Hidroxicloroquina (HCQ) como alternativa adicional para o tratamento da malária. Tais remédios, em momento algum, como afirmam Gomes, Nunes e Oliveira (2023), foram considerados realmente efetivos. Mesmo não havendo certezas de pesquisas sobre o uso desses fármacos,

Durante o primeiro ano da pandemia, a incerteza sobre fármacos contra a COVID-19 é presente, o que possibilita, a partir dessas condições de produção, mudanças no discurso de Bolsonaro como observamos a seguir:

Quadro 10 - Excertos sobre “Cloroquina/Hidroxicloroquina”.³⁸

Data	Excerto	Efeito de sentido
2020-03-26	- Com o objetivo de facilitar o combate ao coronavírus, zeramos o Imposto de Importação da <u>cloroquina</u> e da <u>azitromicina</u> , para uso exclusivo de hospitais em pacientes em estado crítico. Essa redução também se estende a outros produtos e vai fazer toda a diferença em nossa luta!	facilitação da compra do fármaco
2020-03-27	- Ontem, 26 de março, a @anvisa oficial liberou a licença para a pesquisa com a <u>Hidroxicloroquina</u> , no Hospital Israelita Albert Einstein. - O objetivo é que pacientes, em breve, se beneficiem desse tratamento para a COVID-19.	legalidade do fármaco
2020-04-09	10.3- Hoje, quatro laboratórios brasileiros se disseram prontos para produzir milhões de comprimidos de <u>hidroxicloroquina</u> por dia. Medidas sendo tomadas para produção. 11- Link da live disponível no youtube: https://t.co/Y1NhrYUUJo	estrutura para produção em massa do fármaco
2020-05-31	6- 1.612 respiradores entregues nos estados e força tarefa reforma mais centenas destes aparelhos no Brasil ; @minsaude e @mctic 7- Nota informativa com orientações para uso da <u>hidroxicloroquina</u> no tratamento precoce da covid-19; @minsaude	orientação para uso do fármaco
2020-06-08	-Após pedirem desculpas pela <u>Hidroxicloroquina</u> , agora a OMS conclui que pacientes assintomáticos (a grande maioria) não têm potencial de infectar outras pessoas. Milhões ficaram trancados em casa, perderam seus empregos e afetaram negativamente a Economia. https://t.co/2scNmGLL9P	reconhecimento de saúde a respeito do fármaco
2020-07-08	D- Aos que torcem contra a <u>Hidroxicloroquina</u> , mas não apresentam alternativas, lamento informar que estou muito bem com seu uso e, com a graça de Deus, viverei ainda por muito tempo. https://t.co/koydDXoHUT	experiência do uso do fármaco

³⁸ Generalizamos como “Cloroquina” e “Hidroxicloroquina” os fármacos que aparecem no discurso de Bolsonaro como recomendados para tratamento de COVID-19, apesar de outros nomes de fármacos, em menor número, também aparecerem, como “Ivermectina” (vermífugo), “Azitromicina” (antibiótico) e “Reuquinol [sulfato de hidroxicloroquina]” (antimalárico e utilizado para tratamento de afecções reumáticas, dermatológicas e doenças autoimunes, como Lúpus).

2020-08-09	A. <u>Hidroxicloroquina</u> é usada conforme recomendações do Conselho Federal de Medicina. A decisão é do médico, e não pode ser proibida por decreto, seja de quem for. A Dep Clarissa Tércio/PE, faz relato daqueles que criticam, mas não oferecem alternativas. https://t.co/JCG0aJSCif	reconhecimento de saúde a respeito do fármaco
2020-09-15	- Faltou apenas ele dizer: o presidente Jair Bolsonaro ACERTOU. - Dezenas de milhares de vidas poderiam ter sido salvas se essas pessoas tivessem humildade, e reconhecessem que é o médico quem receita o que deve ser prescrito ao paciente (<u>Hidroxicloroquina ou outro medicamento</u>). https://t.co/nybqW86P4q	fármaco como tratamento precoce
2021-05-07	- Resposta aos inquisidores da CPI sobre o tratamento precoce: 1- Uns médicos receitam <u>Cloroquina</u> ; 2- Outros a <u>Ivermectina</u> ; e 3- O terceiro grupo (o do Mandetta), manda o infectado ir para casa e só procurar um hospital quando sentir falta de ar (para ser entubado).	recomendação de médicos para uso do fármaco

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro 10 reúne trechos de discursos de Bolsonaro que, em suma, contribuem para o *ethos* de um presidente alinhado com o discurso de parte de especialistas da área da saúde. A incerteza, própria das condições de produção do período da pandemia, a respeito de tratamentos para a COVID-19 fez com que especialistas se dividissem sobre a recomendação ou não desses fármacos. Instituições como a OMS, ANVISA e Conselho Federal de Medicina do Brasil chegaram a propor esses remédios como possíveis formas de tratamento, apesar de essas instituições nunca terem declarado a real efetividade comprovada do uso.

O que observamos nesses excertos é que essa recorrente recomendação do uso desses fármacos no discurso de Bolsonaro parece ir ao encontro do discurso do sujeito enunciador de que a economia não pode parar, isto é, em havendo um remédio para a população, não há motivos para a que a população permaneça em casa. Esses argumentos servem para responder ao impasse de “como proteger a economia correndo risco de vida ao sair para trabalhar?”

Ao impasse referido, Bolsonaro “tranquiliza” os cidadãos ao afirmar que os efeitos do tratamento com Cloroquina/Hidroxicloroquina não podem ser mais prejudiciais que os efeitos da COVID-19, como podemos observar a seguir:

- (107) As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença. **O desemprego também leva à pobreza, à fome, à miséria, enfim, à própria morte.** Com esse espírito, instruí meus ministros (P5-08/04/2020).
- (108) O excesso não levará à solução do problema, muito pelo contrário, se agravará. E, como venho dizendo, desde há muito, eu tenho certeza, tenho amigos, da AMB, pessoal de Associação de Medicina Brasileira, que o **remédio para curar um paciente não pode ter um efeito colateral mais danoso do que a própria doença** (P6-16/04/2020).

Em (107) e em (108), trechos sublinhados são modalidades volitivas que se encontram no eixo do que não é desejado e dizem respeito a eventos que escapam ao traço de /+controle/, isto é, escapam os eventos relativos ao risco dos efeitos de fármacos contra a COVID-19, o que impediria a possibilidade de estarmos diante de modalidades deônticas, apesar de parecer.

Nesses casos, ao apresentar um suposto traço de /+controle/ sobre o evento (riscos do vírus), cujo controle, como se sabe, escapa à capacidade humana, seria possível, nos termos de Wardle e Derakhshan (2017), a atribuição feita por um possível grupo representante da ciência ou da saúde do conceito de desinformação aos enunciados ditos acima, pois Bolsonaro estabelece como estratégia afirmar que (fora de seu controle) as consequências de fármacos “não podem” ser mais danosas que a COVID-19.

Nos termos de Wardle e Derakhshan (2017), o “prejuízo” causado pelo discurso de Bolsonaro poderia ser considerado desinformação; para nossa leitura, pode ser entendido, nos termos de Maingueneau (2008), como uma polêmica discursiva silenciosa, isto é, (i) para o discurso de Bolsonaro, recorrer a remédios contra a COVID-19, por mais danosos que sejam os efeitos, é uma solução para “proteger” os cidadãos contaminados e, por essa linha de pensamento, não há necessidade de um *lockdown* (o prejuízo visado); já (ii) para um possível discurso da ciência ou da saúde, dizer que recorrer a esses remédios contra a COVID-19 sem levar em consideração o risco que esses podem causar, dada a falta de pesquisas sobre o assunto, é entendida, nos termos de Wardle e Derakhshan (2017), como uma desinformação (prejuízo para a preservação da vida das pessoas).

Se não há certeza de que os efeitos do vírus não podem ser maiores do que o tratamento, a aparente leitura deôntica dos enunciados parece propiciar a imagem de que Bolsonaro tem autoridade para pregar que as consequências de fármacos como Cloroquina e Hidroxicloroquina não podem ser piores que os efeitos da COVID-19. Entretanto, como afirmamos, essa leitura deôntica é invalidada por uma leitura volitiva do emprego de “não podem”, isto é, Bolsonaro expressa um desejo seu (“remédio para curar um paciente não pode ter um efeito colateral mais danoso do que a própria doença”), que pode suscitar como efeito de sentido, em uma leitura deôntica, que alguém seria capaz de prever que as ações de organismos parasitários acelulares, sobre os quais, até então, havia pouco conhecimento e consenso científico sobre. O raciocínio de Bolsonaro parece estar revestido de um embasamento científico, o que tem como efeito de sentido minar possíveis discursos infundados cientificamente, principalmente, pelo sujeito enunciativo se dizer valer de discursos de médicos, como podemos observar a seguir:

- (109) Há pouco, conversei com o *Dr. Roberto Kalil*. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, **ao assumir que não só usou a Hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes**. Todos estão salvos. Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a história como tendo salvo milhares de vidas no Brasil. Nossos parabéns ao *Dr. Kalil*. (P5).
- (110) 1- **Há 40 dias venho falando do uso da Hidroxicloroquina no tratamento do COVID-19**. Sempre busquei tratar da vida das pessoas em 1º lugar, mas também se preocupando em preservar empregos. Fiz, ao longo desse tempo, contato com dezenas *médicos e chefes de estados de outros países* (T-08/04/2020).
 2- **Cada vez mais o uso da Cloroquina se apresenta como algo eficaz**. *Dois renomados médicos no Brasil* se recusaram a divulgar o que os curou da COVID-19. Seriam questões políticas, já que um pertence a equipe do Governador de SP? (T-08/04/2020).
 3- Acredito que eles falem brevemente, pois esse segredo não combina com o Juramento de Hipócrates que fizeram. Que Deus ilumine esses *dois profissionais*, de modo que revelem para o mundo que existe **um promissor remédio no Brasil** (T-08/04/2020).

Como é possível observar, os trechos destacados em negrito reforçam o alinhamento de Bolsonaro com o discurso de recomendação do uso da Hidroxicloroquina e da Cloroquina. Esse alinhamento, entretanto, não é deslocado da filiação de agentes que podem conferir credibilidade ao discurso de Bolsonaro (como analisamos no capítulo 4, na seção sobre evidencialidade).

No primeiro excerto acima, o emprego da evidencialidade citativa (“disse-me”) é acompanhado dos traços de identificabilidade [+id] e de especificidade [+s] (marcados em itálico), isto é, a fonte da informação é identificada, o que, conforme Miranda (2021), confere como efeito de sentido a atenção do sujeito enunciador em especificar fonte, o que atribui maior credibilidade ao discurso de Bolsonaro

Já a respeito do segundo excerto acima, há uma crença em relação à possível fala de médicos brasileiros curados da COVID-19, os quais supostamente começariam a divulgar a eficácia da Cloroquina. Como efeito de sentido do emprego do evidencial “acredito”, o comprometimento fraco com a fonte da informação (pois essa é advinda de um cálculo mental de Bolsonaro) não recai sobre a eficácia da Cloroquina, mas sim sobre a atitude dos médicos em falar sobre a eficácia, entretanto sem qualquer traço de identificabilidade ou de especificidade.

Esses elementos mencionados acima podem contribuir para duas interpretações possíveis: a de enfraquecer o *ethos* de um governante responsável e a de fortalecer o *ethos* de

um governante preocupado com o tratamento contra a COVID-19 e, por consequência, com a vida e com a economia, já que proteger vidas é proteger a economia.

Por outro lado, observamos que a defesa do discurso pró-Cloroquina se mantém apenas durante o ano de 2020, pois, em 2021, é encabeçado por Bolsonaro um discurso pró-vacina. Essa mudança no posicionamento no discurso de Bolsonaro revela a imagem de um presidente que se adequa às condições de produção dos discursos, isto é, não se trata de um presidente totalmente intransigente quanto a seus valores (Bolsonaro poderia negar a efetividade das vacinas), pois, quando o contexto internacional e nacional tomou a via de que vacinas contra a COVID-19 estavam disponíveis no mercado, conforme foi fortemente anunciado pela mídia, Bolsonaro tardiamente, de acordo com empresa farmacêutica *Pfizer* e com o Instituto Butantan,³⁹ passa, como defendemos, por uma reconfiguração em seu discurso, que até então defendia, especialmente, a Hidroxicloroquina. A partir daí, Bolsonaro passa a tratar, em seu discurso, da aquisição de vacinas contra a COVID-19, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 11 - Excertos sobre “vacinas” I.

Data	Excertos	Efeitos de sentido
2021-01-04	- O tratamento precoce salva vidas. - <u>A vacina emergencial</u> (depois de certificada pela @anvisa_oficial), e não obrigatória, está a caminho. . Link no YouTube: https://t.co/vh7YxKBKfI	promessa de aquisição de vacinas
2021-02-28	- Reunião no Alvorada nessa noite: - Presidente da República, da Câmara, do Senado, @MinEconomia , @minsaude @casacivilbr ; e Ministro da Secretaria Geral. - Assuntos tratados: - <u>Vacina</u> , Auxílio Emergencial; PEC Emergencial, Emprego; e Situação da pandemia. https://t.co/6r0PRAP9Oe	vacina na pauta da agenda presidencial
2021-03-04	Com a chegada de <u>insumos para fabricação de mais de 12 mi de vacinas</u> , anunciadas no dia 03/03 mais uma nova rodada com mais de <u>2,5 mi de doses</u> , além das anteriores, tratativas avançam, mesmo com todos os problemas que o mundo enfrenta. Mais informações nas redes do @minsaude :	o governo está adquirindo vacinas
2021-04-01	- Mais fatos do trabalho do @govbr no combate ao covid em todo país. Lembrando que o <u>Brasil é um dos países que mais vem obtendo vacinas no mundo</u> . https://t.co/VKCwUddjxy	orgulho em relação à aquisição de vacinas

³⁹ Senado Notícias. “Wajngarten, Pfizer e Butantan confirmam demora do governo para comprar vacinas”. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/wajngarten-pfizer-e-butantan-confirmam-demora-do-governo-para-comprar-vacinas>. Acesso em: 24/09/2024.

2021-05-06	<u>70 MILHÕES DE DOSES DE VACINAS COVID</u> DISTRIBUÍDAS PARA TODO O PAÍS. O 1º lote de <u>vacinas da Pfizer</u> , com quase 500 mil doses, foi entregue aos estados, bem como os demais imunizantes que fazem parte da <u>campanha de vacinação</u> . <u>Com as doses</u> , os estados distribuem para os municípios. https://t.co/RdrO3NZhAy	o governo está adquirindo vacinas
2021-06-02	Assinado o contrato de transferência de tecnologia (AstraZeneca/Fiocruz) para <u>produção nacional de vacina contra Covid</u> , como mencionado em postagem anterior. O país alcança o número de <u>100 milhões de doses</u> distribuídas a estados. <u>O Brasil é o 4º país que mais vacina no mundo.</u>	o governo está adquirindo vacinas + orgulho em relação à aquisição de vacinas

Fonte: elaborado pelo autor.

Essa reconfiguração parece-nos oportuna na medida em que as condições de produção tornaram menores as possibilidades de discordâncias contra as vacinas contra a COVID-19. Se, como defendemos, o estímulo ao uso, sobretudo, da Hidroxicloroquina se alinha a uma lógica de que “com remédios protege-se a saúde, protegendo-se a saúde, protege-se a vida, protegendo-se a vida, pode-se trabalhar, podendo-se trabalhar, pode-se contribuir para a economia, contribuindo para a economia, há recursos para a proteger a saúde”; com a presença da vacina contra a COVID-19 no cenário pandêmico, é possível a consideração de os fármacos não mais eram necessários para o desempenho da fórmula:

(111) *Hidroxicloroquina = proteger a saúde = proteger a vida = poder trabalhar = poder ter dinheiro para poder se proteger = comprar Hidroxicloroquina = o governo não dispensar tantos recursos para proteger a população*

Em compensação, as vacinas tomam lugar ocupado pela Hidroxicloroquina, como ilustramos na seguinte fórmula:

(112) *vacinas = proteger a saúde = proteger a vida = poder trabalhar = poder ter dinheiro para poder se proteger = comprar Hidroxicloroquina = governo não dispensar tantos recursos para proteger a população, além da compra de vacinas*

A respeito dessa mudança no posicionamento de Bolsonaro, podemos relacionar o *ethos* de um presidente pragmático, o que, para outros posicionamentos discursivos pode ser considerado oportunismo, tendo em vista que o sujeito enunciador abandona o discurso em defesa de fármacos contra a COVID-19, mesmo contra grande parte do consenso da comunidade científica, para passar a promover a aquisição de vacinas, antes descredibilizadas

pois, segundo o discurso de Bolsonaro, não havia comprovação científica suficiente, precaução que não se estendeu à Cloroquina/Hidroxiclороquina. Nos casos abaixo, apresentamos excertos em que é possível notar a precaução de Bolsonaro quanto à aceitação da vacina, principalmente nos meses em que a aquisição desse produto ainda estava em negociação.

Quadro 12 - Excertos sobre “vacinas” II.

Data	Excertos	Tema
2020-03-18	<u>A vacina contra o covid19 foi testada em humanos pela primeira vez.</u> Os testes aconteceram nos EUA. @tvbrasilgov @minsaude @lhmandetta https://t.co/kTqUTQkZtz	início de testes da vacina
2020-05-08	8. Vacina contra a covid-19: o @minsaude @TeichNelson se antecipa em conversas com laboratórios para garantir <u>PRIORIDADE na aquisição do recurso assim que o mapeamento for detectado.</u>	priorização da aquisição da vacina, mediante mapeamento
2020-06-04	7. O Governo Federal faz parte de iniciativa internacional para compartilhar tecnologia, informação e <u>acelerar desenvolvimento de vacinas, testes e tratamentos contra o coronavírus e outros.</u> O “Acelerador de Vacinas” envolve 44 países. @mctic @Astro_Pontes	priorização da aquisição da vacina
2020-06-06	.DIVULGAÇÕES DIÁRIAS NAS REDES SOCIAIS DESDE O INÍCIO: A1. O @govbr dá mais um passo em direção ao <u>desenvolvimento de uma vacina contra a covid-19.</u> Portaria da Anvisa autoriza a realização de testes clínicos de uma potencial vacina pela Universidade de Oxford. https://t.co/6CRM9ZhV6A	priorização da aquisição da vacina
2020-08-07	1- Publicada a MP que cria crédito extraordinário de R\$ 1,9 bilhão destinado à pesquisa, <u>produção e aquisição da vacina contra a Covid-19,</u> desenvolvida pela Universidade de Oxford.	priorização da aquisição da vacina
2020-08-07	2- Essa parceria visa também toda a transferência de tecnologia para o Brasil, de modo que a vacina poderá ser produzida aqui sem custos outros. 3- <u>Comprovada sua eficácia contaremos com 100 milhões de doses a partir de janeiro de 2021,</u> que serão distribuídas gratuitamente. 🇧🇷	aquisição da vacina, mediante comprovação
2020-10-21	A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA - Para o meu Governo, <u>qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA.</u> - O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM. (continua).	aquisição da vacina, mediante comprovação
2020-11-10	7. Investe em <u>15 protocolos de vacinas nacionais e uma delas já está em fase de testes clínicos com humanos.</u> 8. Aumentou 13 laboratórios de campanha e 14 laboratórios de Nível de biosegurança 2 foram transformados em nível de biosegurança 3.	investimento para aquisição da vacina
2020-12-07	- <u>Em havendo certificação da @anvisa oficial (orientações científicas e preceitos legais) o @govbr ofertará a vacina a</u>	aquisição da vacina, mediante comprovação

	todos, gratuita e não obrigatória. - Segundo o @MinEconomia não faltarão recursos para que todos sejam atendidos. - Saúde e Economia de mãos dadas pela vida. https://t.co/11JmtnBkRI	
2020-12-08	- O Brasil disponibilizará vacinas de forma gratuita e voluntária após <u>COMPROVADA EFICÁCIA E REGISTRO NA ANVISA</u> . Vamos proteger a população respeitando sua liberdade, e não usá-la para fins políticos, colocando sua saúde em risco por conta de projetos pessoais de poder.	aquisição da vacina, mediante comprovação

Fonte: elaborado pelo autor

Como podemos observar no quadro acima, desde o início da pandemia havia um aceno de Bolsonaro à aquisição da vacina contra a COVID-19. Ao longo dos meses, o tema do desenvolvimento e do investimento está presente no seu discurso, mas podemos notar que há uma certa precaução com relação a creditar a eficácia das vacinas, zelo que não notamos em relação aos fármacos contra o vírus SARS-COV-2, o que novamente revela que o *ethos* de Bolsonaro, em certos momentos, entra em contradição: trata-se ora de um presidente que diz se valer do discurso da saúde e da ciência e ora se mantém cético com relação à comprovação da vacina, o que também faz parte da reflexão sobre o fazer científico.

Isso que chamamos de *ethos* pragmático parece dar conta das idas e vindas dos posicionamentos assumidos por Bolsonaro, que revela estar à mercê das condições de produção, o que para outros discursos, pode ser lido como conveniência por parte do sujeito enunciador. De toda forma, ao se apoiar no discurso de médicos para defender seus interesses do momento (isto, é o uso da Hidroxicloroquina, depois a precaução com relação à comprovação científica da vacina e, finalmente, a aquisição da vacina), o discurso de Bolsonaro, revela-se alinhado ao discurso da ciência.

Além disso, ressaltamos um último *ethos* saliente do discurso de Bolsonaro: o da suposta eficiência em relação ao combate ao COVID-19. Para o sujeito enunciador, a expressão dos números de aquisição de vacinas, dos números de pessoas vacinadas e dos números de investimentos com medidas governamentais para proteção da economia são um índice da eficiência do governo federal contra a pandemia, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 13 - Excertos sobre números relacionados à pandemia.

Data	Excertos	Tema
2021-03-16	- São mais de 500 milhões de doses de vacina com mais de 7 consórcios / laboratórios: o @minsaude assinou contrato para <u>compra de mais 10 milhões de doses da Sputnik V</u> . Link no YouTube: https://t.co/JA0sheV4hk https://t.co/nITpdVAue7	expressividade de aquisição de vacinas

2021-03-18	- <u>O Brasil é o 6º país que mais vacina em valores absolutos.</u> Link no YouTube: https://t.co/13qdQH8qpw	expressividade da vacinação
2021-03-22	- <u>Somos o 5º país que mais vacina no mundo com 13 milhões de doses aplicadas.</u> - Para o corrente ano, já foram contratadas mais de <u>400 milhões de doses de vacinas</u> para ser distribuído de forma voluntária para a população. https://t.co/YPyLIAHXVK https://t.co/CQs9Mwju8p	expressividade da vacinação + expressividade de aquisição de vacinas
2021-03-30	- O @minsaude se reuniu com a presidente da Pfizer Brasil, Marta Díez, para alinhar os detalhes do cronograma de entrega da vacina contra o covid ao país. - O contrato do @govbr com a farmacêutica prevê <u>100 milhões de doses</u> . Detalhes nas redes sociais do Ministério da Saúde. https://t.co/YfcCG4It6O	expressividade de aquisição de vacinas
2021-04-05	- <u>A vacinação contra a Covid-19 segue batendo recordes no Brasil.</u> - O objetivo diário de 1 milhão de vacinados, estabelecido pelo ministro da Saúde, foi batido na quarta-feira (31) e elevado na quinta-feira (1º). Segue o ritmo! @minsaude @mqueiroga2 https://t.co/rd6EGQGYzI	expressividade da vacinação
2021-04-08	Temas da live . Vacinas . Forças Armadas na atuação na vacinação para ajudar estados e municípios; . Velocidade na aplicação de vacinas; . Compra de vacinas desde 2020; . <u>Auxílio Emergencial (maior programa social do mundo)</u> ; . Sistema imunológico e suas derivações na saúde;...	expressividade de gastos com a pandemia
2021-04-15	Temas: . <u>Brasil vacina mais que toda a Europa junto e mais</u> ; . Governadores destroem milhões de empregos no Brasil e fazem saldo positivo de caixa com envio de recursos pelo @govbr ; . Tratamentos off-label e a liberdade dos médicos de prescrição, algo que sempre aconteceu;	expressividade da vacinação
2021-04-16	- Estamos entre os <u>5 países que mais possuem vacinas no mundo</u> : https://t.co/TktS90kxKa	expressividade de aquisição de vacinas
2021-05-20	1.3- <u>O Brasil é o quarto país do mundo que mais vacina pessoas contra o covid</u> , ficando apenas atrás de nações que possuem a matéria prima (IFA para produção). . Até o momento são mais de 90 milhões de doses distribuídas para todos os estados do Brasil. @secomvc	expressividade da vacinação
31/12/2021	Nessa batalha, o Governo Federal dispensou <u>recursos bilionários</u> para que estados e municípios se preparassem para enfrentar a pandemia.	expressividade de gastos com a pandemia
31/12/2021	Com a política de muitos governadores e prefeitos de fechar comércios, decretar lockdown e toques de recolher, a quebra econômica só não se tornou uma realidade porque nós criamos o PRONAMPE e o BEM, programas para socorrer as pequenas e médias empresas bem como fomentar acordos entre empregadores e trabalhadores para se evitar demissões, com isso, <u>mais de 11 milhões de empregos foram preservados</u> .	expressividade de gastos com a pandemia

31/12/2021	Para aqueles que perderam sua renda criamos o <u>Auxílio Emergencial, onde 68 milhões de pessoas se beneficiaram.</u> <u>O total pago em 2020 equivale a mais de 13 anos de gasto com o antigo Bolsa Família</u> , mostramos nossa identidade ao socorrer os mais humildes, que tinham sido abandonados pelos que mandavam fechar tudo.	expressividade de gastos com a pandemia
31/12/2021	Encerramos o ano de 2021 com <u>380 milhões de doses de vacinas distribuídas à população.</u> Todas adquiridas pelo nosso governo.	expressividade da vacinação

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima serve para ilustrar que, para Bolsonaro, a eficiência no combate à COVID-19 é perceptível pela expressão dos números gastos das compras e das destinações de recursos para o enfrentamento do vírus, o que diz respeito ao atravessamento do discurso econômico em seu discurso.

A suposta imagem de eficiência contra a pandemia retoma uma característica do discurso de Bolsonaro detalhada na seção 6.1, sobre a saliência e o apagamento do *ethos*. Números, aquisições, gastos são postos em evidência, o que apaga, de certa forma, o *ethos* de ser um humano por trás da fala e destaca a funcionalidade da governança, o que aprofundamos na seção seguinte.

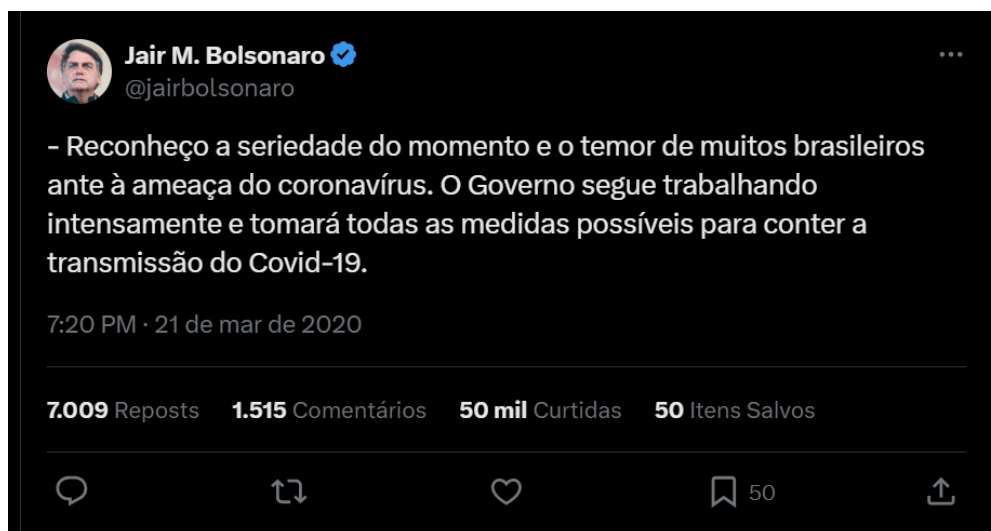
7.3 O *ETHOS* DO PRESIDENTE EFICIENTE: DA SALIÊNCIA AO APAGAMENTO

Notamos que os tuítes de Bolsonaro podem ser divididos em dois grupos, conforme leituras feitas a partir de Maingueneau (2020) sobre a saliência e sobre o apagamento do *ethos* discursivo. O primeiro grupo é o dos tuítes em que o *ethos* discursivo é saliente e o segundo grupo é o dos tuítes em que há apagamento do *ethos* discursivo, isto é, observamos a presença e a ausência do traço de saliência nos tuítes como um modo de legitimar o *ethos* ora de um político responsável, que lida com a pandemia de maneira séria, quando saliente, ora de um político informativo, que presta contas de suas ações ao seus seguidores, quando não saliente, o que contribui para a reforço da imagem de fiador eficiente.

A respeito da saliência e do apagamento do *ethos*, Maingueneau (2020b, p. 159), afirma que “Alguns tipos de enunciados se concentram na produção de um *ethos*, enquanto para outros o *ethos* não é o centro de atenção do produtor”, aspectos ora observáveis nos tuítes de Bolsonaro ora não. Nos casos de tuítes em que há saliência do *ethos* discursivo, a voz do sujeito enunciator

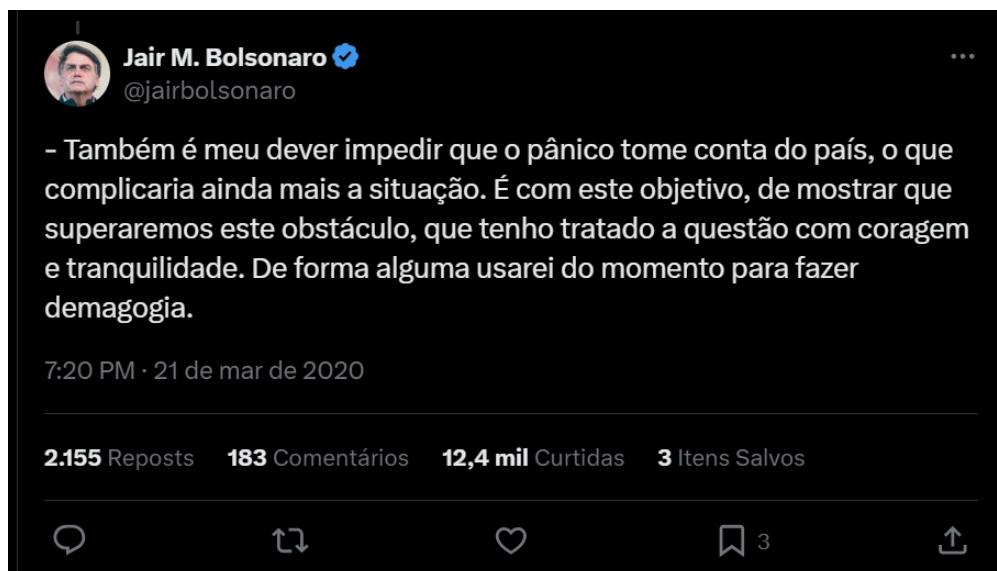
se faz presente de modo contundente, isto é, quem enuncia é notadamente um político que se coloca como implicado nos eventos, que é afetado, assim como a população, pelas consequências do vírus e age com intuito de combater os efeitos da COVID-19, como podemos observar nas figuras abaixo.

Figura 50 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241489803130085376>

Figura 51 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 21 de março de 2020.



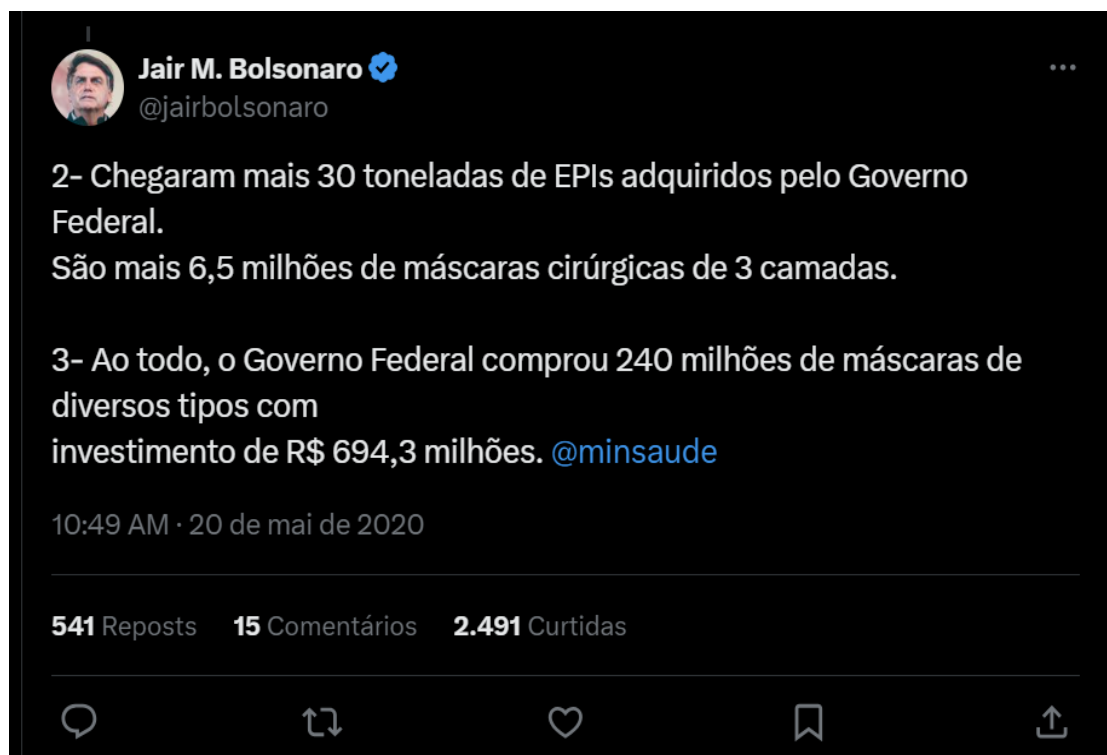
Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241489864153010183>.

As figuras 50 e 51 servem para ilustrar o traço de saliência do *ethos* discursivo nos tuítes, que pode ser observado no uso da primeira pessoa do singular (“Reconheço a seriedade” / “meu dever”) e plural (“superaremos”), que indicam a participação de Bolsonaro na

predicação. Ainda podemos notar um *ethos* de positividade em relação à crise (“superar”), um *ethos* de um político que se compromete (“O governo segue trabalhando intensamente”), de um político que não se desestabiliza diante da situação (“tratar a questão com coragem e tranquilidade”), de quem se compromete a evitar que o país se desestabilize (“é meu dever impedir que o pânico tome conta do país”) e de quem é um político virtuoso (“De forma alguma usarei do momento para fazer demagogia”). Nesse sentido, o *ethos* emerge em uma cenografia de um tuíte em que o político conversa diretamente com seu povo, por meio de um discurso marcado por traços de subjetividade, como a positividade, o comprometimento, a serenidade e a virtuosidade.

Por outro lado, esses traços da saliência do *ethos* discursivo, no segundo grupo dos tuítes, dão lugar a um *ethos* que não é saliente. Como afirma Maingueneau (2020, p. 159-160), não se trata da ausência do *ethos*, tendo em vista, segundo o autor, que o *ethos* está presente em toda produção semiótica vinculada a uma fonte enunciativa, mas se trata de um *ethos* “fraco”, que ocorre quando o fiador do discurso atenua o foco em si e, como nos casos analisados, responde “o mais eficientemente possível às demandas dos usuários”. Nos tuítes, a seguir, notamos que, na ausência do traço de saliência do *ethos*, prospera um *ethos* informativo, que emerge numa cenografia relativa a um canal direto informações passadas aos usuários.

Figura 52 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 20 de maio de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263104445304340482>.

Conforme dito, os tuítes em que o *ethos* é saliente apresentam algum tipo de manifestação de subjetividade, por meio do qual é possível perceber a “voz” do fiador (modalidades, avaliações, adjetivações); nos outros tuítes em que há apagamento do *ethos*, os recursos de expressão, por sua vez, colaboram para a construção de um tom de objetividade; entre esses recursos, podemos citar: entidades abstratas, tais como instituições, ocupam a casa argumental de agente; emprego da voz passiva; presença de numerais; presença de dados quantitativos. Assim, esses tuítes em que há apagamento do *ethos*, apresentam uma formatação cuja estrutura remete a tópicos listados que são, em geral, informes com dados numéricos sobre a destinação de verba. Ou seja, nos tuítes em que há apagamento do *ethos*, a informação transmitida pelo enunciador assume o foco da publicação, o que deixa o discurso marcado por um tom informativo, próprio a um canal direto de comunicação e informação com o usuário. Nesses casos, o fiador do discurso se coloca como responsável por comunicar aos cidadãos os destinos do dinheiro público. Assim, o *ethos* projetado é o de um prestador de contas, de um político que preza pela transparência dos gastos públicos, como é possível observar nas figuras 53, 54, e 55, a seguir.

Figura 53 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 19 de março de 2020.



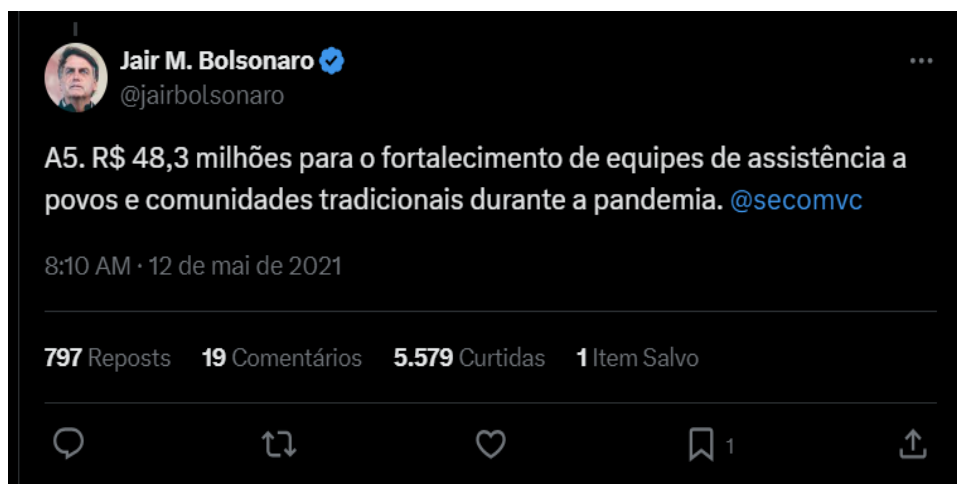
Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240751574676275200>.

Figura 54 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 5 de setembro de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1302173009793486849>.

Figura 55 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 12 de maio de 2021.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1392437033746980867>.

Como dissemos, não se trata, afirma Maingueneau (2020), de não existência do *ethos*, mas a instância enunciativa privilegia outros propósitos, como seus produtos, os usuários ou as necessidades desses usuários. Segundo o autor, esse apagamento do *ethos* pode ser observado em sites, que, de modos diferentes, atendem à pura funcionalidade, como sites institucionais (ministérios, universidades...) e sites comerciais, que, “seguramente estão associados a um nome próprio de marca ou de instituição, mas buscam mostrar que respondem o mais eficientemente possível às demandas dos usuários” (Maingueneau, 2020, p. 159-160).

Essa distinção entre tuítes em que há saliência e em que há apagamento do *ethos* é manifestada de modos diferentes, nos quais são mobilizados diversos tipos de gêneros discursivos, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 56 - Tuíte de Jair Bolsonaro de 22 de junho de 2020.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1274994625338621957>.

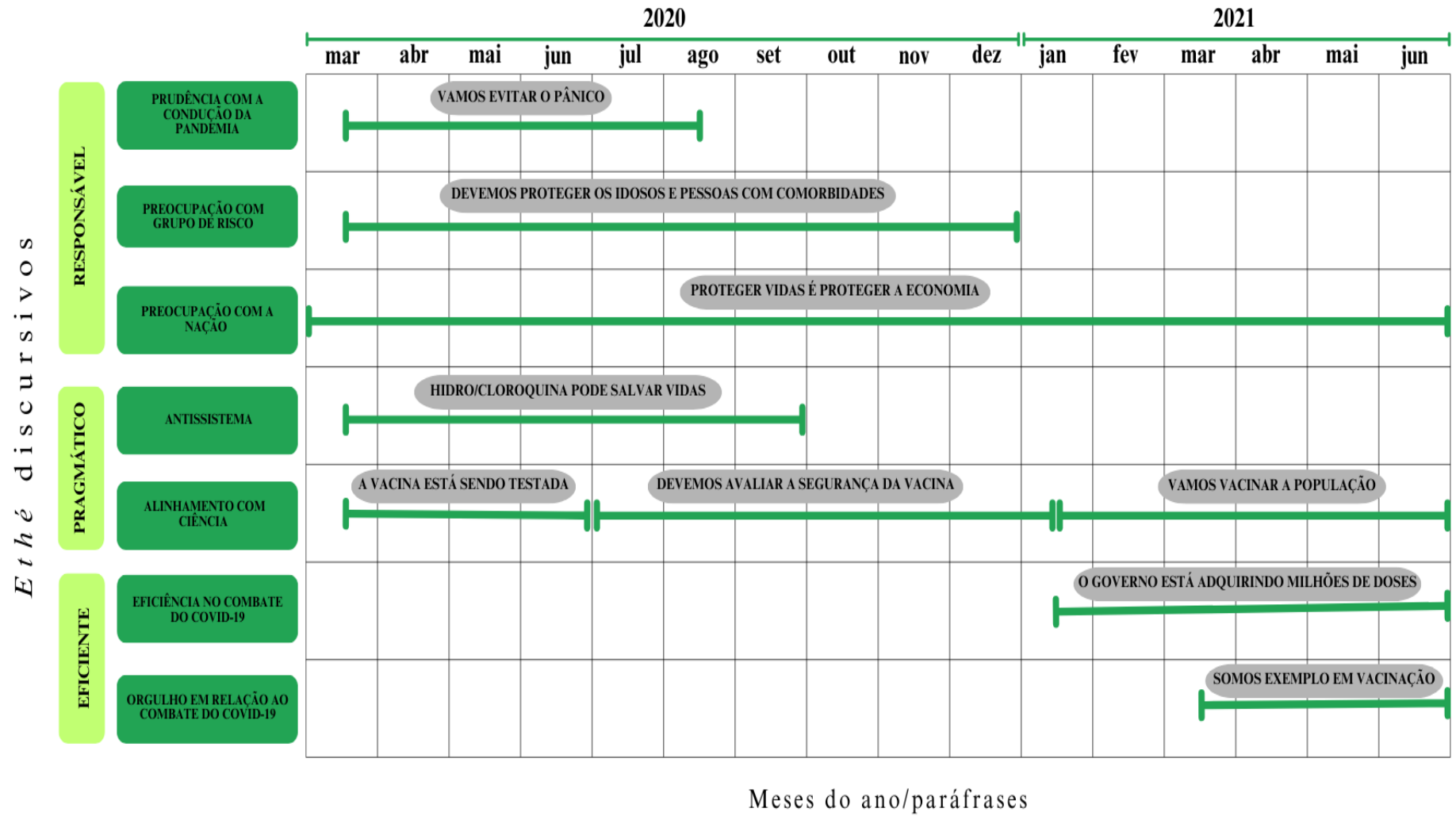
A figura 58 mostra um tuíte em que Bolsonaro divulga a conclusão de obras na BR-381, no trecho Governador Valadares/MG - Belo Horizonte/MG. Até o primeiro ponto final, predomina o apagamento do *ethos*, pois o conteúdo comunicado é dotado de função referencial da linguagem. Nas sentenças seguintes, de outro modo, predomina a saliência do *ethos* em “lamentavelmente”: a lástima feita por Bolsonaro recai sobre a predicação “tais realizações só serão mostradas na internet”. O sujeito enunciador lamenta que realizações do Ministério da Infraestrutura só serão mostradas na internet, logo, concebe que tais realizações são positivas e que as conclusões de obras não terão espaço em outros canais de comunicação (televisão, rádio, por exemplo), a não ser em ambientes digitais. A polêmica, então, não é aberta, mas é dialógica. Subentende-se que Bolsonaro acredita que as informações que considera serem positivas sobre

seu governo não serão divulgadas por outros veículos de comunicação, e em especial, o canal *Rede Globo*, veículo criticado assiduamente por Bolsonaro e pelos seus apoiadores. O vídeo compartilhado aparenta ser de um apoiador de Bolsonaro: o narrador do vídeo, dirigindo um caminhão, narra que a duplicação da BR só foi possível graças ao governo de Bolsonaro. Mais exatamente, por meio de seu discurso, ele sustenta a ideia de que o governo de Bolsonaro é um governo eficiente, ironiza as críticas que costumeiramente lhe são dirigidas (“governo genocida, machista, autoritário, governo ditador...”) e tece críticas ao governo da ex-presidenta Dilma Rousseff. Ao anexar o vídeo de um apoiador que é um trabalhador (uma pessoa do povo no seu dia a dia, portanto numa situação supostamente real) e declarar que tais realizações “só serão mostradas pela internet”, o discurso de Bolsonaro tem, como efeito de sentido, a ideia de que a informação confiável para esse mundo ético está em ambientes digitais.

Para finalizar o capítulo, apresentamos um resumo sobre imagens presentes no discurso de Bolsonaro.

Esses *ethé* apresentados (responsabilidade, pragmatismo e eficiência) revelam a lógica subjacente ao discurso de Bolsonaro sobre a pandemia da COVID-19. Como objetivamos apresentar, o fio condutor é a partir da perspectiva do sujeito enunciador, buscando traçar a coerência e a incoerência do funcionamento do discurso de Bolsonaro. A partir disso, podemos elaborar uma ilustração que reúne os *ethé* que se relacionam a “formas”, a “jeitos de ser” e a “modos de dizer” que suscitam a adesão a milhares de pessoas no Brasil a respeito da imagem de Bolsonaro, como podemos observar a seguir:

Figura 57 - *Ethé* discursivos de Bolsonaro.



Fonte: elaborado pelo autor.

Essa linha do tempo apresentada busca resumir as diferentes imagens suscitadas por Bolsonaro durante o recorte do *corpus*, o que nos possibilita falar em diferentes imagens construídas no discurso, que ora se sobrepõem, ora se complementam e destoam. Buscamos com isso apresentar as diferentes variações sobre o *ethos*⁴⁰ do discurso de Bolsonaro.

⁴⁰ Estes termos são inspirados no livro de Dominique Maingueneau intitulado “Variações sobre o Ethos” (2020b).

8 CONCLUSÃO

Entre governantes confrontados com o Coronavírus, constata-se uma divergência entre dois tipos de atitude em relação aos cientistas. Alguns os mantêm à distância (como Trump ou Bolsonaro, ou Lukachenko na Bielorrússia), mas a maioria, para proteger suas decisões de qualquer contestação, tenta mostrar ao público que eles estão agindo sob o conselho de cientistas. É o caso da França. Essa atitude permite acumular o ethos da pessoa responsável que assume a autoridade, que decide e, assim, tranquiliza, e aquele do indivíduo esclarecido, que justifica suas decisões se apoiando na autoridade da Ciência (MAINGUENEAU, 2020c, p. 6-7).

Conforme evidencia a citação acima, a ancoragem no discurso científico pode blindar os governantes contra eventuais críticas no momento em que se encontram obrigados a justificar publicamente suas decisões em situações emergenciais de saúde. Durante a pandemia de Covid-19, Maingueneau observa que isso aconteceu na França, mas não no Brasil. Apesar disso, conforme observamos ao longo de nosso trabalho, Bolsonaro trata de promover, à sua maneira, um suposto alinhamento com a ciência, nos seus discursos relativos ao período da pandemia.

Para compreendermos melhor essa questão, recuperamos os resultados obtidos por meio da análise dos seguintes aspectos linguístico-enunciativos do discurso de Bolsonaro. Assim, a análise que desenvolvemos a respeito do emprego dos itens lexicais evidenciais no discurso em questão, revela a mobilização de vozes de “especialistas” da área da saúde no discurso de Bolsonaro, o que poderia indicar o alinhamento de seu discurso com essas vozes. Todavia, esse gerenciamento de vozes é escasso, pois Bolsonaro, de fato, não privilegia a expressão lexical da evidencialidade, isto é, não expressa frequentemente a fonte da informação em seu discurso, mas, quando faz uso desse recurso, os evidenciais mais recorrentes são, respectivamente, os citativos, os reportativos e os inferenciais, o que indica que há um certo distanciamento e descomprometimento do sujeito enunciador em relação às fontes da informação. Por outro lado, ao mobilizar a voz de “especialistas”, tal gerenciamento de voz confere, supostamente, como efeito de sentido, maior credibilidade acerca do que diz. Esses “especialistas”, como se sabe, não são representantes reconhecidos da comunidade científica; trata-se apenas de alguns poucos médicos cujo discurso, ou ainda, alguns poucos trechos recortados de seu discurso, vem justamente ao encontro das práticas sugeridas e/ou adotadas por Bolsonaro. Assim, por exemplo, quando cita um médico internacional, o Dr. Tedros Adhanom, que é o Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde, Bolsonaro, recupera certos trechos do discurso desse médico que são “favoráveis” à abertura do comércio, que era o que pretendia fazer. Entretanto, esses trechos citados ou parafraseados são descontextualizados, de forma a parecer que o plano de

Bolsonaro está realmente respaldado na ciência. Desse modo, podemos dizer que o discurso de Bolsonaro contribui para a desinformação.

Além disso, notamos que, ao citar o discurso de médicos com os quais Bolsonaro concorda, as fontes de informação estão especificadas. Contudo, por vezes, Bolsonaro menciona suas fontes de forma bastante vaga, como nos momentos em que seu discurso defendia o uso da Cloroquina/Hidroxicloroquina, por exemplo, o que revela a opacidade desse discurso no esclarecimento da “verdade” de suas afirmações.

Dito de outro modo: o emprego dos evidenciais citativos e reportativos conferem ao discurso de Bolsonaro, maior legitimidade, pois as fontes citadas ou reportadas são de médicos, representantes de um discurso constituinte, o da Ciência. Em termos de *ethos*, o discurso de médicos, projeta, para seu público, o *ethos* de um governante que é, supostamente, bem-informado e prudente, pois se vale do discurso que é o mais autorizado para abordar o assunto em questão. Por outro lado, como se trata de citações descontextualizadas, recortadas e, muitas vezes, vagas, nossa análise revela que seu discurso não está em nada alinhado ao discurso científico; pelo contrário, é um discurso que pode ser considerado nos termos de desinformação. Esse alinhamento é feito de modo superficial, isto é, não se trata de um comprometimento do sujeito enunciador com instituições renomadas da ciência brasileira ou internacional, mas sim de uma vaga aproximação do discurso de Bolsonaro com o que se torna conhecimento comum sobre uso de vacinas. Muito mais do que promover a eficácia da vacina ou a confiança que devemos ter na ciência, esse alinhamento é aparente: ao publicar em suas redes sociais digitais sobre a compra de vacinas e sobre o Brasil ser um dos países que mais vacinou pessoas contra a COVID-19 no mundo, é possível, para a comunidade dos adeptos e, talvez, por uma leitura menos atenta por parte daqueles que não fazem parte do mundo ético de Bolsonaro, que se construa a imagem de Bolsonaro como um político alinhado à vacinação contra a COVID-19, e, portanto, de forma superficial, alinhado com o discurso da ciência.

Em suma, essa forma superficial de alinhamento, defendemos, pode ter como efeito de sentido um aparente alinhamento de Bolsonaro com o discurso da ciência. Entretanto, esse efeito de sentido busca minar um *ethos* discursivo já sabido sobre o sujeito enunciador, o de um político contra a ciência, contra as universidades públicas, contra os pesquisadores, o que é tanto comprovável por seus atos de governo referentes a cortes de financiamento a universidades públicas brasileiras durante seu mandato como presidente quanto por seus discursos em que reprova a importância desses ambientes ou ainda discursos que disseminam desinformação.

Notamos ainda que o caráter dúbio de Bolsonaro não se distancia de condições de produção que o permitem e tornam favorável o suposto alinhamento do sujeito enunciador ao discurso da ciência. Como partes de condições de produção que podem ser citadas sobre o discurso de Bolsonaro, é levado em conta a Comissão Parlamentar de Investigação que coloca Bolsonaro como um de seus réus. Tendo sido iniciada em 2021, a investigação, iniciada meses antes, colocou-se como empecilho para Bolsonaro e como instrumento importante para reafirmar as ações nocivas de desinformação de Bolsonaro durante o enfrentamento da COVID-19 no Brasil.

No que diz respeito aos empregos dos itens lexicais modais, os deônticos presentes no discurso de Bolsonaro revelam o tom autoritário do sujeito enunciador quando aborda certos temas, como a questão da proteção econômica. Também notamos que esse tom é diluído em certos casos por meio do emprego de modais orientados para o evento. Dessa forma, observamos que o discurso de Bolsonaro vale-se massivamente de modais que expressam autoritarismo quando aborda aspectos de ordem moral e civil referentes à pandemia, principalmente quando aborda a abertura do comércio e a fortificação da economia. No entanto, esse tom autoritário é relativizado pelo emprego de modais epistêmicos, que exprimem um grau de incerteza e que são empregados principalmente quando o discurso de Bolsonaro versa sobre o modo de enfrentar o vírus. Desse modo, o que se nota é a incerteza do sujeito enunciador sobre eventos relacionados à pandemia de COVID-19.

Com relação aos outros itens lexicais modais, notamos que o emprego dos volitivos revelam o desejo de Bolsonaro de proteger vidas, prática que considera quase tão importante como a de proteger as atividades econômicas, pois essas são colocadas, por vezes, como prioritárias; e o emprego dos facultativos diz respeito à capacidade dos destinatários de agirem diante da situação de crise. Observamos que esse uso dos modais facultativos não dizem respeito, em momento algum, à capacidade do sujeito enunciador, ou seja, essa nunca é colocada em dúvida.

No que diz respeito ao modo como o discurso de Bolsonaro legitima-se em sua versão digital, a análise que desenvolvemos sobre os tuítes revela que o perfil de Bolsonaro é bem informativo, o que é evidente pelo uso referencial da linguagem, pelas escritas topicalizadas e pelos recursos multimodais presentes nos tuítes, entre eles, uso de imagens, vídeos, links, recursos que, conjuntamente, contribuem para tornar a informação veiculada mais acessível. Nossa análise dos tuítes ainda revela uma rede tecnodiscursiva do tipo hermética, evidenciada pelas deslinearizações de vídeos ou de hiperlinks de outros ambientes digitais, cujos enunciadores são, na verdade, outras contas ou canais dele próprio.

A circularidade desses compartilhamentos abranda, de certa forma, a imprevisibilidade que é própria aos discursos digitais nativos. Esses casos de mobilizações parecem dar conta de explicar por que Bolsonaro não compartilha tuítes de perfis de opositores, mesmo que para criticá-los, salvo alguns raros casos. Ou seja, ele evita mencionar o Outro, para que seus seguidores não acessem os perfis desses opositores/críticos/críticas da imprensa etc.

Além disso, como apresentamos no capítulo 6, em termos de *ethos*, a mobilização do tecnodiscurso relatado direto integral nos tuítes de Bolsonaro revela a imagem de um sujeito enunciador que está presente em diferentes ambientes digitais e oferta aos seguidores a possibilidade de o acompanharem em mais de um ambiente digital, o que tem como efeito de sentido a projeção da imagem de um político engajado nas redes sociais digitais, pois está presente em diversos ambientes, e também a de um político acessível, pois concede entrevistas e fala diretamente para o público em lives semanais em redes sociais digitais, contribuindo para a imagem de um presidente, aparentemente, franco e popular. Dado o contexto da pandemia, podemos dizer que esse *ethos* de engajado e de político acessível digitalmente torna-se um modo de legitimação institucional da atuação de Bolsonaro, pois ele apresenta-se como um político atuante no meio de comunicação que, em razão das restrições da pandemia, estava sendo privilegiado: o digital.

Nesse sentido, podemos dizer que a mobilização conjunta desses elementos confere legitimidade institucional ao discurso de Bolsonaro, pois os gêneros vinculados ao campo político são mobilizados tanto para que possa enunciar, quanto para legitimar o que é enunciado, o que é reforçado pela mobilização de gêneros (as entrevistas televisivas, as entrevistas de programas radiofônicos, as entrevistas de coletiva de imprensa e as de escritórios) ligados à função de promover a comunicação com o público.

Do nosso ponto de vista, esse funcionamento hermético e acessível do discurso de Bolsonaro no ambiente digital do Twitter está relacionado ao que Rodrigues e Ferreira (2020) afirmam a respeito do populismo de direita bolsonarista: a partir dessa nova atualização de configuração da sociedade das redes digitais, há uma instrumentalização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) de forma horizontal, em que os eleitores/internautas são posicionados como receptores e divulgadores da agenda política, o que cada vez mais os distanciam dos veículos de comunicação de massa e torna as redes sociais digitais a forma de comunicação preferencial entre o político e o eleitorado. Com isso, perde-se de vista a responsabilidade e a veracidade das informações que são veiculadas. Esse cenário possibilita, como pontua Carvalho (2023), que, na era da pós-verdade, os fatos não sejam necessariamente

negados, mas habilmente manipulados, selecionados e apresentados de maneira enviesada, para promover uma interpretação particular dentro de um contexto que é sobretudo político.

No que diz respeito à análise da cena de enunciação, observamos que ambos os gêneros discursivos analisados neste trabalho, isto é, o pronunciamento presidencial e o tuíte, são gêneros pertencentes ao discurso político, um campo que, para Charaudeau (2006, p. 267), “é um domínio onde se movem relações de forças simbólicas para a conquista e a gestão do poder”. Por essa abordagem, concebe-se que o discurso político está ligado fortemente a processos de persuasão e de adesão entre enunciadores e coenunciadores, principalmente ao trazer à tona temas supostamente relacionados ao “bem comum”. No tocante a isso, notamos que, mesmo partindo da cena englobante do discurso político, as cenas genéricas, por serem diferentes, carregam outros efeitos de sentido relativos ao *ethos* de Bolsonaro. Mais especificamente, os pronunciamentos presidenciais podem ser enquadrados em uma cenografia endógena: a construção da cena não extrapola as restrições do gênero cristalizado (um comunicado destinado à população, concebida como massa homogênea; tópicos discursivos bem delimitados; temas cuja importância está estritamente ligada a condições de produção mais imediatas e urgentes; feito por meio de escrita formal; de acordo com a norma padrão da língua portuguesa). Já as cenografias dos tuítes são exógenas, mais voláteis, em razão do menor grau de restrições técnicas que são impostas pelo ambiente digital; soma-se a isso o fato de haver uma maior aceitação, por parte dos usuários, de um caráter menos formal, mesmo vindo de perfis dos quais se espera maior formalidade. No que diz respeito a essas cenografias dos tuítes de Bolsonaro, observamos que a maior abertura em relação às restrições do tecnogênero tuíte é perceptível nos modos de saliência e de apagamento do *ethos*. Nos tuítes em que há saliência, nota-se a voz de um sujeito enunciador presidente; há um fiador enquanto ser do mundo que se coloca à frente, com seus valores e ideologias à vista; por outro lado, nos tuítes em que há apagamento do *ethos*, nota-se a voz de um órgão institucional; o fiador, portanto, não corporifica um ser do mundo, isto é, essepassa a ser representado como um transmissor de informações e, dessa forma, como afirma Maingueneau (2020b), sua funcionalidade assume primeiro plano.

Em suma, tomados conjuntamente, esses elementos nos permitem dizer que o *ethos* discursivo de Bolsonaro durante a pandemia, no que diz respeito à dimensão categorial, é o *ethos* de um político que se coloca como um líder devoto (minha missão como chefe de Estado). Do ponto de vista da dimensão experiencial, configura-se como o *ethos* de um protetor (preocupado com a economia e as vidas), sobretudo, com a economia. Do ponto de vista da dimensão ideológica, observamos que se trata de um *ethos* de um político ora alinhado com o

negacionismo e a desinformação, ora alinhado com o discurso da ciência; de toda forma, atravessado por um discurso neoliberal. Sobre o tom, notamos que ele oscila a depender dos gêneros e tecnogêneros; assim, os pronunciamentos e os tuítes revelam um fiador que se vale de um tom mais autoritário, apesar de sua autoridade estar condicionada por uma expressiva incerteza sobre o que diz; por sua vez, nos tuítes, além dessas características, soma-se um tom informativo ao *ethos* de Bolsonaro.

Quanto às imagens construídas por Bolsonaro, em seu discurso, durante a pandemia (imagem do político responsável, preocupado, eficiente, pragmático), entendemos que, do ponto de vista analítico, essas imagens não passam de tentativas do sujeito enunciador de velar seus interesses econômicos de fortificação da economia. Sabemos, como apontou o World Bank (2020), que os efeitos econômicos negativos da pandemia de COVID-19 poderiam ser comparados com os efeitos econômicos da Segunda Guerra Mundial. Já sendo esperado do posicionamento de Bolsonaro a primazia da proteção da economia, a aparente preocupação de Bolsonaro com a população serviu à estratégia de mascarar esses interesses econômicos, ao colocar a economia como tão importante quanto a população brasileira. Nesse sentido, tal artimanha de Bolsonaro responde a uma possível polêmica interdiscursiva.

Como explica Rocha (2021), é um traço do discurso de Bolsonaro a característica de minar os possíveis efeitos de sentido que os adversários poderiam atribuir ao seu discurso, isto é, antes mesmo que os adversários de Bolsonaro possam criticá-lo, por não prezar por políticas assistencialistas durante a pandemia, o sujeito enunciador alia o discurso de proteção da economia com o discurso de proteção das pessoas, isto é, para que evitar que digam que Bolsonaro está priorizando a economia, o sujeito enunciador equipara vida e economia, procurando criar equivalência entre essas medidas (proteger a economia seria, nos termos de seu discurso, proteger a vida). Ainda sim, mesmo que tenha precavido-se dos possíveis efeitos de suas falas públicas, observamos que, em alguns momentos, Bolsonaro desliza em seu posicionamento ao colocar a economia como mais importante que a vida da população, o que nos levou a perceber, por meio desses lapsos, que a proteção das vidas, em momento algum esteve em primeiro plano para Bolsonaro.

Diante do exposto, confirmamos nossa hipótese inicial: a de que o *ethos* do discurso de Bolsonaro durante a pandemia tenha sido o *ethos* do negociante, isto é, daquele que nega (“negacionista”) as recomendações dos órgãos de prestígio da ciência e da saúde quando essas não o interessam e que privilegia os interesses econômicos (“negócios”). Nessa perspectiva, defendemos, como conclusão, que um traço a que pode ser relacionado o discurso de Bolsonaro é o que chamamos negociacionismo. Como afirmamos na introdução, não se trata de um conceito

ou noção formalizada até o momento, mas de uma característica que parece, segundo nossa hipótese, dar conta de um aspecto importante do funcionamento do discurso de Bolsonaro: a combinação do do discurso negacionista com o discurso econômico pode ser que funcione de modo retroalimentativo, uma espécie de mutualismo a serviço da manutenção de sistemas econômicos que influenciam a ordem social contemporânea, como o neoliberalismo e o capitalismo.

A nosso ver, em concordância com o que diz Mandetta (2020), a recomendação do uso de remédio como Cloroquina e a suposta defesa da saúde do povo são utilizadas como fachadas por Bolsonaro para a mascarar seus interesses de proteção da economia, o que é apresentado quando mostramos trechos do que chamamos de lapsos: quando Bolsonaro deixa de equiparar saúde e economia, e hierarquiza a economia como mais importante que a vida.

Ainda, a mudança de posicionamento de Bolsonaro (ora defende fármacos sem comprovação científica, ora defende o uso da vacina) pode ter como efeito de sentido o *ethos* de um político oportunista, que se vale dos meios disponíveis (concordar ou não com a ciência), o que, em todo caso, continua a preservar a manutenção de um interesse econômico atravessado: recomendar remédios fará as pessoas não terem medo de ir trabalhar; vacinar a população fará com as pessoas não tenham medo de ir trabalhar. Com base nisso, verificamos que o discurso de Bolsonaro sobre a pandemia não é apenas um discurso negacionista, mas principalmente um discurso em que a economia é apresentada como um valor que estaria acima das vidas do povo brasileiro. Por essa via de reflexão sobre o negacionismo, o fio condutor do discurso de Bolsonaro é condizente com um posicionamento neoliberal, disfarçado por um *ethos* populista, de quem se coloca próximo do povo e (principalmente, nos tuítes), como um presidente franco, informativo, que mascara seu tom autoritário e sua completa incerteza sobre como realmente se deve enfrentar a pandemia.

Por fim, caminhos para continuidade da pesquisa podem ser vislumbrados por meio de um recorte maior do corpus, que abarque o período de pandemia até o ano de 2022 ou 2023, quando ainda havia restrições menos severas em relação às medidas de contenção do vírus, por meio da observação de outros índices do discurso de Bolsonaro, como as avaliações por meio do emprego de adjetivos ou do emprego de construções concessivas, como um olhar para os modos de interação de Bolsonaro com seus seguidores do Twitter, ou como o sujeito enunciador emprega emojis e os usos que faz dos tecnôgêneros resposta a tuíte, por meio dos comentários, por meio da observação de reposts e retuites, lacunas que trabalhos futuros podem explorar. Para além disso, um caminho que enxergamos como frutífero é de uma maior atenção e formalização para o que chamamos de negacionismo enquanto um possível fenômeno

discursivo, que acreditamos pode render outros estudos mais amplos, para além do discurso da direita brasileira ou, até mesmo, do discurso político, ao levar-se em consideração discursos que podem estar sendo classificados unicamente como negacionistas, mas que, de forma opaca, podem estar sendo atravessados por um discurso econômico.

REFERÊNCIAS

- ABRITA, M. (org.). **Covid-19: impactos da pandemia na economia brasileira**. 1. ed. Jundiaí: Paco e Littera, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- ALBUQUERQUE, A. *et al.* **Bioética e Covid-19**. 2. ed. Indaiatuba: Foco, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- ALVES CEPÊDA, V. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 2, 2018, p. 40–74. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n2p40. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801/32238>. Acesso em: 13 out. 2024.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coordenação de tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira e tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* – São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Constructing political legitimacy and authority in discourse. **Argumentation et Analyse du Discours** [En ligne], 28 | 2022, mis en ligne le 25 avril 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/6398>; DOI : <https://doi.org/10.4000/aad.6398>. Acesso em: 06 jun. 2024.
- ANGERMULLER, J.; WODAK, R.; MAINGUENEAU, D. **The discourse studies reader: main currents in theory and analysis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.
- ARAÚJO, C. A. Ávila. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, 2020, p. 13–29. DOI: 10.19132/1808-5245271.13-29. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101666>. Acesso em: 13 out. 2024.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BRANDÃO, C; MENDONÇA, A; SOUSA, M. O Ministério da Saúde e a gestão do enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 47, 2023, p. 58-75. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bYwHdRCrkfpbbR7SCBrx36c/>. Acesso em: 13 out. 2024.
- BRASIL. Decreto nº 10.211, de 30 de janeiro de 2020. Dispõe sobre o Grupo Executivo Interministerial de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional e Internacional - GEI-ESPII. **Diário oficial da União**. Brasília, DF, 30 de janeiro, 2020a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=600&pagina=1&data=30/01/2020&totalArquivos=20>. Acesso em: 27 out. 2024.

BRUNELLI, A. “O sucesso está em suas mãos”: análise do discurso de auto-ajuda. 2004, 164 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

BRUNELLI, A.; GASPARINI-BASTOS, S.; VERNI, R. Modalidade, ethos e estereótipos nos aconselhamentos sobre finanças para mulheres. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 61, 2019, p. 1-19.

BRUNELLI, A; DALL’AGLIO-HATTNER, M. A qualificação do dever: diálogo entre a Análise do Discurso e a abordagem Funcional. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2009, 179-190.

BUGIATO, C; FREITAS, S. Burguesia e extrema direita no Brasil: nota introdutória. **Revista de Ciências Sociais** — Fortaleza, v. 53, n. 1, mar./jun., p. 15–22, 2022.

BURITY, J. Onda conservadora e surgimento da nova direita cristã brasileira? a conjuntura pós-impeachment no Brasil. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 22, p. e020015-e020015, 2020.

CAMARGO, B.; JUSTO, A. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, 2013, p. 513-518.

CARRERA, F. Racismo e sexismo em bancos de imagens digitais: análise de resultados de busca e atribuição de relevância na dimensão financeira/profissional. In: SILVA, T. (org.) **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: RUA, 2021. p. 138-155.

CARVALHO, D. Era da Pós-Verdade: Desafios e Perigos na Era Digital. **The Trends Hub**, Porto, n. 3, 2023, p. 1-7. DOI: 10.34630/tth.vi3.5112. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/trendshub/article/view/5112>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CARVALHO, F.; PAIVA, B. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos: uma análise do discurso de posse do presidente Bolsonaro. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 53, n. 1, jan.-abr., 2022, p. 215-235. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i1.1614>. Acesso em: 27/02/2024.

CASTELLS, M. A hora do grande reset. **Outras Palavras**. 27 abr. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/castells-a-hora-do-grande-reset/>. Acesso em: 06 de jun. 2024, s/p.

CAVALCANTI, J. Considerações sobre o ethos do sujeito jornalista In: MOTTA, A; SALGADO, L (org.). **Ethos discursivo**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, 2019, p. 530-557.

CHARAUDEAU, P. O discurso político. In: EMEDIATO, W; MACHADO, I; MENEZES, W. (org.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 251-268.

CODATO, A.; BERLATTO, F.; BOLOGNESI, B. Tipologia dos políticos de direita no Brasil. **Análise Social**, v. 53, n. 229 (4), 2018, p. 870-897.

CURCINO, L; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso e (pós)verdade**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor**. Araraquara, 1995. 163 p. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

DE MATTOS, I. *et al.* Da Nova República à nova direita: o bolsonarismo como sintoma mórbido. **Sociedade e Cultura**, v. 24, 2021, p. 1-37.

DE MORAIS, A. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 20, n. 1, 2019, p. 152-172.

DIEGUEZ, C. **O ovo da serpente: Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DWECK, E., ROSSI, P.; OLIVEIRA, A. L. **Economia Pós-Pandemia: desmontando os mitos da austeridade fiscal e construindo um novo paradigma econômico** (1ª ed., Vol. I). São Paulo: Autonomia Literária/Fundação Friedrich Ebert Stiftung (FES/Brasil), 2020.

FERNANDES, C. *et al.* A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, 2020, p. 1-18.

FERNANDES, V; MACHADO, D. Discurso popular-democrático e o sujeito de negação bolsonarista: extrema-direita no Brasil contemporâneo entre a Sociologia e a Psicanálise. **Revista de Ciencias Sociales-Brazil**, v. 53, n. 1, 2022, p. 23-56.

FERREIRA, L.; GUANABARA, R.; JORGE, V. (orgs.). **Curso de ciência política: grandes autores do pensamento político moderno e contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Processo, 2024. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2023.

FONTANA, M. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. *In*: CURCINO, L; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso e (pós)verdade**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

GASPARINI-BASTOS, S. Distinções entre modalidade deontica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo dever. **Confluência**, n. 46, 1º semestre de 2014, p. 273-288.

GOMES, A.; NUNES, N.; OLIVEIRA, M. Controvérsias da indicação de cloroquina e hidroxicloroquina para o tratamento da covid-19. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 25, n. 1, 2023, p. 1-13. DOI: 10.19180/1809-2667.v25n12023.17147. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/17147>. Acesso em: 24 nov. 2023.

GOMES, F.; LOPES, M. Infodemia e construção sógnica – movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade. **SCRIPTA**, v. 25, n. 54, 2º quadrimestre de 2021, p. 158-189.

GOMES, M. **Militarização e a legitimação de pautas populistas**. Tese (doutorado em Administração). 2023, 272 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

HENGVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.) **Morphology: a handbook on inflection and word formation**. Berlin: Mouton de Gruyter, v. 2, 2004. p.1190-1201.

HENGVELD, K.; FISCHER, R. A'ingae (Cofán/Kofán) Operators. **Open Linguistics**. v. 4, 2018, p. 328-355.

HENGVELD, K.; HATTNER, M.M.D.A. Four types of evidentiality in native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, 2015, p. 479-524.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY *et al.*, “Global Health Security (GHS) Index, October 2019”. Disponível em: <https://www.ghsindex.org/wp-content/uploads/2020/04/2019-Global-Health-Security-Index.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

KEIZER, E. **A Functional Discourse Grammar for English**. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

LIMA, A.; FREITAS, E. A pandemia e os impactos na economia brasileira. **Boletim Economia Empírica**, v. 1, nº IV, 2020. ISSN 2675-3391.

LIMA, H. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, 17 dez. 2020, p. 389-408.

LIMA, N.; BUSS, P.; PAES-SOUSA, R. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00177020, 2020.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n. 124, 2015, p. 652-664.

LUZ, D.; CAMPOS, J.; BEZERRA, P.; CAMPOS, J.; NASCIMENTO, A.; BARROS, A. Burnout e saúde mental em tempos de pandemia de COVID -19: revisão sistemática com metanálise. **Nursing**, v. 24, n. 276, 2021, p. 5714-5725. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i276p5714-5725>.

LUZ, M. **O povo no caleidoscópio: o discurso bolsonarista à luz das teorias contemporâneas do populismo**. Tese (Doutorado em Ciência Política). 2022, 297 p. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

MAGALHÃES, É.; MARTINS, U. O ethos de Jair Bolsonaro no pronunciamento pós-eleitoral de 2022: Uma análise discursiva. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2024, p. 175–192. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/16774>. Acesso em: 13 out. 2024.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. 1ª ed. 2015, 3ª reimpressão/versão Kindle. São Paulo: Parábola, 2020a.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020a.

MAINGUENEAU, D. Resposta ao medo. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 35, Dossiê Discurso em Tempos de Pandemia. setembro/2020c, p. 1-17.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MANDETTA, L. **Um paciente chamado Brasil**: os bastidores da luta contra o coronavírus. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

MARCHI, R. **A nova direita anti-sistema: O caso do Chega**. Lisboa: Edições 70, 2020.

MARQUES, M. A verdade dos outros: questões de responsabilidade enunciativa. In: CURCINO, L; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso e (pós)verdade**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

MCINTYRE, L. **Post-truth**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2018.

MENEZES, C.; SANCHES, C.; CHEQUER, F. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxicloroquina associada (ou não) à azitromicina para tratamento da COVID-19. O que sabemos até o momento? **Revista de saúde e ciências biológicas**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v8i1.3206.p1-9.2020>. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/3206>.

MERZEAU, L. Du signe `a la trace. **Empreintes de Roland Barthes**, Editions C´ecile Default, p.125-144, 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/47821968.pdf>.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus**. 2020. Disponível em: [Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/comunicacao/2020/04/ministerio-da-economia-avalia-impacto-economico-do-coronavirus). Acesso em: 18 mai. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **COVID-19 no Brasil**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 21 dez 2023.

MIQUELETTI, Fabiana. **Discurso, tom e caráter**: uma análise do ethos tucano. Sínteses-ISSN 1981-1314, v. 8, 2003.

MIRANDA, A. A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso jornalístico. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). 2020, 94 p. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021.

MOITINHO, B.; SALLES, S.; LIMA, C.; PAULA, D. A PANDEMIA NO DISCURSO POLÍTICO DE JAIR BOLSONARO. **Brazilian Journal of Policy and Development**, [S. l.], v. 2, n. 4, 2020, p. 47–66. DOI: 10.52367/BRJPD.2675-102X.2020.2.4.47-66. Disponível em: <https://bio10publicacao.com.br/brjpd/article/view/325>. Acesso em: 25 abr. 2024.

MOTTA, A.; POSSENTI, S. Direita e esquerda: volver. **Anais da I Jornada Internacional de Estudos do Discurso**, 2008, p. 303-314.

MUSSALIM, F. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre ethos e estilo. In: MOTTA, A.; SALGADO, L. (orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 70- 81.

NASCIMENTO, L.; REIS, C. As condições de trabalho dos entregadores e entregadoras por aplicativos no Brasil durante a pandemia. **Princípios**, v. 40, n. 160, 16 jan. 2021, p. 112 - 135.

NEVES, M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. IV, 1996. p.163-199.

NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151-221.

OLIVEIRA, A.; PASSOS, L.; GUIDOLIN, A.; WELLE, A.; NASSIF-PIRES, L. Austeridade, pandemia e gênero. In: DWECK, E., ROSSI, P., & OLIVEIRA, A. L. **Economia Pós-Pandemia: desmontando os mitos da austeridade fiscal e contruindo um novo paradigma econômico**. 1ª ed., vol. I). São Paulo: Autonomia Literária/Fundação Friedrich Ebert Stiftung (FES/Brasil) 2020, p. 158-159.

PAIVA, A.; BERBET, L.; MOREIRA-RAMOS, K. Pandemia COVID-19. In: SILVA, J. C.; ANDRADE, K. C. L.; FERREIRA, J. R. O.; CALHEIROS, D. S. (org.). **Pandemia da Covid-19: uma visão multidisciplinar**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

PAULA, N.; PEREIRA, W.; GIORDANI, R. A COVID-19 em meio a uma “tempestade perfeita” no capitalismo neoliberal: reflexões críticas sobre seus impactos no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 28 (3), 2023, p. 761-770. DOI: 10.1590/1413-81232023283.10262022.

PAULINO, R. TÉCNICAS DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS (ARS): um método de pesquisa aplicada para investigar atuação do Ministério da Saúde do Canadá no combate a

Covid19. **Revista Observatório**. Palmas, v. 7, n. 3, 2021, p. 1-24. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2021v7n3a7pt.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 2. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

PAVEAU, M-A. Genre de discours et technologie discursive. Tweet, twittécriture et twittérature. **Pratiques**. v. 157-158, 2013, p. 7-30.

PAVEAU, M-A; SARFATI, G-É. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2019.

PIOVEZANI, C. Efeitos de verdade: a retórica eleitoral de Bolsonaro. In: CURCINO, L; SARGENTINI, V; PIOVEZANI, C. (org.). **Discurso e (pós)verdade**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021, p. 155-188.

RANCIÈRE, J. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo editorial, 2014.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura da covid-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, DF, vol. 24, 2021, p. 1-29.

REGATIERI, R.; DA SILVA SANTOS, P. O Novo na sua Face Sombria: Um balanço das análises sobre a ascensão da extrema direita no Brasil atual. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 14, n. 2, 2020, p. 103-121.

ROCHA, J. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROCHA, T. *et al.* Tratamento farmacológico utilizado para COVID-19. In: SILVA, J.; ANDRADE, K.; FERREIRA, J.; CALHEIROS, D. (org.). **Pandemia da Covid-19**: uma visão multidisciplinar. Ponta Grossa - PR: Atena, 2020, p. 93-107.

RODRIGUES, T.; FERREIRA, D. Estratégias digitais dos populismos de esquerda e de direita: Brasil e Espanha em perspectiva comparada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 2, mai./ago. 2020, p. 1070-1086.

ROSÁRIO, P. **Modalidade em abordagens estratificadas da oração**: usos de (ser) capaz de /que. 2024, p. 145. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2024.

SANCHES, J. C.; MOISÉS, R. J.; SOUZA, R. P. C. “O Brasil não pode parar”: racismo e desigualdade social na campanha publicitária do governo Bolsonaro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 9, n. 2, jul./dez. 2020, p. 96-113.

SANDMAN, Z.; IQBAL, O. A. Azithromycin. **Treasure Island (FL): Stat Pearls Publishing**, 2020. (Atualizado em 30 de outubro de 2020). Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK557766/>. Acesso em: 13 out. 2024.

SANTOS, F.; TANSCHKEIT, T. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, n. 99, 2019, p. 151-186.

SANTOS, R. **Fundamentos da economia política**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SARGENTINI, V.; CARVALHO, P. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das fake News. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso e (pós)verdade**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SILVA NETO, N. F. **A pandemia do COVID-19 e seus efeitos sobre a economia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Ciências Econômicas, 2023.

SILVA, A.; BRITES; OLIVEIRA; BORRIL. A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social & Sociedade**, 2014, p. 407-445.

SILVA, T. Visão computacional e racismo algorítmico: branquitude e opacidade no aprendizado de máquina. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 31, 2020, p. 428-448. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/744>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: **VI Simpósio Internacional Lavits**, Salvador, 2019.

TEIXEIRA, M. L. S. **A indeterminação pragmática e semântica do sujeito**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). 2014, 124 p. IBILCE, UNESP, São José do Rio Preto, 2014.

UEDA, M.; GASPARINI-BASTOS, S.; BRUNELLI, A. Autoritarismo, convicção e seriedade: análise do éthos do discurso de autoajuda para a terceira idade. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 15, n. 1, 2022, p. 222-244.

VENTURA, D.; REIS, R. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. **Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil**. São Paulo, n. 10, 2021, p. 6-31. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003016698>. Acesso em: 13 out. 2024.

VERNI, R. **Mulheres boazinhas não enriquecem**: ethos e estereótipos no discurso de autoajuda para mulheres. 2019, 135 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

XIAO, Y. *et al.* Impacts of Working From Home During COVID-19 Pandemic on Physical and Mental Well-Being of Office Workstation Users. **Journal of Occupational & Environmental Medicine**, v. 63, n. 3, 23 nov. 2020, p. 181–190.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33234875/>.

ŽIŽEK, S. Entre a ficção simbólica e o espectro fantasmático: rumo a uma teoria lacaniana da ideologia. In: ŽIŽEK, S. **Interrogando o real**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 243-263.

ŽIŽEK, S. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012. E-book.

ZOONEN, Liesbet van. I-pistemology: changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, [s.l.], v. 27, n. 1, 2012, p. 56-67.

ANEXO I

AMOSTRAGEM DOS PRONUNCIAMENTOS

PRONUNCIAMENTO 1

Código-data	P1 - 03/03/2020
Conteúdo	O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses, surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes. O Brasil reforçou seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. Desde então, transmitimos informações diárias, transparentes a todos os estados e municípios para que cada um organize, da melhor forma, o atendimento à população. O Governo Federal vem prestando orientações técnicas a todos os estados, por intermédio do Ministério da Saúde. Os demais ministérios uniram esforços e, juntos aos demais poderes, seguirão garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade. Determinei ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios. Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhem unidos e superemos juntos essa situação. O momento é de união. Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção. Que Deus nos proteja e abençoe o nosso Brasil.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-6-de-marco-de-2020. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 2

Código-data	P2 - 12/03/2020
Conteúdo	Diante do avanço do coronavírus em muitos países, a Organização Mundial de Saúde, de forma responsável, classificou a situação atual como pandemia. O Sistema de Saúde Brasileiro, como os demais países, tem um limite de pacientes que podem ser atendidos. O governo está atento para manter a evolução do quadro sob controle. É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico. Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos. Há também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares. Queremos um povo atuante e zeloso com a coisa pública, mas jamais podemos colocar em risco a saúde da nossa gente. Os movimentos espontâneos e legítimos, marcados para o dia 15 de março, atendem aos interesses da nação. Balizados pela lei e pela ordem, demonstram o

	amadurecimento da nossa democracia presidencialista e são expressões evidentes de nossa liberdade. Precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser repensados. Nossa saúde e de nossos familiares devem ser preservadas. O momento é de união, serenidade e bom senso. Não podemos esquecer, no entanto, que o Brasil mudou. O povo está atento e exige de nós respeito à Constituição e zelo pelo dinheiro público. Por isso, as motivações da vontade popular continuam vivas e inabaláveis. Que Deus abençoe o nosso Brasil.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-12-de-marco-de-2020. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 3

Código-data	P3 - 24/03/2020
Conteúdo	Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País. Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

	No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lupus e à artrite. Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença. Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa Pátria querida.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-24-de-marco-de2020. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 4

Código-data	P4 - 31/03/2020
Conteúdo	Boa noite. Venho nesse momento importante me dirigir a todos vocês. Desde o início do governo temos trabalhado em todas as frentes para sanar problemas históricos e melhorar a vida das pessoas. O Brasil avançou muito nestes 15 meses, mas agora estamos diante do maior desafio da nossa geração. Minha preocupação sempre foi salvar vidas, tanto as que perderemos pela pandemia quanto aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome. Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada. Nesse sentido, o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, disse saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” e que “os governos têm que levar esta população em conta”. Continua ainda, “se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?” Ele prossegue, “Então, cada país, baseado em sua situação, deveria responder a esta questão”. O diretor da OMS afirma ainda que, com relação a cada medida, “temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas” e complementa “eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada”.

Não me valho dessas palavras para negar a importância das medidas de prevenção e controle da pandemia, mas para mostrar que da mesma forma precisamos pensar nos mais vulneráveis. Esta tem sido a minha preocupação desde o princípio.

O que será do camelô, do ambulante, do vendedor de churrasquinho, da diarista, do ajudante de pedreiro, do caminhoneiro e dos outros autônomos com quem venho mantendo contato durante toda minha vida pública?

Por isso determinei ao nosso Ministro da Saúde que não poupasse esforços, apoiando através do SUS todos os estados do Brasil aumentando a capacidade da rede de saúde e preparando-a para o combate à pandemia.

Assim, estão sendo adquiridos novos leitos já com respiradores, equipamentos de proteção individual, kits para testes e demais insumos necessários.

Determinei ainda ao nosso Ministro da Economia que adotasse todas as medidas possíveis para proteger sobretudo o emprego e a renda dos brasileiros.

Fizemos isso através de ajuda financeira aos estados e municípios, linhas de crédito para empresas, auxílio mensal de R\$ 600 aos trabalhadores informais e vulneráveis, entrada de mais 1 milhão e 200 mil famílias no programa Bolsa Família, adiamos também o pagamento de dívidas dos estados e municípios, só para citar algumas das medidas adotadas.

Além disso, no dia de hoje, em comum acordo com a indústria farmacêutica, decidimos adiar, por 60 dias, o reajuste de medicamentos no Brasil.

Temos uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos.

Por um lado, temos que ter cautela e precaução com todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças preexistentes.

Por outro, temos que combater o desemprego, que cresce rapidamente, em especial entre os mais pobres.

Vamos cumprir essa missão ao mesmo tempo em que cuidamos da saúde das pessoas. O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.

O coronavírus veio e um dia irá embora, infelizmente teremos perdas neste caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar ao máximo qualquer perda de vida humana. Como disse o diretor-geral da OMS, “todo indivíduo importa”.

Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos, que já vem trazendo muito sofrimento para os trabalhadores brasileiros.

Na última reunião do G-20, nós, os Chefes de Estado e de Governo, nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos. Assim o farei.

Desde fevereiro, determinei o emprego das Forças Armadas no combate ao coronavírus. O Ministério da Defesa realizou o resgate de brasileiros na China. Agora as Forças Armadas atuam em apoio às áreas de Saúde e Segurança, em todo o Brasil.

Foi ativado um Centro de Operações que coordena as ações e 10 Comandos Conjuntos foram criados, cobrindo todo o território nacional. Realizam ações que vão desde a montagem de postos de triagem de pacientes, apoio a campanhas informativas e campanhas de vacinação, logística e transporte de medicamentos. Os Laboratórios Químico- Farmacêuticos Militares entraram com força total e, em 12 dias, serão produzidos um milhão de comprimidos de Cloroquina, além de álcool gel.

Repito: o efeito colateral das medidas de combate ao coronavírus não pode ser pior do que a própria doença.

A minha obrigação como presidente vai para além dos próximos meses. Preparar o Brasil para a sua retomada, reorganizar nossa economia e mobilizar todos os nossos recursos e energia para tornar o Brasil ainda mais forte após a pandemia.

Aproveito a oportunidade para me solidarizar e agradecer o empenho e sacrifício pessoal de todos os profissionais de saúde, da área de segurança, caminhoneiros e todos os trabalhadores de serviços considerados essenciais que estão mantendo o país

	funcionando, bem como aos homens e mulheres do campo que produzem nossos alimentos. Com este mesmo espírito agradeço e reafirmo a importância da colaboração e a necessária união de todos num grande pacto pela preservação da vida e dos empregos: parlamento, judiciário, governadores, prefeitos e sociedade. Deus abençoe o nosso amado Brasil.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-31-de-marco-de-2020. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 5

Código-data	P5 - 08/04/2020
Conteúdo	Boa noite! Vivemos um momento ímpar em nossa história. Ser Presidente da República é olhar o todo, e não apenas as partes. Não restam dúvidas de que o nosso objetivo principal sempre foi salvar vidas. Gostaria, antes de mais nada, de me solidarizar com as famílias que perderam seus entes queridos nesta guerra que estamos enfrentando. Tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões do País de forma ampla, usando a equipe de ministros que escolhi para conduzir os destinos da Nação. Todos devem estar sintonizados comigo. Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados simultaneamente. Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. Muitas medidas, de forma restritiva ou não, são de responsabilidade exclusiva dos mesmos. O Governo Federal não foi consultado sobre sua amplitude ou duração. Espero que brevemente saíamos juntos e mais fortes para que possamos melhor desenvolver o nosso país. Como afirmou o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, cada país tem suas particularidades, ou seja, a solução não é a mesma para todos. Os mais humildes não podem deixar de se locomover para buscar o seu pão de cada dia. As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença. O desemprego também leva à pobreza, à fome, à miséria, enfim, à própria morte. Com esse espírito, instruí meus ministros. Após ouvir médicos, pesquisadores e Chefes de Estado de outros países, passei a divulgar, nos últimos 40 dias, a possibilidade de tratamento da doença desde sua fase inicial. Há pouco, conversei com o Dr. Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que não só usou a Hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos. Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a história como tendo salvo milhares de vidas no Brasil. Nossos parabéns ao Dr. Kalil. Temos mais boas notícias. Fruto de minha conversa direta com o Primeiro-Ministro da Índia, receberemos, até sábado, matéria-prima para continuarmos produzindo a hidroxicloroquina, de modo a podermos tratar pacientes da COVID-19, bem como

	malária, lúpus e artrite. Agradeço ao Primeiro-Ministro Narendra Modi e ao povo indiano por esta ajuda tão oportuna ao povo brasileiro. A partir de amanhã, começaremos a pagar os R\$ 600,00 de auxílio emergencial para apoiar trabalhadores informais, desempregados e microempreendedores durante três meses. Concedemos, também, a isenção do pagamento da conta de energia elétrica aos beneficiários da tarifa social, por 3 meses, atendendo a mais de 9 milhões de famílias que tenham suas contas de até R\$ 150,00. Disponibilizamos 60 bilhões via Caixa Econômica Federal para capital de giro destinados a micro, pequenas e médias empresas e à construção civil. Os beneficiários do Bolsa Família, que são quase 60 milhões de pessoas, também receberão um abono complementar do Auxílio Emergencial. Autorizamos, ainda, para junho, um saque de até R\$ 1.045,00 aos que têm conta vinculada ao FGTS. Repatriamos mais de 11 mil brasileiros que estavam no exterior, num esforço capitaneado pelo Itamaraty, Ministério da Defesa e Embratur. Tenho certeza de que a grande maioria dos brasileiros quer voltar a trabalhar. Esta sempre foi minha orientação a todos os ministros, observadas as normas do Ministério da Saúde. Quando deixar a Presidência, pretendo passar ao meu sucessor um Brasil muito melhor do que aquele que encontrei em janeiro do ano passado. Sigamos João 8:32: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará!” Desejo a todos uma Sexta-Feira Santa de reflexão e um Feliz Domingo de Páscoa! Deus abençoe o nosso Brasil!
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-08-de-abril-de-2020. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 6

Código-data	P6 - 16/04/2020
Conteúdo	Boa tarde. Agora há pouco terminei uma reunião com o ministro Mandetta, aproximadamente 30 minutos, e discutimos a situação atual do Ministério, bem como da pandemia, uma conversa bastante produtiva, muito cordial, onde nós selamos um ciclo no Ministério da Saúde. Ele se prontificou, como era esperado da minha parte, a participar de uma transição a mais tranquila possível, com a maior riqueza de detalhes que se possa oferecer. E, em comum acordo, mas o termo técnico não é esse, eu o exonero do Ministério nas próximas horas. Foi, realmente, um divórcio consensual, porque, acima de mim, como presidente, e dele, como ainda ministro, está a saúde do povo brasileiro. A vida para todos nós está em primeiro lugar. A questão do coronavírus se abate sobre todo o mundo, e cada país tem as suas especificidades, como bem disse o chefe da OMS. No Brasil não é diferente. Como presidente da República, eu coordeno 22 ministérios e, na maioria das vezes, o problema não está afeto a apenas um ministério. Quando se fala em saúde, fala-se em vida, a gente não pode deixar de falar em emprego. Porque uma pessoa desempregada, ela estará mais propensa a sofrer problemas de saúde do que uma outra empregada. E

desde o começo da pandemia eu me dirigi a todos os ministros e falei da vida e do emprego. É como um paciente que tem duas doenças, a gente não pode abandonar uma e tratar exclusivamente outra, porque, no final da linha, esse paciente pode perder a vida.

Sabemos das interpretações que fazem a respeito daquilo que se fala. A interpretação depende da linha editorial ou daquele repórter. Sempre falamos em vida e emprego, nunca emprego e economia de forma isolada. Nunca.

Desde o começo eu busquei levar uma mensagem de tranquilidade. O clima quase de terror se instalou no meio da sociedade. Isso não é bom, porque uma pessoa que vive sob tensão, num clima de histeria, é uma pessoa que está propensa a adquirir novas doenças ou agravar aquelas que ela já tem.

Entendemos perfeitamente a gravidade da situação. Gostaríamos que ninguém perdesse a vida, não só por essa, e por causa nenhuma, porque a vida, quando chega ao seu final, a morte toca a todos nós. Eu tenho uma mãe com 93 anos de idade, está bastante idosa, com algumas comorbidades, e espero que ela viva por muito tempo. Ao longo desse tempo, é direito do ainda ministro defender o seu ponto de vista como médico. E a questão de entender também a questão do emprego não foi da forma que eu achava, como chefe do Executivo, que deveria ser tratada. Não condeno, não recrimino e não critico o ministro Mandetta. Ele fez aquilo que, como médico, ele achava que devia fazer.

Ao longo desse tempo, a separação cada vez mais se tornava uma realidade, mas nós não podemos tomar decisões de forma que o trabalho feito por ele até o momento fosse perdido. O que eu conversei, ao longo desse tempo, com o oncologista dr.

Nelson, ao meu lado, foi fazer com que ele entendesse a situação como um todo, sem abandonar, obviamente, o principal interesse, a manutenção da vida, mas sem esquecer que, ao lado disso, tínhamos outros problemas. Esse outro é a questão do desemprego que, cada vez mais, nós vemos que são claros no nosso País. Junto com o vírus veio uma verdadeira máquina de moer empregos. As pessoas mais humildes começaram a sentir primeiro o problema. Essas não podem ficar em casa por muito tempo.

Então, não é aquilo que a gente gostaria de fazer, é aquilo que pode ser feito. Nós não poderemos prejudicar os mais necessitados. Eles não têm como ficar em casa por muito tempo, sem buscar seu alimento. E os primeiros que sofreram com isso foram os informais, na ordem de 38 milhões no Brasil. Os empregos com carteira assinada, estamos vendo, também, como temos conversado com toda a sociedade, cada vez mais estão sendo destruídos. Se chegar a um nível tal, o que nós não queremos, é que a volta da normalidade, além de poder demorar muito, outros problemas aparecerão. Nós nos preocupamos para que essa volta à normalidade chegue o mais breve possível.

Então, antes mesmo de outras providências, nós tomamos várias medidas, entre elas, uma das mais importantes é o Auxílio Emergencial para exatamente os informais e assemelhados. Então o governo não abandonou, em momento nenhum, os mais necessitados.

E o que eu conversei com o dr. Nelson é que, gradativamente, nós temos que abrir o emprego no Brasil. Essa grande massa de humildes não tem como ficar presa dentro de casa. E, o que é pior, quando voltar não ter emprego. E o governo não tem como manter esse Auxílio Emergencial ou outras ações por muito tempo. Já se gastou aproximadamente 600 bilhões de reais, e podemos chegar a R\$ 1 trilhão. Sei e repito que a vida não tem preço, mas a economia, o emprego, tem que voltar à normalidade, não o mais rápido possível, como foi conversado com o dr. Nelson, mas ele tem que começar a ser flexibilizado para que exatamente não venhamos a sofrer mais com isso.

Nós todos, Poder Executivo, Poder Legislativo, decisões do Judiciário, têm que ser, essas decisões, com muita prudência. O governo não é uma fonte de socorro eterna.

	Em nenhum momento eu fui consultado sobre medidas adotadas por grande parte dos governadores e prefeitos. Tenho certeza que eles sabiam o que estavam fazendo. O preço vai ser alto. Tinham que fazer alguma coisa? Tinham, mas se, porventura, exageraram, não bote essa conta, não no Governo Federal, não bote essa conta, mais essa conta, nas costas do nosso sofrido povo brasileiro. Não queremos aqui criar qualquer polêmica com outro Poder. Todos eles são responsáveis pelos seus atos, assim como eu sou, como chefe do Executivo. Não me furtarei à minha responsabilidade. Decisões, sou obrigado a tomar. Porque sempre tenho dito, dada a minha formação militar: pior que uma decisão mal tomada é uma indecisão. Jamais pecarei por omissão. Esse foi o ensinamento que eu tive na minha carreira militar. Essa será minha linha de atuação. Montamos um governo diferente dos montados anteriormente que tem dado resultado. Estávamos praticamente voando, no final do último trimestre. Tudo estava indo muito bem. O Brasil tinha tudo para dar certo, num curto espaço de tempo. Esse “dar certo” agora acontecerá, mas num tempo mais ampliado, onde eu apelo para os demais outros Poderes: a responsabilidade não é só minha, é de todos nós. Os excessos que alguns cometeram, que se responsabilizem por eles. Jamais eu mandaria as minhas Forças Armadas prender quem quer que seja que estivesse nas ruas. Jamais eu, como chefe do Executivo, vou retirar o direito constitucional de ir e vir, seja qual for o cidadão. Devemos tomar medidas, sim, para evitar a proliferação ou a expansão do vírus, mas pelo convencimento e com medidas que não atinjam a liberdade e a garantia individual de qualquer cidadão. Jamais cercearemos qualquer direito fundamental de um cidadão. Quem tem poder de decretar estado de Defesa ou de Sítio, depois de uma decisão, obviamente, do Parlamento brasileiro, é o presidente da República, e não prefeito ou governador. O excesso não levará à solução do problema, muito pelo contrário, se agravará. E, como venho dizendo, desde há muito, eu tenho certeza, tenho amigos, da AMB, pessoal de Associação de Medicina Brasileira, que o remédio para curar um paciente não pode ter um efeito colateral mais danoso do que a própria doença. Então, o Governo Federal, o presidente da República, tem uma visão mais ampla de cada ministro de per si. Esse é o nosso trabalho. Essas são, muitas vezes, as decisões que nós somos obrigados a tomar. Os problemas acontecem na vida de todo mundo e devemos buscar a melhor maneira de solucioná-la. Então, nesse momento, além de agradecer o senhor Henrique Mandetta, pela sua cordialidade, pela forma como conduziu o seu ministério, eu também agradeço o dr. Nelson por ter aceito esse convite. E ele sabe do enorme desafio que terá pela frente. Já começa hoje mesmo uma transição que, gradualmente, vai servir para redirecionar a posição não apenas do presidente, mas dos 22 ministros que integram o nosso governo. Todos os ministros estão envolvidos na mesma causa, sem exceção. Nós estamos juntos em defesa da vida do povo brasileiro, em defesa dos empregos e, também, obviamente, buscando levar tranquilidade e paz para o nosso povo. Então, agradeço o dr. Nelson, para o qual eu passo, então, a palavra agora.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-para-anuncio-do-novo-ministro-da-saude-palacio-do-planalto. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 7

Código-data	P7 - 05/02/2021
Conteúdo	Bom dia. Agradeço a presença da imprensa, em especial aquela que nos transmite ao vivo. E também dizer que as redes sociais, todas elas disponíveis, também estão transmitindo ao vivo essa reunião. Nós temos a obrigação, o Governo Federal se antecipar a problemas e também proporcionar as melhores políticas para o bem-estar do nosso povo, sempre baseado na transparência e na previsibilidade. Então hoje, eu convoquei os senhores ministros, Levi da AGU, Tarcísio da Infraestrutura, Braga Neto da Casa Civil, Paulo Guedes da Economia, Bento Albuquerque das Minas e Energia e convidamos o senhor Castelo Branco, presidente da Petrobrás. Deixo bem claro, o nosso compromisso é cada vez mais tirar o Estado de cima do povo trabalhador. Temos esse compromisso, bem como respeitar contratos e jamais intervir, seja qual forma for, contra outras instituições, como no caso aqui a nossa Petrobras. Jamais controlaremos o preço da Petrobrás. A Petrobrás está inserida no contexto mundial com suas políticas próprias e nós a respeitamos. O coração do senhor Castelo Branco, não é diferente do meu. Queremos o bem do Brasil, o bem do nosso povo. E aqui reunimos hoje, estamos prestando aqui as devidas informações a população brasileira, onde no final dessa reunião, estaremos abertos apenas a uma pergunta por parte de cada órgão de imprensa, para tratar exclusivamente desse assunto. Nada será respondido que não trate desse assunto. E a política energética do Brasil, interessa a todos, não só aos caminhoneiros. Interessa a todos e nós sabemos do peso do Estado na política energética. Quando fala Estado, Governo Federal e governos estaduais. Vale lembrar, que o preço dos combustíveis nas refinarias é um e na bomba é mais do que o dobro, desse praticado na refinaria. O que o Governo Federal busca fazer e vai buscar fazer, está cada vez mais com possíveis soluções à sua frente. Reduzir os impostos federais em cima do combustível. Quanto aos governadores, essa política é própria deles. Nós não interferiremos também, nem buscamos interferir, afinal de contas, não é competência nossa. Essa política, repito, cabe exclusivamente aos senhores governadores. O que pretendemos fazer na questão de ICMS, deixo bem claro, pretendemos fazer é um projeto de lei complementar, a ser apresentado ao Parlamento, de modo que a previsibilidade do ICMS, se faça presente, assim como por exemplo, o PIS/COFINS, do Governo Federal. Onde temos o valor fixo para o litro do diesel, por exemplo, 35 centavos. 35 centavos. Quanto ao ICMS, é variável. Cada estado decide o seu valor. Agora, o que nós gostaríamos desde que o Parlamento assim o entenda, o nosso grande parceiro das políticas nacionais. A nossa Câmara e o nosso Senado Federal. Nós pretendemos é ultimar um estudo e caso seja viável, seja juridicamente possível. Nós apresentaremos ainda na próxima semana, fazendo com que o ICMS venha incidir sobre o preço do combustível nas refinarias ou um valor fixo para o álcool, a gasolina e o diesel. E quem vai definir esse percentual ou esse valor fixo? Serão as respectivas Assembleias Legislativas. Todos sabem aqui, que o ICMS é variável de estado para estado. E o que a população pede para nós, dados aos contatos que nós temos, é essa previsibilidade e repito, a exemplo do PIS/COFINS do diesel, 35 centavos que não é alterado desde janeiro de 2019, quando nós assumimos o governo. E eu tenho determinado ao senhor ministro Paulo Guedes, ao qual sempre converso com ele, que as decisões que trata de Economia, obrigatoriamente tem que passar por ele. Jamais darei palpite na Economia, a palavra final, eu sou o presidente, mas é dele.

A não ser que apareça uma questão social gravíssima, daí nós voltaremos a conversar com mais ministros, para falar sobre essa política econômica.

Então repito, nós somos um governo que não interferiremos em nada nessa política econômica de combustíveis, da nossa Petrobras. Mas obviamente, repito, o preço do combustível não interessa apenas aos senhores caminhoneiros, o qual mais uma vez eu agradeço a eles, a não aderência a esse movimento grevista que nos ameaçou no último dia 1º de Janeiro. O nosso respeito para eles é enorme. Agradeço do fundo do coração à sua sensibilidade. Agora, eles têm os seus problemas. Que passam não só pelo preço do combustível, bem como outros fatores. Como vai falar aqui também, o nosso ministro da infraestrutura Tarcísio.

Assim sendo, eu quero agora passar as palavras um a um aos nossos ministros e ao nosso convidado, presidente da Petrobras, para que exponha a questão da política energética do Brasil e onde, para onde nós queremos marchar.

Nós já fizemos muita coisa no passado, como por exemplo, era MP, depois passou a lei da liberdade econômica. Cada vez mais nós estamos dando liberdade àquele que queira trabalhar. Faça seu trabalho sem as amarras do Estado. Nós somos liberais, somos conscientes e somos responsáveis. E bem sabemos o que estamos fazendo nesse momento aqui.

Nós somos empregados de cada um cidadão brasileiro. E deixo bem claro, para encerrar minha parte aqui. Tudo que porventura o Governo Federal queira fazer no tocante à política social, quem vai pagar essa conta é a população. O governo brasileiro, nada faz além do que aquilo que pode tirar do povo. E nós queremos cada vez mais, tirar menos da população. Porque isso nós entendemos, que pode nos levar sim, para um caminho da prosperidade.

Então, nesse momento creio que o seu Castelo Branco, seria a pessoa mais adequada para falar sobre a Petrobras. Repito, nós não interferimos em nada, nem mesmo no preço praticado pela mesma.

(...)

Antes de passar a pergunta aos senhores jornalistas, uma coisa tem que ficar bem clara. Quando alguns órgãos de imprensa me acusaram ontem de interferência na Petrobras. Interferência existia sim, em um passado bem próximo. Onde alguns partidos políticos, indicavam diretores da Petrobras e nós tivemos pela frente um dos maiores brutais comprovações de corrupção em nosso Brasil, conhecido como petrolão. Em nosso governo isso não existe.

No passado, as estatais davam prejuízos anuais, de dezenas de bilhões de reais. Hoje nós damos lucro de dezenas de bilhões de reais. A nossa política sim, é de não interferir. Tanto é que o ministro das Minas e Energia, juntamente com o senhor ministro da Economia, indicou o senhor Castelo Branco à Petrobras e ele teve liberdade para escolher os seus diretores.

Ontem na cidade de Cascavel, eu fui bem claro, quando estava presente o senhor Luna e Silva, nosso general de Exército, que é presidente da Itaipu Binacional. Um dos presidentes da Itaipu Binacional. No passado, praticamente quase nada de lucro tinha lá. E o que se investia, era muito em questões sociais. Muito pouco em obra as outras, que são de competência também da empresa. O ano passado, a Itaipu Binacional Brasil investiu dois bilhões e meio no centro-oeste paranaense.

Entre outras obras, a construção de duas pontes com o Paraguai. O alongamento da pista de Foz do Iguaçu, que a partir de março, abril, deve estar concluída, se Deus quiser iremos lá. Onde poderemos então, receber voos internacionais. Isso é tratar com seriedade as estatais. Também sem aceitar apadrinhamentos políticos para as diretorias.

Esse é o nosso compromisso lá atrás, antes mesmo de eu ser um pré-candidato. Sonhava se um dia chegar lá, não é fazer diferente, é fazer o certo. Estamos fazendo o certo. Peço paciência ao povo, que problemas temos. Não é apenas o combustível,

	onde muitos reclamam. Também reclamam de preços de mantimentos, como por exemplo, o arroz e óleo de soja. Mas passamos, estamos passando ainda por uma pandemia. Sempre disse, como foi dito aqui por outro ministro, que lá atrás eu dizia: que tínhamos dois problemas pela frente: o vírus e o desemprego. E deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade, mas de forma simultânea. Em parte estamos pagando o preço da política do fique em casa, pelo fique em casa. Não queremos criticar ninguém, já disse que se alguns erraram, foi na intenção de ajudar. O nosso governo evitou com projetos e com propostas, algumas vindas do Parlamento, como senador Jorginho de Santa Catarina, a questão do Pronamp. O Auxílio Emergencial, o próprio nome o diz, emergencial. A nossa capacidade de endividamento está no limite. Quem define esta questão, é o nosso ministro da Economia, que carinhosamente eu chamo de Posto Ipiranga. Bem como obviamente, ouvindo agora em primeiro lugar, os presidentes da Câmara e do Senado, que não são aliados nossos, são aliados do Brasil. O nosso compromisso, é de fazermos a nossa política econômica fluir como as propostas encaminhadas para o Parlamento, onde alguns por maldade criticaram por serem 35 propostas. Como dizendo, que um governo que tem 35 prioridades, não tem nenhuma. Essas mesmas pessoas que falam isso e agem dessa maneira, em especial nos grandes órgãos de comunicação, não ajudam o Brasil. Se tem 35, é porque o represamento era grande. E o Parlamento obviamente, como cada presidente, é aquele que conduz a pauta dentro da Câmara e do Senado, eles podem ir escolhendo qual proposta coloca na frente. Todas elas são bem-vindas. Estamos atrasados nesse quesito. Não existe entre nós protagonismo, para sermos o autor desta ou daquela proposta. Nós gostaríamos sim, de ver as propostas votadas. Algumas até sendo rejeitadas, fazem parte do jogo democrático. Agora, devemos sim, destravar essas pautas. E esse é o compromisso, antes de conversar comigo, dos dois novos presidentes da Câmara e do Senado. Então passamos agora aos senhores jornalistas para fazer uma pergunta apenas, diretamente a quem ele assim achar melhor aqui nessa mesa, para responder que trate estritamente desta questão discutida por nós até o momento.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-5-de-fevereiro-de-2021 . Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 8

Código-data	P8 - 23/03/2021
	Boa noite, Estamos no momento de uma nova variante do coronavírus, que infelizmente tem tirado a vida de muitos brasileiros. Desde o começo, eu disse que tínhamos dois grandes desafios: o vírus e o desemprego. E, em nenhum momento, o governo deixou de tomar medidas importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome. Quero destacar que hoje somos o quinto país que mais vacinou no mundo. Temos mais de 14 milhões de vacinados e mais de 32 milhões de doses de vacina distribuídas

Conteúdo	para todos os estados da Federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia. Em julho de 2020, assinamos um acordo com a Universidade Oxford para a produção, na Fiocruz, de 100 milhões de doses da vacina AstraZeneca e liberamos, em agosto, 1 bilhão e 900 milhões de reais. Em setembro de 2020, assinamos outro acordo com o consórcio Covax Facility para a produção de 42 milhões de doses. O primeiro lote chegou no domingo passado e já foi distribuído para os estados. Em dezembro, liberamos mais 20 bilhões de reais, o que possibilitou a aquisição da Coronavac, através do acordo com o Instituto Butantan. Sempre afirmei que adotariamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito. Hoje, somos produtores de vacina em território nacional. Mais do que isso, fabricaremos o próprio insumo farmacêutico ativo, que é a matéria-prima necessária. Em poucos meses, seremos autossuficientes na produção de vacinas. Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença, mas a produção nacional vai garantir que possamos vacinar os brasileiros todos os anos, independentemente das variantes que possam surgir. Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para a antecipação de 100 milhões de doses, que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano. Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas. Ao final do ano, teremos alcançado mais de 500 milhões de doses para vacinar toda a população. Muito em breve, retomaremos nossa vida normal. Solidarizo-me com todos aqueles que tiveram perdas em suas famílias. Que Deus conforte seus corações! Estamos fazendo e vamos fazer de 2021 o ano da vacinação dos brasileiros. Somos incansáveis na luta contra o coronavírus. Essa é a missão e vamos cumpri-la. Deus abençoe o nosso Brasil.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-23-de-marco-de-2021. Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 9

Código-data	P9 - 02/06/2021
	Sinto profundamente cada vida perdida em nosso país. Hoje alcançamos a marca de 100 milhões de doses de vacinas distribuídas a estados e municípios. O Brasil é o quarto país que mais vacina no planeta. Neste ano, todos os brasileiros, que assim o desejarem, serão vacinados. Vacinas essas que foram aprovadas pela Anvisa. Ontem, assinamos acordo de transferência de tecnologia para a produção de vacinas no Brasil entre a AstraZeneca e a Fiocruz. Com isso, passamos a integrar a elite de apenas cinco países que produzem vacina contra a Covid no mundo.

Conteúdo	O Nosso governo não obrigou ninguém a ficar em casa, não fechou o comércio, não fechou igrejas ou escolas e não tirou o sustento de milhões de trabalhadores informais. Sempre disse que tínhamos dois problemas pela frente, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade e de forma simultânea. Destinamos, em 2020, 320 bilhões para o Auxílio Emergencial para atender aos mais humildes. Esse montante equivale a mais de 10 anos de Bolsa Família. E mais de 190 bilhões para ajudar estados e municípios. Alguns setores como bares e restaurantes, turismo, entre outros, em grande parte foram socorridos pelo nosso governo por meio do PRONAMPE (Programa Nacional de Apoio as Microempresas e Empresas de pequeno porte.) Hoje mesmo sancionamos a nova lei do PRONAMPE, agora permanente, que pode destinar a vários setores até 25 bilhões de reais, onde 20% será destinado ao setor de eventos. Terminamos 2020 com mais empregos formais que 2019. Somente nos primeiros quatro meses deste ano, o Brasil criou mais de 900 mil novos empregos. O PIB projetado para 2021 prevê um crescimento da economia superior a 4%. Só no 1º trimestre deste ano, a economia mostrou seu vigor, estando entre os países do mundo que mais cresceram. Com o Congresso Nacional estamos avançando, aprovamos: - A nova lei do gás; - O marco legal do saneamento; - A MP da Liberdade Econômica; - O Banco Central independente; e - E o novo marco fiscal. Realizamos leilões de rodovias, portos e aeroportos. Levamos internet para mais de 8 milhões de brasileiros em grande parte para as regiões Norte e Nordeste. Ontem, a Bolsa de Valores bateu recorde histórico, a moeda brasileira se fortalece, e estamos avançando no difícil processo de privatizações. A CEAGESP sob um comando honesto e responsável apresentou, além de lucro, um ambiente salutar entre os permissionários e funcionários. Essa Companhia socorreu nossos irmãos de Aparecida e Araraquara, entre outras cidades do interior de São Paulo, doando dezenas de toneladas de alimentos. As estatais, no passado, davam prejuízo de dezenas de bilhões de reais devido à corrupção sistêmica e generalizada. Hoje são lucrativas. Nos dois primeiros anos do nosso Governo, a Caixa Econômica Federal bateu recorde de lucro mesmo reduzindo os juros do cheque especial, da casa própria, das micros e pequenas empresas e dos empréstimos às Santas Casas. Estamos avançando na transposição do Rio São Francisco, levando água para todo o Nordeste. Na infraestrutura, o nosso Governo tem construído pontes, duplicado rodovias, terminando obras paradas há décadas, como a BR-163 no Pará. Ainda neste ano, será concluída a Ferrovia Norte-Sul, que ligará o Porto de Itaqui, no Maranhão, ao Porto de Santos, em São Paulo, é a retomada do modal ferroviário no Brasil. Seguindo o mesmo protocolo da Copa Libertadores e Eliminatórias da Copa do Mundo, aceitamos a realização, no Brasil, da Copa América. O nosso Governo joga dentro das 4 linhas da constituição, considera o direito de ir e vir, o direito ao trabalho e o livre exercício de cultos religiosos inegociáveis. Todos os nossos 22 ministros consideram o bem maior de nosso povo a sua liberdade.
-----------------	--

	Que Deus abençoe o nosso Brasil.
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-02-junho-de-2021 . Acesso em: 17/07/2023.

PRONUNCIAMENTO 10

Código-data	P10 - 31/12/2021
Conteúdo	Boa noite, Hoje nos preparamos para o início de um novo ano. O Bicentenário de nossa Independência. Quis Deus que eu ocupasse a Presidência em 2019 e assumi um Brasil com sérios problemas éticos, morais e econômicos. Formamos um ministério com pessoas capazes para enfrentar a todos os desafios. Ao longo do tempo alguns nos deixaram por livre e espontânea vontade, outros foram substituídos por não se adequarem aos propósitos da maioria que me elegeu. Em 2019 aprovamos a Lei da Liberdade Econômica, simplificamos as normas regulamentadoras, começamos novas obras e concluímos muitas outras inacabadas. Fizemos ressurgir o modal ferroviário, levamos tranquilidade ao campo, flexibilizamos a posse e o porte de arma de fogo para o cidadão e passamos a investir no Brasil, e não mais no exterior com obras bilionárias financiadas pelo BNDES. Completamos 3 anos de governo sem corrupção. Já concluímos, com menor custo, centenas de obras paradas há vários anos. A transposição do Rio São Francisco, finalmente, já é uma realidade e estamos levando mais água para o Nordeste. Somente nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte foram beneficiados 12 milhões de brasileiros em 390 Municípios. Já entregamos mais de 1,2 milhão de moradias do Programa “Casa Verde e Amarela” nas três faixas. Em 2020, lamentavelmente, surgiu a pandemia, onde mortes se fizeram presentes no mundo todo. Nessa batalha, o Governo Federal dispensou recursos bilionários para que estados e municípios se preparassem para enfrentar a pandemia. Com a política de muitos governadores e prefeitos de fechar comércios, decretar lockdown e toques de recolher, a quebradeira econômica só não se tornou uma realidade porque nós criamos o PRONAMPE e o BEM, programas para socorrer as pequenas e médias empresas bem como fomentar acordos entre empregadores e trabalhadores para se evitar demissões, com isso, mais de 11 milhões de empregos foram preservados. Para aqueles que perderam sua renda criamos o Auxílio Emergencial, onde 68 milhões de pessoas se beneficiaram. O total pago em 2020 equivale a mais de 13 anos de gasto com o antigo Bolsa Família, mostramos nossa identidade ao socorrer os mais humildes, que tinham sido abandonados pelos que mandavam fechar tudo. Encerramos o ano de 2021 com 380 milhões de doses de vacinas distribuídas à população. Todas adquiridas pelo nosso governo. Lembro que em 2020 não existia vacina disponível no mercado e a primeira pessoa vacinada foi no Reino Unido em dezembro.

	Todos os adultos, que assim desejaram, foram vacinados no Brasil. Fomos um exemplo para o mundo! Não apoiamos o passaporte vacinal, nem qualquer restrição àqueles que não desejam se vacinar. Também como anunciado pelo Ministro da Saúde, defendemos que as vacinas para as crianças entre 5 e 11 anos sejam aplicadas somente com o consentimento dos pais e prescrição médica. A liberdade tem que ser respeitada! Desde o início da pandemia falei que deveríamos combater o vírus, cuidar dos idosos e dos com comorbidades e preservar a renda e o emprego dos trabalhadores. Estamos concluindo 2021 com um saldo de 3 milhões de novos empregos e saldo positivo de 5 milhões de empresas abertas, interrompendo uma série de meia década com saldos negativos. Adentraremos 2022 com esperança de que tudo se volte à normalidade. Já são mais de 800 bilhões de reais contratados pela iniciativa privada, que vão gerar milhões de novos postos de trabalho somente nas áreas de Infraestrutura. Isso é uma prova de que reconquistamos a confiança dos investidores, brasileiros e estrangeiros, o que possibilitará, também, a redução da inflação, consequência da equivocada política do “fica em casa, a economia a gente vê depois”. Já começamos a pagar o Auxílio-Brasil, com valor mínimo de 400 reais, programa melhor e mais abrangente do que o antigo Bolsa-Família, onde a média era de apenas 190 reais. O Auxílio-Brasil vai ajudar 17 milhões de famílias mais necessitadas a superar suas dificuldades econômicas e sociais agravadas pela pandemia. Lembro agora dos nossos irmãos da Bahia e do norte de Minas Gerais que nesse momento estão sofrendo os efeitos de fortes chuvas na região. Desde o primeiro momento, determinei que os Ministros João Roma e Rogério Marinho prestassem total apoio aos moradores desses mais de 70 municípios atingidos. Hoje temos um governo que acredita em Deus, respeita seus militares, defende a família e deve lealdade ao seu povo. Um excelente 2022 a todos! Que Deus nos abençoe!
Fonte	https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-de-ano-novo-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-31-de-dezembro-de-2021. Acesso em: 17/07/2023.

ANEXO II

AMOSTRAGEM DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Código-data	ENT01-23/06/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro DIVULGAÇÃO CONTÍNUAS DE AÇÕES E PRIORIDADES DIÁRIAS DO GOVERNO DO BRASIL: 1- Novo Marco do Saneamento Básico. As empresas privadas investem 4x mais em saneamento básico que as públicas. Trecho da entrevista do secretário da SEPEC @MinEconomia, Diogo Mac Cord, sobre o assunto: Translate post INVESTIMENTOS PRIVADOS DIOGO MAC CORD SEC. DE DESENVOLVIMENTO DA INFRAESTRUTURA 0:45 2:07 PM · Jun 23, 2020 1.3K 3.4K 16K 15
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1275475695884472321 .

ENTREVISTA 2

Código	ENT02-16/04/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Entrevista ao Jornalista @Magalhaes_CNN : youtu.be/62GnPkS4ChM 8:18 PM · Apr 16, 2020 3.3K 3.3K 16K 29
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1250926681470177285 .

ENTREVISTA 3

Código	ENT03-08/04/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro ✓ @jairbolsonaro - Entrevista com Datena (08/04/2020) . Link no youtube:  youtube.com Presidente Bolsonaro em nova entrevista com Datena. 08/04/2020 6:59 PM · Apr 8, 2020 883 2.1K 12K 20
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1248007708151668736 .

ENTREVISTA 4

Código	ENT04-02/04/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro ✓ @jairbolsonaro - Entrevista ao jornalista @augustosnunes , na Jovem Pan: Programa " Os Pingos no is". . Link da entrevista disponível no youtube: Translate post  youtube.com Presidente Jair Bolsonaro fala com exclusividade à Jovem Pa Confira na íntegra a entrevista do presidente Jair Bolsonaro ao programa Os Pingos nos Is.Inscreva-se no nosso ... 8:19 PM · Apr 2, 2020 3.3K 3.6K 18K 56
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1245853330292662279 .

ENTREVISTA 5

Código	ENT05-16/03/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Entrevista a Datena. - 16/03/2020. . YOUTUBE: youtube.com Presidente Jair Bolsonaro é entrevistado por Datena. 1:03 PM · Mar 16, 2020 1.6K 2.4K 13K 25
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1239583187224969219 .

ENTREVISTA 6

Código	ENT06-08/02/2021
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Entrevista com Datena: . Combustíveis, responsabilidade de todos os governantes e ações relacionadas: . Link no YouTube: youtu.be/e2UtwAYqblc Translate post 6:33 PM · Feb 8, 2021 1.3K 2.3K 13K 17
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1358891651020816391 .

ENTREVISTA 7

Código	ENT07-28/01/2021
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Hoje às 18h30 o Ministro @WRosarioCGU (@CGUonline) estará no programa "Pingos nos Is" falando sobre as compras de alimentos pelo Poder Executivo. Augusto Nunes o entrevistará, comigo ao lado. - As 19h nossa live semanal. Link no YouTube: Translate post  youtube.com Compras de alimentos pelo Poder Executivo. Mais informaça - Hoje às 18h30 o Ministro Wagner Rosário (CGU) estará no programa "Pingos nos Is" falando sobre as compras de ... 6:45 AM · Jan 28, 2021  1.6K  3K  14K  17 

ANEXO III

AMOSTRAGEM DAS LIVES

LIVE 1

Código	LIVE01-12/03/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Live com o Presidente: Coronavirus com o @minsaude; Acordo militar com os EUA; Ações em calamidades: SP, MG, ES...; 6a queda consecutiva nos preços do petróleo, mais de 20% baixados nas refinarias; Orçamento engessado e Trabalho dos Ministérios e mais. Translate post youtube.com Live de quinta-feira com o Presidente. Ajustada devido a co... . Temas: - Coronavirus com o Ministro da Saúde; - Acordo militar com os EUA; - Quando solicitada, seguindo a lei, ... 8:16 PM · Mar 12, 2020 1.6K 2.4K 15K 13
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1238242537804046336 .

LIVE 2

Código	LIVE02-16/04/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Live de toda quinta-feira com o Presidente Jair Bolsonaro. (16/04/2020). . Link no youtube: - Live de toda quinta-feira com o P... Assistir m... Compartilh... MAIS VÍDEOS 0:01 / 20:58 From youtube.com 7:37 PM · Apr 16, 2020 2.5K 2.9K 18K 28
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1250916148255825921 .

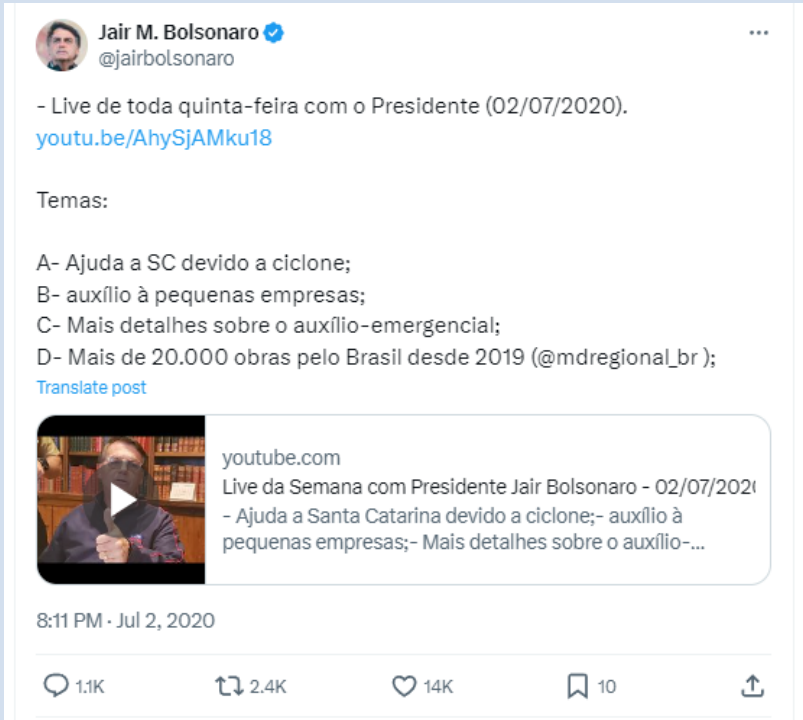
LIVE 3

Código	LIVE04-14/05/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Live de toda quinta-feira (14/05/2020). . (NOVIDADE) Nos acompanhe assistindo também ao vivo pelo youtube, através de nosso canal: youtu.be/S28DvOuB6cM - Temas: auxílio caixa, MP assinada hoje, trabalhadores querem colocar comida na mesa, saúde, vídeo reunião e outros. Translate post youtube.com Live de Quinta-feira com o Presidente Bolsonaro - 14/05/2020 7:47 PM · May 14, 2020 1.2K 2.2K 12K 10
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261065573422845954 .

LIVE 4

Código	LIVE05-11/06/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro Live de toda quinta-feira. Assuntos da semana 🇧🇷. Assista: Translate post Live Da Semana Com Presidente J... Assistir m... Compartilh... MAIS VÍDEOS 0:00 / 53:46 From youtube.com 8:09 PM · Jun 11, 2020 2.1K 2.1K 12K 6
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1271218104367042561 .

LIVE 5

Código	LIVE06-02/07/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro - Live de toda quinta-feira com o Presidente (02/07/2020). youtu.be/AhySjAMku18 Temas: A- Ajuda a SC devido a ciclone; B- auxílio à pequenas empresas; C- Mais detalhes sobre o auxílio-emergencial; D- Mais de 20.000 obras pelo Brasil desde 2019 (@mdregional_br); Translate post youtube.com Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro - 02/07/2020 - Ajuda a Santa Catarina devido a ciclone;- auxílio à pequenas empresas;- Mais detalhes sobre o auxílio-... 8:11 PM · Jul 2, 2020 1.1K 2.4K 14K 10
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1278828741200838657 .

LIVE 6

Código	LIVE06-14/01/2021
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro Subscribe Live de quinta-feira (14/01/2020). youtu.be/-tTgxztuqTs Translate post 7:01 PM · Jan 14, 2021 4.6K 1.9K 10K 12
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1349838967361953794 .

LIVE 7

Código	LIVE07-20/08/2020
Conteúdo	 Jair M. Bolsonaro ✓ @jairbolsonaro Subscribe ... - Live de Quinta-feira -08/04/2021- Presidente Jair Bolsonaro.  youtube.com Live de Quinta-feira - 08/04/21- Presidente Jair Bolsonaro. / Temas da live:. Vacinas. Forças Armadas na atuação na vacinação para ajudar estados e municípios;. Velocidade ... 7:01 PM · Apr 8, 2021 978 2.1K 11K 7
Fonte	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1380279763839881217 .